



**KÉSIA APARECIDA TEIXEIRA SILVA**

**(DES)CONSTRUINDO DISCURSOS SOBRE O  
TRABALHO NA PROSTITUIÇÃO DE LUXO**

**LAVRAS - MG  
2018**

**KÉSIA APARECIDA TEIXEIRA SILVA**

**(DES)CONSTRUINDO DISCURSOS SOBRE O TRABALHO NA  
PROSTITUIÇÃO DE LUXO**

Tese apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade, para a obtenção do título de Doutora.

Profa. Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle

Orientadora

**LAVRAS – MG  
2018**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Silva, Késia Aparecida Teixeira.

(DES)construindo discursos sobre o trabalho na prostituição de  
luxo / Késia Aparecida Teixeira Silva. – 2018.

249 p. : il.

Orientadora: Mônica Carvalho Alves Cappelle.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Lavras, 2018.

Bibliografia.

1. Trabalho. 2. Discurso. 3. Prostituição de luxo. I. Cappelle,  
Mônica Carvalho Alves. II. Título.

**KÉSIA APARECIDA TEIXEIRA SILVA**

**(DES)CONSTRUINDO DISCURSOS SOBRE O TRABALHO NA  
PROSTITUIÇÃO DE LUXO**

**(DE)CONSTRUCTING DISCOURSES ON THE WORK IN LUXURY  
PROSTITUTION**

Tese apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração em Organizações, Gestão e Sociedade, para a obtenção do título de Doutora.

APROVADA em 24 de maio de 2018.

Profa. Dra. Adriane Vieira	UFMG
Profa. Dra. Ana Alice Vilas Boas	UFLA
Profa. Dra. Flaviana Andrade de Pádua Carvalho	UFLA
Prof. Dr. Marco Antônio Villarta Neder	UFLA

Profa. Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle  
Orientadora

**LAVRAS – MG  
2018**

*À minha Mãe, Alan e  
Matheus, sinônimos de  
amor.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela graça da vida, por renovar minhas forças todos os dias e por permitir que mais esse sonho seja realizado em minha vida.

À Universidade Federal de Lavras (UFLA) e ao Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA/DAE) por fornecer o suporte necessário para que esta pesquisa pudesse ser realizada. Aos professores, com quem tanto aprendi, agradeço pelo conhecimento compartilhado nesses quatro anos.

Á minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Mônica Cappelle, com quem tenho a honra de compartilhar meu trabalho, pela amizade construída durante esses seis anos (mestrado e doutorado), pela parceria que nos rendeu bons frutos, por ser tão compreensiva em tantos momentos em que precisei. Com você, aprendi a ser uma pesquisadora ousada e juntas, nos aventuramos em “terras estranhas” com a proposta de “desestranhar” algumas coisas. Temos conseguido. Obrigada, por todos os ensinamentos e oportunidades que você dividiu comigo.

À secretária do PPGA, Deila, pelo trabalho tão bem desempenhado, por ser prestativa, por buscar facilitar ao invés de complicar. Obrigada, por todos os favores!

A minha banca examinadora, professores Marco Villarta, Flaviana Carvalho, Ana Alice Vilas Boas e Adriane Vieira, pelas contribuições feitas ao trabalho. Obrigada por estarem presentes neste momento!

À minha mãe, Ledinha, exemplo de amor e dedicação. Obrigada por estar sempre ao meu lado, por cuidar de cada detalhe em minha vida, por me poupar de tantos afazeres. Eu não conseguiria, se não recebesse esse apoio que vem de você.

Ao meu esposo, Alan, amor da minha vida, por sonhar os mesmos sonhos, por acreditar na realização deles, por se dedicar tanto a mim e ao Matheus, por ser um pai maravilhoso, por entender minhas ausências e por compreender minhas escolhas. Amo você!

Ao meu filho, Matheus, maior amor do mundo! Que acompanha desde bebê a loucura de ter uma mãe que é professora e que ainda faz Mestrado e depois Doutorado. Que já se acostumou a perguntar nos últimos dias: “Mãe, hoje você vai escrever sua tese até tarde?”, só pra ficar acordado junto com a mamãe. Com você descobri que o amor é um sentimento sem tamanho e é uma entrega constante e diária. Você é uma dádiva que recebi do Papai do Céu! Mamãe te ama muito, muito, muito...

À minha sogra, Maria do Carmo, que no percurso do Doutorado nos deixou. Obrigada, D. Maria, por ter sido uma pessoa tão especial na minha vida, por se dedicar tanto, por sempre querer nos agradecer e por ser uma vó tão amorosa. Tenho certeza de que você estaria tão feliz quanto eu estou, neste momento, pois sempre torceu muito por mim. Sinto sua falta todos os dias!

A Nina, melhor cachorrinha que já existiu, por ser minha companheira inseparável, “meu grudinho”, pelas madrugadas ao meu lado enquanto eu escrevia a tese, por me fazer sentir a pessoa mais amada do mundo. Você alegria minha existência!

À minha amiga, Isabel, com quem compartilho a minha vida desde sempre. Por estar ao meu lado em todos os momentos, pela confiança que depositamos uma na outra, por me conhecer melhor que eu mesma. Agradeço também por revisar a tese com tanto carinho e pelas contribuições que foram muito significativas para o trabalho. Obrigada, amiga, por ser tão especial!

Aos amigos, Rodrigo e Wagner, pelo companheirismo de sempre, por se fazerem presentes na minha vida, pelos momentos de descontração, por demonstrarem tanta amizade. Vocês moram no meu coração!

À minha prima, Cleisse, que me acompanha por toda a vida, pela amizade sincera, por ter sempre uma palavra de conforto em momentos difíceis, por compartilharmos a alegria de pertencer a uma família tão especial como a nossa. Obrigada pela torcida!

Aos meus colegas da PUC Minas Arcos, em especial Jorge Sundermann, Cintia Borges, Ramon Leite, Claudemir Alves, Rafael Alem, Alexandre Paniza, Elisangela Duarte, com quem compartilho a arte de lecionar. Pela boa convivência, pela troca de experiências, pelas conversas amigáveis, pela torcida para que a tese finalizasse.

Às prostitutas de luxo que participaram da pesquisa, primeiramente, por abrirem suas vidas para uma desconhecida, por se prontificarem a relatar suas histórias e experiências vivenciadas, por lembrarem questões há tempos esquecidas. Agradeço pela espontaneidade, pelos detalhes que foram essenciais para uma melhor compreensão da realidade de vocês, pela cordialidade ao me receberem em suas casas, por me cederem um pouco do precioso tempo de vocês. Obrigada, por tornarem essa pesquisa possível!

A todos vocês minha eterna gratidão!

*“Nenhuma sociedade que esquece a arte de questionar pode esperar encontrar respostas para os problemas que a afligem”.*

Zygmunt Bauman

**RESUMO**

Conduziu-se, esta tese, com o principal objetivo de compreender as concepções discursivas do trabalho de prostitutas de luxo em Belo Horizonte – MG e a influência dessa produção na legitimação de um discurso hegemônico para a naturalização de determinadas ideologias no campo. Para tanto, buscou-se, inicialmente, contextualizar a prostituição como trabalho, apresentando as ordens discursivas construídas em seu entorno, apresentar as caracterizações discursivas da prostituição de luxo no Brasil, resgatar a trajetória pessoal e profissional das prostitutas de luxo, procurando compreender o contexto discursivo em que se deu sua inserção e permanência nessa atividade laboral e apreender as práticas discursivas e as experiências subjetivas vivenciadas no trabalho das prostitutas de luxo e sua relação com os discursos e ideologias hegemônicas na sociedade. Foram estabelecidas três questões norteadoras: Como se dá o trabalho de prostitutas de luxo atuantes em Belo Horizonte-MG? Qual é a linguagem discursiva contextualizada no universo da prostituição de luxo? Como essa linguagem discursiva influencia a produção e a legitimação de um discurso hegemônico que naturaliza determinadas ideologias? No intuito de responder aos questionamentos elencados, foram realizadas pesquisas qualitativa- descritiva, bibliográfica, de campo e observacional. Participaram da pesquisa seis prostitutas de luxo que atuam na cidade de Belo Horizonte-MG. Como estratégia de coleta de dados, adotou-se a entrevista em profundidade e a observação sistemática. Os dados foram analisados, por meio das orientações teórico-metodológicas da Análise Crítica do Discurso (ACD), seguindo as ordenações de Fairclough, pautando-se nas práticas textual, discursiva e social. As análises demonstraram que o trabalho para as prostitutas está de alguma forma relacionado à trajetória pela qual passaram, pois condições econômicas, sociais e psicológicas colaboraram para que se tornassem prostitutas de luxo. No que concerne à dinâmica de trabalho, constatou-se que esta é pensada por uma lógica mercadológica, presente nas práticas discursiva e social das entrevistadas. Ao se analisar as formações discursivas no contexto da prostituição de luxo, percebeu-se que elas são investidas político e ideologicamente pelo patriarcado e pelo capitalismo, à medida que reforçam relações de poder e ideologias legitimadas por meio desses dois sistemas sociais nos discursos das prostitutas. Assim, defende-se a tese de que há uma mudança discursiva que altera a prática social das prostitutas de luxo e se traduz em sentidos que se voltam à ideologia capitalista dominante que, ao profissionalizar esse modo de trabalho, tende a aumentar as possibilidades de ganhos no mercado da prostituição, ainda que os preceitos hegemônicos da ideologia patriarcal perpetuem situações de preconceito e discriminação no contexto dessas profissionais.

**Palavras-chave:** Trabalho. Discurso. Prostituição de luxo.

## ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to understand the discourse conceptions of the work of luxury prostitutes in Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil, and their influence over the legitimization of a hegemonic discourse to naturalize certain ideologies in the field. For such, the contextualization of prostitution as work was initially sought, presenting the discourse orders constructed around it, and depicting the discourse characterizations of luxury prostitution in Brazil, resuming the personal and professional trajectory of the luxury prostitutes. This was done to understand the discourse context in which occurred their insertion and permanence in this labor activity, and apprehend the discourse practices and subjective experiences of the work as luxury prostitutes and their relation with hegemonic discourses and ideologies in society. Three guiding questions were established: How does the work of luxury prostitutes acting in Belo Horizonte occur? Which is the discourse language contextualized in the universe of luxury prostitution? How does this discourse language influence the production and legitimization of a hegemonic discourse that naturalizes certain ideologies? Qualitative-descriptive, bibliographic, field and observational researches were conducted to answer these questions. The research was conducted with the participation of six luxury prostitutes that work in Belo Horizonte. In-depth interviews and systematic observation were adopted as collection strategy. The data were analyzed using the theoretical-methodological orientations of the Critical Discourse Analysis (CDA), according to Fairclough, based on textual, discourse and social practices. The analyses demonstrated that, for the prostitutes, the work is somehow related to the trajectory they took, given the economic, social and psychological conditions that contributed in their becoming luxury prostitutes. Regarding the work dynamics, it was verified that it is thought from a market perspective, present in the discourse and social practices of the interviewees. When analyzing the discourse formations in the context of luxury prostitution, it was verified that they are politically and ideologically invested by patriarchy and capitalism, insofar as they reinforce power and ideological relations legitimated by both social systems in the discourse of the prostitutes. Therefore, the existence of a discourse change which alters the social practice of luxury prostitution is defended, translated in meanings related to the dominant capitalist ideology, which, when professionalizing this form of work, tends to increase the possibilities of gains in the prostitution market, even if hegemonic precepts of patriarchal ideology perpetuate prejudices and discriminations in the context of these professionals.

**Keywords:** Work. Discourse. Luxury prostitution.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>NOTAS INTRODUTÓRIAS</b> .....	13
<b>1.1</b>	<b>Objetivos</b> .....	21
<b>1.1.1</b>	<b>Objetivo geral</b> .....	21
<b>1.1.2</b>	<b>Objetivos específicos</b> .....	21
<b>1.2</b>	<b>Justificativas</b> .....	21
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	27
<b>2.1</b>	<b>Trabalho: concepção, sentidos e condição estigmatizante</b> .....	27
<b>2.1.1</b>	<b>O trabalho no sistema capitalista de produção</b> .....	27
<b>2.1.2</b>	<b>Trabalho e seus diferentes sentidos na vida humana</b> .....	33
<b>2.1.3</b>	<b>O trabalho visto como uma condição estigmatizante</b> .....	38
<b>2.2</b>	<b>Discussões sobre gênero e sexualidade</b> .....	44
<b>2.2.1</b>	<b>A construção social da categoria gênero e sua relação com a sexualidade</b> .....	44
<b>2.2.2</b>	<b>A sexualidade como possibilidade de análise da categoria gênero</b> .....	52
<b>2.3</b>	<b>Prostituição: contexto sócio-histórico, constituição como profissão e caracterização da categoria “luxo”</b> .....	58
<b>2.3.1</b>	<b>A história da prostituição</b> .....	58
<b>2.3.2</b>	<b>A prostituição como categoria profissional</b> .....	68
<b>2.3.3</b>	<b>A prostituição vivenciada como uma experiência de luxo</b> .....	74
<b>2.4</b>	<b>A Análise Crítica do Discurso (ACD) como abordagem teórico-metodológica</b> .....	78
<b>2.4.1</b>	<b>Análise Crítica de Discurso (ACD): contexto introdutório</b> .....	79
<b>2.4.2</b>	<b>O discurso na visão faircloughiana</b> .....	82
<b>2.4.3</b>	<b>Prática textual</b> .....	85
<b>2.4.4</b>	<b>Prática discursiva</b> .....	86
<b>2.4.5</b>	<b>Prática social</b> .....	88
<b>2.4.5.1</b>	<b>Ideologia</b> .....	90
<b>2.4.5.2</b>	<b>Hegemonia</b> .....	92
<b>3</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	97
<b>3.1</b>	<b>Posicionamento epistemológico: o pós-estruturalismo</b> .....	97
<b>3.2</b>	<b>Caracterização da pesquisa</b> .....	102
<b>3.3</b>	<b>Construção do corpus da pesquisa</b> .....	104
<b>3.4</b>	<b>As participantes da pesquisa</b> .....	106
<b>3.5</b>	<b>Análise de dados</b> .....	107
<b>4</b>	<b>(DES) CONSTRUINDO DISCURSOS SOBRE O TRABALHO NA PROSTITUIÇÃO DE LUXO</b> .....	113
<b>4.1</b>	<b>Prostituição de luxo: impressões iniciais</b> .....	113

4.2	Quem são as interlocutoras dos discursos? Caracterizando as participantes da pesquisa .....	120
4.3	O caminho que conduziu ao “luxo”: analisando o discurso sobre a trajetória das prostitutas de luxo .....	126
4.4	O trabalho na prostituição de luxo: o que os discursos podem revelar? .....	156
4.4.1	Algumas peculiaridades do trabalho na prostituição de luxo .....	157
4.4.2	Faces da mesma moeda: contradições vivenciadas na experiência como prostituta de luxo .....	167
4.4.3	Ser prostituta de luxo: compreendendo os significados e implicações inerentes à prática da prostituição no contexto de luxo .....	192
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	211
	REFERÊNCIAS .....	223
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO ÀS PROSTITUTAS DE LUXO ATUANTES EM BELO HORIZONTE-MG .....	241
	APÊNDICE B - ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA .....	243
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	245

## 1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

A presente tese é uma proposta de continuação de pesquisas desenvolvidas pela pesquisadora e sua orientadora sobre o trabalho de mulheres prostitutas, no intuito de compreender os aspectos que tornam a prostituição uma atividade laboral, além de ressaltar a condição estigmatizada de suas trabalhadoras, tendo em vista as questões morais e discursivas, socialmente construídas em torno da prática da prostituição. Movida por essa proposta investigativa, realizaram-se, inicialmente, pesquisas de campo com prostitutas de boates no interior de Minas Gerais, buscando analisar o sentido atribuído ao trabalho por essas mulheres. Por meio das análises, foi possível apreender alguns sentidos subjetivos relacionados ao trabalho na prostituição que se relacionam discursivamente ao núcleo familiar, à renda obtida nessa atividade, ao desejo de deixar a profissão no futuro, à tristeza, à solidão, à possibilidade de conhecer e se relacionar com outras pessoas, ao preconceito, à violência, entre outros sentidos correlacionados. A análise permitiu compreender também o espaço de trabalho das prostitutas como um ambiente permanentemente gerador de subjetividade e práticas discursivas e sociais. A análise dos sentidos subjetivos das prostitutas frente ao trabalho que realizam mostrou-se oportuna para o entendimento de aspectos importantes da relação entre as participantes da pesquisa e os sentidos que atribuem ao seu trabalho e, ainda, possibilitou evidenciar que as relações discursivas no espaço do trabalho estão permeadas por inúmeras outras que ocorrem em outros espaços sociais de atuação dos sujeitos, configurando práticas ideológicas e hegemônicas. As produções discursivas revelam sentidos bastante próximos àqueles já desvendados em outras atividades laborais, com exceção do fato de recaírem sobre a prostituição ideologias e aspectos morais que afetam a subjetividade das prostitutas, contribuindo para que as mesmas continuem sendo relegadas a espaços periféricos na sociedade.

A partir dos resultados encontrados despertou-se para a possibilidade de investigar outras categorias de prostituição que se diferenciavam da prostituição de boates em beira de estrada, categoria então pesquisada. A prostituição de luxo surgiu como uma categoria discursiva relevante por três aspectos essenciais: (1) os espaços sociais em que ocorre são, geralmente marcados pelo glamour e por atenderem a um público seletivo; (2) a midiática existente na atualidade em torno da prostituição de luxo que tem evidenciado essa prática social; e (3) o fato de se tratar de um mercado altamente rentável em constante crescimento no país. Daí surge o objetivo central da presente tese que vislumbra compreender as concepções discursivas do trabalho de prostitutas de luxo em Belo Horizonte – MG e a influência dessa produção na legitimação de um discurso hegemônico para a naturalização de determinadas ideologias no campo. Para operacionalizar essa proposta investigativa, orientou-se em termos onto-epistêmicos pela abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso, conforme denotações de Norman Fairclough, considerando o discurso uma prática social.

Diante do exposto, este estudo considera alguns pressupostos essenciais, a saber: (i) que a prostituição de luxo é um modo de trabalho com algumas especificidades; (ii) que os discursos são moldados por relações de poder, ideologias e hegemonias que reforçam estruturas de dominação presentes no contexto da prostituição de luxo; (iii) que a ideologia capitalista e patriarcal permeia o discurso das prostitutas de luxo.

Assim, a tese que se pretende defender é que há uma mudança discursiva que altera a prática social das prostitutas de luxo e se traduz em sentidos que se voltam à ideologia capitalista dominante que, ao profissionalizar esse modo de trabalho, tende a aumentar as possibilidades de ganhos no mercado da prostituição, ainda que os preceitos hegemônicos da ideologia patriarcal perpetuem situações de preconceito e discriminação no contexto dessas profissionais.

O foco de estudo da presente tese é o discurso sobre o trabalho na prostituição de luxo. O trabalho em suas várias dimensões tem sido objeto de pesquisa nas mais diversas áreas. No entanto, reconhece-se que sua importância para os seres humanos e para a sociedade serve como estímulo para que novos estudos sejam realizados, buscando interpretar e compreender os impactos de sua transformação nas organizações e as consequências desse processo para o trabalhador e a sociedade (ALBERTON; PICCININI, 2009). Morin (2001) menciona que a compreensão acerca do trabalho é um desafio importante para os atuais administradores, tendo em vista que as mudanças no mundo do trabalho e nas relações que o permeiam atingem as organizações diretamente. De acordo com Diogo e Maheirie (2007), o trabalho é a atividade que define o indivíduo como ser humano social. Ele sempre afeta de algum modo a subjetividade do trabalhador, transcendendo a atividade realizada, inscrevendo-se no corpo e na percepção de mundo daquele que o executa.

Em termos conceituais, Codo (1997, p. 25) “define o trabalho como uma relação de dupla transformação entre o homem e a natureza”, noticiando muito da essência de cada ser (MARTINS, 2001). Por ser um elemento fundamentalmente integrador da sociedade, o trabalho pode ser entendido como a condição necessária ao desenvolvimento humano e o elemento básico das relações sociais (ARVEY; RENZ; WATSON, 1998). Pode-se dizer que é a atividade que direciona a vida, representando uma possibilidade de vínculos entre as pessoas (ENRIQUEZ, 2000; FREUD, 1974). Ademais, o trabalho é uma construção histórica dos sujeitos e de suas subjetividades individuais e coletivas.

Antunes (2003, p. 167) considera o trabalho “como fonte originária, primária, de realização do ser social, protoforma da atividade humana, fundamento ontológico básico da unilateralidade humana”, reconhecendo o papel fundamental do trabalho na gênese e no fazer-se do ser social. O trabalho é, para o autor, uma experiência elementar da vida em resposta às necessidades sociais.

Ao se referir à centralidade do trabalho, Antunes (2003) ressalta sua importância como principal forma de sobrevivência e manutenção da vida do indivíduo e da sociedade. Ele afirma que os seres humanos se baseiam no trabalho como atividade vital para sua socialização e humanização.

Nessa perspectiva, a pessoa se constitui por meio do seu trabalho e das relações sociais que se estabelecem em seu meio, o que implica dizer que o trabalhador constrói sua identidade na sua relação diária com a própria vida, circunscrevendo uma tríplice interface entre trabalho, identidade e relações sociais e afetivas (CODD et al., 2004).

O trabalho possui, ainda, uma função psíquica como um dos principais alicerces da constituição do sujeito e da sua rede de significados (LANCMAN; GHIRARDI, 2002). É o que constitui o sentido de realidade (FREUD, 1974) e direciona a vida dos sujeitos. Mais que um meio de sobrevivência e acúmulo de riquezas, como definiu Marx, o trabalho tornou-se uma das principais dimensões da vida humana, interferindo na inserção do ser humano na sociedade e delimitando os espaços de mobilidade social (ARENDRT, 2004). É, pois, um elemento constitutivo do indivíduo, que lhe designa caráter, identificação e individualização no contexto em que se insere.

No entanto, a sociedade tem diferentes percepções em relação ao trabalho desenvolvido pelos indivíduos. Observa-se que algumas atividades laborais são estigmatizadas socialmente, o que afeta as subjetividades de seus trabalhadores. O termo estigma foi criado pelos gregos para se referirem aos sinais do corpo que evidenciavam status moral, como no caso do escravo, criminoso e traidor. Uma pessoa marcada era considerada poluída e devia ser evitada, para que não “contaminasse” seu entorno. No passado, tal como nos dias de hoje, a noção de estigma é empregada para definir algum tipo de ‘desgraça e desvantagem social’ (GOFFMAN, 2008). O estigmatizado tem um defeito diferente dos outros e menos desejável. É uma pessoa indigna e diminuída, que cai em descrédito, em

decorrência de seus traços considerados depreciativos. Aquele que possui um estigma não é considerado totalmente humano. É uma “não pessoa” e não existe por completo. Está sujeito a uma série de discriminações que reduzem sua chance de vida, colocando-o numa situação de inferioridade (FERREIRA, 2014). Nessa condição de trabalhadores estigmatizados, encontram-se as prostitutas, sujeitos de pesquisa desta tese.

Para França (1994, p. 145), o termo prostituição, deriva do latim “prosto”, que quer dizer “estar às vistas, à espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público (...) é a prática sexual remunerada habitual e promíscua”. Sendo assim, a prostituta, para Braga (1982, p. 62), é, essencialmente, “uma mulher que aluga seu corpo para jogos sexuais sem amor”.

A prostituição se caracteriza discursivamente pela oferta de serviço sexual. A definição desse tipo de trabalho por seu aspecto comercial refere-se ao ato de comercializar serviços de natureza sexual como prazer, fantasias, sexo, carícias, entre outros. De acordo com Maia, Chacham e Lopes (2002), ao contrário do que popularmente se diz, não se trata da venda do corpo. Os profissionais do sexo, incluindo homens e mulheres, atuam no imaginário das pessoas, por meio da oferta de prazeres e práticas sexuais diferenciadas, especiais e incomuns.

Os favores sexuais, principalmente os femininos, podem ser observados no decorrer da história da humanidade. Schreiner et al. (2004) mencionam que, desde a Grécia Antiga, tem-se textos e relatos da existência da prostituição como uma atividade profissional que, ao longo do tempo, de maneira mais ou menos intensa, sofreu restrições e foi situada à margem da sociedade. Essa marginalização da prostituição lhe atribui estigmas difíceis de serem modificados. Nessa perspectiva, Nussbaum (2002) relata que a estigmatização vinculada a alguns exercícios profissionais é decorrente de reações sociais de preconceito seja de classe, seja de raça ou de gênero. Para essa autora, dois fatores persistem como fontes do estigma dirigido às prostitutas: o primeiro associa intimamente a

prostituição às moralidades, tornando-a, conseqüentemente, uma experiência imoral. Já o segundo, relaciona a prostituição às representações hierárquicas de gênero e à ideia de que as mulheres e sua sexualidade precisam da dominação e controle masculinos, ficando disponíveis à realização dos desejos sexuais dos homens.

Embora a prática social do preconceito em relação a essa atividade persista, no Brasil, a prostituição não constitui um delito, pois se considera que todo cidadão tem a liberdade de dispor de seu próprio corpo. Porém, são passíveis de punição as práticas de exploração da prostituição (SCHREINER et al., 2004). Nesse caso, cafetões, cafetinas e proprietários de locais que comercializam a prostituição estão desamparados legalmente. Essa ausência de regulamentação desvaloriza as prostitutas e impede a sua inserção social, além de dificultar o acesso aos direitos humanos e trabalhistas.

No entanto, observa-se uma tentativa de tornar a prostituição uma atividade legalizada na sociedade. A partir dos anos 1970, assiste-se ao surgimento de movimentos integrados por prostitutas que reivindicam direitos sociais de cidadania e também o reconhecimento da prostituição, “como um trabalho como outro qualquer”, o qual acarreta direitos e deveres (RODRIGUES, 2009). Desde o ano de 2003, tramita no Congresso Nacional, o projeto de lei nº 98/2003, do Deputado Fernando Gabeira, em que se propõe exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual e oficializa o trabalho de profissionais do sexo. O projeto foi arquivado sendo recentemente colocado em pauta pelo Deputado Jean Wyllys, que atua em prol dessa causa (CHAGAS, 2012; NEVES; BITTAR, 2007).

Independente da regularização como profissão, o mercado do sexo, no Brasil, está em ebulição, crescendo a cada dia e encontrando terreno fértil para prosperar os negócios, fazendo com que pessoas das mais variadas profissões desistam de atividades convencionais para tentarem a sorte nesse ramo (LEITE,

2009; OLIVEIRA, 2008). Rosa (2008) salienta que a prostituição tornou-se um fenômeno mundial. Mais de 40 milhões de pessoas no mundo se prostituem atualmente, segundo um estudo da Fundação Francesa *Scelles* (FONDATION SCELLES, 2012), que luta contra a exploração sexual. A grande maioria (75%) são mulheres com idades entre 13 e 25 anos. No relatório analisa-se o fenômeno em 24 países, entre eles França, Estados Unidos, Índia, China e México e se diz que o número de pessoas que se prostituem pode chegar a 42 milhões no mundo. O estudo revela ainda que 90% delas estão ligadas a cafetões.

Diante desse cenário, é possível perceber que a prostituição está consolidada como uma forma de trabalho, ainda que informal, no atual mercado. No decorrer da história, observa-se que essa atividade persiste mesmo diante das dificuldades enfrentadas no exercício da profissão, da ilegalidade e do preconceito vivenciado perante a sociedade.

Conforme mencionado no início desta introdução, a presente pesquisa aborda o universo das prostitutas de luxo atuantes na região de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Essa categoria de prostituição é conhecida como alto meretrício e tem como principal característica discursiva o fato de se voltar para um público sofisticado, com condições financeiras que tornam possível o pagamento de altos valores por um programa sexual. Nesse sentido, observa-se que as prostitutas de luxo possuem uma dinâmica em seu trabalho que as difere das demais categorias de prostituição, marcadas pela pobreza, pelas péssimas condições de trabalho em boates ou até mesmo nas ruas, pelos baixos preços cobrados pelo programa, entre outros.

Segundo Ribeiro (2011), a prostituição de luxo não se define simplesmente pelo preço dos programas sexuais, que podem variar entre R\$ 150,00 a R\$ 1.000,00 por hora, ou mais, mas por uma rede de serviços vinculada a esse tipo de prostituição, tais como a divulgação das garotas através de “sites de acompanhantes”; casas especializadas para atender a clientes das classes média-

alta e alta; além de exigências à estética corporal, à discrição necessária e, muitas vezes, à necessidade de conhecimentos de etiqueta e idiomas para serem acompanhantes em viagens e eventos sociais.

No entanto, ainda que ocupem um espaço social diferenciado frente às demais prostitutas, essas mulheres sofrem preconceito e estigmatização social por representarem a personagem acompanhante de luxo, recaindo sobre elas o julgamento moral, discursivo e ideológico advindo da sociedade, tal como acontece com as demais categorias de prostituição. Ao mesmo tempo, a possibilidade de obter alta renda com esse trabalho, de frequentar espaços restritos a uma classe social mais abastada e de consumir produtos e serviços exclusivos dessa classe, tem atraído cada vez mais jovens para esse trabalho. E tem feito com que o discurso de preconceito sobre a prostituição seja, muitas vezes, relativizado por outras denominações, como acompanhante de luxo, *sugar babies*<sup>1</sup> ou afilhadas.

Diante do exposto, tem-se as seguintes questões que nortearam as discussões desta tese: **Como se dá o trabalho de prostitutas de luxo atuantes em Belo Horizonte - MG? Qual é a linguagem discursiva contextualizada no universo da prostituição de luxo? Como essa linguagem discursiva influencia a produção e a legitimação de um discurso hegemônico que naturaliza determinadas ideologias?**

A seguir, são apresentados os objetivos que direcionaram o desenvolvimento deste estudo.

---

<sup>1</sup> Garotas jovens e bonitas que encontram, por meio de sites de relacionamento chamados Sugar, homens mais velhos e com dinheiro (*sugar daddies*) dispostos a trocar saídas e um relacionamento sexual por dinheiro e/ou presentes. (GIRARDELLO, 2016).

## **1.1 Objetivos**

Partindo-se da problematização apresentada, definiram-se os objetivos da pesquisa, descritos a seguir.

### **1.1.1 Objetivo geral**

Compreender as concepções discursivas do trabalho de prostitutas de luxo em Belo Horizonte – MG e a influência dessa produção na legitimação de um discurso hegemônico para a naturalização de determinadas ideologias no campo.

### **1.1.2 Objetivos específicos**

- a) Contextualizar a prostituição como trabalho, apresentando as ordens discursivas construídas em seu entorno no decorrer do tempo;
- b) Apresentar as caracterizações discursivas da prostituição de luxo no Brasil;
- c) Resgatar a trajetória pessoal e profissional das prostitutas de luxo, procurando compreender o contexto discursivo em que se deu sua inserção e permanência nessa atividade laboral;
- d) Apreender as práticas discursivas e as experiências subjetivas vivenciadas no trabalho das prostitutas de luxo e sua relação com os discursos e ideologias hegemônicas na sociedade.

## **1.2 Justificativas**

Realizar uma pesquisa sobre o trabalho na prostituição envolve o fato de se considerar que a discussão acerca dessa temática é relevante no contexto atual.

Primeiramente, porque o trabalho exerce um importante papel na vida pessoal e nas relações sociais, bem como na ordenação da vida em sociedade (GRISCI; BESSI, 2004; SCHWARTZ, 1998). Por isso, este estudo foi planejado, organizado e desenvolvido a partir do interesse pela centralidade do trabalho na vida dos indivíduos e na forma como essa centralidade se repercute na concepção que o trabalhador tem de si mesmo, tomando como base a atividade que realiza. Vários são os estudos que abordam o trabalho como central para a humanidade (ANTUNES, 2004; ARENDT, 2004; MARX, 2004), demonstrando, por meio dos muitos significados a ele atribuídos que o trabalho se mantém essencial na vida em sociedade.

Silva (2011) salienta que o trabalho, mais que um meio de sobrevivência e acúmulo de riquezas, tornou-se uma das principais dimensões da vida humana, interferindo na inserção do homem na sociedade, delimitando os espaços de mobilidade social, fazendo com que os indivíduos sejam identificados mediante as atividades que realizam. Dessa forma, o trabalho adquiriu outro sentido para os indivíduos, que não só a subsistência, uma vez que a realização pessoal está intimamente relacionada ao reconhecimento do trabalho perante a sociedade.

No entanto, conforme dito anteriormente, algumas atividades profissionais são desvalorizadas e estigmatizadas socialmente. Trata-se de ocupações que exigem menor escolaridade e qualificação, maior esforço físico que capacidade intelectual. Na maioria das vezes, os trabalhadores são mal pagos e são submetidos a condições de trabalho inadequadas e insalubres. Observa-se que essas desigualdades de condições estão relacionadas à raça, gênero, etnia, deficiência física, entre outros fatores (CAMPANTE; CRESPO; LEITE, 2004; CAPPELLE, 2006; HIRATA; KERGOAT, 2007; THIRY-CHERQUES, 2004). Entre essas atividades estigmatizadas, encontra-se a prostituição de luxo, foco da pesquisa apresentada nesta tese.

No entanto, por mais que a atividade de prostituição seja marginalizada na sociedade, fazendo com que suas profissionais enfrentem situações de preconceito e rejeição (COSTA; SILVA; NASCIMENTO, 2009; FERREIRA FILHO, 2009; MOREIRA; MONTEIRO, 2009; OLIVEIRA, 2008; SILVA; BLANCHETTE, 2008), o trabalho não deixa de ser importante na vida delas e de participar na formação de suas subjetividades. Dessa forma, o presente estudo se mostra relevante, também por abordar o trabalho a partir de uma profissão periférica na sociedade, mas que nem por isso deixa de ser uma forma de trabalho, em que relações são estabelecidas, trocas são realizadas e rendas são geradas pela oferta de serviço sexual, configurando-se em um importante segmento no atual mercado (SILVA; BLANCHETTE, 2009).

Considera-se que pesquisar o trabalho de mulheres prostitutas significa trazer a voz de um grupo marginalizado que historicamente não se constituiu como sujeito ativo na sociedade, tendo em vista que a prostituição, além de ser vista como uma atividade clandestina no mercado, enfrenta outras questões relacionadas ao aspecto moral dessa profissão. Segundo Ferreira Filho (2009, p. 15), incidem sobre essa atividade as piores qualificações, “porque é uma atividade das sombras, de um domínio ambíguo e perigoso, sistematicamente usado e explorado, mas, ao mesmo tempo, evitado, por ser degradante e até criminoso”. No entanto, ao observar suas especificidades, a prostituição se realiza de maneira similar ao modo de organização do trabalho legal/formal das empresas e das instituições, com suas regras e sua lógica.

A escolha por investigar a prostituição de luxo em meio a outras possibilidades, como a prostituição de boate, de hotéis, de rua, ou mesmo a *cyber* prostituição, se deu principalmente pela visibilidade que essa categoria alcançou na atualidade em espaços midiáticos. Observa-se um aumento significativo de

filmes<sup>2</sup>, minisséries<sup>3</sup>, novelas<sup>4</sup>, programas televisivos de entrevistas e reportagens<sup>5</sup> que abordam as prostitutas de luxo, dando ênfase ao glamour e ao consumo existentes nos espaços onde esse trabalho é realizado, dando condições para que o debate em torno da prostituição de luxo seja ampliado. Essa visibilidade concedida, apresentando os bastidores, os valores exorbitantes cobrados pelos programas, atreladas às infindáveis possibilidades de consumo no mercado de luxo, de uma experiência social de *status* e de tráfegar livremente em espaços antes negados, parece tentar encobrir o julgamento moral discursivo e ideológico existente na sociedade que, independente da categoria de prostituição, coloca toda e qualquer prostituta em situação de inferioridade.

Ademais, constata-se a necessidade de compreensão desse fenômeno com base em uma perspectiva discursiva. Parte-se do pressuposto de que as questões levantadas, neste estudo, em relação à prostituição podem ser mais bem compreendidas, por meio do discurso das próprias prostitutas acerca de sua condição. A presente tese se insere em um campo de pesquisa que procura apresentar reflexões interdisciplinares acerca do papel da linguagem e da análise do discurso como enfoque teórico-metodológico relevante para a compreensão da vida organizacional, por isso, optou-se pela Análise Crítica do Discurso (ACD) de Fairclough, enfatizando uma análise das práticas textual, discursiva e social que permeiam o universo da prostituição.

Assim, o trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos. No Capítulo 1, apresenta-se a Introdução, envolvendo a definição da problemática de estudo, os objetivos (geral e específicos), as questões pesquisadas e as justificativas. No Capítulo 2, apresenta-se a revisão bibliográfica, por meio de uma discussão teórica

---

<sup>2</sup> Bruna Surfistinha (2011), O Céu de Sueli (2006), Jovem e Bela (2013).

<sup>3</sup> O Negócio (2013), Rua Augusta (2018), Me Chama de Bruna (2016), Felizes para Sempre? (2015).

<sup>4</sup> Verdades Secretas (2015), O Outro Lado do Paraíso (2018), Babilônia (2014).

<sup>5</sup> Conexão repórter (2012), A Liga (2014), Profissão Repórter (2013).

sobre trabalho, gênero e sexualidade, prostituição, prostituição de luxo e as ordenações da Análise Crítica do Discurso (ACD). Posteriormente, seguiu-se, no Capítulo 3, com os procedimentos metodológicos da pesquisa, seus pressupostos, a seleção das participantes e o modelo de análise dos dados. Na sequência, no Capítulo 4, são apresentados os resultados das investigações empreendidas, seguidos das considerações finais do estudo e descrição das referências bibliográficas.



## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta sessão, serão apresentadas as concepções teóricas e o quadro teórico de análise que nortearam este estudo. Inicialmente, discorreu-se sobre o trabalho e sua importância na vida humana. No tópico posterior, foi realizada uma breve discussão sobre gênero e sexualidade e a influência disso no comportamento da sociedade em relação à prostituição. Em seguida, tratou-se de algumas questões referentes à prostituição, bem como as características principais que definem a prostituição de luxo. Finalmente, apresentou-se a Análise Crítica de Discurso que se configura como embasamento teórico-metodológico desta pesquisa.

### **2.1 Trabalho: concepção, sentidos e condição estigmatizante**

No presente tópico, discorre-se sobre o trabalho e a forma como é construído e reconstruído no decorrer da história. Para tanto, decidiu-se por dividi-lo em três subtópicos: o primeiro, tece uma discussão referente ao trabalho no sistema capitalista de produção; o segundo, aborda os sentidos e significados atribuídos ao trabalho; e o terceiro trata do trabalho como uma condição estigmatizante na sociedade.

#### **2.1.1 O trabalho no sistema capitalista de produção**

Sabe-se que o trabalho em seu sentido ontológico é a base para a produção de bens materiais e tem como objetivo a satisfação das necessidades, tanto materiais como espirituais dos indivíduos em uma sociedade. O trabalho também se constitui como a base do modo de produção capitalista burguês, de maneira que sem ele essa produção não pode existir (PAULO NETTO; BRAZ, 2011).

Não se sabe ao certo a origem da palavra trabalho. Cunha (1987) apud Dourado et al. (2009), relata que trabalho remete ao latim *tripaliare*, que significa martirizar com o *tripalium*, sendo esse um instrumento formado por três estacas utilizadas para manter presos os bois ou cavalos difíceis de serem domados. No latim vulgar, significa “pena ou servidão do homem à natureza”. Posteriormente, tem-se o conceito de labor, oriundo do latim, que designava dor, sofrimento, labuta e trabalho árduo (GODELIER, 1986). Arelado ao conceito de labor estava o conceito de laboren, trazendo uma nova conceituação para o trabalho, mais pautado na ideia de cultivo, crescimento, transformação (CARTA..., 1979).

Arendt (2004) salienta que na antiguidade o labor esteve associado à necessidade, à subsistência e à manutenção da vida e, por esse motivo, é que também passou a ser sinônimo de trabalho. Entretanto, a autora evidencia que a distinção entre labor e trabalho é necessária, visto que o trabalho pode ser tanto a atividade como o resultado do trabalhar, e labor, como substantivo, nunca pode ser o produto final do laborar, pois implica uma parte do processo.

As sociedades antigas consideravam o trabalho-labor (focado na subsistência) indigno aos homens livres, sendo, então, uma atividade voltada para os escravos. Na perspectiva teológica, o trabalho foi visto como castigo de Deus, uma vez que, após o pecado, a humanidade foi punida tendo que extrair seu sustento por meio do seu suor, atribuindo ao trabalho um sentido obrigatório, árduo, penoso, fatigante (ARENDR, 2004).

No entanto, no final da Idade Média, São Tomaz de Aquino concebe o trabalho como um ato moral, digno de honra e de respeito (ANTUNES, 2004). Mas foi somente a partir do século XVI, pelo renascimento e protestantismo, que o trabalho tornou-se símbolo de dignidade humana e, posteriormente, no século XVIII, com a industrialização, passou-se a considerá-lo algo além de mera sobrevivência, mas também fonte de realização (CARMO, 1992).

Na compreensão de Marx (2004a), o trabalho se assenta como elemento integrador da vida social pela centralidade que as atividades laborais ocupam na vida das pessoas, representando a própria autoconstrução do ser humano. Nessa dimensão, o trabalho ganha uma nova conotação, como algo importante que, além de permitir sobrevivência, dignifica e humaniza as pessoas (CARTA..., 1979). Portanto, na concepção marxista, o trabalho formata a própria condição humana, por seu caráter criador de todos os valores (ARENDDT, 2004). E representa, ao mesmo tempo, necessidade eterna para manter o metabolismo social entre humanidade e natureza (MARX, 2004).

O trabalho e sua significação para o desenvolvimento do ser humano tem uma importância fundamental na obra de Marx. Dessa forma, na crítica feita ao capitalismo, o filósofo alemão analisou o papel que o trabalho humano representa, tanto para o desenvolvimento, quanto para a própria sobrevivência desse sistema.

Nesse sentido, Antunes (2004), ao abordar o trabalho a partir dos pressupostos teóricos de Marx, afirma que o trabalho pode ser considerado fundamental na transformação do macaco em homem, demonstrando, assim, a relevância do trabalho na constituição do ser humano e como possibilidade de diferenciação do homem em relação aos demais animais existentes. Nessa perspectiva, o autor demonstra a contribuição do pensamento de Marx em relação ao trabalho e sua implicação na vida humana.

Tecendo uma teia histórica, Antunes (2004) mostra o papel que o trabalho desempenhou na transformação dos primatas em homens, ou seja, por meio das atividades que esse grupo desempenhou é que este desenvolveu habilidades que incluem os próprios órgãos (mãos, faringe, laringe, língua, pernas, pés, cérebro), a linguagem que melhorou a comunicação e levou o homem à condição de dominação da natureza, o que inclusive, o diferencia dos demais animais.

Nessa perspectiva, Astrada (1968) afirma que o trabalho inicialmente, relacionou-se fortemente com a necessidade de sobrevivência do ser humano.

Quando o homem vivia de forma nômade, os alimentos estavam disponíveis na natureza e bastava que fossem extraídos na medida suficiente para satisfazer as suas necessidades de sobrevivência. Mas, aos poucos, percebeu-se que os alimentos de uma determinada região eram consumidos mais rapidamente do que a natureza poderia repô-los e, então, os homens passaram a se dedicar a atividades agrícolas, de forma a obter os alimentos na quantidade e variedade desejadas. Portanto, a partir desse momento, o trabalho passou a fazer parte indissociável da vida dos seres humanos. Nessa situação, não resta dúvida, o trabalho tem a função de satisfazer uma necessidade humana não proporcionada diretamente pela natureza.

No entanto, à medida que as atividades agrícolas evoluíam, tornou-se necessário que o homem criasse instrumentos para transformar a natureza, de maneira a fornecer os bens almejados. Esses instrumentos foram, ao longo do tempo, sendo aperfeiçoados, de forma que se obtivessem resultados melhores e com menos esforço. Pinto (1985) relata que o aperfeiçoamento dos instrumentos de trabalho pressupõe um aperfeiçoamento do próprio homem o qual, à medida que trabalhava, desenvolvia habilidades antes desconhecidas, as quais iam se somando às anteriormente adquiridas também pelo trabalho.

Dessa forma, observa-se que o trabalho não tem unicamente a função de servir como meio de satisfação de necessidades humanas ligadas à sobrevivência, mas, também, leva o ser humano para um novo estágio de desenvolvimento. Conforme relata Pinto (1985), ao trabalhar, o homem, muitas vezes, depara-se com dificuldades que acabam por incentivar a tentativa de criação de meios para superá-las. Nessa tentativa de criação, ele descobre e desenvolve habilidades antes desconhecidas. Pode-se dizer que o trabalho é também atividade prática consciente, teleológica, por meio do qual os projetos idealizados na mente humana se objetivam e se concretizam nos produtos do seu trabalho, em que os homens constroem a sua realidade social e a si mesmos num processo histórico contínuo

e ininterrupto. Ao produzir objetos a partir do seu trabalho, o homem se reconhece nos objetos produzidos por si e pelos outros membros da espécie, daí os indivíduos serem derivado do trabalho.

A superação de dificuldades leva o indivíduo a se compreender como ser com potencialidades que podem ser desenvolvidas, à medida que trava com a natureza uma permanente relação de troca. Nessa relação, tanto ser humano quanto natureza saem modificados. Esta última, por meio do trabalho empregado nela, e aquele, pelas habilidades adquiridas, e pela nova compreensão, assim da natureza como de si mesmo.

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza (MARX, 2004, p. 211).

À medida que o ser humano se desenvolve para suprir necessidades aparentes, surgem novas necessidades que fazem com que novos esforços sejam empregados. Nessa busca, o homem vai se desenvolvendo cada vez mais ao empregar novas formas de trabalho. Assim, na proporção em que os seres humanos foram se organizando em sociedades, e que estas foram se tornando mais complexas, também mais complexos passaram a ser os tipos de trabalhos empregados, no sentido de dar conta das demandas desses grupos organizados de pessoas. A evolução do ser humano, dessa forma, está diretamente ligada ao trabalho que ele realiza sobre a natureza (LUKACS, 2007).

Na sociedade capitalista, o trabalho se organiza de tal maneira que o trabalhador garante sua sobrevivência apenas por meio do trabalho que desenvolve. Assim, ainda que o trabalho realizado se apresente como uma

condição desumanizante, o trabalhador necessita se submeter a ele. Desta forma, o trabalho apresenta-se de forma alienada em relação ao trabalhador no sistema capitalista.

Hannah Arendt apoia-se nessa perspectiva, ao buscar a compreensão marxista do trabalho para, assim, estabelecer suas prerrogativas essenciais acerca da positividade e da negatividade do trabalho e reafirmar sua centralidade na vida humana. Nas palavras da autora

A “bênção” ou a “alegria” do trabalho é o modo humano de experimentar a pura satisfação de se estar vivo que temos em comum com todas as criaturas vivas; e inclusive o único modo pelo qual também os homens podem permanecer e voltarem com contentamento no círculo prescrito pela natureza, labutando e descansando, trabalhando e consumindo, com a mesma regularidade feliz e sem propósito com a qual o dia e a noite, a vida e a morte sucedem um ao outro (ARENDR, 2004, p. 194).

Teoricamente, Arendt (2004) contribui para a compreensão do trabalho, à medida que problematiza suas dualidades e reforça que ele designa tanto o trabalho-opus do artesão e do artista que gera uma obra duradoura (privilégio), como o trabalho-labor voltado para a subsistência, labuta e fadiga. Antunes (2004) salienta que, desde o mundo antigo, o trabalho tem sido compreendido por meio de dualidades como expressão de vida e degradação, criação e infelicidade, felicidade social e servidão, atividade vital e escravidão e, ainda, promove concomitantemente sentimentos de prazer e de sofrimento (MORIN; TONELLI; PLIOPAS, 2007).

Na percepção de Marx (2004a), ao se referir à automediação existente e necessária do homem com a natureza e, principalmente, do autodesenvolvimento humano, o trabalho é visto somente nos seus aspectos positivos, como manifestação de vida. Mas o trabalho tem um lado obscuro, o qual Marx evidenciou, identificando as leis objetivas do mundo do trabalho e as forças sociais para superar o sentido negativo do trabalho, a alienação.

Peixoto (2010), ao buscar definir o conceito de alienação na visão marxista, afirma que esta surge com a divisão social do trabalho e a partir daí, a separação entre os que dirigem e os que executam o processo de trabalho. A autora relata que há, nesta relação, a instauração da alienação, uma vez que o trabalhador é constrangido a atender as suas necessidades mais imediatas (comer, beber, vestir, etc.), se assim não fizer porá em risco sua própria existência. Peixoto (2010) complementa mencionando que, ao fazer de sua capacidade de trabalho um meio para atingir determinados fins, a sua atividade deixa de ser uma atividade livre (autoatividade) e torna-se trabalho alienado.

O capitalismo, ao se apropriar do trabalho, tende a reduzir seu sentido à mera busca de sobrevivência, tendo em vista que a relação entre capitalista e trabalhador mostra-se uma relação desigual em que o trabalhador aparece como explorado pelo capitalista que busca aumentar o lucro à custa dessa exploração. Embora, essa relação tenha distorcido o sentido inicial que o trabalho tem na vida humana, o trabalho se efetivará sempre como condição eterna do homem de transformar a natureza para satisfazer suas necessidades e, dessa forma, transformar a si mesmo. O trabalho pode ser concebido como alienante, quando relacionado aos pressupostos do capital, mas também pode ser visto como possibilidade de produção de outros sentidos e significações para o sujeito, participando na constituição dessa subjetividade.

No tópico seguinte, discutem-se diferentes autores e concepções teóricas e epistemológicas que abordam os sentidos atribuídos ao trabalho.

### **2.1.2 Trabalho e seus diferentes sentidos na vida humana**

O sentido do trabalho é um fenômeno complexo e multidisciplinar, que interessa a várias áreas do conhecimento, em especial para os Estudos Organizacionais. Segundo o dicionário etimológico Harper (2013), o termo

“sentido” remonta os anos 1400 d. C. e refere-se à faculdade da percepção, também concebido como significado, importância e interpretação. O termo origina-se da palavra em latim *sensus*, definida como percepção, sentimento, compromisso, significado e do verbo *sentire*, entendido como perceber, sentir, saber. Desde os anos 1560, a palavra “sentidos”, derivada de “sentido”, é definida como faculdades mentais, poderes cognitivos conscientes, sanidade e, desde 1590, é utilizada para faculdades das sensações físicas.

Tolfo e Piccinini (2007), ao abordar os sentidos do trabalho, afirmam se tratar de um constructo psicológico que surge a partir da interação de variáveis pessoais e sociais relacionadas ao trabalho. As autoras se referem aos sentidos como algo multidisciplinar, tendo em vista sua complexidade e caracterização a partir de variáveis pessoais, sociais e organizacionais. Dessa forma, os estudos que abordam os sentidos do trabalho, partem de reflexões de ordem filosófica, sociológica, psicológica, dentre outras.

Independente da perspectiva de análise, o trabalho apresenta-se como algo que acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Embora tenha seus sentidos modificados no decorrer do tempo, o fato é que o trabalho sempre representou parte da identidade das pessoas, interferindo consideravelmente na concepção que fazem de si mesmo e dos outros. Freud (1974) argumenta que o trabalho é a atividade que proporciona certa direção à vida, noção de realidade, e, também, representa uma possibilidade de vínculos entre as pessoas. Partindo dessa concepção freudiana do trabalho, pode-se compreender por que pessoas em situação de não emprego ou desemprego sofrem diante dessa condição. O trabalho orienta caminhos a serem seguidos e aproxima as pessoas, logo, quando não trabalha, o indivíduo se vê deslocado na sociedade à qual pertence.

Em decorrência do aumento mundial do desemprego, os indivíduos passaram a valorizar, cada vez mais, o fato de possuírem um trabalho. Principalmente, em decorrência do fato de a sociedade discriminar pessoas

desempregadas, atribuindo a elas desqualificação, incapacidade e até marginalização. Nesse sentido, o trabalho passa a ter uma dimensão psicológica na vida do trabalhador, afetando a forma como ele percebe o mundo e situa a si próprio na sociedade.

Dessa forma, conforme relatam Assis e Macedo (2008), o trabalho, como construtor de identidade e inclusão social, interfere na vida das pessoas como um todo. Nesse sentido, Codo et al. (2004) afirmam que o trabalhador constrói sua identidade na sua relação diária com a própria vida, estabelecendo uma tríplice relação entre identidade-trabalho-relações sociais e afetivas.

O trabalho ocupa um lugar central na vida das pessoas. Segundo Morin, Tonelli e Pliopas (2007) os motivos para tal resposta estão no fato de que as pessoas se relacionam e interagem por meio do trabalho, sentem-se pertencentes a determinado grupo, têm uma ocupação e passam a ter um objetivo na vida.

Mendes (2007, p. 43) relata que o sentido do trabalho depende basicamente “da relação entre a subjetividade do trabalhador, do saber fazer e do coletivo do trabalho”. Para essa autora, o trabalho estará sempre associado ao binômio prazer-sofrimento, uma vez que pode ser fonte de patologias, adoecimentos, como também de saúde. Em todas essas situações, o trabalhador atribui novas significações às relações dinâmicas entre organização do trabalho e processo de subjetivação. Mendes (2007, p. 30) entende subjetivação como o “processo de atribuição de sentido com base na relação do trabalhador com sua realidade de trabalho, expresso em modos de pensar, sentir e agir individuais ou coletivos”.

Alguns estudos já foram realizados com o objetivo de trazer o sentido que os trabalhadores atribuem ao seu trabalho. Entre esses estudos, destaca-se o trabalho do Grupo MOW (Meaning of Work) (MEANING OF WORK - MOW, 1997), que foi pioneiro na investigação do tema a partir da década de 1950. O modelo proposto pelo grupo considera o significado do trabalho como um

construto psicológico multidimensional e dinâmico, formado da interação entre variáveis pessoais e ambientais e influenciado pelas mudanças no indivíduo. As pesquisas realizadas pelo grupo consistem na classificação de seis padrões de definição do trabalho: (I) Padrão A, o trabalho é algo que acrescenta valor a qualquer coisa; (II) Padrão B, há um sentimento de vinculação (pertença) ao realizar o trabalho; (III) Padrão C, outros se beneficiam com este trabalho; (IV) Padrão D, alguém determina o que fazer, não é agradável; (V) Padrão E, o trabalho é mental e fisicamente exigente; e (VI) Padrão F, o trabalho tem um horário determinado para sua realização; faz parte das tarefas do indivíduo; e, recebe-se alguma compensação financeira para fazê-lo.

Observa-se que o modelo proposto pelo Grupo MOW apresenta: o caráter social do trabalho que visa, para além de benefícios individuais, a contribuir com a sociedade (padrões A, B e C); as concepções negativas do trabalho, vendo-o como uma atividade desagradável, obrigatória para sustento (padrões D e E); e a concepção neutra do trabalho encarada como uma atividade que se realiza em um lugar e horário determinados, com uma remuneração para essa tarefa (padrão F).

Morin (2002), por sua vez, realizou uma pesquisa com estudantes de administração e administradores. Os resultados se aproximam daqueles obtidos pelo Grupo MOW. Entre os estudantes de administração foram identificados cinco motivos para o trabalho: (a) para realizar-se e atualizar o potencial; (b) para adquirir segurança e ser autônomo; (c) para relacionar-se com os outros e estar vinculado em grupos; (d) para contribuir com a sociedade; e (e) para ter um sentido na vida, o que inclui ter o que fazer e manter-se ocupado. De acordo com a autora, as características que o trabalho deve ter são consoantes com os motivos que estimulam esses estudantes ao trabalho: é necessário haver boas condições de trabalho (horários convenientes, bom salário, preservação da saúde); oportunidade de aprendizagem e realização adequada da tarefa; trabalho estimulante, variado e com autonomia.

O trabalho, independente da concepção gerada por diversos autores no decorrer do tempo, demonstra assumir, cada vez mais, uma dimensão dotada de sentidos e significados na vida humana. Nessa perspectiva, Tolfo e Piccinini (2007) buscam demonstrar esses diversos sentidos e significados que o trabalho assume. As autoras citam a pesquisa de Hackman e Oldhan (1975) que aponta três características fundamentais para o trabalho que tem sentido: (i) a variedade de tarefas; (ii) um trabalho não alienante; e (iii) o retorno (feedback) sobre seu desempenho nas atividades realizadas. O grupo MOW apresenta também quatro dimensões principais referentes ao trabalho: (i) centralidade do trabalho; (ii) normas sociais sobre o trabalho; (iii) resultados valorizados do trabalho; e (iv) identificação das regras do trabalho. Em sua pesquisa sobre o sentido do trabalho junto a administradores, realizadas entre 1994 e 1998, Morin (2002) apresentou seis características do trabalho que tem sentido: (i) um trabalho que tem sentido é feito de maneira eficiente e gera resultados; (ii) um trabalho que tem sentido é intrinsecamente satisfatório; (iii) um trabalho que tem sentido é moralmente aceitável; (iv) um trabalho que tem sentido é fonte de experiências de relações humanas satisfatórias; (v) um trabalho que tem sentido garante a segurança e a autonomia; e (vi) um trabalho que tem sentido é um trabalho que nos mantém ocupados. Enfim, os resultados desses trabalhos permitem inferir que um trabalho com sentido é aquele que realiza, satisfaz e estimula o sujeito para a execução das suas tarefas.

Na perspectiva da psicodinâmica, Dejours (1987) apud Dourado et al. (2009, p. 351), afirma que o trabalho deve fazer sentido tanto para o sujeito que o realiza, quanto para seus companheiros e para a sociedade. Para esse autor, o sentido do trabalho se constitui pelo “conteúdo significativo em relação ao sujeito, que envolve a dificuldade prática da tarefa” e “o conteúdo significativo do objeto que envolve mensagens simbólicas que a tarefa pode também veicular para alguém”.

Conforme demonstrou-se, há diferentes perspectivas de análise sobre o trabalho. Na visão de Marx, o trabalho pode ser analisado a partir de aspectos que se voltam para a interação entre o indivíduo e a natureza, com o objetivo de transformar a natureza nos bens necessários à sua sobrevivência, bem como para a questão da exploração e alienação do trabalhador. Na perspectiva da psicodinâmica, a lente de análise refere-se às dimensões de prazer e sofrimento vivenciadas na experiência do trabalho. Além dessas perspectivas, o trabalho pode ser compreendido também como sendo constituído e constituinte da identidade do trabalhador, permeando as percepções que este tem de si mesmo e dos outros.

Pelos estudos abordados, verificou-se que o sentido do trabalho ultrapassa a noção de que o trabalho era apenas um meio de subsistência na sociedade. Nas pesquisas, é demonstrado que, além de ser a principal fonte de sobrevivência para as pessoas, o trabalho é visto também como forma de ser aceito no meio social, interagir com outras pessoas, tornar-se membro de um grupo e se realizar como ser humano.

No entanto, observa-se que o trabalho pode ser considerado motivo de discriminação e preconceito para algumas pessoas em decorrência de sua natureza. É o caso das prostitutas, que sofrem, pela atividade que realizam, estigmas que levam a não serem aceitas socialmente. Nessa perspectiva, discute-se no próximo tópico o trabalho como condição estigmatizante do indivíduo.

### **2.1.3 O trabalho visto como uma condição estigmatizante**

Segundo Goffman (2008), a palavra estigma surge na Grécia antiga para se referir a uma marca representada por um corte ou uma queimadura no corpo que significava algo de mau para a convivência social, representando um registro de escravatura ou de criminalidade, algo que simbolizava um rito de desonra, um mito da tradição da época. Essa marca significava uma advertência, um sinal para

se evitarem contatos nas relações sociais, tanto no contexto particular, isto é, privado, como principalmente nas relações institucionais de caráter público, pois comprometiam as relações comerciais.

Na época do Cristianismo, as marcas corporais tinham um significado metafórico: os sinais representavam a “Graça Divina”, que se manifestavam pela pele, e também uma referência médica, cuja manifestação religiosa se expressava como sinais corporais representativos de perturbações físicas (GOFFMAN, 2008).

Na atualidade, conforme propõe Melo (2000), o termo é comumente utilizado no seu sentido original, mas relaciona-se mais à desgraça que às marcas feitas no corpo. O sujeito denominado como portador de um estigma não pode pertencer à mesma categoria de sujeitos (cidadãos), isto é, participar com os mesmos direitos, mas tem de obedecer às regras da marginalidade e responder dentro dos critérios preestabelecidos para o grupo. E, como diferente, não pode contribuir com a sua diferença, com a ampliação da sua potencialidade, mas contribui na diferença como registro da incapacidade, pois é portador de algo que não acrescenta e pouco soma ao ser humano.

Estigma, para Ainlay, Coleman e Becker (1986), é uma construção social, onde os atributos particulares que desqualificam as pessoas variam de acordo com os períodos históricos e a cultura, não lhes propiciando uma aceitação plena social. Desse modo, as pessoas são estigmatizadas somente num contexto, o qual envolve a cultura; os acontecimentos históricos, políticos e econômicos e uma dada situação social, ou seja, a estigmatização não é uma propriedade individual. Em comparação, para Goffman (2008), os normais e os estigmatizados não são pessoas em si, mas perspectivas constituídas pelo meio social, o qual categoriza e coloca atributos considerados naturais e comuns para os membros de cada categoria.

Já Link e Phelan (2001, p. 377) afirmam que “estigma existe quando elementos de rotulação, estereotipização, separação, perda de status e

discriminação ocorrem simultaneamente em uma situação de poder que permite tais componentes acontecerem”. Dessa forma, observa-se, claramente, que tais autores tomam o pensamento de Goffman como base e o ampliam com a ideia de poder e com a proposta de mais elementos na relação que estabelece o estigma. Para esses autores, rotulação é o processo social de eleger uma determinada característica e aplicá-la a alguém, não indicando, necessariamente, que esse indivíduo a possua. E é a partir dos rótulos empregados às pessoas estigmatizadas que os estereótipos são criados, gerando, assim, o processo de estereotipização. De acordo com Link e Phelan (2001, p. 369) “o rótulo liga uma pessoa a um conjunto de características desagradáveis que formam o estereótipo”.

Os rótulos sociais propiciam a existência e uma separação delimitada de dois grupos: nós e eles. O “nós” se caracteriza por todos os valores que constroem a visão de um ser humano “normal” expressada pela ideologia dominante da sociedade. O “eles” é caracterizado pelas pessoas que são diferentes do “nós”, e, portanto, são as rotuladas negativamente. Goffman (2008) denominou tais grupos de “normais” e “estigmatizados”.

Goffman (2008) menciona que o indivíduo estigmatizado é evitado por possuir uma característica percebida e indesejada pelo grupo. Esse indivíduo poderia ser aceito na relação social, mas determinado traço indesejado percebido impede que o grupo se atente para os demais traços que ele possui. Dessa forma, o indivíduo tem suas possibilidades de interação social minadas em decorrência desse estigma, ou seja, uma característica diferente do que havia sido previsto. Goffman (2008) relata que o estigmatizado é visto como não sendo completamente humano e, por isso, sofre discriminações.

Becker e Arnold (1986) abordam o estigma pela tentativa em colocar a sociedade e a cultura como fatores determinantes na construção de estigma, “incluindo as pessoas que desqualificam as outras na relação de aceitação social e a natureza da interação social entre estigmatizados e não estigmatizados”

(BECKER; ARNOLD, 1986, p. 39). Pode-se perceber uma íntima relação entre as ideias de Goffman e as de Becker e Arnold (1986) quanto à definição de estigma atrelada à construção social e ligada à relação física entre quem estigmatiza e é estigmatizado.

“Cada sociedade tem mecanismos de controle social para garantir que a maioria de seus membros conforme-se com essas normas. As pessoas que não se conformam com essas regras ou quebram os tabus sociais são excluídas socialmente” (BECKER; ARNOLD, 1986, p. 40). Para Becker e Arnold (1986), os membros da sociedade têm crenças comuns sobre o significado cultural de um atributo e do estigma ligado a ele. Essas crenças sobre estigma ditam a natureza de estigma. As pessoas tomam atitudes específicas sobre um dado estigma e sobre as respostas de pessoas estigmatizadas, afetando, portanto, a forma pela qual um indivíduo estigmatizado é integrado num grupo ou excluído socialmente.

Estigma, para Becker e Arnold (1986), é a condição de não possuir atributos considerados importantes por um grupo social. Os indivíduos estigmatizados tornam-se rapidamente cientes da forma que os outros os veem. Assim, aquele que é estigmatizado pode sofrer um complexo processo de normatização, o qual se dá pela forma que o indivíduo estigmatizado se adapta à sociedade, a fim de reduzir sua diferença das normas culturais.

Siqueira e Cardoso (2011) apontam que o conceito de estigma tal qual proposto por Goffman (2008), é permeado pela ideia da presença física entre estigmatizados e normais, ou seja, todos os conceitos apresentados remetem à ideia da presença corporal entre tais grupos. A relação social cotidiana em ambientes já estabelecidos propicia um relacionamento entre pessoas previstas e esperadas a tal lugar, sem atenção ou reflexão particular umas com as outras. Assim, as pessoas normais preveem as categorias e os atributos de um estranho que se aproxima.

Conforme se observou, Goffman (2008) tratou o estigma em suas formas cotidianas, nas quais a vida segue seu curso. Seus estudos são particularmente relevantes, no que tange à compreensão dos estigmas sociais, como aqueles associados às ocupações, que considerou uma dimensão importante na construção da identidade social, sem, contudo, realizar pesquisas específicas sobre a questão.

Saunders (1981) foi um dos autores cruciais na conexão entre estigma e trabalho. Para ele, as chances de menor ou maior sucesso de um indivíduo estão associadas a determinadas ocupações, algumas das quais são mais sujeitas a avaliações depreciativas do que outras. Conforme Saunders (1981), as seguintes características marcam os trabalhos estigmatizados: baixo status, baixos salários, ausência de projeção de carreira, pouca escolaridade, carência de representação coletiva, indignidade e vergonha. O público projeta em relação às ocupações depreciadas uma imagem de fracasso, o que é particularmente degradante em uma sociedade na qual o trabalho é substancial na composição da identidade dos sujeitos e os homens são julgados pelo trabalho que fazem. Ao atribuir uma baixa avaliação a certas categorias laborais, a sociedade rebaixa a posição social do sujeito como um todo, transformando-o em cidadão de segunda ordem.

É o que acontece na prostituição, uma profissão não reconhecida socialmente como trabalho. Por meio de argumentos morais que julgam a prostituição como problema de saúde pública ou uma ameaça às famílias, de críticas à comercialização de serviços sexuais ou de denúncias sobre a opressão que a atividade engendraria, profissionais do sexo são uma categoria constantemente marginalizada desde o século XIX (ALLES, 2016).

Embora seja possível encontrar cotidianamente trabalhadoras e trabalhadores do sexo em espaços determinados das cidades, a prostituta ainda pode ser considerada o que Rago (2008) denominou fantasma, pois habita mais a imaginação do que as relações cotidianas de grande parte da população. Como tem-se pouco acesso a essas pessoas, vão sendo construídos e perpetuados

discursos que corroboram a estigmatização das prostitutas ao pensá-las frequentemente entre os polos da vitimização e do desvio comportamental. Assim, conforme relata Alles (2016), é comum opiniões que defendem que prostitutas precisam ser salvas, ou que as criminalizam ou culpabilizam por sua “condição”. Ao serem representadas como desviantes que não seguem os padrões vigentes, essas mulheres também são pensadas como perigosas. Cria-se, então, mais um estereótipo que dificulta um olhar positivo sobre o fenômeno e sobre os indivíduos que nele se envolvem (GIL, 1994).

Agustin (2013) considera que o estigma que afeta as trabalhadoras do sexo teria um componente diferente de outras categorias estigmatizadas por ter a pretensão de controlar as mulheres separando-as em grupos de mulheres boas e más de acordo com seu comportamento sexual. Juliano (2010) corrobora afirmando que as diferentes estigmatizações que afetam as mulheres estão ligadas às construções dos papéis de gênero, que canalizam desconfiança e agressividade social para a sexualidade feminina como forma de controlar as mulheres não estigmatizadas. O enorme desprestígio social da prostituição não estaria relacionado às atividades realizadas, mas sim ao fato de ser historicamente um meio de sobrevivência que permitiria a autonomia das mulheres. Por causa da forte pressão estigmatizadora, tal possibilidade de autonomia acaba sendo enfraquecida ou desestimulada. A prostituição seria construída como uma atividade incorreta na tentativa de criar um modelo desvalorizado que mostrasse às mulheres o que lhes estava reservado se não cumprissem as normas de conduta e de sexualidade impostas pela sociedade (ALLES, 2016).

Nessa perspectiva, Pheterson (1996) relata que a estigmatização que recai sobre a prostituição possui um nome específico: é o estigma da puta, que faz com que, em decorrência das identidades corrompidas dessas mulheres, muitos tenham se sentido no direito de falar por elas. Assim, a possibilidade de que as prostitutas possam ser racionais, pragmáticas e autônomas é desacreditada por diversos

argumentos elencados e criticados por Agustín (2013): tais mulheres não entendem o que estão fazendo, porque não receberam educação; elas sofrem de falsa-consciência, ou seja, não conseguem reconhecer que são alvo de opressão; são usuárias de drogas ou têm problemas psicológicos, por isso têm seu raciocínio prejudicado; são manipuladas por suas famílias. As prostitutas são isoladas na sociedade e o estigma também atua como empecilho para que as mulheres possam desenvolver outras atividades laborais se assim desejarem.

Conforme apresentados, muitos são os motivos pelos quais as prostitutas configuram-se como indivíduos estigmatizados pelo trabalho que desenvolvem. Trata-se de aspectos morais que incidem sobre essa atividade e que colocam suas profissionais em uma condição marginalizada socialmente. Reconhece-se que, ao se tratar de mulheres prostitutas, tais aspectos tendem a ser mais visíveis, tendo em vista as questões de gênero que contribuem para acentuar o estigma a elas atribuído. Por isso, no próximo tópico, aborda-se a sexualidade feminina e sua construção social no decorrer do tempo e a forma como essa discussão é permeada pelas relações de gênero e poder constituídas na sociedade.

## **2.2 Discussões sobre gênero e sexualidade**

Neste tópico, apresenta-se, inicialmente, a categoria gênero discutindo sua construção no decorrer do tempo, buscando demonstrar as diferenças existentes entre homens e mulheres e a forma como elas se constroem e reconstroem em diferentes momentos sociais, explanando brevemente sobre a sexualidade. Finalmente, no último subtópico, propõe-se a análise da categoria gênero tendo como foco a sexualidade.

### **2.2.1 A construção social da categoria gênero e sua relação com a sexualidade**

Desde a sua formação como um campo interdisciplinar nos anos 1970, os estudos sobre gênero têm travado importantes debates, que vão além da constatação de que as sociedades estabelecem significados distintos para o masculino e o feminino. É prudente destacar que, quando se fala em gênero para pensar o masculino e o feminino nas relações sociais, não se refere a um dado biológico, mas a uma construção histórica e sociocultural, imbricada de valores, diversidades e relações sociais e de poder. Assim, a ideia de gênero diz respeito às formas como cada sociedade constrói significados a respeito das diferenças sexuais e estrutura as relações entre homens e mulheres (SCOTT, 1989; SOIHET, 1997). Para Pateman (1993, p. 330),

Falar em gênero, em vez de se falar em sexo, indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção social e política. Realmente, o que os homens e as mulheres são, e como as relações entre eles estão estruturadas, depende muito da importância política atribuída à masculinidade e à feminilidade.

Para Marodin (1997), o papel de gênero é um conjunto de comportamentos sociais que se esperam das pessoas de determinado sexo. Dessa forma, a diferença de sexo distingue biológica e anatomicamente homens e mulheres, e a diferença de gênero envolve aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade e da masculinidade.

É importante compreender que as diferenças biológicas entre os corpos masculinos e femininos são importantes no que se refere aos limites que cada um possui. No entanto, ao se tratar o gênero, essas diferenças não podem ser aceitas como explicação para justificar as desigualdades entre homens e mulheres vivenciadas na sociedade. E essas desigualdades não podem refletir em práticas discriminatórias nos campos sociais como, por exemplo, no âmbito organizacional e tampouco criar barreiras à participação das mulheres como atores sociais.

Ressalta-se que os estudos sobre gênero ganharam força e proeminência, por meio das pesquisas universitárias, que pretendiam deslocar as mulheres das referências e das notas de rodapé e incorporá-las ao corpo dos trabalhos como o sujeito dos estudos. Outro ponto que favoreceu essa discussão, conforme destacado por Aranguren (1991), foram os movimentos sociais e os fortes apelos da sociedade para uma mudança de paradigma na concepção da mulher.

O passado denota que o histórico das relações de gênero e as diferenças entre as civilizações provocaram as disparidades entre os sexos feminino e masculino, conforme destaca Perrot (2007). Sob esse aspecto, Stearns (2007) fornece dados reveladores de que, à medida que as civilizações se desenvolveram, a partir dos contatos e das limitações das trocas, as relações entre homens e mulheres, a determinação de papéis e a definições de atributos de cada sexo foram tomando forma e ganhando características essenciais. De modo que, por uma dimensão histórica, destaca-se que o gênero é o produto da socialização de experiências vividas entre homens e mulheres, resultando em práticas que determinam a construção social dos corpos e a arbitrária divisão dos gêneros na sociedade (FIGUEIREDO, 2001; PERROT, 2007; STEARNS, 2007).

Tem-se que as relações de gênero ocorrem entre sujeitos historicamente situados e, dessa forma, podem ser descritas como construções sociais, que possuem base material e representam o processo da produção dos lugares de poder de homens e mulheres na sociedade, como indica Saffioti (2004). Scott (1989) refere-se ao gênero como sendo aspectos psicológicos, sociais e culturais da feminilidade e masculinidade e não os componentes biológicos, anatômicos e o ato sexual que caracterizam o sexo. Assim, o papel de gênero passa a representar o conjunto de expectativas em relação aos comportamentos sociais que se espera das pessoas de determinado sexo. Não obstante, há que se esclarecer que ao se tratar gênero não se está buscando diferenciar características biológicas existentes entre homens e mulheres, mas mostrar que essas diferenças não deveriam ser

relevantes no que se refere ao tratamento desses na sociedade (SCOTT, 1989; SOIHET, 1997; STEIL, 1997).

Ao longo da história, as relações de gênero foram marcadas por contextos de exploração e de dominação entre homens e mulheres, destacando a supremacia dos representantes do primeiro sexo sobre o segundo (ARANGUREN, 1991; NOVO, 2003; SAFFIOTI, 2004). Essa relação se deve, em grande medida, aos postulados da sociedade patriarcal que, desde sua implantação, privilegiou interesses masculinos em detrimento dos femininos, constituindo, assim, um sistema de rejeição às mulheres como classe e sujeito social.

Sobre a cultura patriarcal é importante destacar que preexistia a convicção de que as mulheres eram seres frágeis, irracionais, mas indispensáveis ao prazer dos homens e insubstituíveis no processo de reprodução (NOVO, 2003). De tal modo que o poder masculino concebeu a mulher como a face oculta, sem voz, sem identidade, mas ao mesmo tempo atraente, ou seja, objeto sexual da humanidade. Nesse campo, os homens como categoria social tinham liberdade quase absoluta, pois desfrutavam de autonomia e conceito político coletivo, cujo significado era não necessitar pedir licença à outra categoria de sexo para realizar seus projetos, seus desejos e seus interesses. Já as mulheres, como categoria social, precisavam solicitar autorização à primeira categoria (CASTELLS, 2008; SAFFIOTI, 2004; TOURAINE, 2007).

Nessa discussão, Stearns (2007) acrescenta que nas sociedades patriarcais, os homens eram considerados criaturas superiores em todos os sentidos da vida social, com direitos legais que as mulheres não possuíam. A elas cabiam a arte de servir, preparar artesanato típico e fornecer sexo aos homens (FIGUEIREDO, 2001), além das obrigações e afazeres domésticos, que envolviam assumir as tarefas do casamento, da maternidade e da educação dos filhos, como salienta Cappellin (1989). Os homens mandavam e as mulheres obedeciam (PERROT, 2007; STEIL, 1997).

Zinani (2006) afirma que a derrota do gênero feminino para o masculino se dá na passagem do matriarcado para o patriarcado. No entanto, Beauvoir (1980) relata que o matriarcado nunca se efetivou realmente nas sociedades, pois as mulheres dominavam a magia e isso ultrapassa o reino humano. Para a autora a sociedade sempre pertenceu aos homens, pois eles exerciam o poder. O princípio masculino triunfou sobre o feminino no momento em que o homem se libertou do domínio feminino ao abandonar a natureza e a magia. Nesse momento ele conquista o solo, passa a fabricar objetos e torna-se independente em relação aos deuses. Para Beauvoir (1980), o patriarcado superou o matriarcado por condições biológicas masculinas que possibilitaram que o homem se tornasse independente. Já a mulher, “que possuía uma força precária, sobrou o papel de Outro, sempre dependente em relação ao seu destino” (ZINANI, 2006, p. 63).

Beauvoir (1949) aborda também o drama da mulher nos vários âmbitos da vida em sociedade, demonstrando que ao longo de sua história ela foi concebida como o “Outro”. A autora enfatiza que essa negação da mulher como o “Outro” a transformava em um ser inanimado, sem alma, desprovido de valor, ao passo que o homem era o sujeito absoluto. Ela reforça que para São Tomás de Aquino a mulher era um homem incompleto, um ser ocasional, e por mais que se avance na história, ela sempre estivera subordinada ao homem.

Nesse sentido Eagleton (1983, p. 78) afirma que,

(...) a mulher é o oposto, o “outro” do homem: ela é o não-homem, o homem a que falta algo, a quem é atribuído um valor sobretudo negativo em relação ao princípio primeiro masculino. (...) A mulher não é apenas um outro ser, no sentido de alguma coisa fora de seu alcance, mas um outro intimamente relacionado com ele, a imagem daquilo que ele não é e, portanto, uma lembrança daquilo que ele é.

O fato de não ser esse ser absoluto impossibilita a mulher de ser um ser diferente, mas também absoluto em suas peculiaridades. Por não ser homem, a mulher seria tida como um ser incompleto. Porém, conforme ressalta Eagleton

(1983), é nessa incompletude, na imagem daquilo que ele não é que o homem pode reconhecer a si próprio.

Outras esferas, dentre elas a religiosa, também colocaram a mulher em segundo plano na sociedade. Vale dizer que, desde a antiguidade, ser mulher era sinônimo de pecado, como advoga Várzea (2003). Conforme a autora, a sociedade construiu teorias e regras que colocavam a mulher em posições subalternas. Quando importado para a época cristã, redundou na premissa de que a mulher era um ser acidental e falho e, portanto, jamais poderia ser semelhante a Deus. Apesar do tempo decorrido, a sociedade carrega esses ideais nos mais simples gestos e pensamentos.

No que concerne à sexualidade, a mulher se manteve numa posição subalterna em relação ao homem, tendo em vista que a ela foi negado o direito ao exercício de sua sexualidade e a colocou em uma condição de objeto de prazer masculino, mas nunca sujeito dessa relação. O termo sexualidade é abordado como uma categoria que se refere à totalidade das qualidades humanas, e não apenas à genitália e seu funcionamento. Inclui todas as dimensões de uma pessoa como o biológico, o psicológico, o emocional, o social, o cultural e o espiritual. Observa-se que há uma preocupação com a sexualidade como uma categoria que transcende à biologia das estruturas corporais e dos processos fisiológicos, que materializam e objetivam o sexo a partir do determinismo biológico de se ter nascido homem ou mulher.

Foucault (1988), Rubin (1989) e Weeks (1995) veem a sexualidade como sendo relacionada a diferentes contextos históricos e culturais e também como campo de batalha e disputa, sendo investida por relações de poder. Dessa forma, compreende-se que a sexualidade é algo que perpassa a história da civilização humana. Stearns (2007) afirma que a sexualidade era parte fundamental da vida e da sociedade humana, desde as longas fases da caça e da coleta, passando pela ascensão da agricultura e ao longo período agrícola, de séculos de duração.

Rago (2008) explicita que em muitos períodos históricos as mulheres eram excluídas do direito ao corpo e ao prazer sexual e sujeitas a preconceitos e tabus acerca da sexualidade ou eram prostitutas ou santas. Ainda na concepção da referida autora, só muito recentemente

(...) as mulheres passaram a usufruir do prazer sexual, a exprimir seus desejos, a conhecer o próprio corpo, a ler seus sinais e a interpretar suas mensagens, escapando à normatividade das interpretações femininas que anulavam sua sexualidade e desconheciam seu corpo (RAGO, 2008, p. 39).

Reconhece-se que muitas coisas mudaram desde então, uma vez que as mulheres atualmente têm maior autonomia para viver sua sexualidade. Mas, considera-se importante observar o passado e descobrir o início, pois seus resquícios ainda são encontrados em diversos momentos na atualidade. O que importa aqui é ver como a história geral afeta essas relações.

Não se pretende, a partir dessa discussão, explicar ou justificar a prostituição. Mas, uma vez que se parte do pressuposto de que a realidade é socialmente construída, não se pode negar a influência dessas questões na concepção que a sociedade tem da prostituição e nos impactos que isso gera nas práticas discursivas e nos sentidos que as prostitutas atribuem ao seu trabalho.

As discussões sobre sexualidade remetem sempre ao corpo, que segundo Perrot (2007, p. 62), refere-se a um “corpo na história, em confronto com as mudanças do tempo”. A prostituta tem no corpo o seu trabalho. Um corpo que foi por muito tempo negado às mulheres.

O corpo remete à sexualidade, entendida nesse contexto como uma categoria que se refere às características humanas e não somente ao órgão sexual feminino e masculino e seu funcionamento. “Inclui todas as dimensões de uma pessoa, como o biológico, o psicológico, o social, o emocional, o cultural e o espiritual” (TRINDADE; FERREIRA, 2008, p. 418). A sexualidade transcende a biologia das estruturas corporais e dos processos fisiológicos que materializam e

objetivam o sexo a partir do determinismo biológico de ter nascido homem ou mulher.

As mudanças mais fascinantes na história da sexualidade humana começaram a tomar forma nos séculos XVIII e XIX. Stearns (2007) apresenta algumas dessas mudanças: (i) introdução de novos e dramáticos dispositivos de controle de natalidade; (ii) os médicos começaram a reivindicar um novo papel nas questões sexuais, argumentando que eram importantes para a moralidade sexual e para a saúde sexual; (iii) desenvolvimento de uma significativa indústria pornográfica; (iv) a ideia de uma superioridade cultural ocidental sobre os demais povos. O século que se seguiu a 1750 foi marcado por significativas mudanças no comportamento sexual. De acordo com Stearns (2007), foi um momento em que, para muitos jovens, a atividade sexual ganhou ímpeto e para alguns homens, de várias classes sociais, cresceram as expectativas de acesso sexual e a ideia de prazer sexual se estendeu, inclusive, para algumas mulheres. Trata-se de um movimento que tornou-se conhecido como Primeira Revolução Sexual.

A sexualidade contemporânea envolve a expansão da prostituição, embora não fosse novidade, pois em momentos anteriores da história mundial, a prostituição já havia refletido mudanças em contextos sexuais. Stearns (2007) relata que no Ocidente e no Japão, os novos padrões de sexo pré-marital entre os jovens e a crescente aceitabilidade do sexo para mulheres mais jovens enfraqueceram a procura pela prostituição entre rapazes para iniciação sexual, embora na América Latina, esse fosse um comportamento bastante comum.

Compreende-se, por meio das discussões elucidadas nesse tópico, que a história da sexualidade fornece pistas de como algumas mudanças seguem desafiando os antigos padrões. Além disso, apresenta algumas razões para as diferenças dadas como resposta às mudanças e certamente mostra por que e como as mudanças na sexualidade são importantes, tanto na experiência humana individual, quanto nas interações sociais mais amplas.

### 2.2.2 A sexualidade como possibilidade de análise da categoria gênero

Ao longo da história da humanidade, as noções de homem e de mulher foram organizadas a partir de uma lógica binária que atribui ao sexo masculino as propriedades do humano. Muribeca (2010) menciona que, do ponto de vista científico, formulava-se a existência de um único sexo, que poderia ser mais ou menos bem sucedido em sua evolução. Do ponto de vista religioso, a mulher, na versão do Gênesis, era um produto derivado do homem. Nesse aspecto, tudo o que foi associado ao feminino deixou de ser considerado em sua especificidade, passando a ser tratado como o negativo daquilo que é hegemônico (o masculino).

Compreende-se a questão da negação da sexualidade feminina com Freud que ao comparar homem e mulher, apresenta a mulher como um ser “a menos”, estigmatizada pela ausência do pênis, como se fosse portadora de uma sexualidade inferior. E esse estigma marcou a visão freudiana da mulher, a qual se conservou ligada a uma tradição que considerava a mulher como um “homem mutilado” (ZEFERINO, 2002) e, portanto, incapaz de viver sua sexualidade.

Perrot (2007, p. 63) comenta o posicionamento de Freud perante a sexualidade feminina. Segundo a autora ele faz da “inveja do pênis” a obsessão da mulher. A anatomia feminina torna a mulher “um ser em concavidade, esburacado, marcado para a possessão, para a passividade”. Por causa de sua genitália, a mulher é tida como inferior, sendo até meados do século XVIII considerada apenas um receptáculo pronto para receber o esperma, que seria o único responsável por gerar filhos. Somente no início do século XIX é que se descobre a ovulação e sua importância no processo reprodutivo. Del Priore (2014) menciona que a descoberta do clitóris em 1559 não mudou a percepção que existia sobre a menoridade física da mulher. Acreditava-se que o clitóris era apenas um pênis em miniatura. Sua existência só servia para endossar a ideia de que as mulheres tinham as mesmas partes genitais dos homens no interior do corpo. A

autora afirma que a mulher passou a ser confundida com seu sexo e se reduziu a ele, marcando seu lugar na família e na sociedade.

Ao longo da história, criou-se a ideia de que a mulher necessitava de cuidado e proteção. Araújo (2001) relata que, no Brasil Colônia, as mulheres eram submetidas à vigilância constante da família, da sociedade e, principalmente da igreja. Perrot (2007, p. 59) corrobora e afirma que o sexo das mulheres precisava ser protegido, fechado e possuído. Nesse sentido, o hímen e a virgindade sustentam essa ideia. “Ao esposo é dado o direito, na noite de núpcias, de se apoderar de sua mulher, torná-la sua posse. O cristianismo torna a castidade e o celibato um estado superior”.

Del Priore (2006) discute essa questão da proteção dada à mulher e relata que a ação da igreja atuava principalmente na organização familiar e no controle da sexualidade. A igreja se apoderou da mentalidade patriarcal e enfatizou as relações de dominação entre os sexos, condenando a esposa a se tornar “uma escrava doméstica exemplarmente obediente e submissa”. A mulher existia para cuidar dos afazeres da casa e servir ao esposo com seu sexo. Araújo (2001) mostra uma igreja poderosa, exercendo forte pressão para adestrar a sexualidade feminina. O terrível mito do Éden<sup>6</sup> era lembrado constantemente às mulheres. Del Priore (2014, p. 35) afirma que “o homem procurava um responsável pelo sofrimento, o fracasso, o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher”.

Entre os séculos XII e XVII, a mulher foi estigmatizada como a representação do mal. Filha e herdeira de Eva, fonte do Pecado Original e instrumento do diabo sobre a face da Terra, seu corpo feminino era visto como um conjunto de imperfeições, quer do ponto de vista moral, quer fisiológico,

---

<sup>6</sup> Mito do Éden refere-se ao fato de, segundo a Bíblia, Eva ter comido o fruto proibido oferecido pela serpente, fazendo com que Adão pecasse e desta forma toda a humanidade ser condenada à morte pelo pecado (GÊNESIS 1).

transformando-se em algo maligno, essencialmente impuro. Ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, ela foi responsabilizada por induzir o homem à traição e ao pecado. Essa concepção enaltecia o homem ,enquanto a mulher e a sexualidade eram penalizadas como causa máxima da degradação humana (NUNES, 2000).

A mulher, no século XVIII, desempenhava o papel de propiciar as condições necessárias para que o homem pudesse produzir seu saber. As mulheres não tinham acesso ao estudo, viviam exclusivamente para o âmbito doméstico, e sua ambição era passível de castigo. Dessa forma, a mulher não podia desejar, senão ser desejada; ela era pensada desde o desejo do outro: o homem (ROITH, 1989).

Segundo Foucault (1988), muitos teóricos basearam suas teorias em uma hipótese repressiva sobre a sexualidade. Havia uma crença de que mecanismos de poder agiram, principalmente no século XVIII, de forma a silenciar a sexualidade e restringi-la ao âmbito da família conjugal, podendo ter apenas a função de reprodução. O restante é negado, expulso, reduzido ao silêncio, objetivando seu desaparecimento. As demais formas de sexualidade eram consideradas imorais, devendo sofrer sanções, e a repressão era vista como a forma de ligação entre poder, saber e sexualidade.

Considera-se que toda essa proteção direcionada à sexualidade da mulher relaciona-se com o fato de pouco se saber a respeito dos desejos femininos da época. Perrot (2007, p. 65) menciona que a sexualidade feminina era considerada um mistério e, por isso, atemorizava. Na época, essa sexualidade era vista por dois polos: a avidez e a frigidez. Segundo a autora, ao considerar a mulher ávida por sexo, essa passa a ser considerada “um poço sem fundo, onde o homem se esgota, perde suas forças e sua vida beira a impotência”. Kierkegaard (apud PERROT, 2007, p. 65), afirma que “a mulher inspira o homem enquanto ele não a possui”.

Para a autora, essa posse o aniquila. Dessa forma, a sexualidade da mulher que não pode jamais ser satisfeita amedronta o homem.

Nessa perspectiva, Del Priore (2014, p. 35) relata que

(...) o prazer feminino era considerado tão maldito que, no dia do Julgamento Final, as mulheres ressuscitariam como homens: dessa forma, no “santo estado” masculino, não seriam tentados pela “carne funesta”, reclamava Santo Agostinho. Com essa pá de cal, as mulheres foram condenadas por padres e médicos a ignorar, durante séculos, o prazer.

Araújo (2001) comenta que o fato de as mulheres poderem opinar e reconhecer a potencialidade sexual dos homens trazia certo temor. As mulheres insaciáveis deixavam os homens inseguros quanto à sua masculinidade. E observa-se que as mulheres faziam mesmo comparações. Na época do colonialismo brasileiro, eram comuns as senhoras se visitarem. Essas visitas que recebiam de suas vizinhas ou parentes era tempo suficiente para se comentar o desempenho sexual masculino na noite passada. Essas reuniões femininas eram, portanto, vistas como uma ameaça aos dotes masculinos.

Del Priore (2006), ao discutir sobre o sexo no casamento, menciona que o ideal era aderir ao discurso da igreja e dos manuais de casamento<sup>7</sup> sobre as práticas conjugais. O desejo feminino era visto como algo que desequilibrava o matrimônio e a beleza física era temida por associar a mulher a um instrumento do pecado.

Acreditava-se que a emissão da semente feminina era importante para a fecundação mas, por outro lado, o prazer podia levar à excessos. Coisa que não ficava bem numa mulher. Mulher era, então sinônimo de pudor. Obcecados

---

<sup>7</sup> Manual de Casamento era um livro contendo regras e procedimentos sobre a forma como os casais deveriam se comportar no matrimônio. Esse manual envolvia inclusive as práticas sexuais, limitando o que poderia ou não ser realizado pelo casal (DEL PRIORE, 2006).

pelos riscos que o sexo feminino representava, os médicos recusavam à mulher qualquer iniciativa. Mais. Negavam as manifestações e até mesmo a existência do desejo feminino. Cabia ao marido, portanto, regular a “enervação” da esposa, aplicando-lhe as doses homeopáticas do santo remédio da cópula (DEL PRIORE, 2014, p. 80).

Del Priore (2014) menciona que há relatos de que os corpos, durante o ato sexual, estavam sempre cobertos e há registros orais de camisolas e calçolas com furos na altura do pênis e da vagina. A nudez completa só começou a ser praticada em meados do século XX; antes estava associada ao sexo no bordel.

Em relação à frigidez feminina, Perrot (2007) relata que se trata do pressuposto de que as mulheres não sentem prazer, não desejam o ato sexual, não gostam do sexo. Daí surge a ideia de que o homem precisa buscar prazer em outro lugar: amantes e prostitutas são então encarregadas de sanar essa necessidade masculina.

Justamente por temer a sexualidade feminina e pouco conhecer sobre ela, “os homens sonham, cobiçam, imaginam o sexo das mulheres. É fonte do erotismo, da pornografia, do sadomasoquismo” (PERROT, 2007, p. 66). O prazer feminino é intolerável. Mulheres ávidas por sexo são consideradas perigosas, maléficas, semelhantes a feiticeiras.

Segundo Foucault (1988, p. 33) a sexualidade “está originalmente relacionada a tentativas de manter sob controle a atividade sexual feminina”, ou seja, as mulheres que desejavam ter prazer sexual eram anormais, portanto, necessitariam de intervenções que trouxessem soluções para essas “anormalidades”, e os estudos futuros trataram de buscar respostas para essas preocupações imediatas da sexualidade feminina.

No entanto, no século XIX, a mulher fez uma passagem da condição de herdeira de Eva à de filha da Virgem Maria. Essa imagem da santa representada pela Madona com o menino Jesus, ganhava o status do que há de mais sublime e santo na feminilidade. Na medida em que a maternidade aparecia como um ideal

ao qual a mulher deve almejar, a visão dos órgãos femininos transcendia a categoria da perfeição, e o útero passava a ser considerado um órgão nobre (NUNES, 2000).

Ainda no início do século XIX, o sexo consentido e até exigido (procriação) é aquele que acontece após o matrimônio. Del Priore (2006) relata a importância do casamento para as mulheres. Trata-se daquilo que elas tinham como mais precioso. Os pais buscavam casar suas filhas muito cedo, com 12 anos já podiam se casar. O casamento era visto como um negócio. O amor era totalmente dispensável ao se buscar um esposo. Tanto que as adolescentes se casavam quase sempre com homens mais velhos, por quem não alimentavam nenhum sentimento. A autora ressalta que isso fez com que, no casamento, esse amor também não existisse. Principalmente o “amor-paixão” que se refere ao desejo sexual dos cônjuges. Conforme ela cita, “a mulher seria, portanto, provedora e recebedora de um amor que não inspirasse senão a ordem familiar”.

Figueiredo (2001) aponta que o casamento aparece como o lugar da concupiscência, onde o desejo e a carne poderiam viver devidamente domesticados pela finalidade única de propagação da espécie. No matrimônio os casais viveriam relações de obrigação recíproca de uma sexualidade disciplinada sob a vigilância dos padres e da ordem cristã.

A história parece acompanhar as ideias de Freud ao tratar as mulheres como seres castrados e, portanto, incapazes e podadas no direito de vivenciar sua sexualidade. Nas palavras de Perrot (2007, p. 76)

(...) corpo desejado, o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade. Corpo comprado também (...). A gama de violências exercidas sobre as mulheres é ao mesmo tempo variada e repetitiva. O que muda é o olhar lançado sobre elas, o limiar de tolerância da sociedade e o das mulheres, a história de sua queixa.

Perrot (2007) afirma que, diante dessas condições de dominação e submissão, o direito de vender seu sexo aparece como um progresso, se ela se limitasse à remuneração de um serviço sexual. Trata-se do princípio da mulher livre, em um mercado livre, que leva algumas feministas a defenderem o direito das mulheres de se prostituírem. A autora ressalta, portanto, que a prostituição é motivada, na maioria dos casos, pela miséria, pela solidão e é também acompanhada de uma exploração do corpo e do sexo das mulheres.

### **2.3 Prostituição: contexto sócio-histórico, constituição como profissão e caracterização da categoria “luxo”**

No presente capítulo, discute-se a forma como a prostituição se desenvolveu no decorrer da história e as diversas transformações que incidiram sobre esse fenômeno. Inicialmente, aborda-se a história da prostituição em diferentes épocas vividas pela humanidade. A seguir, apresenta-se a prostituição como uma categoria profissional e finaliza-se abordando a prostituição de luxo, foco do presente estudo.

#### **2.3.1 A história da prostituição**

A prostituição feminina é uma prática que acompanha a história da humanidade, de tal modo que nenhuma civilização escapou da sua convivência. Tem-se relatos bíblicos sobre a prostituição com o caso de Maria Madalena, e no decorrer da história pode-se observar sua presença na sociedade, tornando-a conhecida como “a profissão mais antiga do mundo”. A palavra suméria para prostituta, *kar.kid*, aparece na primeira lista conhecida de profissões humanas, por volta de 2400 a.c., ao lado de ocupações como sacerdotes. O Código de Hamurabi

não apenas reconhecia as prostitutas, mas definia certos direitos para elas e seus filhos (STEARNS, 2007).

De acordo com Stearns (2007), a prática da prostituição surge nas sociedades agrícolas. Foi nessa sociedade que surgiram definições mais precisas de casamento e novas restrições ao sexo pré-marital e ao sexo extraconjugal. Dessa forma, a prostituição pôde surgir. O adultério passou a ser punido severamente e criou-se espaço para o aparecimento de um tipo diferente de serviço sexual. A crescente especialização da economia, em última instância, incluindo a introdução do dinheiro, estabeleceu condições em que mulheres podiam vender préstimos sexuais. Stearns (2007, p. 43) menciona que “as prostitutas talvez fossem as únicas mulheres independentes da dominação masculina, no controle da própria sexualidade. Mas é óbvio que esse status vinha acompanhado de um preço a pagar”.

Na Antiguidade, porém, as prostitutas eram figuras nobres na sociedade. Roberts (1998) relata que no período da pré-história, a mulher era associada à Grande Deusa, criadora da força da vida, e estava no centro das atividades sociais. Com tal poder, ela controlava sua sexualidade. Segundo a autora, por volta de 3.000 a.C., ao verificar a maneira como os bovinos se reproduziam é que as tribos nômades tomaram consciência do papel masculino na reprodução. Diante disso, as sociedades matriarcais da Deusa começaram, então, a ser subjugadas. Novas formas de casamento foram introduzidas, especificamente destinadas a controlar a sexualidade das mulheres.

Roberts (1998) relata que, nas grandes cidades, a grande Deusa continuou a ter sua importância. As sacerdotisas da Deusa participavam de rituais sexuais religiosos. Nesses rituais, as pessoas buscavam ser abençoados e, por isso, as sacerdotisas possuíam certo *status* na sociedade da época. Para a autora, elas se constituem como as primeiras prostitutas da História.

Stearns (2007) relata que, em sua origem, a prostituição pode ter sido de fato associada com Deuses e Deusas. No antigo Israel, há algumas evidências de “prostitutas sagradas” que trabalhavam nos templos reencenando matrimônios divinos. O autor relata, no entanto que, em geral, as prostitutas eram tidas como mulheres de baixa posição social, tanto que a lei judaica estipulava que o dinheiro de uma prostituta não era oferta adequada para os templos e as prostitutas eram proibidas de se casar com sacerdotes. Independente do status, as prostitutas efetivamente constituíram um grupo reconhecido nas sociedades agrícolas, oferecendo seus serviços.

Conforme menciona Roberts (1998), foi por volta de 2.000 a. C. que as mulheres foram classificadas como prostitutas. Daí começou a diferenciação moral entre as esposas, consideradas seres morais e as prostitutas, imorais. As prostitutas tornaram-se, então, pecadoras e os rituais sexuais não foram mais aceitos. A autora menciona que, nessa época, já existiam relatos de tentativas de separar as mulheres entre aquelas que eram boas (mulheres para casar, dóceis e obedientes) e as más (autônomas, prostitutas), sendo que a prostituta seria uma esposa intratável e desagradável, uma vez que estava acostumada a aceitar outros homens.

Prosseguindo, Rossiaud (1991) menciona que o Renascimento marca um momento de grande rejeição a prostituição. A sociedade passou a valorizar a mulher e o casamento passou a ter importância notável. O autor explica que a mulher começou a participar mais na sociedade, até mesmo porque a constituição da família tornou-se essencial. Essa forte tendência de rejeição à prostituição vai prevalecer por muito tempo, tornando cada vez mais difícil a vida das prostitutas.

Engel (1989) menciona que, no século XIX, no Rio de Janeiro, após a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, a vida em sociedade se modificou consideravelmente. A estrutura urbana se tornava mais complexa, oferecendo mais possibilidades de emprego, mas não conseguia absorver toda a mão de obra

disponível. Com restritas oportunidades, os indivíduos livres buscavam se ocupar dos diferentes “expedientes”. Se as oportunidades de trabalho eram poucas para os homens, eram ainda mais reduzidas para as mulheres. Podiam exercer o trabalho doméstico, o pequeno comércio, o artesanato, podiam ainda ser cartomantes, lavadeiras, coristas, dançarinas e atrizes. A maioria dessas ocupações era marcada pelo preconceito, podendo ser associadas à “prostituição enrustida”. Ademais, os padrões de comportamentos e valores eram muito rígidos, valorizando a monogamia e a virgindade da mulher (ENGEL, 1989).

No Brasil, acredita-se que a prostituição tenha iniciado com as escravas da corte que prestavam, além dos serviços domésticos, também serviços sexuais tanto para os seus senhores quanto para os demais homens da corte. Porém, foi em 1930 que a prostituição atingiu seu auge no Brasil, tendo sua maior representatividade, naquela época, no Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 2008). Em um quadro onde se misturavam casamentos por interesse e concubinatos, Del Priore (2014) menciona que a prostituta tornou-se necessária. O adultério masculino era, nessa lógica, necessário ao bom funcionamento do sistema.

Del Priore (2014) menciona o estudo do médico Dr. Lassance Cunha intitulado *A prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro*, em que o autor apresenta três classes de meretrizes: as aristocráticas ou de sobrado, as de “sobradinho” ou de rótula, e as da escória. As primeiras se alojavam em bonitas casas e não esperavam clientes no sofá, mas eram mantidas por ricos políticos e fazendeiros, uma vez que ter uma cortesã famosa era signo de poder na época. A maioria dessas mulheres eram estrangeiras que tinham melhorado financeiramente no império brasileiro depois de fracassadas carreiras na Europa. As segundas, meretrizes de sobradinho, também trabalhavam em hotéis localizados em Botafogo ou Jardim Botânico, no Rio de Janeiro. Esses lugares eram frequentados pelo “roceiro rico, o filho do senhor de engenho” (DEL PRIORE, 2014, p. 86). Lá encontravam não só estrangeiras como mucamas ou

mulatinhas, meninotas ou meninas. À noite, esperavam clientes ao longo das paredes nas avenidas mais importantes, mercados e praças. A terceira classe, conhecida como escória, era formada por mulheres de casebres ou mucambos<sup>8</sup>, as chamadas “casas de passe” e os zungus<sup>9</sup>. “Tratava-se de nauseabundas habitações pertencentes a negros quitandeiros ou os fundos de barbearias que por módico preço eram alugados” (DEL PRIORE, 2014, p. 87). A autora menciona que, ao frequentar o bordel, os homens correm o risco de aprender práticas que não poderiam transmitir à esposa e era comum os pais endinheirados pagarem cortesãs para iniciar seus filhos.

Dessa forma, a prostituição passou a ameaçar as mulheres de família, trabalhadoras e preocupadas com a saúde dos filhos e do marido. Existindo como uma ameaça às famílias, as prostitutas foram descritas com todos os vícios, pecados e excessos que se atribui a uma profissão exercida e até explorada por alguns chefes de família. A prostituta associava-se à sujeira, ao fedor, à doença, ao corpo putrefato. Tudo colaborava para estigmatizar como venal tudo o que a sexualidade feminina tivesse de livre. “Ameaça para os homens e mau exemplo para as esposas, a prostituta agia por dinheiro. E, por dinheiro, colocava em perigo as grandes fortunas, a honra das famílias. Enfim, era o inimigo ideal para se atirar pedras” (DEL PRIORE, 2014, p. 90).

A prostituição, nesse período, se mostrava uma ocupação que propiciava uma condição mais autônoma e independente, em termos sexuais, econômicos e emocionais. Era uma opção, por vezes, mais rentável e que ainda oferecia oportunidades de participar de assuntos e eventos que eram monopolizados pelo universo masculino. Possuía também diversas funções sociais, atuando a um só

---

<sup>8</sup> Denominação dada a moradias construídas artesanalmente, muitas vezes de frágil constituição.

<sup>9</sup> Casa dividida em pequenos compartimentos, freq. em mau estado de conservação ou insalubre, que serve de habitação coletiva para população pobre; cortiço, casa de cômodos.

tempo como resistência ao ideal da mulher frágil e submissa e também como forma de manter valores morais. Assim, por todo esse contexto social e econômico, muitas mulheres se tornavam prostitutas (ENGEL, 1989).

Com o tempo, o Rio de Janeiro passou a ser visto como um local de promiscuidade, perigoso, marcado por epidemias e por hábitos e posturas inapropriadas dos setores populares, de forma que tornou-se necessário limpar a cidade e disciplinar seus habitantes. Os médicos foram encarregados por esse serviço. Duas das faces dessa “doença” eram a prostituição e a sífilis, que se tornaram objetos do saber médico. Sob a influência de Parent-Duchâtelet, os médicos brasileiros estudaram a prostituição, buscaram as suas causas e efeitos, classificaram as prostitutas, debateram a regulamentação. Era preciso compreender essa “doença”, definindo-a, entendendo suas origens, seus sintomas e as formas de tratamento. Visavam ainda a impedir a propagação das doenças venéreas que assolavam a cidade, fortemente associadas à prostituição. Para realizar esses estudos sobre a prostituição, foram enfocadas três categorias básicas de classificação: perversão (doença física), depravação (doença moral) e comércio do corpo (doença social) (ENGEL, 1989).

Nessa perspectiva, observa-se que a primeira visão da prostituição se ligava à noção de sexualidade pervertida, como dimensão física do corpo doente. A sexualidade era vista como uma função orgânica, natural, sendo a satisfação do desejo sexual uma exigência fisiológica. Contudo, o desejo era ao mesmo tempo necessidade e veneno para o corpo, se ocorresse sua livre ou excessiva manifestação ou se não tivesse fins reprodutivos. A prostituição era vista como sexualidade pervertida, não natural, por estar relacionada ao prazer excessivo e desvinculada da reprodução. Assim, era identificada tanto como sintoma da doença como quanto foco de degeneração física. Destarte, era algo perigoso, associado à contaminação, por via das doenças venéreas e também do estímulo aos instintos de outros corpos. Por outro lado, todo o seu perigo era disfarçado por

uma capa de prazer, beleza e amor. A sífilis, por sua vez, era uma ameaça à integridade física, perturbando a saúde da população e degenerando a raça (ENGEL, 1989).

A segunda visão da prostituição a relacionava à depravação sexual, como dimensão moral do corpo doente. A própria definição de prostituição é indicativa dessa visão, sendo que compreendia as relações sexuais antinaturais e/ou moralmente condenáveis, como adultério, concubinato, poligamia. Não é o ato de fazer sexo por dinheiro que define a ocupação, mas o fato de ir contra regras de honestidade, ter relações com mais de um indivíduo ou abusar dos prazeres sem a intenção de procriar. Assim, o prazer em excesso é uma doença moral. São mulheres depravadas, selvagens, primitivas, loucas, que não controlam seus instintos, que predominam sobre a razão (ENGEL, 1989).

A terceira visão relaciona a prostituição ao comércio do prazer, que representa a dimensão social do corpo doente. É vista como ocupação, ofício e comércio, mas também como ociosidade. É atividade remunerada, mas não é legítima, sendo associada a noções de crime e delito. Além disso, era considerada fruto da miséria e produção do luxo, ambos ligados a uma ideia de negação do trabalho. Ademais, podia passar uma ideia de ganho falso e atrair outras mulheres, que seriam desviadas do trabalho honesto. Por outro lado, poderia contagiar o cliente, que se transformava em indolente, ocioso, inútil para a sociedade (ENGEL, 1989).

Tendo como foco esses três pontos, pode-se perceber que a prostituição era uma ameaça em diferentes sentidos, atingindo o corpo, a família, o casamento, o trabalho e a propriedade. Assim, era fundamental controlá-la ou eliminá-la. Alguns acreditavam que o controle seria feito pela limitação e isolamento, por medidas higiênicas e legais, transformando a prostituição em algo útil à sociedade. Para outros, controlar equivaleria a diminuir e buscar eliminar a prostituição, por meio da repressão policial rigorosa. Essas duas diferentes visões deram origem no

Brasil às concepções a favor e contra a regulamentação sanitária da prostituição (ENGEL, 1989).

O Brasil é um país considerado abolicionista em relação à regulamentação da prostituição (BRASIL, 2002), tendo assinado, em 1951, o Tratado Abolicionista Internacional, da ONU. Possui uma política de tolerância, não penalizando quem exerce a atividade, mas considerando crime ser gerente ou dono de casa de prostituição, impedindo o requerimento de leis trabalhistas. Pode-se observar que, por trás de tal postura, há uma visão de que a prostituta não tem culpa, embora esteja fazendo algo errado, sendo uma vítima que é “induzida ou atraída à prostituição”, conforme descrito no Código Penal Brasileiro. Segundo Vianna e Lacerda (2004), no plano criminal, a principal distinção é realizada entre prostituição de adultos e exploração de crianças e adolescentes. No caso da prostituição adulta, a definição das situações a serem combatidas é mais heterogênea, não sendo crime a prostituição em si. A exploração sexual de crianças e adolescentes, por outro lado, é crime em qualquer de suas formas, uma vez que são considerados prostituídos, tendo sido levados a ações das quais deveriam ser protegidos.

Apesar de ser considerado um país abolicionista, vários movimentos no Brasil pedem a regulamentação da prostituição. Os movimentos feministas influenciaram nesse sentido, por buscar direitos até então negados às mulheres. Dentre eles, o direito de vivenciar o sexo como um ser biológico que dele necessita tal como os homens, abandonando a antiga noção da mulher submissa ao homem, inclusive no que se refere à sexualidade. A partir disso, as prostitutas vão iniciar sua organização.

Essa organização tem se consolidado por meio da formação de associações e da execução de ações pautadas na compreensão partilhada por mulheres (prostitutas e aliadas) e outras pessoas (homens, travestis, transexuais) que entendem que o exercício da prostituição é atravessado por temas como

economia, sexualidade, migração, racismo e colonialismo. De tal forma que as questões envoltas à prostituição e sua complexidade não concernem apenas às prostitutas, mas à sociedade como um todo. Nessa compreensão, o combate a leis e atitudes que criminalizam e estigmatizam as prostitutas constitui-se em refutar dispositivos normativos que são empregados para silenciar e conformar todas as mulheres, marcando com estigma que transgride e não aceita o controle social imposto às mulheres (OSBORNE, 1991).

No que se refere à organização da categoria, Oliveira (2008) relata um importante marco para a prostituição, o dia 02 de junho de 1975, que consagrou o início da organização política da categoria, quando 150 prostitutas ocuparam a igreja de *Saint-Nizier*, em Lyon, na França e protestavam contra multas, prisões e até assassinatos que ocorreram e que nem chegaram a ser investigados. Cerca de 200 prostitutas percorreram as ruas em carros, distribuindo filipetas com denúncias de que eram vítimas de perseguição policial, o que as impedia de trabalhar.

Conforme relata Leite (2009), o movimento associativo de prostitutas no Brasil foi marcado pelo I Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987, onde se criou a Rede Brasileira de Prostitutas, que luta pelo reconhecimento legal da profissão. Moraes (1995) aponta que o objetivo inicial daquele encontro foi o de fomentar o surgimento de associações de prostitutas em diversos pontos do país favorecendo a articulação de uma rede de contato e intercâmbios para reivindicar direitos sociais. A dinâmica do encontro foi organizada por meio de grandes plenárias e discussões em pequenos grupos. A autora reconhece que a configuração desse encontro como marco na história das associações brasileiras de prostitutas se deve ao lastro dessa questão no espaço público, isto é, à maneira como ecoaram as formas pelas quais buscava se organizar esse segmento social que antes era percebido como um grupo alienado e que passa a ter outra visibilidade na mídia.

Após a realização desse evento, a prostituição deixa de ocupar apenas as páginas policiais e passa a ser noticiada também como questão social e política.

Em 2004, a Rede de Trabalhadoras Sexuais da América Latina e Caribe, sob a coordenação de Gabriela Leite e Elena Reynaga (Argentina), fez encontro na Venezuela, com a participação de integrantes de oito países em que foi realizado o planejamento estratégico da Rede. Durante esse evento, definiu-se que o principal foco para o próximo ano seria fortalecer as instituições participantes e consolidar a voz das trabalhadoras do sexo da região (LENZ, 2004).

Foi realizado, no mesmo ano, o Encontro Nacional e Internacional de Líderes Trabalhadoras Sexuais, em Lima no Peru, organizado pela associação Miluska Vida e Dignidade e pela ONG Capesju, contando com a participação de mais de 70 mulheres que representavam Brasil, Chile, Argentina, Equador e México. A discriminação e a violência policial foram apontadas como os principais problemas enfrentados na América Latina, sendo que os grupos representados iniciaram suas lutas a partir da resistência contra a violência policial (LENZ, 2004).

Em 2005, uma das ações conjuntas das entidades participantes da Rede Brasileira de Prostitutas (RBP) foi a realização de manifestações pelo Dia Internacional da Prostituta. O ano foi marcado ainda pelo lançamento do site da RBP e do Davida<sup>10</sup> (DAVIDA, 2005). Foi também nesse ano que ocorreu o lançamento da grife Daspu<sup>11</sup>, na Praça Tiradentes, que gerou grande rebuliço na mídia nacional e internacional. (LENZ, 2004).

---

<sup>10</sup> Davida é uma organização não governamental cuja missão é criar oportunidades para o fortalecimento da cidadania das prostitutas, por meio da organização da categoria, da defesa e promoção de direitos, da mobilização e do controle social (DAVIDA, 2018).

<sup>11</sup> Daspu é a grife da Davida que busca produzir novos sentidos sobre a prostituição, ao afirmar libertariamente a identidade da prostituta (LENZ, 2004).

Ocorreu, em 2008, o IV Encontro da Rede Brasileira de Prostitutas, promovido pela Davida, na Praça Tiradentes, com o tema “Profissão meretriz”. Esse evento abordou temas como as parcerias governamentais e privadas, impacto das legislações, violações de direitos humanos e estigma associado às prostitutas. Contou com a participação de 20 associações brasileiras, de 25 cidades e cinco regiões do Brasil (DAVIDA, 2005, 2008). Uma agressão física sofrida pela prostituta Márcia Martins, de um cliente, em um hotel de Belo Horizonte, teve uma decisão final do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que acabou por abrir as portas para que prostitutas possam receber indenização por dias não trabalhados. Apesar do benefício não ter sido concedido à mulher em questão, o argumento para tal foi de que não havia referências claras de valores e tabelas de preço. Para Roberto Domingues, que acompanhava o processo de perto, foi uma vitória do movimento (LENZ, 2004).

Ao longo de todos esses anos, Chateauvert (2014), considera que uma das vitórias do movimento de prostitutas foi a redução do preconceito contra o trabalho com o sexo e que as pessoas da indústria têm tomado mais as rédeas sobre os seus trabalhos e as condições e dado seus depoimentos em formas diversas, como livros, filmes e revistas (CHATEAUVERT, 2014).

Após contextualizar a prostituição no decorrer da história, e apontar alguns fatores que influenciaram no atual cenário que se tem para essa categoria, apresentam-se, no próximo item, alguns conceitos e desdobramentos que recaem sobre a prostituição como categoria profissional.

### **2.3.2 A prostituição como categoria profissional**

A prostituição, assim como o patriarcado, constitui um traço universal da vida humana em sociedade, entendimento muito bem expresso pelo clichê, “a mais antiga profissão” (PATEMAN, 1993, p. 287). A alegação de que a

prostituição é uma característica universal da sociedade humana não se apoia unicamente nesse clichê, mas também no pressuposto de que a prostituição se origina da necessidade sexual natural dos homens. Existe um instinto natural (masculino) e universal que, supostamente necessita, e sempre necessitará da válvula de escape fornecida pela prostituição (PATEMAN, 1993).

A prostituição é vista como uma prática, por meio da qual se oferece sexo em troca de dinheiro, sendo a prostituta aquela que vive a partir da prostituição. Costa, Silva e Nascimento (2009) referem-se à prostituição como a prática de comercializar serviços de natureza sexual como prazer, fantasias, sexo, carícias, etc. De acordo com Pateman (1993), como prostitutas, as mulheres comercializam abertamente seus corpos e, como trabalhadoras, recebem por isso. Ao discutir o contrato sexual e a prostituição, Pateman (1993, p. 280) sugere que “é simplesmente uma questão do grau em que uma mulher se vende a um homem, dentro ou fora do casamento, ou a vários homens”.

Poulin apud Rosa (2008), relata que houve um crescimento vertiginoso da prostituição nos últimos anos, principalmente nos países do hemisfério sul. No Brasil, a prostituição tem encontrado terreno fértil, o que tem feito com que se prolifere consideravelmente, independentemente do tipo de prostituição a que se refere.

Independente da modalidade de prostituição a que se esteja referindo, nota-se que a discriminação e o preconceito em relação a essas profissionais está presente. Ainda que esse mercado tenha crescido consideravelmente no Brasil nos últimos anos, nota-se que tal crescimento não tem colaborado para diminuir a condenação moral direcionada às prostitutas. Silva e Blanchette (2009) relatam que a prostituição no Brasil pode ser compreendida por dois eixos tradicionais. O primeiro entende que se trata de um fenômeno semicriminoso. Nesse sentido, a prostituição é vista como uma questão de ordem pública, trazendo à cena as autoridades instituídas do Estado que têm como dever fiscalizar a prostituição,

sendo a polícia e os médicos chamados a desempenharem esse papel. Já o segundo eixo aborda a prostituição a partir de valores morais. De acordo com Silva e Blanchette (2009), diversas igrejas do Brasil veem as prostitutas como pecadoras, enquanto outros agentes morais não religiosos as situam como mulheres vulneráveis e até escravizadas.

A prostituta é uma mulher e, portanto, compartilha com todas as mulheres em empregos remunerados uma posição incerta como “trabalhadora”. Mas a prostituta não é exatamente como qualquer outra mulher que trabalha; sua posição é ainda mais incerta. A prostituição se difere das outras formas de trabalho praticado por mulheres e, particularmente na extremidade inferior do mercado, as prostitutas se diferenciam das outras mulheres que trabalham. A não -aceitação da prostituta como uma trabalhadora ou prestadora de serviço se dá devido à hipocrisia e às posturas distorcidas em torno das relações sexuais (PATEMAN, 1993).

Algumas feministas compartilham o pressuposto de que o trabalho da prostituta é exatamente como qualquer outro trabalho remunerado. Pateman (1993) menciona que a prostituta simplesmente trabalha em uma profissão diferente e oferece um tipo diferente de serviço daquela oferecida por outros trabalhadores. Dessa forma, a autora sugere que a crítica à prostituição se expressa em termos econômicos, ou seja, por meio de argumentos de que as prostitutas são forçadas por necessidades econômicas a ingressar nesse mercado. A prostituição é apresentada como decorrência da participação involuntária das mulheres. Outro forte argumento comum entende que o equívoco da prostituição está no fato de permitir a degradação e a exploração das mulheres engajadas nesse mercado, como ocorre com muitas outras categorias de trabalhadores no sistema capitalista. Esse argumento vai de encontro aos críticos marxistas que não encaram apenas as prostitutas como trabalhadoras exploradas, supondo que todos os trabalhadores estejam nessa mesma situação.

Long, Mollen e Smith (2011), em um estudo realizado em um ambiente universitário objetivando verificar as atitudes das pessoas com relação a profissionais do sexo, demonstraram que aquelas pessoas que conheciam algum trabalhador do sexo tinham atitudes menos estereotipadas em relação a esse grupo. No entanto, aqueles que desejavam ascender para um nível social mais alto no grupo apresentaram tendência à hostilidade para com as mulheres e tiveram atitudes mais estereotipadas em relação aos trabalhadores do sexo.

O estigma carregado pelas prostitutas é, para algumas, motivo de tristeza e solidão, uma vez que torna difícil a criação de laços afetivos na sociedade. Em relação aos efeitos dessa estigmatização, Abel (2011) revela que a forma com que elas lidam com essas questões, resistindo ou gerindo, tem forte impacto na saúde dessas profissionais, principalmente no que se refere ao adoecimento por problemas psicológicos.

Em se tratando de doenças psicológicas, Gorry, Roen e Reilly (2010) relatam uma pesquisa em que exploraram as implicações psicológicas da prostituição para suas profissionais. Os resultados revelaram o impacto emocional, uma vez que o trabalho afeta a autoestima, muitas vezes fazendo-as se sentirem estigmatizadas, envergonhadas e degradadas.

Entre os motivos pelos quais elas entram para a prostituição, na maioria dos casos, verificam-se questões relacionadas a uma vida de dificuldades, miséria, insatisfação, desemprego. Com o passar do tempo, porém, passam a ver esta atividade como uma forma de obter renda que jamais obteriam em outras atividades nas quais teriam condições de atuar (COSTA; SILVA; NASCIMENTO, 2009; LOPES; RABELO; PIMENTA, 2007; MOREIRA; MONTEIRO, 2009).

A pesquisa realizada por Dodsworth (2012) trata dos fatores que influenciam o envolvimento com a prostituição. O estudo abordou 24 histórias de vida de prostitutas. Os resultados demonstraram que a idade no primeiro

envolvimento é algo que interfere, assim como as experiências da infância e as adversidades vividas quando adultas. Também o estudo de Cobbina e Oselin (2011) analisa que, entre os fatores causais de entrada para a prostituição, encontram-se a marginalização econômica, a dependência de substâncias, e as redes interpessoais.

Ainda o estudo de Lopes, Rabelo e Pimenta (2007, p. 72), realizado com prostitutas de Goiânia, demonstra que, para elas, “os fins justificam os meios, já que, através do dinheiro ganho na prostituição, é possível adquirir respeito, amigos, família e tudo mais que necessitam para viver dignamente”. Essa possibilidade de consumo faz com que essas mulheres continuem na prostituição, tendo em vista que, dado o seu nível de escolaridade, a inexperiência em outras atividades e o próprio estigma que carregam como prostitutas tornam difícil conseguirem outro trabalho que lhes proporcione a mesma renda.

Mellor e Lovell (2011), analisando prostitutas da Inglaterra, especificamente suas vidas e a percepção delas em relação aos problemas de saúde, verificaram que se trata de uma vida complexa, com violências, drogas, álcool e problemas de moradia. A combinação desses fatores leva à exclusão social daquelas mulheres. No que se refere à saúde, observou-se que elas não conheciam os serviços de saúde nem o serviço específico de apoio ao seu grupo.

Muitas discussões femininas recentes concordam que a prostituição é simplesmente um trabalho e que a prostituta é uma trabalhadora, como qualquer outro trabalhador assalariado. As prostitutas deveriam, portanto, ter direitos sindicais e as feministas frequentemente encaminham propostas para que as trabalhadoras controlem a indústria sexual. Pateman (1993) relata que argumentar dessa maneira não é necessariamente defender a prostituição – pode-se defender os direitos sindicais, ao mesmo tempo em que se reivindica a abolição do trabalho capitalista assalariado – mas, na falta de um argumento contrário, o que se sugere implicitamente em muitas discussões feministas é que, se a prostituta é uma

simples trabalhadora, dentre outras, a conclusão adequada é que não há nada de errado com a prostituição, ou seja, não há nada de errado na prostituição que não seja errado da mesma forma em outros tipos de trabalho.

Há uma troca voluntária entre a prostituta e o cliente, e o contrato de prostituição é exatamente como o contrato de trabalho. Na perspectiva do contrato apresentada por Pateman (1993), a prostituta detém a propriedade no mercado. Uma prostituta não vende a si mesma ou mesmo seus órgãos sexuais, como normalmente se admite, mas contrata o uso de serviços sexuais.

No intuito de melhorar suas condições de trabalho, bem como diminuir a discriminação contra essa categoria, as prostitutas organizadas conquistaram a legalização de seu trabalho no Brasil, passando a prostituição a ser considerada uma atividade profissional. De acordo com Rodrigues (2009), a perspectiva desses movimentos organizados é colocar a discussão da prostituição no campo da cidadania enfatizando-se, em especial, a questão de a atividade referir-se a direitos sexuais e trabalhistas, e não a uma questão criminal e penal. Nesse sentido, um passo já foi dado: a aprovação, em 2000, da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) incluindo a profissional do sexo como categoria profissional.

É importante refletir sobre até que ponto a legalização seria de todo positiva para as prostitutas, uma vez que tornar a atividade legal pode ocasionar outros problemas. Cho, Dreher e Neumayer (2013) afirmam que existe a possibilidade de a legalização aumentar consideravelmente o tráfico de mulheres. Segundo os autores, os países que legalizaram a prostituição, atualmente, são procurados por traficantes de mulheres para fixarem seus negócios.

Quando se fala que a prostituição é exercida por mulheres que procuram uma vida fácil, é projetada uma ideia de um trabalho leve a partir do qual se obtém uma renda sem grande esforço. Contudo, o trabalho leve e o trabalho pesado, conforme discutido por Paulilo (1987), quando se trata da divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres, são categorias que variam segundo o sexo do

trabalhador e o seu lugar hierárquico dentro da família patriarcal e da sociedade. Assim, o trabalho considerado leve pode ser exercido por mulheres, porém é desvalorizado, não reconhecido e, muitas vezes, realizado em tempo parcial para que seja possível ser conciliado com as tarefas domésticas. O trabalho pesado, por outro lado, mais valorizado, reconhecido e em tempo integral, destinar-se-ia aos homens, considerados chefes da família. A prostituição, estigmatizada como uma escolha de vida fácil, na verdade, pode se apresentar como uma das poucas opções para mulheres que precisam dar sustento à família, não possuem escolaridade e vivem em condições insalubres. Entretanto, nada tem de leve, ou de fácil.

A prostituição enfrenta sérias dificuldades para se legitimar e ser aceita como um trabalho na sociedade. Trata-se de um processo histórico que tem início com o não reconhecimento da mulher como detentora do direito de possuir e viver sua sexualidade. Com o passar dos anos, a mulher tem conseguido se desprender de certas amarras que a contem e as impedem de se impor como seres autônomos em relação à sua sexualidade. No entanto, ainda prevalece a concepção de que esse sexo não pode ser desmedido e nem tampouco utilizado para fins de trabalho. Isso põe em questão as prostitutas, que têm no sexo o seu trabalho, tornando seu cotidiano repleto de estigmas e preconceitos.

### **2.3.3 A prostituição vivenciada como uma experiência de luxo**

Ao iniciar a discussão sobre a prostituição de luxo, faz-se necessário caracterizar o que é luxo e suas implicações nas experiências de consumo. Etimologicamente, o termo luxo já em sua origem possui conotações polarizantes (grandeza e dissolução, excesso e magnificência), abarcando também sentidos materiais, concretos (grandes despesas, bens custosos) e aspectos intangíveis (supérfluos, prazer, ostentação). Admitindo que luxo não é o usual ou necessário, mas o raro ou desejado, percebe-se que pertence a um universo muito mais mental

que material. O conceito de luxo liga-se tanto aos objetos quanto a códigos, comportamentos, valores estéticos e estilos de vida (CASTAREDE, 2005).

O bem luxuoso é, ao mesmo tempo, veículo para o prazer e instrumento de diferenciação social, de demonstração de riqueza e status. Para D'Angelo (2004, p. 26) “o luxo é uma invenção social, uma criação do homem. É um conjunto de significados atribuídos a determinados objetos e atividades”. Dentre essas atividades, tem-se a prostituição, que por uma série de características, classifica suas profissionais em diversas categorias, sendo uma delas, a prostituição de luxo.

As poucas discussões que giram em torno desse tipo de prostituição, buscam apresentar as prostitutas em uma nova perspectiva no que se refere aos motivos de entrada e permanência nesta atividade, bem como diversos outros aspectos que permeiam a prostituição de luxo.

A partir da leitura de textos como os de Bittencourt (2008), Guimarães (2007), Leite (2009), Santos (2011), é possível perceber que há um desejo social de querer moralizar as prostitutas, de querer torná-las vítimas, pobres sofredoras, fruto de uma sociedade machista e capitalista. Em geral, os trabalhos querem oficializar o discurso de que a mulher prostituta, no fundo, não quer se prostituir, que está nessa vida apenas por falta de opções. Enquanto que, na realidade, existem mulheres, mesmo as de baixo meretrício, conforme relata Barreto (2011), que se prostituem por vontade própria, porque gostam, porque se realizam por intermédio dessa profissão. Nesses casos, observa-se que se trata de mulheres que conquistam uma boa fonte de renda e se mantêm num patamar econômico relativamente elevado, o que as possibilita manterem um padrão de vida satisfatório e consumirem o que desejam, como é o caso das prostitutas de luxo.

Nessa perspectiva, Barreto (2014) afirma que as prostitutas podem ser felizes, podem estar felizes com sua profissão, podem gozar e curtir seus programas, fato que uma sociedade moralista resiste em aceitar, tentando pregar

o contrário, ou seja, o papel da prostituta sofredora, flagelada, explorada e infeliz. Obviamente isso está atrelado às possibilidades e autonomia que cada uma delas consegue desenvolver. No que se refere à prostituição de luxo, foco desta pesquisa, percebe-se que o lugar social que essas mulheres ocupam as coloca em outro nível de discussão.

Segundo Silva e Blanchette (2009), a prostituição de luxo é considerada muito fechada e se caracteriza como aquela em que os clientes pagam preços exorbitantes por um programa. As prostitutas, na maioria das vezes, são modelos, atrizes, que acompanham e prestam serviços sexuais para homens de posses, incluindo deputados, jogadores de futebol, atores, enfim, celebridades em geral.

Oliveira (2008) relata que a categoria das prostitutas de luxo é composta por mulheres que captam seus clientes em boates, nas ruas da zona sul da cidade, em casas de massagem, por meio de anúncios em jornais, sites, por telefone ou ainda por outras formas. Diferente das prostitutas do baixo meretrício, essas meninas jamais fazem “ponto” na rua e não se expõem. Trabalham em casas discretas ou boates frequentadas por empresários, políticos, jogadores de futebol ou qualquer homem/mulher/casal com um alto poder aquisitivo (BARRETO, 2014).

Trata-se de garotas de nível educacional superior, mais sofisticadas e com um guarda-roupa à altura da exigência. Apesar de serem prostitutas, não gostam de ser tratadas como mulheres vulgares. São geralmente indicadas por colegas ou por clientes conhecidos. Os encontros são geralmente marcados por telefone, evitando deixar mensagens de voz ou enviar mensagens escritas, a fim de permanecerem praticamente “sem rastro” (GUIMARÃES, 2007).

O cliente desse tipo de prostituição possui dinheiro, influência e não gosta de ser reconhecido como tal, esforçando-se ao máximo por não levantar a mínima suspeita. São com toda a naturalidade as prostitutas mais bem pagas e esforçam-se por manter uma ética profissional que consiste em não pronunciar o nome do

cliente, nem mesmo a uma colega. Também não usam os seus números de telefone pessoais, para minimizar os riscos que correm. Dessa forma, passam ao lado do conhecimento das autoridades e de toda e qualquer estatística credível, podendo o negócio continuar a render por mais tempo.

Barreto (2014) aponta várias características das prostitutas de luxo. Segundo a autora, são garotas com excessivo cuidado com os cabelos, com a pele, com o corpo, com a higiene íntima, com o uso de preservativo, com a alimentação e com o uso de roupas de boa qualidade. É grande a frequência em salões de beleza, em academias de ginástica, em clínicas para tratamentos estéticos e em lojas que vendem roupas de grifes. Isso porque sua aparência é o seu cartão de visita e quanto mais bonitas, bem vestidas e, principalmente, menos aparentarem serem profissionais do sexo, melhor será sua clientela, visto que um dos fatores que as caracterizam como acompanhantes de luxo é justamente não corresponderem ao estereótipo de prostitutas.

Outra característica apontada por Barreto (2014) refere-se à forma com que divulgam seu trabalho, apontada como sendo a divulgação em sites da internet. São comuns sites destinados apenas a apresentar garotas de programa de alto luxo. Através desses sites, as mulheres postam fotos e informações pessoais para os clientes entrarem em contato e assim poderem marcar os programas. Nessas fotos, as garotas mostram seus corpos, contudo, a grande maioria esconde o rosto, para não se exporem e manterem o anonimato. Muitas delas escondem da família ou do(a) parceiro(a) que se prostituem, bem como não querem ser reconhecidas como garotas de programa.

Outra importante característica ainda apontada por Barreto (2014) é o fato de virem de famílias com bom poder aquisitivo, que puderam proporcionar a elas o ingresso em escolas particulares, melhorando seus níveis de instrução. Assim, é comum que as acompanhantes tenham, além do ensino médio concluído, a fluência em falar pelo menos dois idiomas. A clientela que procura esse tipo de

serviço sexual é exigente, querem meninas bonitas, bem instruídas, elegantes, que saibam se portar e conversar, visto que elas não apenas são contratadas para o ato sexual, mas também para acompanhar os clientes em festas, jantares e viagens. Muitas dessas meninas são universitárias e se prostituem para pagar seus cursos na universidade. Há também mulheres que são formadas, mas que encontram na prostituição de luxo uma maneira de ganhar uma renda maior do que ganhariam atuando dentro de suas áreas de formação.

Santos (2011) acredita que a prostituição de luxo é um meio para elas ganharem uma boa quantia de dinheiro e assim poderem manter um alto padrão de consumo. Contudo, acredita-se que não seja apenas esse desejo em consumir que as mantém no mundo das acompanhantes de luxo. O desejo de comprar roupas caras, acessórios caros, de andarem em carros, muitas vezes importados, de estarem semanalmente em salões de beleza e em clínicas de estética, de frequentarem festas e bares badalados, certamente caracteriza acentuadamente a vida dessas mulheres.

Conforme exposto neste tópico, a prostituição de luxo se difere em diversos aspectos das demais categorias de prostituição, em decorrência de seu público e espaço de atuação de suas profissionais. Essas diferenças estão atreladas a elementos que colocam essas mulheres na condição de mercadorias de luxo disponíveis para consumo no sistema capitalista. Pretende-se aprofundar no conhecimento sobre o trabalho na prostituição de luxo por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD), que focaliza seus esforços nas interpretações dos fenômenos sociais baseados na compreensão do discurso, na linguagem e na prática social.

#### **2.4 A Análise Crítica do Discurso (ACD) como abordagem teórico-metodológica**

O presente tópico apresenta e discute a Análise Crítica do Discurso (ACD) a partir da abordagem de Norman Fairclough, buscando evidenciar seu contexto introdutório, bem como suas dimensões textual, discursiva e social.

#### **2.4.1 Análise Crítica de Discurso (ACD): contexto introdutório**

A Análise Crítica do Discurso (ACD) desenvolveu-se no final dos anos 1980, na Europa, como um dos desdobramentos da linguística crítica, por meio de pesquisas – em especial – de Norman Fairclough, Ruth Wodak e Teun Van Dijk. No início da década de 1990, a ACD se consolidou como disciplina, reconhecendo que a realidade está envolvida em processos hegemônicos e ideológicos. Fairclough salienta que a Análise Crítica do Discurso (ACD) é difícil de ser categorizada, uma vez que, não se pode definir claramente qual o campo e o foco de aplicabilidade dessa abordagem, pois ela pode ser utilizada nos mais diversos contextos.

Nessa perspectiva, a Análise Crítica do Discurso deve ser entendida como interdisciplinar e interdiscursiva, estabelecendo um diálogo entre a Linguística e a Semiótica, incluindo a Análise do Discurso, e a Teoria Social, preocupada com a teorização dos processos sociais e a articulação de mudanças (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001). Além disso, a interdiscursividade também se faz necessária para relacionar sociologicamente a análise linguística sistêmico-funcional a processos mais amplos de transformação social presentes em sociedades contemporâneas (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Mais do que interdisciplinar, Fairclough (2001) advoga que a Análise Crítica do Discurso assume um caráter transdisciplinar, em que ela não apenas utiliza conhecimentos de outras áreas, mas também produz conhecimento a partir dessa interdisciplinaridade. Assim, a Análise Crítica do Discurso produz teorias

próprias, que sintetizam outras teorias na mediação entre o social e o linguístico (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

O discurso é central na vida social (FAIRCLOUGH, 2008), pois qualquer ação no mundo se dá a partir do discurso e por meio dele, assim, conforme apontado por Tilio (2010), a Análise Crítica do Discurso, entre tantos modelos de análises de discursos, pode ser considerada um instrumental teórico-metodológico importante para esse tipo de análise, uma vez que contempla não apenas a análise linguística, mas também a crítica social e o momento sócio-histórico da contemporaneidade. Ademais, sua concepção transdisciplinar não a restringe a um modelo de análise estático e engessado, permitindo o diálogo com diversas outras teorias que se alinhem aos seus pressupostos (BAKHTIN, 2002; FOUCAULT, 2001).

A Análise Crítica do Discurso pode ser considerada, então, tanto teoria quanto método: como um método de análise de práticas sociais com interesse específico nos momentos discursivos que unem preocupações teóricas e práticas às esferas públicas, onde as formas de análise “operacionalizam” – tornam práticas – teorizações sobre o discurso na vida social, e a análise contribui para o desenvolvimento e elaboração dessas teorias (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

Em termos epistêmicos, Resende e Ramalho (2011) consideram que as bases da ACD estão fundamentadas em leituras marxistas da realidade social, construídas coletivamente pela intersubjetividade manifesta e oculta nas relações estabelecidas entre as pessoas e o mundo que as cercam. Especificamente nessa vertente, reconhece-se o papel do pesquisador-analista como integrante do processo discursivo, no qual ele obtém responsabilidade política pela análise e pela mudança social da realidade pesquisada (FAIRCLOUGH, 2003). Em outras palavras, o referido autor denota que o estudo analítico não é um fim em si mesmo, pois existe um comprometimento com a mudança social e discursiva. Esse aspecto

é importante em pesquisas por assumir a possibilidade de intervenção do pesquisador-analista na realidade, o que permite uma postura pedagógica em relação ao campo, abrindo caminhos para a utilização da ACD nas pesquisas em ciências sociais.

Outras possíveis influências teóricas que orientam a ACD encontram-se em Michel Foucault, que definiu discurso, não apenas como a linguagem, mas como um sistema de conhecimento que tem como objetivo controlar a sociedade, por meio da regulação do saber e do exercício do poder; e Mikhail Bakhtin, para quem a linguagem é sempre utilizada de forma ideológica. Para Foucault (2001), discursos são sistemas de conhecimento que incorporam o poder. Dessa forma, todo discurso está impregnado com o poder, em maior ou menor grau, e pode servir para regular a sociedade, pois condicionam o conhecimento disponível. Sendo a linguagem um importante elemento do discurso, embora não o único, deve-se reconhecer que o uso da linguagem ocupa um papel de destaque na sociedade. O trabalho de Foucault (2001) é, por isso, seminal em análise do discurso, e “um importante ponto de referência para a Análise Crítica do Discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 233). Já Bakhtin (2002) foi o primeiro a propor uma teoria linguística de ideologia. Segundo ele, “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BACKTIN, 2002, p. 36), pois “funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica, seja ela qual for” (BACKTIN, 2002, p. 37) e “acompanha e comenta todo ato ideológico” (BACKTIN, 2002, p. 37), estando “presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (BACKTIN, 2002, p. 38). Sendo assim, “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2002, p. 95).

Resende e Ramalho (2011) destacam que Bakhtin foi o fundador da primeira teoria semiótica de ideologia, da noção de "dialogismo" na linguagem e precursor da crítica ao objetivismo abstrato de Saussure (1981 apud RESENDE;

RAMALHO, 2011). Seus estudos promoveram avanços na concepção linguística da língua, extrapolando a noção dicotômica e objetivista de Saussure sobre língua (dimensão social) e fala (dimensão histórica, individual). De forma contrária à concepção saussuriana de língua (como um sistema monólogo), Bakhtin compreende a linguagem como um processo de interação social e a língua como um sistema de interação verbal. Em outros termos, a ACD assume que a linguagem integra a vida social, bem como reconhece a sua materialidade relacionada ao contexto sócio-histórico (FAIRCLOUGH, 2003). Tais constatações foram essenciais no desenvolvimento da ACD, firmando a base conceitual para a compreensão de como os discursos constituem-se dentro de uma realidade histórica e específica.

#### **2.4.2 O discurso na visão faircloughiana**

Para Fairclough (2016), o discurso é concebido, por meio de um processo circular, em que práticas sociais influenciam textos e esses influenciam a sociedade, modelando os pontos de vista daqueles que os leem ou consomem. A ACD, portanto, desvela as inconsistências, as contradições e os dilemas nas estruturas internas dos textos e dos discursos (IRIGARAY; CUNHA; HARTEN, 2016).

Fairclough (2016) apresenta o discurso como sendo mais que a utilização da linguagem. Para ele, trata-se do uso da linguagem, independente da forma, vista como uma prática social. Nessa perspectiva, Irigaray, Cunha e Harten (2016) afirmam que o discurso não deve ser entendido como instrumento de comunicação, mas uma prática social, e, por isso mesmo, as estruturas do discurso e as estruturas sociais mantêm relações complexas de influência. Para os autores, a compreensão em relação à sociedade está atrelada ao entendimento do discurso

que nela se produz e circula; para entender o discurso, é preciso entender a sociedade que o constitui.

Para Fairclough (2016), o discurso refere-se ao uso da linguagem como prática social e não como uma atividade individual. Dessa forma, o discurso é concebido como modo de ação e de representação. Nessa perspectiva, Resende e Ramalho (2011) afirmam que, por um lado, estruturas organizam a produção discursiva na sociedade e cada novo enunciado é uma ação individual sobre tais estruturas que pode contribuir para a continuidade e transformação de formas recorrentes de ação. O uso da linguagem como prática social implica também uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social se dando esta entre a prática social e a estrutura social. Por fim, o discurso é socialmente constitutivo.

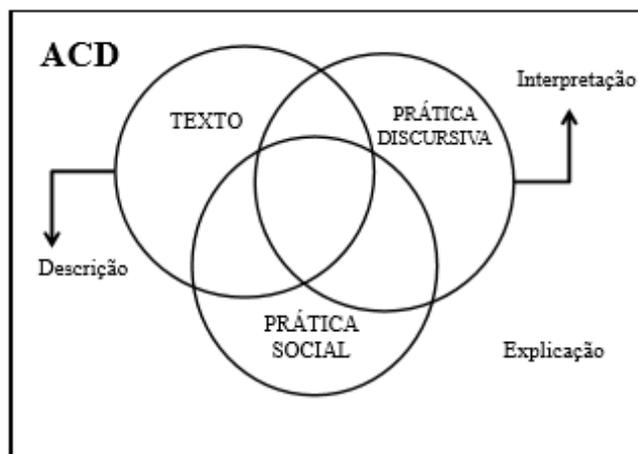
O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95).

No que se refere a esse processo de constituição, Fairclough (2016) menciona também que a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui na reprodução da sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também atua em sua transformação. Dessa forma, a constituição discursiva da sociedade não surge de maneira livre nas pessoas, surge por meio de uma prática social já “enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 97).

Para Fairclough (2001, p. 28), o discurso é o “uso da linguagem, seja ela falada ou escrita, vista como um tipo de prática social”. O autor defende que a linguagem guarda relações com poder e com ideologias. Em termos teóricos, o

discurso possui três dimensões para Fairclough (2001): texto, prática discursiva e prática social.

Figura 1 - Dimensões da análise crítica do discurso.



Fonte: Arantes (2015, p. 85)

Conforme demonstrado na Figura 1, em termos conceituais, o texto e a prática social são dimensões micro e macro, respectivamente dos eventos discursivos, que são mediados pela prática discursiva. Em analogia à Teoria de Conjuntos, o texto está contido na prática discursiva, e essa última contida na prática social (RESENDE; RAMALHO, 2011). O texto, então, serve à prática discursiva como função de sentido, ao passo que está referendado em uma prática social permeada por relações hegemônicas e ideológicas. Nessa abordagem, reconhece-se a hegemonia como a configuração de práticas que naturalizam relações e ideologias específicas e que são, na sua maioria, práticas discursivas, e a ideologia como sustentáculo das relações de poder e de dominação na reprodução da ordem social, ou das ordens de discurso (FAIRCLOUGH, 2003).

Vale lembrar que esse movimento de detalhar e dividir as dimensões do discurso (textual, discursiva e prática) é ilusório, pois tem apenas uma função

didática (FAIRCLOUGH, 2001), que consiste na operacionalização da análise diante da proposta da interferência discursiva na realidade e para promover as mudanças sociais defendidas por Fairclough (2016). Por se pautar em uma visão ontológica realista, Fairclough (2016) assume que a realidade não pode ser reduzida ao conhecimento que temos dela, de tal modo que a análise do texto nunca é completa, é sempre seletiva e, por essa razão, não é objetiva, pois há de se considerar também a subjetividade do analista no processo.

A seguir, discute-se cada uma das dimensões que compõem o discurso na perspectiva de Fairclough (2016).

### **2.4.3 Prática textual**

A primeira dimensão do discurso é o texto ou prática textual. O texto consiste na “unidade máxima de funcionamento da língua” (MARCUSCHI, 2008, p. 88), resultante da interação e da negociação de sentidos entre atores sociais. Fairclough (2016) afirma que, ao analisar textos examinam-se simultaneamente questões de forma e de significado. Na linguística do século XX, refere-se a signos, ou seja, palavras ou sequências mais longas de texto que consistem em um significado combinado com uma forma, ou em um significado combinado com um significante (SAUSSURE, 1959 apud FAIRCLOUGH, 2016). Contrárias à abordagem de Saussure, “as abordagens críticas da análise de discurso defendem que os signos são socialmente motivados, isto é, que há razões sociais para combinar significantes particulares a significados particulares” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 107).

Outra distinção importante ao lidar com os textos é a entre o significado potencial de um texto e sua interpretação. Os textos são dotados de significado potencial, por meio da prática discursiva passada, condensada em convenções. Fairclough (2016) menciona que esse significado é geralmente heterogêneo e às

vezes até contraditório, de forma que os textos possam ser altamente ambivalentes e abertos a múltiplas interpretações.

O modelo de análise do texto é pormenorizado em categorias. São categorias da análise textual, o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. O estudo do vocabulário trata das palavras individuais – neologismos, lexicalizações, relexicalizações de domínios da experiência, superexpressão, relações entre palavras e sentidos – e a gramática, das palavras combinadas em frases. A coesão trata das ligações entre as frases, por meio de mecanismos de referência, palavras de mesmo campo semântico, sinônimos próximos e conjunções. A estrutura textual refere-se às propriedades organizacionais do texto em larga escala, às maneiras e à ordem em que elementos são combinados (RESENDE; RAMALHO, 2011).

#### **2.4.4 Prática discursiva**

A prática discursiva, na visão de Fairclough (2016), envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais. O autor exemplifica se referindo aos textos, que são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos.

A natureza da prática discursiva é variável entre os diferentes tipos de discurso, de acordo com fatores sociais envolvidos. A prática discursiva é mediadora entre o texto e a prática social, segundo Fairclough (2001, p. 35-36):

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre ‘pistas’ no texto.

A prática discursiva como dimensão analítica é composta de fatores discursivos relacionados à produção (quem e o que produz e para quem); à distribuição (via quais mecanismos, a forma de organização); ao consumo (por quem e como é consumido); ao contexto em que se localizam os argumentos discursivos; com que força e coerência os enunciados são veiculados e a intertextualidade argumentativa do discurso. Cabe ressaltar que assim como Pêcheux, Foucault e Bakhtin, Fairclough também compreende as práticas discursivas como a materialização da ideologia. Nas palavras do autor, —a constituição discursiva de uma sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas (FAIRCLOUGH, 2003, p. 93). Assim, a prática social se refere aos aspectos ideológicos de sentido, pressuposições e metáforas e ao quadro ideológico que preconiza as relações macroestruturais econômicas, sociais, políticas, culturais e ideológicas (RESENDE; RAMALHO, 2011).

Fairclough (2016) atribui certa ênfase à sétima dimensão de análise das práticas discursivas, qual seja a intertextualidade. Sobre a intertextualidade é necessário esclarecer que essa representa o diálogo entre vários textos, uma vez que se reconhece a polifonia de vozes e de significados. Já a interdiscursividade representa o diálogo entre discursos e formações discursivas, considerando as múltiplas e polissêmicas vozes que integram um dado discurso. No que se refere à formação discursiva, do mesmo modo que Foucault, Fairclough a descreve como um processo que cria um determinado conceito sobre o que deve ser pensado, feito e dito em uma dada formação ideológica, situada em um contexto específico.

No que se refere à intertextualidade, Bakhtin menciona que os textos e os enunciados são moldados por textos anteriores aos quais estão respondendo e por textos subsequentes que eles antecipam. Para esse autor, todos os enunciados, tanto na forma oral quanto na escrita, são demarcados por uma mudança de falante

e são orientados retrospectivamente para enunciados de falantes anteriores e prospectivamente para enunciados antecipados de falantes seguintes. “Todos os enunciados são povoados e, na verdade, constituídos por pedaços de enunciados de outros, mais ou menos explícitos ou completos” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 140). Dessa forma, compreende-se que os enunciados são inerentemente intertextuais, constituídos por elementos de outros textos.

Fairclough (2016) aponta a existência de uma forte relação entre intertextualidade e hegemonia. O conceito de intertextualidade refere-se à forma como são produzidos os textos, ou seja, para a forma como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturá-los para gerar novos textos. No entanto, essa produção textual não se apresenta disponível de maneira ilimitada para a criação de novos textos, sendo que ela é socialmente limitada e restringida, e condicional conforme as relações de poder.

A interdiscursividade diz respeito à relação constitutiva de um enunciado com a rede de enunciados que lhe antecedem e sucedem em cadeias de associação, confrontação, concordância, discordância, complementação e resistência. Todo texto é socialmente estruturado e socialmente estruturante. A sua estruturação decorre de sua ligação com padrões semióticos prévios: gêneros, estilos, discursos. A esse condicionamento denomina-se interdiscursividade. O interdiscurso é, portanto, o conjunto de discursos, gêneros e estilos que circulam em diferentes ordens do discurso, em complexas relações uns com os outros, que integram a memória social (FAIRCLOUGH, 2016).

#### **2.4.5 Prática social**

Na prática social, o discurso se apresenta como ação, representação e identificação. A ação corresponde aos gêneros discursivos que constituem sentido prático, a representação consiste no discurso produzido e a identificação

representa os estilos de linguagem verbal e não verbal. Ressalta-se que o discurso é o elemento mediador entre o texto per se e seu contexto social (eventos sociais, práticas sociais, estruturas sociais). “Assim, —gêneros, discursos e estilos podem ser —mesclados, articulados e texturizados juntos, de formas particulares” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 37).

De acordo com Fairclough (2016), a prática social possui várias orientações, sendo estas: econômica, política, cultural e ideológica. O discurso pode estar implicado em todas elas, sem que se possa reduzir qualquer uma delas do discurso. No entanto, Fairclough (2016) voltou-se de forma mais aprofundada para o discurso como modo de prática política e ideológica. No que se refere à primeira, o discurso “mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 98). Já como prática ideológica, o discurso “constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 98).

Fairclough (2016) menciona que diferentes tipos de discurso em diferentes espaços podem ser ‘investidos’ política e ideologicamente de formas particulares. Isso significa que os tipos de discursos podem inclusive ser ‘reinvestidos’, tal como se observa no discurso que permeia a prostituição de luxo, foco do presente estudo. Nesse sentido, Fairclough (2016) afirma que os elementos, as ordens do discurso locais e as ordens do discurso societárias são contraditórias na prática e, por isso, estão abertas para receber os investimentos políticos e ideológicos como foco de disputa em lutas para desinvesti-los ou reinvesti-los.

No intuito de explicar mais claramente aspectos da dimensão discurso como prática social, Fairclough (2016) discute especificamente o conceito de discurso em relação à ideologia e ao poder e situa o discurso em uma concepção

de poder como hegemonia e em uma concepção da evolução das relações de poder como luta hegemônica.

#### **2.4.5.1 Ideologia**

Thompson (1995) enfatiza o quanto o conceito de ideologia passa por transformações impulsionadas por mudanças sociais. Em primeiro uso, a ideologia data de 1796 através de Destutt de Tracy em que o conceito é associado diretamente à análise sistemática de ideias e sensações. Ideologia nesse conceito, consiste em uma “ciência das ideias”. A concepção a priori apoiada conta, posteriormente, com pesadas críticas vindas de Napoleão Bonaparte.

Na esteira da história da transformação dos conceitos o autor passa a tratar da ideologia a partir da visada de Marx. O autor destaca que o conceito ganha com Marx uma aplicação ambígua em concepções sobrepostas. Entre essas concepções ganham destaque o que Thompson chama de concepções: polêmica, epifenômenica e latente.

A partir dos conceitos elencados, Thompson (1995) propõe sua concepção que está primeiramente interessada em como as formas simbólicas se entrecruzam com relações de poder. Para o autor, a concepção de ideologia está interessada nas maneiras como o sentido mobiliza-se no mundo social e serve para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder. Detalhadamente, Thompson (1995, p. 76) sugere que “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”.

Para Thompson (1995), fenômenos ideológicos são fenômenos simbólicos significativos quando servem para estabelecer e sustentar relações de dominação em circunstâncias sócio-históricas específicas. Os fenômenos simbólicos são ideológicos apenas enquanto servem, circunstancialmente para manterem relações de dominação.

Podemos analisar a ideologia somente quando situamos os fenômenos simbólicos nos contextos sócio-históricos, dentro dos quais esses fenômenos podem, ou não, estabelecer e sustentar relações de dominação (THOMPSON, 1995, p. 76).

Ao abordar o conceito de ideologia na perspectiva de Thompson (1995), é possível observar que este se volta para as maneiras com que o sentido mobiliza-se a favor dos indivíduos e grupos dominantes, ou seja, o sentido é construído e transmitido pelas formas simbólicas e serve, em circunstâncias específicas, para estabelecer e sustentar relações sociais que podem beneficiar alguns indivíduos e grupos e, por isso, há o desejo de manter tais relações ao mesmo tempo em que são contestadas por outros grupos e indivíduos em posições menos favoráveis.

Chauí (2004) sistematiza a concepção inicial de ideologia como associada às faculdades sensíveis representadas pelo querer ou vontade, pelo julgar ou razão, pelo sentir ou percepção e pelo recordar ou memória. Ao representar os “ideólogos franceses”, a autora demonstra o quanto o conceito de ideologia era voltado para a observação, a decomposição e a recomposição a partir das ciências. O sentido pejorativo de ideologia viria somente a partir das divergências com Napoleão e às disputas políticas pelo poder na França.

[...] um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas e a capacidade ou não que elas possuem para explicar a realidade que as provocou (CHAUI, 2004, p. 13).

A autora discorre ainda sobre o conceito marxista de ideologia para destacar que a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante, mas não necessariamente em um processo imposto, e sim na prática social cotidiana. “A ideologia resulta da prática social, nasce da atividade social dos homens no momento em que estes representam para si mesmos essa atividade e vimos que essa representação é sempre necessariamente invertida” (CHAUI, 2004, p. 84).

Bakhtin (2002) foi o primeiro a propor uma teoria linguística de ideologia, segundo a qual a linguagem é sempre usada de forma ideológica. A ideologia para a ACD deve ser entendida como plural e presente em diversos momentos da vida social – por meio dos aparelhos ideológicos do Estado, que visam a regular a sociedade (ALTHUSSER, 2001). Dessa forma, segundo Althusser (2001), ideologias posicionam as pessoas como sujeitos sociais. Na ACD, a ideologia é, por natureza, hegemônica, pois acaba por estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes. Fairclough (2016) pondera que a legitimação de ordens de discurso estabelece e sustenta relações de dominação pelo fato de serem apresentadas como justas e dignas. Ele caracteriza a hegemonia como o domínio exercido pelo poder de um grupo sobre os demais, baseado mais no consenso que no uso da força. Em suas palavras, o conceito de hegemonia implica o desenvolvimento – em vários domínios da sociedade civil (como o trabalho, a educação, as atividades de lazer) – de práticas que naturalizam relações e ideologias específicas e que são, na sua maioria, práticas discursivas (FAIRCLOUGH, 1997, p. 80).

Ademais, a ACD cuida tanto do funcionamento do discurso na transformação criativa de ideologias quanto do funcionamento que assegura sua reprodução. Assim sendo, os discursos tanto reproduzem hegemonias como contribuem para a ruptura de modelos e transformação social por meio da prática de linguagem.

#### **2.4.5.2 Hegemonia**

Antônio Gramsci foi o teórico que mais se aprofundou na discussão sobre hegemonia. Para ele trata-se de “algo que opera não apenas sobre a estrutura econômica e sobre a organização política da sociedade, mas também sobre o modo

de pensar, sobre as orientações ideológicas e inclusive sobre o modo de conhecer” (GRUPPI, 1978, p. 3).

A hegemonia, segundo a perspectiva gramsciana, se dá pelo exercício do poder, por meio do consentimento, recorrendo-se a mecanismos de coerção quando este se fragiliza. O consentimento, que caracteriza a hegemonia, ocorre quando os interesses específicos do grupo hegemônico são compartilhados pelos demais grupos sociais. Tal compartilhamento de interesses se manifesta de dois modos: se expressa de modo dirigente, em relação aos grupos sociais aliados, e de modo dominante, em relação aos grupos adversários e subalternos (SEMERARO, 1999). Nesse sentido, a hegemonia é entendida como um processo frágil e contestado, que envolve uma disputa permanente pela hegemonia entre os diferentes grupos sociais (MORTON, 2007).

De acordo com Camargo (2013), no início do século XX, o termo “hegemonia” era utilizado na Rússia como forma de expressar a influência que as classes trabalhadoras exerciam sobre as demais classes sociais. A autora menciona que, Gramsci, entretanto, amplia esse conceito baseando-se na dinâmica da sociedade italiana e compreendendo-o como uma manifestação do poder exercido pela burguesia sobre os demais grupos sociais, poder esse desempenhado, por meio da manutenção da exploração com o consentimento dos explorados. Partindo desse conceito de poder hegemônico, Gramsci objetivava teorizar sobre o estabelecimento de uma “contra-hegemonia” por meio da compreensão dos mecanismos que permitiam a manutenção da hegemonia burguesa. Ao revelá-los, almejava desenvolver instrumentos teóricos que possibilitassem a emergência de uma nova hegemonia, por parte dos grupos sociais subalternos. Assim, verificava-se que a hegemonia se expressa pelo exercício do poder de um grupo social sobre os demais, ou seja, a hegemonia se concretiza no âmbito da sociedade civil.

Para Gramsci (1999, p. 101), “a relação entre filosofia superior e senso comum é assegurada pela ‘política’”. Superar o senso comum e o modo de pensar

corporativo, produto das relações sociais da sociedade burguesa, significa, conseqüentemente, redirecionar a práxis política no sentido de propiciar às classes subalternas a libertação das formas de pensar homogêneas pelo pensamento liberal e o fortalecimento de seus projetos e ações na construção de uma contra-hegemonia. Trilhar esse caminho, no entanto, implica, para o pensador italiano, travar uma batalha não restrita ao terreno econômico, mas abrangendo também os fronts da cultura, das ideias e dos valores.

Nessa perspectiva, Fairclough (2016, p. 127) refere-se à hegemonia como sendo um foco de constante luta “sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas”.

Dessa forma, observa-se que o conceito de hegemonia se apresenta como inovador. Ele mostra os processos pelos quais uma classe pode exercer domínio sobre as outras: estabelecendo a superioridade mediante o consenso, transformando a ideologia de um grupo num conjunto de verdades que se acredita válido para toda a sociedade.

Fairclough (2016) relaciona a luta hegemônica com o discurso pela concepção dialética da relação entre estruturas e eventos discursivos, sendo as estruturas discursivas concebidas como ordens do discurso, ou seja, configurações de elementos mais ou menos instáveis. Fairclough (2016, p. 129) considera uma ordem do discurso como a “faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia, e a articulação e rearticulação de ordens do discurso são, conseqüentemente, um marco delimitador na luta hegemônica”.

Dessa forma, o conceito político de hegemonia pode ser útil quando aplicado à análise de ordens de discurso (FAIRCLOUGH, 2008). Uma determinada estruturação social da diversidade semiótica pode ser hegemônica, tornar-se parte do senso comum legitimador que sustenta as relações de

dominação. Mas a hegemonia, em seus períodos de crise, será sempre contestada em maior ou menor proporção. Uma ordem de discurso não é um sistema fechado ou rígido, é, na verdade, um sistema aberto posto em risco pelo que acontece em interações reais.

Fairclough (2016) menciona que o conceito de hegemonia pode auxiliar na análise de discurso ao fornecer para o discurso uma forma de analisar a prática social no que diz respeito às relações de poder, podendo verificar se tais relações reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes, servindo como um modelo que possibilite analisar a prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes.

Nesta tese, foram esses elementos teóricos da ACD como o discurso, a linguagem e a ideologia, bem como a noção de texto, prática discursiva e prática social, que orientaram a compreensão em torno do trabalho das prostitutas de luxo, conforme se observa no capítulo seguinte.



### **3 PERCURSO METODOLÓGICO**

Este capítulo se destina à apresentação dos pressupostos metodológicos que foram seguidos na realização da pesquisa empreendida nesta tese. Assim, abordam-se: (a) o posicionamento epistemológico adotado pela pesquisadora frente ao objeto de investigação e os direcionamentos do estudo; (b) a caracterização da pesquisa; (c) a construção do corpus da pesquisa; (d) a apresentação das participantes (interlocutoras do discurso); e (e) as estratégias de análise e compreensão dos dados.

#### **3.1 Posicionamento epistemológico: o pós-estruturalismo**

O presente item compreende a apresentação do posicionamento epistemológico adotado nesta tese. Burrell e Morgan (1979) ressaltam a importância de o cientista social abordar sua disciplina, por meio de pressupostos explícitos ou implícitos sobre a natureza do mundo social e a maneira como ele pode ser investigado. Assim, dados os objetivos de pesquisa elencados e os sujeitos pesquisados, este estudo fundamenta seus pressupostos na abordagem pós-estruturalista.

Na tentativa de apontar os pressupostos centrais da abordagem utilizada, fez-se necessário, inicialmente, apresentar alguns pontos principais do estruturalismo, que embasam a discussão pós-estruturalista. No que se refere às suas ideias centrais, quatro pontos destacam-se como mais significativos no universo estruturalista. Primeiro, a opção pela escolha do signo em contraposição à escolha do sentido. Assume-se que o objetivo das ciências humanas é estudar os sistemas formais, o que implica considerar que um signo não tira sua significação de sua relação com o objeto que ele representa, mas de sua oposição aos outros signos. Outro ponto, é que para os estruturalistas, um conhecimento só se reveste

de interesse se for inspirado no modelo da ciência ou de lograr transformar-se em ciência.

Segundo Hall (1990), o discurso científico em si é visto como um sistema padronizado e a própria ideia de ciência é ordenada por padrões sociais, culturais ou cognitivos fundamentais extrínsecos a ela, ou seja, a ciência se torna um entre vários símbolos de estruturas, universos de discursos ou jogos de linguagem, não contaminados pelo mundo ingenuamente observado. O terceiro ponto refere-se à análise das dimensões sincrônicas dos fenômenos (os estruturalistas não trabalham com relações consideradas particulares e históricas) e a busca de invariantes que possam ser universais nas práticas sociais. Em consonância com a linguística estrutural, a língua é entendida como um fenômeno social cujas regras se constituem à revelia do sujeito que delas faz uso, sendo considerada como o mecanismo científico - por excelência - de inteligibilidade, uma vez que se apresenta, nos termos de Dosse (2007, p. 69), como a “encarnação da invariante que permite encontrar, sob as palavras, a permanência dos conceitos”.

Como último ponto, tem-se a questão do sujeito ausente. Para os estruturalistas, a ciência pressupõe a eliminação do específico, o que leva à adoção de certos determinismos sociais e à eliminação da percepção consciente do sujeito. É com base nessa argumentação que os pensadores estruturalistas conseguem atingir um nível de realidade que não é imediatamente visível.

Uma vez conhecidos os principais pressupostos do estruturalismo é cogente afirmar que o pós-estruturalismo apresenta-se como uma resposta filosófica e discursiva ao estruturalismo e tem suas bases nos pensamentos de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger, tendo como principais pensadores Deleuze, Derrida e Foucault. Esse movimento teve suas origens históricas de longo prazo não apenas na filosofia europeia, mas também em uma série de acontecimentos que abalaram a confiança na modernidade, como o Holocausto e a desintegração dos últimos impérios europeus no pós-guerra (RAMOS, 2005). A

noção de ordem predominante da modernidade começava a ser abalada, em diversos campos.

A perspectiva desconstrutivista de Derrida, com sua noção de suplemento contribuiu para a desestruturação da estrutura do signo, em uma perspectiva de que “todo o conhecimento é então interpretado como um discurso e conectado ao poder” (LOPES, 2013, p. 12). Como crítica ao sistema estático de regras na estrutura saussuriana da linguagem, Derrida (2001) considera que não há sentidos originais na linguagem, mas sempre representações nas quais sentidos são suplementados. Se isso acontece, é porque estamos sempre tentando preencher uma lacuna na significação, tal qual na escrita, vista por ele como o suplemento do pensamento; aquilo que o representa (a escrita) na sua ausência (o pensamento) (DERRIDA, 2001).

No que se refere à concepção de sujeito no estruturalismo, o pós-estruturalismo considera a ação dos sujeitos um aspecto crucial para a compreensão das políticas e enfatizam a fluidez do poder e sua posse pelos diferentes agentes (MAINARDES; FERREIRA; TELLO, 2011). O sujeito no pós-estruturalismo não é eliminado enquanto sujeito, mas destaca-se o seu descentramento. O sujeito existe “como resultado de um ato de decisão, acrescenta Laclau, habitada pela indecidibilidade, suplementa Derrida” (LOPES, 2013, p. 13).

Nesses termos, o pós-estruturalismo analisa o poder, por meio do diagnóstico das estruturas de “saber-poder” e se contrapondo em relação às tecnologias de dominação. Na abordagem foucaultiana, o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, uma vez que cria novos saberes que podem tanto oprimir quanto libertar. O poder não se encontra em um único lugar, está disperso por todo o sistema social e vincula-se ao saber, “fazendo parte da constelação de ‘saber-poder’, o que significa que o saber no sentido das práticas discursivas é produzido no exercício das práticas de poder, a serviço do controle

do corpo” (PETERS, 2000, p. 44). Tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente. Essa concepção de poder embasa o estudo aqui empreendido.

É importante salientar que o pós-estruturalismo não significa uma ruptura absoluta com o estruturalismo, nem uma sequência no espaço temporal que provoca a extinção do movimento surgido anteriormente. As duas teorias são, antes, produto de um pensamento de época similar, que foi se desenvolvendo e sofrendo mudanças com o acréscimo de outras teorias.

Costa e Vergara (2012) apontam três principais diferenças entre as duas abordagens. A primeira refere-se à tentativa dos pós-estruturalistas em resgatar a história. Esse movimento de trazer para o nível de análise os contextos históricos não quer dizer que ocorre, de fato, um questionamento profundo da própria noção de estrutura. Sob outro aspecto, identifica-se a atribuição de certa importância aos processos de transformação, descontinuidade e repetição das estruturas. A segunda diferença é que os autores pós-estruturalistas iniciam questionamentos acerca do cientificismo das ciências humanas, o que vai de encontro à capacidade transformativa do método científico que o estruturalismo havia retomado do positivismo e, nesses termos, essa orientação pós-estruturalista embasa as escolhas teórico-metodológicas desta tese, afastando-se de compreensões positivistas da realidade social. Por último, uma terceira diferença diz respeito à ênfase que o pós-estruturalismo atribui ao questionamento das grandes narrativas, focalizando as pesquisas e análise nas multiplicidades, localidades e fragmentações, como Paula (2008, p. 26) lembra, “que enfatizam a subjetividade como um processo e a morte do sujeito autônomo e criador de significados, uma vez que o discurso ganha centralidade e o entendimento convencional das pessoas é substituído pela produção discursiva”.

Sanchez (2012) pondera que a diferença entre o estruturalismo e o pós-estruturalismo está na estabilidade, na dinâmica: enquanto o primeiro se

interessava por estruturas estáticas e homeostáticas, o segundo buscava os momentos de ruptura e mudança. Nessa perspectiva, o pós-estruturalismo dialoga com a orientação da ACD no que se refere ao enfoque para a mudança e mudança social.

Mainardes, Ferreira e Tello (2011) destacam algumas das contribuições das abordagens e dos referenciais analíticos pós-estruturalistas para as pesquisas: rompem com modelos lineares, constituindo-se como um diferencial significativo quando comparados com pesquisas que dispensam o emprego de referenciais teóricos para fundamentar análises políticas quando investigadas; estimulam o pesquisador a analisar tanto o contexto amplo quanto os aspectos microcontextuais, tal como proposto pela ACD. Ao mesmo tempo, tais referenciais e abordagens colocam aos pesquisadores uma série de desafios, dentre eles está a necessidade de o pesquisador compreender as implicações da abordagem ou do referencial analítico que emprega, vinculando a concepções epistemológicas específicas em seu trabalho.

Pensar pós-estruturalmente na elaboração de pesquisas qualitativas, como é o caso desta tese, aponta possibilidades e limites como o de compreender que “as possíveis estruturas passam a ser compreendidas como descentradas e desestruturadas”, em que “a ideia de estrutura é substituída pela ideia de discurso” (LOPES, 2013, p. 13). Sem estruturas fixas que fechem de forma definitiva a significação, mas apenas estruturas e reestruturas discursivas, em processos contingenciais em que são questionadas noções como a transcendência e a universalidade.

Dados os objetivos de pesquisa elencados e a abordagem teórico-metodológica escolhida, pautada na Análise Crítica do Discurso (ACD), considera-se que a presente pesquisa afasta-se de orientações positivistas e funcionalistas de explicação e interpretação da realidade social e se ampara em

orientações mais crítico-reflexivas que compreendem a realidade como uma construção social, discursiva e dialógica.

### **3.2 Caracterização da pesquisa**

Por se tratar de um estudo embasado epistemologicamente na abordagem pós-estruturalista e por possuir como arcabouço teórico-metodológico a Análise Crítica do Discurso (ACD), entende-se que o estudo caracterize-se como qualitativo-descritivo, uma vez que busca compreender e interpretar as concepções discursivas de prostitutas de luxo. Por meio da análise qualitativa tem-se o entendimento de situações em que se requer uma análise tanto descritiva quanto interpretativa (GIL, 1994), daí sua utilização nesse contexto. De acordo com Zanatta e Costa (2012), a pesquisa qualitativa é aquela na qual os dados trabalhados não podem ser matematicamente mensurados, pois se compreende a realidade estudada por meio da subjetividade dos sujeitos participantes da pesquisa. A pesquisa qualitativa privilegia uma prática de pesquisa pluralística, na qual o pesquisador tem liberdade para compilar variados tipos de investigação, apoiado em diferentes quadros de orientação teórico-metodológicos (GODOY, 1995).

Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação central “o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural” (GODOY, 1995, p. 62). “Visa a abordar o mundo ‘lá de fora’ (e não em contextos especializados de pesquisa, como os laboratórios) e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais ‘de dentro’” (FLICK, 2009, p. 8). Na visão de Creswell (1997, p. 76), esse tipo de estudo tem como “características predominantes a busca pela compreensão de como o mundo é, em que múltiplas realidades existem, como a realidade do pesquisador, a dos indivíduos que estão sendo investigados e a do leitor”.

Denzin e Lincoln (2006) mencionam que o pesquisador qualitativo, é visto, como um bricoleur, pessoa que faz toda espécie de pequenos trabalhos. É objetivo desses pesquisadores buscar a compreensão dos fenômenos a partir do olhar de todos os participantes envolvidos. A abordagem qualitativa tem como elemento fundamental o contato direto e prolongado de quem realiza a pesquisa com o contexto no qual está presente o fenômeno a ser estudado (GODOY, 1995; MAFFEZZOLLI; BOEHS, 2008). Os estudos qualitativos têm no ambiente natural fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental. Eles têm caráter descritivo; a preocupação do investigador reside no significado que as pessoas dão aos elementos e à sua existência, e apresenta-se a partir do enfoque indutivo (NEVES, 1996).

Além de se caracterizar como um estudo qualitativo-descritivo, também denomina-se como uma pesquisa bibliográfica, de campo e como pesquisa observacional: (i) bibliográfica, pois se buscou na literatura o embasamento teórico para discorrer sobre as premissas essenciais e subsidiar a construção e a realização do estudo; (ii) pesquisa de campo, pois foi implementada no próprio lócus de estudo, mais propriamente em locais onde ocorre a prostituição de luxo em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais; e (iii) pesquisa observacional, pois realizaram-se momentos de observação sistemática do cotidiano de trabalho dessas profissionais, e as informações foram registradas em diário de campo. Ressalta-se que esse estilo de observação tem sido comumente utilizado em pesquisas qualitativas, pois permite um engajamento maior com a realidade que se pretende compreender. É sistemática, pois as observações são organizadas e sistematizadas em textos, anotações e checklist, considerando interesses específicos de contextos em observação (LAKATOS; MARCONI, 2010). Ademais, é um modo de investigação que sujeita o pesquisador a um contato mais direto com a realidade de pesquisa.

A pesquisa observacional demandou a autorização por parte da boate visitada a qual três das entrevistadas se vinculam. E para operacionalizá-la, solicitou-se permissão e buscou-se o envolvimento necessário para favorecer e viabilizar os interesses de pesquisa. O período de observação se deu em duas noites e ocorreu em junho de 2015 e em julho de 2017. Durante as observações, a pesquisadora manteve um caderno de campo onde anotou suas principais observações sobre o local. Ao sair da boate ela também fez diversos relatos sobre as experiências vivenciadas. Essas observações auxiliaram na análise das informações coletadas. Rey (2005) ressalta que esses momentos empíricos informais são importantes para que o pesquisador possa captar nuances que nem sempre se mostram tão perceptíveis nos momentos empíricos formais.

### **3.3 Construção do *corpus* da pesquisa**

O *corpus*, nesta tese, é entendido como um conjunto finito de materiais que são escolhidos previamente pela analista com uma arbitrariedade (BARTHES, 1967). A noção de *corpus* é adequada à abordagem qualitativa de pesquisa porque se contrapõe a definições formais de amostragem (BAUER; AARTS, 2011) que poderiam desconsiderar, por exemplo, a arbitrariedade envolvida nas escolhas do pesquisador sobre que dados de pesquisa utilizar.

O processo de coleta de dados, independentemente do tipo de pesquisa a ser realizada, envolve a atenção do pesquisador em resguardar coerentemente os instrumentos e as técnicas de coleta, de forma articulada com as questões de pesquisa levantadas e com a filiação epistemológica auferida (CRESWELL; CLARK, 2007).

Neves (2001) afirma que para a pesquisa qualitativa, a singularidade das experiências humanas é mais importante do que sua generalização. Partindo desse pressuposto, buscou-se apreender tais singularidades. A técnica escolhida para a

produção de discursos foi a entrevista semiestruturada realizada com mulheres prostitutas de luxo atuantes em Belo Horizonte - MG.

Por pesquisar sobre prostituição em outros contextos, a pesquisadora estava ciente das dificuldades encontradas para se adentrar os locais onde acontece esse tipo de atividade, por questões que se referem à ilegalidade e à moralidade que incidem sobre a prostituição. Ao pesquisar a prostituição de boates, praticada recorrentemente em beira de estradas, a pesquisadora visitou os locais e explicou aos proprietários os motivos e objetivos da pesquisa e conseguiu a autorização para realizar as entrevistas. No entanto, com a prostituição de luxo essa inserção se mostrava ainda mais difícil, pois eram poucas as boates voltadas para o público de luxo e, em razão da discrição por parte das profissionais, o acesso a elas se mostrava muito restrito. Por meio de contatos telefônicos disponíveis no site Agenda 31 (<https://agenda31.com.br/acompanhantes-bh/>), contatos com terceiros e visitas à boate, além de indicações de uma das entrevistadas, que foi possível ter acesso às participantes da pesquisa.

A pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (COEP/UFLA) e obteve o parecer de número 772.248 que mostrou-se favorável para a sua realização.

Para a condução das entrevistas, adotou-se um roteiro (ver apêndice A), contendo três blocos de questões, que versaram sobre: (i) o perfil das prostitutas de luxo; (ii) a trajetória; e (iii) as concepções discursivas, simbólicas e subjetivas do trabalho e a produção de significados e discursos. Ressalta-se que as entrevistas foram previamente agendadas, gravadas em áudio com o consentimento das participantes e, posteriormente, foram transcritas na íntegra, com duração média entre 1 a 2 horas.

Considera-se que, ao narrarem suas histórias, as prostitutas acessam a dimensão da memória. A memória é reconhecida por Certeau (1998) e Van Dijk (1997) como prática ou discurso. A solicitação de narrativas a respeito de suas

trajetórias de vida permitiu maior liberdade dissertativa para as entrevistadas e a consideração de que todos os sujeitos têm uma história que é digna de ser estudada, independentemente dos distintivos sociais sob os quais se é percebido (MEIHY, 1996). Conforme destaca Vieira-Abrahão (2006), resgatar a memória é um exercício singular que permite ao sujeito transitar entre o presente e o passado e reconstruir fatos, discursos e práticas por meio das memórias que traz consigo. Além do mais, ao narrar uma memória, o sujeito poderá produzir outros discursos e significações para os fatos vividos transformando-se a partir da narrativa.

Fairclough (2001) pondera que, durante o processo discursivo, emergem elementos essenciais do discurso, como a linguagem, a fala, a entonação, as pausas e os momentos de silêncio. Segundo o autor, o pesquisador deve estar atento a todos esses elementos do discurso. Portanto, durante a fala das prostitutas, a pesquisadora permaneceu em processo de escuta e observação, fazendo as anotações necessárias no caderno de campo. Esforçou-se para criar um espaço discursivo-dialógico que permitisse às entrevistadas resgatar suas memórias, lembranças, experiências e concepções discursivas e de linguagem (verbal e não verbal) sobre seu trabalho, de modo a compartilhá-las no ato da investigação.

### **3.4 As participantes da pesquisa**

Caracterizam-se como participantes desta pesquisa, mulheres que atuam como prostitutas de luxo na cidade de Belo Horizonte. Entre essas mulheres, incluem-se tanto aquelas que nasceram naquela cidade, quanto aquelas que passaram a residir lá, e também aquelas que migram esporadicamente para trabalhar como prostitutas de luxo na capital.

O número total de entrevistas para esta tese não foi previamente definido, tendo sido determinado ao longo da realização da pesquisa. Nesse sentido, abriu-se mão da quantidade e da representatividade numérica, nesta tese, para priorizar uma abordagem mais específica a respeito de cada trajetória de vida e de cada narrativa a respeito do trabalho na prostituição de luxo. Além disso, corrobora-se Rey (2005) em sua consideração de que o número de sujeitos em uma pesquisa qualitativa não seja uma característica que defina sua validade científica. Em razão da dificuldade de acesso às prostitutas de luxo, não se estabeleceu propriamente um critério para selecionar as participantes, apenas que fossem mulheres que trabalham como prostitutas de luxo na cidade de Belo Horizonte. Dessa forma, chegou-se ao número de seis participantes que receberam denominações discursivas, por meio de nomes de prostitutas conhecidas na história e na mídia: Capitu (novela *Laços de Família*), Bruna (filme *Bruna Surfistinha*), Gabriela (ativista Gabriela Leite), Angel (novela *Verdades Secretas*), Karin (minissérie *O Negócio*) Vivian (filme *Uma Linda Mulher*).

### **3.5 Análise de dados**

No presente estudo, adota-se a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), como estratégia de análise e compreensão dos textos, das práticas discursivas e das práticas sociais do universo pesquisado, seguindo a proposta de Norman Fairclough. Para Newman (2005), uma das estratégias teóricas que caracterizam o pós-estruturalismo, em uma concepção ampla, é a análise do discurso. A ACD trabalha com o conceito de discurso distribuído em três dimensões, a saber: texto, práticas discursivas e prática social. Em termos conceituais, o texto e a prática social são dimensões micro e macro, respectivamente dos eventos discursivos, que são mediados pela prática discursiva, conforme elaborado por Teixeira (2015) e exposto no Quadro 1.

Quadro 1 - Dimensões discursivas para Fairclough.

<b>Dimensões</b>	<b>Descrição</b>	<b>Foco de análise</b>	<b>Categorias analíticas possíveis</b>
<b>Texto</b>	Linguagem discursiva contextualizada em um evento discursivo.	Análise de forma e sentido.	- Vocabulário (léxicos, significados, neologismos); - Gramática; - Coesão; - Estrutura textual.
<b>Prática discursiva</b>	Processos de produção, distribuição e consumo dos textos. Interliga o texto à prática social.	As práticas discursivas se concretizam como forma linguística nos textos. Referem-se a contextos e a ordens de discurso presentes nesse contexto.	- Produção (Interdiscursividade e Intertextualidade); - Distribuição (cadeias intertextuais); - Consumo (coerência); - Força; - Presença e ausência de elementos (silêncio, o não dito); - Condições (contexto ou condições sociais de produção).
<b>Prática social</b>	Práticas situacional, institucional e culturalmente contextualizadas.	Relações das práticas com ideologias e poder.	- Ideologia (sentidos, pressupostos, metáforas); - Hegemonia (orientações ideológicas, econômicas, políticas e culturais).

Fonte: Teixeira (2015, p. 121).

O texto está contido na prática discursiva, e essa última contida na prática social (RESENDE; RAMALHO, 2011). O texto, então, serve à prática discursiva como função de sentido, ao passo que está referendado em uma prática social permeada por relações hegemônicas e ideológicas.

A análise voltada para as práticas textuais auxiliou na compreensão da linguagem discursiva contextualizada no universo da prostituição de luxo, bem como na análise sobre em que medida as escolhas textuais das prostitutas influenciam a produção e legitimação de um discurso hegemônico, para a naturalização de determinadas ideologias. Fairclough (2001) afirma que a análise

dessa dimensão textual não deve ser entendida como puramente linguística. Tanto a forma, quanto o significado devem ser analisados em conjunto. Se a análise fosse puramente linguística, ela poderia se ater aos significados formais das palavras. No entanto, deve-se pensar qual é o sentido empregado pelo enunciador, enquanto sujeito inserido em um determinado contexto sócio-histórico e espacial, à palavra que utilizou.

A análise das práticas discursivas possibilitou conhecer as ordens de discurso presentes no contexto das prostitutas de luxo e auxiliou na compreensão dos sentidos que definem o “ser prostituta de luxo”. Tornou possível ainda entender como esses discursos são produzidos e legitimados e quem os consome. As práticas discursivas foram trabalhadas por meio das dimensões, descritas a seguir.

- *Força dos enunciados*: a força de parte de um texto refere-se ao seu componente acional, parte de seu significado interpessoal, dependendo da ação social que realiza, que ato de fala desempenha (dar uma ordem, fazer uma pergunta, ameaçar, prometer, etc). Um mesmo enunciado, nesse sentido, pode adquirir diferentes interpretações, dependendo da força com a qual acionam a ação social que pretendem acionar (FAIRCLOUGH, 2016).

- *Coerência*: a coerência relaciona-se com a propriedade das interpretações. Um texto coerente tem suas partes relacionadas com um sentido, que é o que faz com que o texto tenha significado. Segundo Fairclough (2016, p. 118) “um texto só faz sentido para alguém que nele vê sentido, alguém que é capaz de inferir essas relações de sentido na ausência de marcadores explícitos”. A forma como se interpreta coerentemente um texto depende da natureza dos princípios interpretativos a que se recorre. A análise da coerência é a análise de conexões e inferências apoiadas por pressupostos ideológicos (RESENDE; RAMALHO, 2011).

- *Intertextualidade*: A intertextualidade é a relação estabelecida entre textos. Na análise de um texto em específico, trata-se de analisar as relações entre o texto que é objeto de análise e outros textos. Fairclough (2001, p. 114) define a intertextualidade como sendo “[...] a propriedade que têm os textos de serem cheios de fragmentos de outros textos”. A intertextualidade pode ser manifesta e constitutiva. A manifesta está disposta no discurso de maneira clara e marcada por aspas, ou seja, estabelece-se uma relação explícita entre textos. Já a intertextualidade constitutiva trabalha com suposições ou pressupostos implícitos tacitamente comunicados. Dentro da análise da intertextualidade, é que se analisa, também, a distribuição das práticas discursivas, analisando as cadeias de sentido produzidas por meio dos intertextos.

“- *Interdiscursividade*: se refere ao estabelecimento de um tipo de discurso por meio da combinação de elementos oriundos das ordens do discurso ou dos regimes de verdade. São, pois, as relações estabelecidas entre ordens de discurso” (FAIRCLOUGH, 1995, 2001). Fairclough (2016) complementa que os gêneros, os discursos e os estilos são elementos integrantes dessas ordens de discurso e que se relacionam entre si nas referidas ordens, funcionando como tipos de discursos e subsidiam o entendimento dessas relações construídas entre os textos e outras dimensões sociais.

- *Gêneros*: referem-se a modos de agir, contendo neles também os discursos e os estilos, sendo, então, o elemento mais hierarquicamente importante em meio aos outros elementos, até porque os contêm. São diferentes maneiras de inter (agir) discursivamente, seja por meio da fala e/ou da escrita. (FAIRCLOUGH, 2016). Ao se examinar um texto em termos de gênero, deve-se examinar como o texto figura na (inter) ação social e como contribui para ela em eventos sociais concretos (RESENDE; RAMALHO, 2011).

- Discursos: modos de representar. Representações do mundo material, de outras práticas sociais e representações autorreflexivas dessas mesmas práticas (FAIRCLOUGH, 2016).

- Estilos: modos de ser. “Constituem o aspecto discursivo de identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos” (RESENDE; RAMALHO, 2011, p. 76).

Por fim, análise da prática social permitirá compreender a dimensão macrossocial do discurso existente na prostituição de luxo, bem como o contexto sócio-histórico em que este é construído e reconstruído, por meio das relações de poder, da ideologia e da hegemonia. É na dimensão da prática social que se estabelece uma relação considerada fundamental para Fairclough (2016): a existente entre discurso, poder e ideologia. Os discursos refletem poderes hegemônicos, e as relações de poder refletem lutas por hegemonia.

Como a perspectiva adotada na tese busca a discussão acerca de uma temática e de uma realidade social, objetivando a obtenção de informações e de reflexões que possam contribuir para a mudança social no que se refere especificamente à realidade do trabalho das prostitutas de luxo e às construções ideológicas a respeito das categorias gênero e sexualidade, a ACD se revela um modelo analítico interessante.



#### **4 (DES) CONSTRUINDO DISCURSOS SOBRE O TRABALHO NA PROSTITUIÇÃO DE LUXO**

No presente capítulo, descrevem-se os dados coletados e analisados na presente pesquisa. Inicialmente, procurou-se apresentar algumas impressões sobre o cenário de pesquisa, ou seja, os espaços discursivos que compreendem a prostituição de luxo em Belo Horizonte - MG. Após buscou-se relatar as principais características que definem o perfil das participantes.

Na sequência, apresentou-se a trajetória de vida de cada uma delas, abordando as questões que envolvem a infância, a adolescência, a família, os relacionamentos, os filhos e o engajamento nessa atividade profissional. No tópico seguinte, são elencados os elementos da prática discursiva e social dessas agentes, bem os significados e as implicações inerentes à prática da prostituição no contexto de luxo.

##### **4.1 Prostituição de luxo: impressões iniciais**

A impressão que se tem é que a prostituição pertence a um submundo bastante desconhecido. A maioria das pessoas demonstra curiosidade por conhecê-lo, mesmo por que se trata de uma atividade considerada ainda marginal na sociedade. Diante disso, considerou-se importante, para essa análise, apresentar as percepções obtidas durante a visita realizada à boate de luxo e aos demais espaços onde ocorreram as entrevistas. Considera-se que essa percepção discursiva enriquece a análise e auxilia na compreensão do contexto e das formações discursivas nele presentes, por representar a visão do “outro” (pesquisadora) sobre um dos aspectos deste trabalho. A captação dos elementos aqui tratados se deu por meio de anotações realizadas em um caderno de campo e de relatos feitos pela pesquisadora após cada uma das entrevistas.

A prostituição, independente da categoria a que se refira, é um espaço discursivo ideologicamente pouco conhecido e ao qual é difícil conseguir acesso. Assim como na prostituição de boate ou de rua, a prostituição de luxo também se coloca no “domínio das sombras”, embora aconteça em espaços sociais privilegiados, procura-se sempre ofuscar sua presença, torná-la invisível aos demais espaços sociais e discursivos. Silva e Blanchette (2009) relatam que a prostituição de luxo, de fato, se mostra muito fechada e se caracteriza como aquela em que os clientes pagam preços exorbitantes por um programa. As prostitutas de luxo, chegam a ser, inclusive, modelos, atrizes, que acompanham e prestam serviços sexuais para homens de posses, incluindo deputados, jogadores de futebol, atores, enfim celebridades em geral.

Considerou-se importante apresentar algumas impressões constatadas sobre o espaço discursivo da prostituição de luxo, pois acredita-se que tais impressões possibilitaram compreender melhor esse território pouco conhecido. Para Souza (1995, p. 78), o território é “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”, são os indivíduos com essa habilidade de se impor uns aos outros que criarão certa localidade, a continuidade das relações das pessoas é que transformarão essa localidade em um território. No caso da prostituição, um território surgirá quando um espaço discursivo concreto é ocupado por prostitutas, travestis ou michês, e dentro dele serão estabelecidas relações de poder, sejam desses atores sociais com clientes ou com policiais que podem reprimir essa atividade. A durabilidade de um território criará certa identidade sócioespacial com esse grupo social.

Outro ponto fundamental para a delimitação de um território são as relações sociais que nele acontecem. É a partir da interação dos indivíduos de um grupo social dentro do espaço físico que será construído o território, mesmo as relações que acontecem com os indivíduos de dentro com os de fora acabam por gerar essa construção. O território será um campo de forças discursivas e

ideológicas, uma teia ou rede de relações sociais que, “a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre ‘nós’ (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os *insiders*) e os ‘outros’” (os de fora, os estranhos, os *outsiders*) (SOUZA, 1995, p. 86).

Nessa perspectiva, é importante destacar que o acesso às participantes foi consideravelmente difícil, pois não se trata de locais com livre acesso. Inicialmente, realizou-se um contato com o gerente de uma boate de prostituição de luxo em Belo Horizonte, mas o acesso foi negado. Nessa boate, é permitida apenas a entrada de mulheres que não sejam garotas de programa, se estas estiverem acompanhadas de um homem. Para efeito de pesquisa, o acesso foi totalmente negado, tendo em vista a privacidade das garotas que trabalham lá e dos clientes que frequentam aquele espaço.

Partiu-se, então, para um novo plano que era encontrar uma prostituta de luxo em Belo Horizonte e a partir dela, conseguir contato com outras que ela poderia indicar. Foi assim que se conseguiu o contato com Capitu. O contato foi feito e agendou-se a entrevista na boate em que ela trabalhava, uma das mais conhecidas na capital mineira, a mesma que havia negado, no primeiro momento, a participar da pesquisa. Como Capitu trabalhava lá, o gerente permitiu o acesso à boate. Na data da entrevista com Capitu, não foi possível realizar outras entrevistas, mas ela se comprometeu a intermediar o contato com as profissionais em uma data futura.

Dessa forma, abriram-se as portas da boate para a realização da pesquisa. Constatou-se que a boate de luxo é um espaço bastante elitizado e alguns aspectos demonstram isso: é cobrado um valor de entrada de R\$130,00 para homens, sendo que mulheres não pagam. A entrada possui uma porta grande na cor preta que se mantém sempre fechada, nela ficam a postos dois seguranças vestidos com ternos pretos, que são responsáveis pela entrada de clientes nos recintos da boate. Ao passar por essa porta, tem-se um ambiente com pouca luz, estilo uma danceteria,

com mesas nas extremidades da direita, onde os clientes bebem com as garotas. À esquerda fica o balcão do bar e ao lado do balcão, está o palco, onde acontecem shows de strip-tease. A cada 40 minutos uma garota se apresenta neste palco. A iluminação é moderna, a decoração é muito bonita e suntuosa, feita nas cores vermelha e preta. Trata-se de um ambiente, de fato, glamoroso. As cores vermelho e preto comunicam elementos simbólicos que remetem à ideia de intensidade, especificamente o vermelho sugere paixão, desejo, energia e perigo, configurando um ambiente discursivo facilitador para a prática da prostituição de luxo.

Nas boates de luxo, os programas não acontecem nas instalações da boate, sendo apenas um espaço onde as garotas estão disponíveis para os clientes que desejam realizar um programa. Dessa forma, não existem quartos ou outros locais onde os programas poderiam acontecer. O cliente contrata os serviços diretamente com as profissionais e juntos se locomovem para hotéis, motéis ou mesmo residências, onde acontece o programa. O preço é combinado com a profissional e a boate recebe sua parte no valor pago pelo cliente.

As entrevistas aconteceram no camarim, um espaço onde as garotas se arrumam, vestem-se, se maquiam e se preparam para a noite. Ele fica na parte superior e o acesso é feito por uma escada, por onde descem as garotas que vão se apresentar no palco. Quando foi convidada para o camarim, a pesquisadora imaginou se tratar de um lugar tão bonito quanto o restante da boate, com espelhos, luzes, sofás e tapetes. No entanto, trata-se de um pequeno espaço, com armários e um espelho, apenas, em que cabem no máximo cinco pessoas. É um local bastante desconfortável e simples, que se contrasta com a suntuosidade existente no restante da boate.

As prostitutas se vestem normalmente como se estivessem apenas numa balada, ou seja, não ficam seminuas e não usam roupas exageradamente provocantes, como em outras categorias de prostituição. A forma como se vestem e se comportam comunica o estilo específico da prostituição de luxo. Trata-se de

mulheres jovens, bonitas, bem cuidadas, educadas e discretas. Aproximadamente trinta garotas frequentam a boate diariamente.

Os clientes são, na maioria, homens mais velhos, bem vestidos que aparentam ser de classes sociais mais altas. Eles ficam espalhados no espaço sempre acompanhados de uma ou mais garotas, dançam, bebem, conversam e têm total atenção delas. Além desse perfil de cliente, a boate recebe também turma de jovens, geralmente em festas de despedida de solteiro. Quando a pesquisadora estava na boate, chegaram sete jovens bêbados, levando um amigo que comemorava seu aniversário de dezoito anos.

O estranhamento em relação à presença da pesquisadora naquele ambiente foi bastante evidente por parte das profissionais, dos clientes e dos funcionários da boate. Os seguranças já haviam sido informados sobre sua visita e ao chegar eles a conduziram para o gerente que a levou para uma mesa, onde um refrigerante foi servido enquanto esperava a entrevistada Capitu. O gerente perguntou sobre os objetivos da pesquisa e disse sentir muita pena das garotas pela vida que levam. O objeto discursivo “pena”, por si só denota os estigmas em torno dessa profissão. Enquanto a pesquisadora se locomovia pela boate, garotas e clientes a observavam curiosos. Um cliente se aproximou da mesa, mas foi impedido pelo segurança que explicou não se tratar de uma garota de programa. No camarim, as garotas que por lá estavam perguntaram sobre a pesquisa e ficaram curiosas sobre os motivos que levaram a pesquisadora a se interessar por estudar a prostituição. Após a realização das entrevistas, a pesquisadora ficou na entrada aguardando o táxi, enquanto isso, conversou com o gerente e os seguranças que a bombardearam com uma série de perguntas sobre a pesquisa. Eles disseram que a pesquisadora deveria ter optado por pesquisar um assunto mais simples, porque as boates não eram locais para ela (“*moça direita*”) frequentar. Essa concepção também denota claramente o estigma em torno da profissão das prostitutas nas mais variadas categorias.

O acesso à boate ficou totalmente dependente de Capitu que se prontificou a conseguir mais colegas para serem entrevistadas. No entanto, no momento em que a pesquisadora foi à Belo Horizonte realizar as entrevistas, por dois dias Capitu não pode estar na boate por questões pessoais. Temendo a dependência exclusiva de Capitu, a pesquisadora optou por buscar em sites de garotas de programa de Belo Horizonte, possíveis participantes para a pesquisa. Assim foi encontrado o site ([www.agenda31.com.br/](http://www.agenda31.com.br/)) que apresenta *books* com fotos de garotas de programa e seus contatos. A pesquisadora, então, ligou para várias garotas, mas apenas duas entrevistas foram agendadas. As garotas se mostraram muito desconfiadas em relação à pesquisa e a maioria não se disponibilizou a participar.

A segunda entrevista aconteceu em um hotel de luxo, com Bruna. Foi agendada para a parte da manhã. Ao chegar, a pesquisadora se dirigiu à recepção e foi anunciada. Em seguida se direcionou para o quarto onde Bruna estava hospedada. Trata-se de um espaço com três ambientes e uma minicozinha, bem decorado, um lugar aconchegante. Bruna é uma pessoa muito extrovertida, espontânea e agradável.

A terceira entrevista realizada foi com Gabriela e essa aconteceu em sua residência, em um condomínio fechado situado em um bairro nobre de Belo Horizonte. Ao chegar, a pesquisadora foi recebida por ela, que a conduziu para o apartamento. Trata-se de um imóvel pequeno, mas confortável, bem organizado e mobiliado. Gabriela também é uma jovem agradável, que recebeu a pesquisadora muito bem em sua casa.

Cinco entrevistas já haviam sido realizadas, no entanto, ao transcrever observou-se que duas que foram realizadas na boate não alcançaram o nível de profundidade desejada, o que levou a pesquisadora a retirá-las da pesquisa. Dessa forma, houve a necessidade de se buscar mais participantes. Na boate, a pesquisadora pegou o cartão de uma das profissionais que lá trabalhava. Entrou

em contato por telefone e conseguiu agendar um horário com Angel. A entrevista aconteceu no apartamento que divide com Karin, outra prostituta de luxo que também participou da pesquisa. Trata-se de um apartamento luxuoso, bem localizado, discreto. Angel e Karin são muito agradáveis, receptivas e mostraram-se bastante interessadas na pesquisa.

Ao finalizar a transcrição das entrevistas e iniciar a operacionalização da análise, a pesquisadora recebeu outra indicação de uma possível participante. Entrou em contato e agendou a entrevista com Vivian, que a recebeu no *flat* que aluga para realizar os programas. O *flat* é um local bastante aconchegante, bem decorado e localizado em uma região nobre de BH. Vivian é muito educada, um pouco tímida e assim como as outras, recebeu muito bem a pesquisadora.

Das observações realizadas, alguns pontos merecem ser ressaltados. Primeiramente, vale mencionar o fato de o gerente e os funcionários estranharem a busca de informação sobre esses locais, como se fossem locais que não devem ser procurados por uma mulher aparentemente "fora do mundo ideológico das boates". Essa prática discursiva reflete o preconceito atribuído às prostitutas na sociedade, o que demonstra que mesmo se tratando de uma categoria de luxo, não deixa de ser hostilizada pela natureza da atividade.

A prostituição de luxo mostrou-se num primeiro momento, um território glamourizado, onde de fato, as possibilidades de ganhos são muito maiores que nas demais categorias de prostituição. Trata-se de um espaço elitizado, onde clientes exigem qualidade e estão dispostos a pagar por isso. A boate mostrou-se um local planejado e voltado para seu público. As seis participantes são mulheres em conformidade com o atual padrão hegemônico de beleza da contemporaneidade, ou seja, são mulheres magras, de corpos torneados, cabelos longos e bem tratados, maquiadas e bem vestidas. Demonstraram possuir um alto padrão de consumo, que pode ser observado pelo estilo de vida que mantêm e comunicam na sociedade.

No próximo capítulo, será possível conhecer um pouco sobre as participantes da pesquisa. Tem-se nos parágrafos abaixo uma breve descrição das prostitutas de luxo que colaboraram com este estudo.

#### **4.2 Quem são as interlocutoras dos discursos? Caracterizando as participantes da pesquisa**

Para trazer à tona o discurso acerca do trabalho na prostituição em suas mais diversas dimensões, faz-se premente focar na descrição das características básicas das profissionais entrevistadas que participaram da pesquisa. Conhecer o perfil de cada uma mostrou-se útil para o levantamento de elementos que facilitam a compreensão em relação ao discurso delas e suas práticas.

Quanto à identificação das participantes, optou-se por não divulgar nem o nome real, nem o “nome de guerra”. É sabido, que no caso da prostituição, algumas utilizam nomes criados apenas para a esfera profissional, conhecidos como “nomes de guerra”. Abaixo, apresentam-se as principais características discursivas de cada uma das participantes:

- a) Capitu tem 25 anos; é solteira; tem um filho com menos de 5 anos; é mineira; atualmente mora em Belo Horizonte com seu filho; possui Ensino Médio completo e não estudava no momento, afirmou estar se preparando financeiramente para estudar, algo que ela pretende fazer em breve; trabalha como vendedora autônoma durante o dia, de onde obtém uma renda de aproximadamente um salário e meio, à noite atua como *streeper* e garota de programa em uma boate, o que lhe confere uma renda entre R\$6.000,00 e R\$7.000,00 por mês quando consegue trabalhar todos os dias. Capitu é uma jovem muito bonita, magra,

cabelos longos pretos e bem cuidados. Ela é muito receptiva e agradável.

- b) Bruna tem 30 anos; é solteira; tem uma filha de 11 anos; é natural de São Paulo, interior onde reside com a filha e os pais; iniciou o curso de Administração, mas não concluiu; trabalha somente como garota de programa e afirmou ter uma renda mensal de aproximadamente R\$ 17.000,00 com essa atividade. Bruna é uma jovem alegre e espontânea, fala muito, dá detalhes e é extremamente agradável e receptiva. Na ocasião ela estava em Belo Horizonte, hospedada em um hotel de luxo, mas viaja bastante entre as capitais exercendo seu trabalho de garota de programa. Ela também é muito bonita, cabelos pretos longos, corpo escultural, unhas feitas, enfim, muito bem cuidada e vaidosa.
  
- c) Gabriela é uma jovem de 24 anos; divorciada, tem uma filha de 4 anos com quem mora; é natural de Belo Horizonte e mantém residência lá; não possui outra ocupação além de garota de programa; declarou possuir uma renda mensal de aproximadamente R\$15.000,00 nesta atividade. Seu nível de escolaridade é o ensino médio. Gabriela é uma menina doce, educada e receptiva, daquelas que você se torna amiga sem esforço algum. Ela é muito discreta, no que se refere à sua ocupação e bastante preocupada e receosa em relação à sua filha saber algum dia sobre isso. É uma jovem linda, de pele muito clara, cabelos loiros, longos e lisos, olhos verdes, magra, com um sorriso encantador.

- d) Angel tem 33 anos, é solteira, não tem filhos e é natural de Paracatu, Minas Gerais. Ela reside em Belo Horizonte há 15 anos e atualmente divide um apartamento com duas colegas. Seu nível de escolaridade é o Ensino Médio, embora ela tenha iniciado a graduação em Jornalismo, não finalizou o curso. Atua profissionalmente como garota de programa, não tendo outra ocupação. Esta atividade proporciona a ela uma renda de R\$ 20.000,00 mensais em média. Angel é uma mulher forte e decidida, totalmente focada no trabalho, demonstra ser ambiciosa e leva a prostituição com muita seriedade. Valoriza a família e parte do que ganha é voltado para ajudá-los financeiramente, principalmente os sobrinhos, por quem nutre profundo sentimento. Não foge aos estereótipos de prostituta de luxo, corpo escultural, longos cabelos loiros, pele impecável, maquiagem constante. Divertida, engraçada, falante e muito receptiva.
- e) Karin tem 28 anos, é divorciada e tem dois filhos, com idades de 10 e 12 anos, que atualmente moram com sua mãe. Ela é natural de Limeira, São Paulo, mas reside em Belo Horizonte há três anos. Ultimamente divide um apartamento com Angel e outra amiga. Seu nível de escolaridade é o Ensino Médio, embora ela anuncie no site que é graduada, segundo ela, porque isso é valorizado na prostituição de luxo. Ela não tem outra ocupação que não seja a prostituição e consegue por meio desta atividade uma renda de aproximadamente R\$ 12.000,00. Karin é uma mulher alta, morena, cabelos pretos e muito lisos, corpo exuberante. Demonstrou ser uma pessoa séria, mais reservada e um pouco tímida, mas respondeu com muita clareza as perguntas a ela direcionadas. Mostrou-se uma mãe carinhosa e

preocupada com o futuro dos filhos, por quem sofre diariamente dada a distância entre eles, que estão em Limeira com sua mãe.

- f) Vivian tem 32 anos, é solteira e não tem filhos. Nasceu no Espírito Santo. Aos 16 anos mudou-se para São Paulo e há 10 anos mantém residência fixa em Belo Horizonte. Atualmente mora em um apartamento com seus *pets*, dois gatos e um cachorro. Ela é fisioterapeuta e possui vários cursos na área de estética. É uma mulher empreendedora e tornou-se sócia de uma amiga em uma clínica estética. Auxilia na gestão do empreendimento, mas raramente visita o local. É proprietária também de uma loja de eletrônicos em sua cidade natal, que abriu para o irmão trabalhar. Dedicar a maior parte de seu tempo às atividades voltadas para a prostituição. Declarou obter uma renda de aproximadamente R\$ 23.000,00 mensais atuando como garota de programa. Ela mencionou que essa renda é muito maior do que a que ela obtém com os empreendimentos que possui. Vivian é uma mulher fina, chique, com um visual de modelo de passarela, algo que ela inclusive já foi ao mudar-se para São Paulo. Loira, olhos azuis, pele excessivamente clara e um sorriso lindo. Extremamente educada, gentil, inteligente e visionária.

Por meio das descrições apresentadas acima, observou-se que as participantes possuem características bastante comuns e que tais características são condizentes com o perfil ideológico frequentemente encontrado nas profissionais que atuam na prostituição de luxo. Em contrapartida, observou-se que as participantes diferem em algumas questões referentes às suas práticas discursivas e histórias de vida.

No que diz respeito à faixa etária, as participantes possuem idades entre 24 a 33 anos. Trata-se, portanto, de mulheres relativamente jovens. Duas delas (Gabriela e Karin) são divorciadas e as demais são solteiras, o que é muito comum na prostituição, tendo em vista a dificuldade em manter um relacionamento afetivo trabalhando na atividade. Capitu, Bruna, Gabriela e Karin têm filhos e são responsáveis por seu provimento econômico. Capitu e Gabriela residem com os filhos. Já no caso de Bruna e Karin, os filhos estão na responsabilidade das avós maternas em outras cidades para que elas possam trabalhar.

Quanto ao nível de escolaridade, apenas Vivian possui nível superior completo, sendo graduada em Fisioterapia, as demais possuem ensino médio completo. Barreto (2014) ressalta que há mulheres que são formadas, mas que encontram na prostituição de luxo uma maneira de ganhar uma renda maior do que ganhariam, atuando dentro de suas áreas de formação, como é o caso de Vivian.

Apenas Capitu tem outra ocupação que não somente a prostituição. Ela é vendedora em uma loja de roupas durante o dia. Vivian não atua diretamente em outra atividade, mas é proprietária de dois empreendimentos, sendo estes uma estética e uma loja de eletrônicos. As demais participantes atuam exclusivamente na prostituição.

A renda adquirida com a atividade realizada varia entre R\$ 6.000,00 e R\$ 23.000,00 mensais. No que se refere aos ganhos na prostituição de luxo, Barreto (2014) afirma que o valor pago por programa pode variar de acordo com as horas trabalhadas, com o nível econômico do cliente, os serviços sexuais contratados (por exemplo, se inclui sexo oral, o preço é mais alto). Quando o programa é feito com casal, os valores cobrados são mais elevados. É comum os casais contratarem os serviços sexuais e, desta forma, tanto homens, como mulheres, participam no momento da prestação do serviço. Algumas se mostram disponíveis para viajar com seus clientes, nesse caso, o preço para passar o final de semana em outra

cidade ou estado pode variar em torno de R\$ 2.000,00 por dia, com todas as despesas da acompanhante sob a responsabilidade do cliente. Angel relatou que tem um cliente fixo com quem passa alguns dias, geralmente uma semana, na sua fazenda em outro estado e cobra um preço alto pelo serviço, conforme demonstra seu relato abaixo:

Tem um cliente de Salvador, que às vezes eu passo alguns dias com ele na fazenda no Mato Grosso. (Risos) Eu cobro uma fortuna e ele paga. Já fui várias vezes. (...) Da última vez eu cobre 30 mil reais e achei que ele não pagava, mas ele pagou, menina! (...) Com os 30 mil troquei de carro (Angel).

No que se refere à renda, observou-se que as participantes que possuem rendas superiores (Bruna, Angel e Vivian) são bastante focadas no trabalho. Angel trabalha na boate, mas também divulga seu *book* no site da agência, ou seja, possui jornada dupla de trabalho, turno da tarde e da noite. Outro aspecto observado, é que essas participantes possuem clientes fixos, levando a crer que essa seja uma estratégia discursiva eficiente na prostituição de luxo.

Outra característica comum entre as participantes refere-se ao aspecto físico e ao estilo que aderem na prostituição de luxo. Todas as participantes, com exceção de Vivian, passaram por procedimentos cirúrgicos (lipoaspiração, lipoescultura, colocação de silicone nos seios, nas nádegas, dentre outros procedimentos). Para a prostituição de luxo, tais procedimentos fazem-se necessários, pois realçam atributos corporais que despertam desejos sexuais e tornam-se, portanto, importantes na perspectiva da prostituição. Acredita-se que para Vivian, tais procedimentos foram desnecessários, tendo em vista que ela foi modelo de passarela e possui um corpo adequado para a atividade. Um ponto importante a ressaltar foi o fato de nenhuma das participantes serem negras, o que remete às questões raciais. Na pesquisa realizada com prostitutas de baixo meretrício, Silva (2013) tiveram mulheres negras como participantes da pesquisa. Evidencia-se, assim, que é possível que exista uma menor participação de

mulheres negras ao se tratar da prostituição de luxo, o que remete ao preconceito racial vivenciado na sociedade.

#### **4.3 O caminho que conduziu ao “luxo”: analisando o discurso sobre a trajetória das prostitutas de luxo**

No presente capítulo, compreendeu-se a apresentação dos relatos coletados em uma conversa com as participantes, em que foi solicitado que as mesmas contassem um pouco de sua história até a entrada para a prostituição, focando, em especial, os pais, a infância, a adolescência, os relacionamentos amorosos, o casamento e os filhos. Deveriam relatar também a forma como conheceram a prostituição, o momento em que decidiram ser prostitutas, o que mais influenciou essa decisão e como estavam suas vidas atualmente, após a entrada para a boate.

Adentrar as experiências subjetivas vivenciadas nas trajetórias das prostitutas de luxo envolve compreender o discurso como instrumento de linguagem e produção de sentidos atribuídos pelos agentes, mais propriamente, a forma pela qual eles produzem seus mundos ordenados ou explicáveis (FAIRCLOUGH, 2003). Mais que isso, envolve reconhecer as escolhas, as ações, os símbolos e as formas de linguagem como práticas discursivas, mais propriamente como a própria materialização da ideologia em seus campos sociais.

Iniciou-se, questionando as participantes sobre os seus pais e o relacionamento que mantiveram com eles no decorrer do tempo. Nesse sentido, os discursos demonstram que três participantes cresceram em uma família estruturada e receberam afeto e cuidado da parte dos pais. Outras três participantes relataram que a relação com os pais não foi amistosa, havendo principalmente a ausência do pai.

Bruna, Angel e Vivian demonstraram manter uma ótima relação com os pais, conforme se observa nos discursos abaixo.

Bruna: “Meus pais são lindos, são queridos... Assim meu pai e minha mãe irão fazer 31 anos de casados. Meu pai ele é muito... Muito “modo antigo” sabe? Ele não sabe do meu trabalho. Ele é um homem “super” conservador, no sentido de ter evoluído com a tecnologia, mas tem alguns conceitos ainda... né? Meu pai vai fazer 60 anos, então ele também não é tão novo, mas também não é tão velho assim... E minha mãe é querida, é uma pessoa que sempre deu tudo para a gente, nos ensinou tudo, tudo o que precisávamos... E eles são lindos, amo eles!”

Bruna demonstra, por meio de seu relato, ter um carinho especial pelo seu pai, que é uma pessoa conservadora e por isso não sabe que ela é garota de programa. Suas escolhas textuais “não sabe do meu trabalho” “super-conservador”, demonstram que o fato de ser prostituta é algo que o pai não apoiaria dado o seu estilo conservador. Ao acrescentar “super” ela evidencia o excesso de conservadorismo presente na figura do pai, que leva a entender que ele não reagiria bem se soubesse da profissão da filha. Bruna diz que o pai “...tem alguns conceitos ainda”. No entanto, acredita-se que no relato falte o prefixo (pre) referente a preconceitos que o pai tem em relação à figura da prostituta. Embora exista uma negação, uma omissão gramatical em relação a esse sentimento por parte do pai, observa-se que ela é consciente sobre as consequências de revelar sua real profissão. No que se refere à mãe, os discursos remetem a cuidados, uma vez que ela demonstra que a mãe buscava suprir todas as necessidades dos filhos.

O mesmo pode ser observado pelo discurso de Angel.

Angel: “Ah... meus pais são fofos. São uma gracinha! A gente se dá bem, eu até preciso ir mais visitar eles, mas quase não dá tempo. Eles criaram a gente muito bem. Eu tenho duas irmãs e um irmão. Minha mãe é costureira, ela trabalha muito. Meu pai era funcionário público. Agora ele aposentou. Ele era motorista. Nosso relacionamento sempre foi bom. Minha mãe era muito linha dura com a gente. Meu pai é muito

tranquilo. Na adolescência a gente tem mais problema com os pais, né. Mas nada muito grave”.

Da mesma forma que Bruna, Angel demonstra grande afeto pelos pais. Ela menciona que os pais são pessoas trabalhadoras que sempre se esforçaram para cuidar dela e dos irmãos. Sobre sua mãe, utiliza a expressão “linha dura”, que remete, no Brasil, a alguém exigente, voltado para a rigidez disciplinar. Sobre o pai, ela revela se tratar de alguém muito tranquilo, com quem mantém uma ótima relação.

A seguir, tem-se o discurso de Vivian.

Vivian: Meus pais hoje são separados. Tem doze anos que eles se separaram, sabe. Mas sempre tivemos um bom relacionamento. Assim, acho que foi melhor com a minha mãe. Mas com meu pai também foi bom. Ele foi um péssimo marido pra minha mãe, mas foi um bom pai pra gente. Ele traía a minha mãe a vida inteira de casado deles. Eu sabia disso desde quando me entendo por gente. Eu lembro de ver a minha mãe chorando, as minhas tias falando, minha vó nem gostava dele por causa disso, meu vô proibiu ele de ir na casa dele. Nossa, era uma confusão. (Vivian chora) Não sei porque eu tô chorando. Acho que eu nunca falei sobre isso com ninguém e tem muito tempo que eu não penso nisso (pausa) Tá tudo bem... A minha mãe não se separava, acho que é porque ela tinha medo de perder as coisas que meu pai proporcionava pra ela e pra nós. Ele dava tudo pra ela, ela não trabalhava. Mas ele tinha amantes sempre e ficou muitos anos com uma delas e tipo assim, era algo escrachado mesmo. Todo mundo sabia. Mas ele era bom pai, muito carinhoso, muito presente, muito preocupado. Meu pai levava a gente ao médico, ia em reuniões da escola, levava ao dentista, brincava na praça. Eu admirava tanto ele, mas não entendia por que ele fazia minha mãe sofrer. Ela também era muito carinhosa com a gente, preocupava muito em deixar a gente sempre limpinho, bem arrumadinho, cuidava do nosso cabelo, das roupas. Meu pai era assim mas ela nunca reclamava, mas ela sofria, tanto que ela não aguentou. Todos os dias falo com os dois, morro de saudade deles”.

Pelo discurso de Vivian é difícil analisar o sentimento que ela tem em relação aos pais. Ao mesmo tempo em que ela demonstra revolta em relação ao comportamento de seu pai no que tange ao seu papel discursivo de marido, ela

nutre sentimentos afetivos por ele em seu papel de pai. Ela se mostra sensibilizada pelo sofrimento da mãe, mas parece culpá-la por permanecer casada por tantos anos. Os pais de Vivian se separaram há doze anos. Apesar dos problemas que ela relatou referente às traições de seu pai, ela demonstra que a relação entre eles sempre foi próxima. Conforme Vivian menciona, o pai traía a mãe e isso não era segredo pra ninguém, nem mesmo para a própria mãe. No entanto, eles mantiveram o casamento por longos anos e os filhos vivenciaram os problemas advindos do relacionamento. Acredita-se que tais problemas afetaram consideravelmente Vivian, pois ela se emocionou ao relatar a história e levou um tempo para se recompor. Pode ser que o sofrimento vivido por sua mãe seja o motivo de tal emoção. Apesar das fraquezas do pai, Vivian relatou que ele era muito presente na vida dos filhos, o que contribuiu para a boa relação que mantiveram. Ela relata com alívio o momento em que sua mãe decidiu se separar, como se fosse algo que ela sempre desejou. Ao chorar durante a entrevista, Vivian afirma não compreender o motivo pelo qual chora “Não sei por que eu estou chorando”. Trata-se de uma estratégia defensiva utilizada para naturalizar a situação e demonstrar que é algo superado por ela. No entanto, a emoção vivenciada retrata o quanto essa é uma questão delicada para Vivian que ainda influencia consideravelmente sua vida e suas escolhas.

Para Capitu, Gabriela e Karin a relação com os pais foi fonte de sofrimento por longo tempo e por diversos motivos. O discurso de Capitu é o que mais impressiona. Seus pais eram usuários de entorpecentes e quando ela era adolescente, eles faleceram. Dessa forma, ela e os irmãos foram morar com os avós e outros parentes, mas em um dado momento, esses parentes os expulsaram de casa e eles passaram a morar nas ruas de Belo Horizonte. Capitu experimentou o abandono em sua totalidade e se viu, desde muito jovem, com a responsabilidade de cuidar dos irmãos em um ambiente completamente hostil, que é as ruas. Antes da morte dos pais, acredita-se que também havia abandono, pois ela menciona que

em decorrência das drogas, os pais não proporcionavam uma estrutura familiar adequada.

Capitu: “Ahn... eu sou filha de pais separados. Meus pais eram separados e faleceram quando eu era adolescente. Ahn, o resto da minha família, avós e etc expulsaram eu e meus irmãos de casa, a gente foi pra rua. (...) Meus pais usavam droga, eles não tinham estrutura nenhuma”.

Gabriela vivenciou o abandono do pai ainda na infância. Segundo ela relata, o pai saiu de casa e ela não teve mais contato com ele. Em relação ao pai, ela assim afirma: “Eu não tenho pai”. A escolha textual de negar a existência do pai, pois ele existe, mas Gabriela prefere dizer que não tem pai, se dá em razão da ausência da figura paterna em sua vida. É exatamente dessa forma que ela se sente, como alguém cujo pai é desconhecido, pois assim tem sido desde que o pai saiu de casa. Em relação à mãe, ela afirma ter um bom relacionamento, embora demonstre se tratar de uma relação distante e pouco afetiva.

Gabriela: “Assim, eu não tenho pai. Meu pai se separou da minha mãe eu tinha um ano e meio, sumiu e eu não tive mais contato. Tenho um relacionamento bom com a minha mãe. Bom assim, quase não nos vemos”.

A situação de Karin não é diferente, ela também foi abandonada pelo pai com uma mãe omissa em relação aos filhos. Quando os pais viviam juntos, o clima parecia ser péssimo e as crianças sofriam violência física com frequência. Após a separação, o pai se mudou para outro estado e abandonou afetivamente os filhos e a mãe passou a viver uma vida sexual desregrada, sem se responsabilizar pelos filhos. Isso afetou a relação de Karin com a sua mãe, que até o momento parece não ter se modificado. Sobre a convivência com a mãe, Karin menciona que convive e “olha lá”. Essa expressão é usada quando se deseja mostrar que ainda se está fazendo muito, ou seja, ela considera que a mãe não merecia essa convivência e/ou seus esforços para a manutenção da relação entre elas.

Karin: “Olha... eu hoje convivo só com a minha mãe e olha lá. Sabe, eu nunca tive uma boa relação com meus pais. (...)”

Quando eu era criança... Eu tenho mais dois irmãos. Mas eu tava te falando, quando eu era criança, eles só batiam na gente. Eu apanhava até sem saber porque tava apanhando. Minha mãe era muito brava e meu pai, ele era covarde. Parece que ele gostava de fazer aquilo com a gente. Quando eu tinha seis anos, eles se separaram e um dos irmãos foi morar com a minha vó, a mãe do meu pai. Eu e o Cleber, meu outro irmão, ficamos com a minha mãe. Aí a gente parou de apanhar muito. Minha mãe só pensava em ir pro forró, pra gandaia, deixava a gente sozinho, trazia homem pra dentro de casa. Era assim, cada dia um diferente. É assim até hoje. Eu vou lá ver ela muito raramente. Muita mágoa, sabe. (...) Meu pai? Foi embora pro Paraná e vi ele poucas vezes”.

Nos discursos que abordaram as figuras do pai e da mãe das participantes, observa-se que algumas enfrentaram situações difíceis desde a infância, considerando-se a ausência dos pais e os problemas advindos dessa ausência. Já outras relataram existir laços fortes de sentimentos entre elas e seus pais. A seguir, apresentam-se discursos que se voltam para a infância de cada uma delas.

Capitu: “Na infância eu morava com meus pais. Igual eu te falei, eles usavam drogas e tinham um péssimo relacionamento. A minha infância e dos meus irmãos foi muito difícil”.

Bruna: Foi ótima! Eu morei no interior! Então eu brincava com meus avós, na roça, como o pessoal falava, né? E tomava banho de rio, subia em cima de árvore e brincava. Eu era muito terrível... É... e eu era muito hiperativa. Eu brincava o tempo todo, eu queria estar junto com meus amigos juntos da escola, queria brincar com os bichos com os animais... Eu era terrível.

Gabriela: Eu tive uma infância tranquila (...) Minha mãe ainda não tinha adoecido, ela trabalhava e a vida era bem mais fácil.

Angel: Foi ótima. Eu sou a segunda filha, então eu e minhas irmãs brincava muito na rua. Tinha muitas colequinhas na rua, brincava de casinha. A minha família era de condição baixa. É até hoje, né. Então não tinha muito brinquedo, frequentava escola pública, mas também não passava falta de nada, não. Minha mãe era muito rígida, então desde cedo a gente tinha que arrumar a casa, estender a roupa no varal. Meu pai era distante, ele trabalhava muito, vivia fazendo

viagens pra ganhar mais e quase não conversava com a gente. Ele era carinhoso e protegia a gente da minha mãe. Mas ela era durona até com ele. Acabava que não adiantava muito nada. Mas era assim, era bom.

Karin: Minha infância foi um período triste da minha vida. Eu evito lembrar muito da minha infância. É... porque assim... era bom porque tinha meus irmãos e a gente brincava muito, era muito criativo, a gente inventava muitos brinquedos porque meus pais não ligavam de comprar brinquedo pra gente. Meu pai falava assim: “Que brinquedo que nada menina, vai pegar a “bassoura” e “barrer” a casa”. Ele falava assim mesmo, era uma pessoa muito ignorante. Mas a gente inventava os brinquedos. A gente se virava muito sozinho, arrumava as coisas pra comer, comia, tomava banho, fazia o dever tudo sozinho. Depois que meus pais separaram é que foi insuportável. Meu irmão mais velho nem aguentou e se mudou pra casa da minha vó com meu pai. É porque minha mãe ficou muito namoradeira. Ela saía e trazia os namorados pra casa e a gente via muita coisa, escutava. Eu achava aquilo muito ruim.

Vivian: A infância foi muito boa. Na infância a gente não entende os problemas de casa, né. Você sabe que tá acontecendo alguma coisa, mas não entende o que é. Apesar do clima pesado lá de casa, eu tinha um monte de boneca, adorava brincar. Eu já fazia desfile de moda com as roupas da minha mãe. Ela assistia todos e adorava. Meu pai saía muito com a gente, abraçava, beijava demais, contava história, rezava comigo antes de dormir. Foi um tempo bom.

Por meio dos discursos das entrevistadas é possível observar que a infância foi um período tranquilo para a maioria delas. Bruna, Gabriela, Angel e Vivian demonstraram se recordarem da infância por meio de bons momentos que passaram com seus pais e irmãos. Contrária a essa percepção, Capitu e Karin elucidam em seus discursos que a infância foi um período de sofrimento e abandono. Aparecem elementos discursivos que são comuns às entrevistadas, mas relacionam-se a diferentes perspectivas. Por exemplo, o ato de brincar, importante na infância, é lembrado por Bruna “*Então eu brincava com meus avós, na roça (...)* E tomava banho de rio, subia em cima de árvore e brincava” e por Angel “*(...) eu e minhas irmãs brincava muito na rua. Tinha muitas coleguinhas na rua,*

*brincava de casinha*”. Karin também menciona as brincadeiras, mas afirma que não tinha brinquedos, pois os pais não compravam “*e a gente brincava muito, era muito criativo, a gente inventava muitos brinquedos porque meus pais não ligavam de comprar brinquedo pra gente*”. Karin se coloca como um sujeito coletivo (a gente) que implicitamente, relaciona-se a ela e os irmãos, porque os irmãos são parte de sua construção discursiva nesse contexto. Observa-se que as vivências da infância, tanto as boas quanto as ruins, eram compartilhadas pelos irmãos “*a gente brincava muito*”, “*brinquedo pra gente*”.

Os pais são citados em várias partes dos discursos e é possível perceber que a relação mantida com eles, o cuidado recebido, a presença afetiva, são preponderantes para a avaliação das entrevistadas sobre a infância. Capitu conviveu com pais que eram dependentes químicos e não viviam um bom relacionamento entre eles. Embora ela não dê detalhes sobre a infância, trata-se de um discurso carregado de negatividades. Angel revela características do pai e da mãe. Ela afirma que a mãe era muito rígida e atribuiu afazeres para ela desde a infância. Com o pai, ela demonstra ter uma relação mais distante, devido ao trabalho dele, mas afirma que ele tentava equilibrar a rigidez da mãe. Karin recorre a uma intertextualidade manifesta ao trazer a fala do pai “*Que brinquedo que nada menina, vai pegar a “bassoura” e “barrer” a casa*”, para demonstrar que o pai não se atentava para suas necessidades enquanto criança, dentre elas a prática do brincar. Ela também demonstra desprezo e abnegação pelas práticas da mãe e faz uma reflexão interessante indicando que o comportamento da sua mãe de levar vários homens para casa não era correto. Nesse momento Karin reproduz o discurso social da família e de suas bases. Em relação ao pai, Vivian traz recordações de momentos agradáveis vividos ao lado dele (“rezava comigo antes de dormir”), que parecem mascarar o fato de ele manter relações extraconjugais que afetavam negativamente não só a esposa, mas a família como um todo. Ao

mencionar esse fato, Vivian demonstra os valores simbólicos e as crenças cultivadas no seio familiar.

Já a adolescência das participantes foi uma fase marcada por momentos de turbulência e traumas que afetaram a trajetória das mesmas. Capitu perdeu os pais e logo depois foi parar na rua com os irmãos, Bruna foi caluniada e perdeu amigas por isso, Gabriela enfrentou dificuldades financeiras em razão do adoecimento da mãe, Angel tornou-se revoltada com o comportamento de sua mãe, Karin vivenciou a separação dos pais e mudou-se para a casa da avó materna e Vivian enfrentou o sofrimento de sua mãe em decorrência do divórcio. Os discursos apresentados a seguir abordam com mais detalhes as situações descritas.

Capitu: Eles faleceram (os pais). Fui morar com avós, junto com meus irmãos, com alguns tios, com o resto da família. E, ai já foi uma questão mais pessoal. Por materialismo (risos) eu e meus irmãos a gente foi... fomos expulsos de casa. A gente não tinha pra onde ir, não tinha psicológico muito bom pra resolver isso, a gente foi pra rua. Todos menores. Daí a gente conseguiu, nunca nos separamos, passamos por essa barra juntos, mesmo na rua. E ai consegui um trabalho como autônoma (venda de balas), mas consegui um trabalho de vendas também na época (vendedora ambulante). Ganhava muito pouco, mas como trabalhávamos todos juntos a gente conseguiu se manter por um tempo, até sair das ruas.

A adolescência foi um dos momentos mais difíceis para Capitu. Embora ela tenha revelado os problemas vivenciados com os pais na infância, quando eles morreram, ela experimentou de fato o que era abandono. Ao utilizar a expressão “fomos expulsos” ela denota a gravidade da prática, incluindo o sofrimento coletivo (dela e dos irmãos). O discurso demonstra ainda o sofrimento compartilhado com os irmãos e a responsabilidade que ela passou a ter sobre eles quando ficaram sozinhos. Apesar do caráter desastroso da situação, Capitu faz escolhas textuais ao contar esse episódio de sua vida, que tendem a naturalizar o ocorrido. Sobre a morte dos pais, ela diz simplesmente que “*Eles morreram*”, evita dar detalhes, simplifica algo que é complexo, pois perder os pais quando se tem

cinco irmãos para cuidar, não é nada simples. A prática do riso por parte de Capitu traz um sentido implícito de humor à maneira pela qual ela lida com a morte dos pais. “*Por materialismo (risos) eu e meus irmãos a gente foi... fomos expulsos de casa*”. No entanto, o riso é contraditório ao relato de um momento tão difícil para ela e os irmãos. Nesse momento ela satiriza para encobrir sentimentos mais profundos em uma tentativa discursiva de naturalização de suas experiências de sofrimento.

Gabriela: Não foi muito fácil não. A minha mãe teve um derrame eu tava com 11 anos. E aí depois que ela teve esse derrame a minha vida mudou demais, ela perdeu o emprego, tudo, a gente passou muita necessidade financeira e ela ficou muito depressiva, ficou bipolar. E aí o meu relacionamento com ela começou a ficar complicado.

Karin: Na adolescência foi punk pra mim. Depois que meu pai saiu de casa, igual eu te falei, minha mãe literalmente caiu na gandaia. Eu e meu irmão viu cada coisa que até Deus duvida. (...) Tipo assim, os namorados da minha mãe iam lá pra casa e ficavam lá dias. Uns caras mal encarados, estranhos. Aí eles começaram a fazer gracinha comigo, me falar coisas indecentes. (...) É me cantar mesmo. E eu tinha muito medo porque a minha mãe via, mas não falava nada, cara. Foi uma época terrível pra mim. Aí, eu tava com treze anos quando a minha vó me pediu pra ir morar com ela. (...) É a mãe da minha mãe, Vó Lurdinha. Ela sim, foi uma mãe pra mim. É até hoje, né. Meus filhos ficam com ela (...). Eu fui morar com a minha vó. Não é que era mil maravilhas não, sabe. Minha vó era muito brava também, mas pelo menos eu tinha sossego lá. A gente brigava, adolescente e gente velho nunca vai dar certo, né. Mas ela me ensinou muita coisa e me tirou daquela casa senão eu nem sei o que tinha acontecido.

Vivian: Na adolescência foi difícil porque aí eu já entendia o que acontecia lá em casa. É em relação ao meu pai e minha mãe. Meu pai tinha uma amante que ele praticamente vivia com ela e com a gente. Eu e meus irmãos queria que a minha mãe se separasse. Eu cheguei a falar com ela algumas vezes, mas ela não fazia nada. Aí um dia minha mãe, na hora do almoço, falou pra gente que eles iam se separar e que meu pai ia sair de casa. Foi um alívio porque era o que a gente queria. Ela ficou muito mal, depressiva, mas superou. A gente chegou a pensar em internar minha mãe de tão mal que ela

ficou, muito remédio, não saía do quarto. (...) Eu acho que ela já era depressiva e o divórcio piorou essa situação. Meu pai alugou um apartamento. Todo mundo pensava que ele ia morar com a amante, mas não. Mais fora esses problemas de família, a adolescência foi normal muitos amigos, passeios, a primeira farra. Eu comecei a desfilar também com onze, doze eu já participava de uns eventos assim né. Então, com dezesseis eu fui pra São Paulo.

Gabriela, Karin e Vivian mostram em seus discursos que a adolescência foi uma fase em que muitos problemas familiares vieram à tona. Ao se referirem à adolescência, as três entrevistadas fazem escolhas textuais que demonstram as muitas dificuldades vivenciadas nesse período, “*Não foi muito fácil*”, “*Na adolescência foi punk*” e “*Na adolescência foi difícil*”. A mãe de Gabriela sofreu um AVC, logo após perdeu o emprego, o que complicou a situação financeira da família e foi diagnosticada com um quadro de depressão e bipolaridade. Para Karin e Vivian, a separação dos pais foi um momento marcante na adolescência. Para Karin, a separação levou sua mãe a uma vida sexual desregrada. Ela menciona que “viu cada coisa que até Deus duvida” e usa essa expressão para dar ênfase ao sofrimento e ao mesmo tempo esconder os fatos reais, pois “coisas que até Deus duvida”, não são coisas para serem ditas. Karin, que já não tinha uma boa relação com a mãe, se viu sendo assediada pelos namorados que ela levava para casa. Ela relata que esses homens “*começaram a fazer gracinha comigo, me falar coisas indecentes*” e ao final diz que, caso a avó não a tivesse tirado da casa “*eu nem sei o que tinha acontecido*”, ou seja, observa-se que Karin pressentia que poderia ser violentada sexualmente por eles. Em relação a isso, no discurso é possível perceber que Karin esperava uma atitude da mãe, no entanto, ela nada fez pela filha (“*minha mãe via mas não falava nada*”). Vivian também aborda a separação dos pais e demonstra que se sentiu aliviada com isso (ela e os irmãos), pois a relação entre os pais já estava desgastada há muito tempo. Após a separação, o quadro de depressão da mãe agravou-se, o que parece ter sido um período difícil para a família.

A adolescência é uma fase em que se aflora a sexualidade dos indivíduos e iniciam-se os primeiros relacionamentos entre meninos e meninas. Bruna e Angel lembram esse momento a partir de questões que se voltam para o despertar da sexualidade, que se difere consideravelmente ao se tratar das mulheres. No discurso de Bruna são relatados alguns problemas enfrentados que dizem respeito aos relacionamentos que mantinha com seus colegas de escola. Conforme afirma, ela era uma menina bastante comunicativa e que, ao contrário das demais amigas, mantinha amizade com os meninos. No entanto, o que ela enxergava como amizade se tornou motivo para os meninos a caluniarem dizendo que haviam mantido relações sexuais com ela. Dessa forma, Bruna perdeu suas amigas, que se afastaram após esses comentários serem feitos. Ela relata que não compreendia os motivos pelos quais as amigas estavam se afastando e observa-se que isso lhe causou sofrimento. As amigas a discriminaram por acreditarem que ela havia iniciado sua vida sexual de forma desregrada. Nesse momento de sua vida, Bruna não se deu conta, mas ela enfrentaria essa mesma situação diversas vezes ao se tornar prostituta. Contraditório é observar que Bruna sofre pela reação das amigas, mas não demonstra sentimentos de raiva em relação aos meninos que a caluniaram. No discurso ela recorre a uma intertextualidade manifesta ao buscar demonstrar as calúnias sofridas, “*Ah! Eu já fiquei com ela, já peguei ela*”. Em seguida, ela procura justificar o ocorrido ao mencionar que se tratava de “*Coisa de menino, sabe?*”. Como se o fato de dizerem que tiveram relações sexuais com ela, embora isso não tivesse acontecido, fosse algo esperado por se tratar de garotos adolescentes. E quando ela enuncia em tom interrogativo, ela parece querer legitimar junto à pesquisadora essa sua crença.

Bruna: Na adolescência? Acho que fui uma adolescente tranquila, assim eu só tive problemas mesmo na escola, porque quando a gente é adolescente o que a gente quer é ser aceito em grupos. A gente quer participar de grupos, não queremos ser excluídos, né? E aí, a única coisa que me senti mal assim, porque os meninos, e eu era uma menina muito

espoleta, quando eles ficam com uma menina, eles falam “Ah! Eu já fiquei com ela, já peguei ela”. Coisa de menino sabe? E aí o assunto era que todo mundo já tinha me comido...Porque tipo assim entre aspas, né... Na escola, na faculdade, no colégio. E eu assim, não entendia... As vezes porque as minhas amigas se afastavam de mim, sabe?

No discurso de Angel sobre a adolescência ela descreve os primeiros contatos afetivos com meninos (“*Os primeiros namoradinhos*”). Nesse contexto ela enfrenta a resistência de sua mãe que não permite que ela se envolva com nenhum garoto, estabelecendo certa vigilância para que isso não acontecesse. Angel utiliza-se de uma intertextualidade manifesta ao trazer a fala da mãe “*Filha, mulher tem que se valorizar, não pode ficar agarrando menino por aí*”. Nesta fala, evidencia-se a percepção da mãe de que por ser mulher, Angel precisava se resguardar e que, portanto, namorar (“*agarrando menino*”) não é algo permitido para mulheres. Ao longo da história, criou-se a ideia de que a mulher necessitava de cuidado e proteção. Araújo (2001) relata que no Brasil colônia as mulheres eram submetidas à vigilância constante da família, da sociedade e, principalmente da igreja. Perrot (2007, p. 59) corrobora e afirma “que o sexo das mulheres precisava ser protegido, fechado e possuído”. Assim, é possível compreender as atitudes da mãe de Angel de buscar resguardar a filha, pois, no que se refere à sexualidade feminina, observa-se ainda uma prática social que atribui diferentes sentidos à sexualidade para homens e mulheres. Na busca por proteger a sexualidade da filha, a mãe de Angel recorre até mesmo à violência física, observada quando ela relembra que em uma ocasião, ao ser vista com um garoto, Angel apanha. “*Eu apanhei de correia, ela me levou pelas orelhas até lá em casa*”. No entanto, Angel resiste à vontade da mãe e aos 14 anos perde a virgindade com um namorado. “*Quanto mais ela pegava no meu pé, mais eu queria aprontar*”. O discurso de Angel demonstra que ela estabeleceu uma relação de medir forças com a mãe, ou seja, de fazer exatamente o que ela não gostaria que fosse feito. Ao utilizar o léxico “*mais eu queria aprontar*” Angel atribui às ações da mãe, o desejo

de fazer aquilo que era considerado por ela como errado. Isso torna-se mais evidente ainda quando Angel salienta que partiu dela a iniciativa de transar “*Eu fui pra casa dele e disse que queria transar*”. Todo o cuidado atribuído pela mãe a ela, era justamente para que Angel se mantivesse virgem, quem sabe até o casamento. No entanto, ela vai às últimas consequências e faz, por vontade própria, aquilo que a mãe mais temia que acontecesse: perder a virgindade. Essa prática do “perder a virgindade” emitia para Angel efeitos de sentido de liberdade, autonomia e controle sobre a própria vida.

Angel: A adolescência... deixa eu ver. Ah... foi divertida também. Os primeiros namoradinhos, ne. (risos) A gente nunca esquece. Eu tive vários... (risos). Foi uma época mais difícil, principalmente com a minha mãe. Ela não deixava a gente sair... tinha todo aquela coisa de que... “Filha, mulher tem que se valorizar, não pode ficar agarrando menino por aí”. Nossa, era tenso, viu. Lembro que quando eu tinha treze anos ela me pegou ficando com um carinho no muro da casa da minha vó. Eu apanhei de correia, ela me levou pelas orelhas até lá em casa... Foi um mico total! (risos) (...) E pra acabar de inteirar, minha irmã engravidou com 15 anos. Foi a morte pra eles. Ela fez minha irmã e meu cunhado casarem. Ele tinha 17 anos. Eram duas crianças. Depois disso ela redobrou os cuidados comigo e com a minha irmã mais nova. Quanto mais ela pegava no meu pé, mais eu queria aprontar. Arrumei um namoradinho com 14 anos. A gente tinha uns três meses de namoro. Eu fui pra casa dele e disse que queria transar. Ele tinha 17 anos. Ficou maluco quando eu falei. Foi quando perdi minha virgindade. Minha mãe nem sonha uma coisa dessas (risos). Acho que foi uma época meio rebelde minha, viu...

Outro aspecto investigado sobre a trajetória das participantes diz respeito aos relacionamentos amorosos que tiveram. Na vida de prostitutas, essa é uma questão bastante delicada, tendo em vista que não são todos os parceiros que aceitam o tipo de trabalho que uma prostituta desempenha, o que acaba por tornar os relacionamentos complicados e em algumas situações, impossíveis de acontecer.

Para as participantes da pesquisa a realidade não é diferente. Gabriela e Karin já foram casadas antes de tornarem-se prostitutas, mas no momento encontram-se divorciadas. Gabriela revela que manteve uma relação de união estável com o pai de sua filha por dois anos e que ele faleceu em um acidente automobilístico e uma semana após ela descobriu que estava grávida de sua filha. Após a morte do primeiro marido, ela se casou novamente, mas o relacionamento não deu certo, pois o cônjuge não aceitava a filha de Gabriela e isso foi crucial para que ela optasse pelo fim do relacionamento quatro meses após o casamento. Ela menciona: “*eu percebi que ele queria a mim, mas minha filha, não*”. Nessa fase, Gabriela enfrentou muitas dificuldades financeiras para manter a si mesma e à filha. Foi nesse momento que ela decidiu entrar para a prostituição. Após a entrada, ela não se relacionou com mais ninguém.

Gabriela: Eu me juntei com uma pessoa, fiquei com ele dois anos. Aí teve uma situação meio trágica. Ele sofreu acidente de carro, faleceu e uma semana depois eu descobri a minha gravidez, da minha filha. Então eu me envolvi com outra pessoa depois, minha filha estava com um ano e meio pra dois anos. E eu acho que eu tava muito fragilizada, não era uma pessoa muito bacana. Porque enquanto a gente namorava, eu tava bem, aí quando a gente casou... Porque o primeiro, pai da minha filha a gente morou junto mas não casou. Aí esse segundo eu casei com ele, e eu percebi que ele queria a mim, mas minha filha, não. Aí passou quatro meses casada, aí eu separei dele, por conta da minha filha.

Karin: Não sei nem se pode chamar de relacionamento amoroso (risos). Eu fui casada com um traste. A gente era muito novo quando casou. Eu tinha dezesseis anos. Mas casei tudo bonitinho. Claro que eu tava grávida, né. Minha vó falou que tinha que casar e pronto. Fui morar com a sogra (...) Não, ela era gente boa, era ele que não prestava mesmo. Menina, ele nunca trabalhou, vivia uma vida de playboyzinho em cima da mãe dele. Usava droga demais, vivia com turma de amigo e até me bater, um dia ele bateu. Eu pedia pra ele pra gente sair da casa dos pais dele. Eu trabalhava numa loja de roupa e vendia cosmético, mas não dava pra pagar aluguel. E ele nada. Aí, nessa loja que eu trabalhava, eu conheci um cliente,

me envolvi com ele, meu marido descobriu e eu saí de casa. Aí depois me divorciei.

O discurso de Karin revela que ela e o esposo se casaram muito jovens e despreparados para as responsabilidades do relacionamento familiar. A condição para o matrimônio é que ela estava grávida do primeiro filho e a avó, com quem morava, exigiu que ela se casasse. Ao mencionar isso ela transfere a responsabilidade do seu contrato de casamento para a avó, sugerindo que talvez essa não fosse uma escolha. Interessante observar também que ela menciona “casei tudo bonitinho” com a pretensão de demonstrar que passou por todos os rituais (casamento civil e religioso, chá de panela, festa). No entanto, se contradiz ao revelar “claro que eu tava grávida”, pois a gravidez não se enquadra na perspectiva de um casamento “bunitinho” e dessa forma, Karin rompe com os padrões hegemônicos referentes ao casamento. No seguinte trecho discursivo evidencia-se que o esposo era demasiadamente imaturo, ela afirma que ele “*nunca trabalhou, vivia uma vida de playboyzinho em cima da mãe dele. Usava droga demais, vivia com turma de amigo e até me bater, um dia ele bateu*”. Nessa produção discursiva ela externaliza o desprezo pelas práticas do parceiro. Karin menciona que inclusive sofreu violência doméstica por parte do esposo. Com um casamento falido, veio a traição que culminou com o divórcio.

A seguir apresenta-se o discurso de Bruna:

Bruna: “Aff...” Então, quando eu conheci o pai da minha filha, na época eu trabalhava com vendas e ele também, começamos a namorar, eu engravidei, eu tive minha filha. Logo em seguida eu me relacionei de novo, com uma outra pessoa mais velha do que eu, lembrando que foram relacionamentos antes de eu iniciar nesta carreira. Comecei neste trabalho em 2008 e de lá para cá, não consegui relacionar-me com mais ninguém. Eu já namorei até, me apaixonei, amei, chorei, sorri... Mas comecei a perceber, ao meu redor, que inúmeros relacionamentos começavam ruim, porque começavam sem amor, sem sentimento.

Bruna mostra-se desapontada quando o assunto é relacionamento amoroso. Inicia o discurso com a expressão “Aff...” que remete à insatisfação, descrença. Em seguida conta sobre o relacionamento que manteve com um namorado, que é o pai de sua filha, mas não permaneceram juntos. Logo após, ela se relacionou com uma pessoa mais velha, mas também não continuou. Após entrar para a prostituição, ela afirma não ter se relacionado com ninguém. Atribui essa decisão ao fato de que os relacionamentos que começam na prostituição são vazios de sentimentos, segundo ela os relacionamentos “*começavam ruim, porque começavam sem amor, sem sentimento*”. Ela valoriza o amor romântico, que se contrapõe a tudo o que ela pratica em termos de trabalho. Bruna critica colegas de profissão que passam a se relacionar com clientes apenas para não ficarem sozinhas. Ela demonstra preferir a solidão, até mesmo para encontrar uma pessoa que faça sentido em sua vida.

Angel: Já namorei muito, já morei junto uma vez, mas não deu certo. (...) Aqui em BH fiquei muito tempo só no rolo mesmo, principalmente depois que virei garota de programa. É complicado. Em 2006 me envolvi com um cara, ele sabia o que eu fazia. A gente ficou junto um tempo, sabe. Foi com ele que eu morei sete meses, mas ele não aguentou a pressão. É difícil quando a gente faz programa. Todo mundo sabe, chega uma hora que o cara não aguenta. Assim... no início nem tanto, porque ele já me conheceu garota de programa, então ele sabia o mato que ele tava lenhando. Mas com o tempo fica com ciúme demais sabe. (...) Ele começou a cobrar presença, a incomodar com os horários, a implicar com as ligações... aí eu vi que não dava mais pra continuar. Eu até fiquei com vontade, sabe. (de deixar a prostituição). Mas ele era duro, não tinha dinheiro pra nada. Como que a gente ia viver? Eu não tinha muito dinheiro guardado, nem nada... Eu vi que eu ia penar de novo com falta de grana... eu não queria mais viver assim. Depois dele eu não namorei muito tempo ninguém. Eu até tenho uns rolinhos, mas nada sério.

Angel relata que manteve uma relação estável com uma pessoa após tornar-se prostituta. Permaneceram juntos por sete meses, porém, segundo ela afirma “*ele não aguentou a pressão*”. Ao utilizar essa expressão, Angel direciona-

se para a dificuldade de uma prostituta manter um relacionamento amoroso. Observa-se em sua fala a percepção de que, a atividade da prostituição em si, carrega realidades difíceis de serem aceitas, principalmente no universo masculino. O trecho discursivo “*Todo mundo sabe, chega uma hora que o cara não aguenta*”, condiz com a prática social existente de que nenhum homem suportaria manter uma relação amorosa com uma prostituta por muito tempo.

É possível compreender a distinção que as pessoas, principalmente os homens, fazem entre a moça, com quem se deve casar, e a prostituta, com quem se deve apenas satisfazer desejos sexuais e se divertir. Juliano (2002) afirma que em matéria de gênero a ideologia dominante divide as mulheres em “boas” e “más”, isto é, entre as que procuram ou não seguir às convenções e papéis impostos socialmente a elas. A mulher boa está associada à esfera privada, ela é mãe/filha/avó/esposa do lar, comedida e paciente, ao passo que a mulher má, associa-se à vida pública, ela é degenerada/desviante/amante/puta e age por impulso. Sendo associada ao pólo das mulheres más, à prostituta recai uma desvalorização extrema que se manifesta por ações de violência física ou simbólica. Essas últimas, consistem em dispositivos que visam a negar que a mulher prostituta possa exercer papéis sociais e possuir atributos associados às demais mulheres.

Diante disso, uma possível alternativa é deixar a profissão. Ao ser questionada sobre essa possibilidade para manter o relacionamento, Angel, revela ter cogitado. No entanto, ao ponderar sobre a situação financeira do parceiro, levando em consideração as dificuldades que ela já havia enfrentado, decidiu por terminar o relacionamento.

Ainda sobre os relacionamentos, tem-se a seguir os relatos de Capitu e Vivian.

Capitu: Eu me relatei por mais tempo com o pai da minha filha, mas depois a gente viu que estava desgastada a relação.

Hoje eu não me relaciono com ninguém, estou focada em outros planos e na minha filha.

Vivian: Em São Paulo eu tive um relacionamento mais longo, desses que a gente pensa que vai até se casar. Esse era o plano. Mas não foi o que aconteceu. Depois... só coisa passageira mesmo. Eu tô numa fase, que preciso estar só pra colocar as coisas em ordem. Eu também não sei como seria namorar ou me casar com esse trabalho que eu tenho. Acho que é difícil pra pessoa. Tem que ter a cabeça aberta demais. Então, eu sempre penso que se tiver de ser, vai ser quando eu puder e quiser deixar a prostituição.

Capitu afirma que se relacionou com o pai de sua filha por um tempo, mas que o relacionamento se tornou desgastado e decidiram terminar. No momento, ela diz que está focada em questões profissionais e por isso evita novos relacionamentos. Vivian, da mesma forma, demonstra que, por hora, necessita estar sozinha. Ela menciona, assim como Angel, as dificuldades de se relacionar tendo em vista o trabalho na prostituição.

Na sequência, as entrevistadas relataram sobre os filhos e o relacionamento que mantêm com eles.

Capitu: Tenho um filho com menos de 5 anos. Ele mora comigo e tudo. Eu sou responsável por tudo.

Bruna: Eu tenho uma filha de 11 anos que é o amor da minha vida. Ela é linda, tem um cabelo pretinho igual o meu... É um anjo, gosta de cavalo, igual a gente (risos). (...) Ela fica com meus pais pra eu trabalhar, né. Sempre ficou com eles. Ela vai para casa do pai também, mas só de vez enquanto porque ele também mora fora. Eu tento ir de quinze em quinze dias ou então eu fico mais tempo trabalhando e depois eu fico com ela tipo um mês. A saudade é grande!

Gabriela: Minha filha tem quatro anos e mora aqui comigo. A gente é um grudinho só. (...) Ela tá na casa da vizinha que fica com ela quando ela chega da escolinha. A minha filha assim, graças a Deus eu acho que ela não sentiu tanto (a morte do pai) porque ela não conheceu, nunca teve. Mas assim, eu me preocupo né? Pela cabecinha, assim, é complicado, criar um filho sozinha não é fácil.

Karin: Meus filhos são meus amores! Eu sinto muita saudade deles todo dia. Eles moram na casa da minha vó, mas eu pago

uma empregada pra arrumar as coisas pra minha vó e tem uma mocinha que trabalha lá desde quando eu vim pra cá, ela faz o dever com eles, leva no futebol, leva ao médico, essas coisas assim. Eu tento não incomodar minha vó, mas ela cuida muito bem deles pra mim. Só que ela já tá mais velha né, aí eu não posso deixar tudo pra ela. Eu falo com eles todo dia, passo mensagem, mas mesmo assim é difícil. O Miguel, o que tem 13 anos tá muito rebelde. Adolescência né... difícil. (...) Eu tento ir o máximo possível, mas não dá pra ir muito. Eu trabalho no final de semana também. Mas pelo menos uma vez no mês eu vou.

No que se refere aos filhos, as entrevistadas demonstraram ser mães dedicadas e amorosas. Capitu e Gabriela têm filhos pequenos e residem com eles em Belo Horizonte. Bruna e Karin, que são de outras cidades, ainda que não estejam presentes em sua criação, preocupam-se em mantê-los e proporcionar-lhes os cuidados dos quais necessitam. Angel e Vivian não têm filhos.

Nos discursos aparecem elementos comuns entre as entrevistadas no que se refere aos filhos. Aparecem nos discursos expressões afetivas que demonstram o forte sentimento que nutrem pelos filhos (“*é o amor da minha vida*”, “*A gente é um grudinho só*” e “*Meus filhos são meus amores*”). Para Bruna e Karin, que ficam distantes dos filhos, o sentimento de saudade é demonstrado em ambos os discursos: “*a saudade é grande*”, “*Eu sinto muita saudade*”). Outro ponto comum entre elas é o fato de os filhos serem cuidados por pessoas da família (pais e avó), tendo em vista a impossibilidade de estarem frequentemente com eles. Nessa perspectiva, Przybysz e Silva (2017) menciona que a experiência de vivenciar ambos os papéis em uma sociedade que renega a condição de mãe e prostituta faz com que essas mulheres criem estratégias espaciais que permitem desenvolvimento da prostituição e da maternidade, como é o caso de Bruna e Karin. Acredita-se que essa negação da sociedade em aceitar que a prostituta pode também ser boa mãe, leva Capitu a ressaltar por meio do léxico “tudo” que ela cumpre com todas as obrigações relativas ao papel de mãe.

Até aqui, foi possível conhecer um pouco sobre a trajetória das participantes da presente pesquisa. Procurou-se descrever momentos significativos, bem como apresentar a forma como elas lidam com importantes aspectos da vida, dentre eles a família. Resta-nos, no entanto, compreender como se deu a entrada das participantes para a prostituição de luxo. A seguir encontram-se relatos sobre esse momento crucial.

Capitu: Teve um período que eu fui, beirando meus 18 anos, eu fui morar em um pensionato, república feminina. Consegui uma república bem barata, aí fui morar lá. Nessa república tinha uma garota que ela fazia faculdade, e, ela tinha os filhos dela que moravam no interior, e ela trabalhava a noite, dizia que trabalhava a noite cuidando de idosos, até porque ela fazia enfermagem. E um belo dia eu vi ela saindo de casa pra cuidar de idosos, mas, não consegui dormir esse dia. Quando ela voltou eu vi que ela não, não voltou com a mesma roupa. Voltou como se tivesse vindo de uma festa (risos). Não julguei ela. Não me passou nada na cabeça em relação a isso. Mas ela se sentiu muito mal e começou a me explicar o que tava acontecendo, contar da vida dela. E falou que trabalhava a noite, que era assim que ela pagava a faculdade dela, que era assim que ela mandava dinheiro pros filhos que moravam no interior, que os pais cuidavam. E, com pouco tempo depois, que com essa situação, meus familiares foram apertando, apertando, apertando, eu comecei a pensar a respeito, tomei coragem e pedi ela pra me levar onde ela trabalhava (...) E ela me trouxe, e eu vi que... eu vi que era totalmente diferente do que eu pensava, sabe?

No discurso de Capitu, evidencia-se que ela conheceu a prostituição de luxo, por meio de uma colega de república. Após sair das ruas, ela foi morar em uma república feminina onde conheceu essa amiga que trabalhava na boate. A amiga não revelava pra ninguém seu real trabalho. No entanto, um dia Capitu a viu chegar em casa com roupa de festa e ela se assustou muito com o fato de ela tê-la visto. Então, resolveu contar a Capitu sobre seu trabalho como prostituta de luxo na boate. Após a revelação, a amiga busca se justificar demonstrando os motivos pelos quais é prostituta “*que era assim que ela pagava a faculdade dela, que era assim que ela mandava dinheiro pros filhos que moravam no interior*”.

De início, Capitu revela que não se interessou pela prostituição, mas em um momento de grande dificuldade em que tinha que ajudar seus irmãos, ela pediu a essa colega para ir com ela na boate. No trecho em que revela a situação enfrentada, Capitu utiliza-se da repetição (“*foram apertando, apertando, apertando*”) para enfatizar que a entrada na prostituição ocorreu em um momento de extrema necessidade. O reforço da expressão é também uma estratégia discursiva para justificar sua entrada nesse ramo de trabalho por motivos de necessidade financeira. Após essa primeira visita, ela iniciou as atividades na boate, onde trabalha até hoje.

A seguir apresenta-se a fala de Bruna:

Bruna: Na verdade eu conheci através de uma agência, eu fui trabalhar com eventos, né? E aí quando você trabalha com eventos, tem um mundo diferente... Imagine saí do interior, para vir pra São Paulo, arrumei um trabalho, o primeiro trabalho que arrumei foi em um bingo (na época em que existia), acabei me dando bem, pois no bingo havia dinheiro e, nesta mesma época já fazia faculdade, quando de repente o bingo fechou... Todo mundo ficou à mercê e foi nessa época que eu e as meninas que trabalhavam neste bingo procuramos a agência, e essa mesma se interessou pelo nosso perfil. Foi neste momento que eles pediram um book para nós, conseqüentemente surgiram os trabalhos, inicialmente em feiras. Depois de um tempo trabalhando fiquei sabendo de alguns “esquemas por trás”, conseqüentemente fiquei curiosa, acabei me interessando. Depois de dois anos trabalhando com eventos e serviços paralelos, um cliente me informou do site, explicando a forma e o quanto que as meninas cobravam, e conseqüentemente você tinha o seu garantido do dia, porque no evento, feira não era garantido todo dia, em média eram dois por semana, correndo o risco de não acontecer. Já neste tipo de trabalho não, você faz o seu horário e aí ele me ajudou, com um investimento inicial, para frete, fotos no site e aí eu entrei.

O discurso de Bruna envolve sua chegada a São Paulo, onde, inicialmente, trabalhava em um bingo. No entanto, o bingo fechou e por isso, ela e algumas colegas de trabalho procuraram uma agência de eventos. Na agência, ela foi

solicitada a fazer um *book* e os trabalhos em eventos surgiram. Por dois anos, Bruna atuou exclusivamente em eventos. Ela relata que após esse tempo na agência, tomou conhecimento sobre a prostituição que acontecia nos espaços em que ela trabalhava. Ao invés de mencionar prostituição, Bruna refere-se a isso como “*esquemas por trás*”, expressão que denota algo escondido, não revelado. Sua prática discursiva sobre a prostituição aproxima-se da visão social que coloca a prostituição no domínio das sombras, algo periférico que não deve ser revelado. Bruna mostra-se objetiva e racional ao fazer a escolha por permanecer nos eventos ou tornar-se prostituta, inclusive ela menciona o despertar de sua curiosidade por esse tipo de prática, indicando sua abertura para esse modo de trabalho, o que demonstra que ela já havia se interessado de alguma forma por conhecer a prostituição. Ela revela que fez um balanço dos ganhos que teria em cada uma das possibilidades e verificou que, em termos financeiros, os ganhos seriam bem maiores atuando como prostituta no site e que poderia, inclusive, trabalhar menos do que trabalhava nos eventos. Diante da análise ela decidiu iniciar sua carreira na prostituição de luxo.

Gabriela: Bom, quando eu divorciei desse meu ex-marido eu fiquei em uma situação financeira muito difícil, muito difícil mesmo. Aí eu voltei a trabalhar, mas com o que eu ganhava... Eu não tinha apoio da minha mãe, nem financeiro nem emocional. Então eu precisava pagar as contas, cuidar dela (da filha) e tal, então eu vi que não tava dando com trabalho normal. E aí um amigo meu me falou e tal: Por que você não pensa nisso (prostituição) e tudo? E eu já tinha pensado nisso várias vezes, mas eu nunca tinha ido adiante. Realmente a situação apertou demais, aí eu tive a coragem de tomar essa iniciativa e tentar. Então foi aí que eu procurei a casa de massagem e entrei.

O discurso de Gabriela demonstra que ela também se tornou prostituta de luxo em um momento de extrema necessidade financeira. Em seu relato, observa-se que ela havia se divorciado e não possuía renda alguma para manter a si mesma e à sua filha. Embora tenha conseguido um emprego, o salário que recebia não era

suficiente para suprir as despesas que elas tinham e principalmente garantir uma moradia. Assim como Capitu, Gabriela também reforça a dificuldade do momento ao apontar que se tratava de um período “*muito difícil, muito difícil mesmo*”. Então, ela utiliza-se de uma intertextualidade manifesta ao apresentar a fala de um amigo que a questiona sobre a possibilidade de tornar-se prostituta: “*Por que você não pensa nisso (prostituição) e tudo?*”. Dessa forma, o que ela comunica é que a ideia de inserir-se na prostituição partiu de outra pessoa. Mas em seguida, Gabriela se contradiz ao afirmar que “*já tinha pensado nisso várias vezes*”, ou seja, a prostituição já se apresentava como uma possibilidade de trabalho.

Angel: Foi uma colega da faculdade. Por que foi assim, eu vim morar aqui em BH contra a vontade dos meus pais. (...) Mas eu passei e vim com a cara e a coragem. Cheguei aqui, fui morar numa república que minha prima arrumou pra mim. Comecei a trabalhar numa lanchonete, depois no telemarketing e fui me virando. Mas virando assim, passando muita dificuldade pra pagar o aluguel, ônibus... E eu fiquei muito amiga da Carol (...) Aí um dia, tava tão difícil... (choro) É porque tava difícil mesmo. Eu tinha que pagar o aluguel as menina, eu tava com saudade de casa por que tinha um tempão que eu não ia lá. Aí eu falei com ela, com a Carol, que eu achava que ia ter que ir embora e deixar tudo. Aí ela falou assim “Olha Mi, eu tenho uma saída pra você, mas não sei se você vai topar. Eu acho que você tem perfil. É muito bonita, sensual...” Quando ela falou assim, eu já achei estranho. Aí ela falou que dava pra ganhar muita grana. Que ia resolver meu problema com dinheiro. Aí ela me contou que era garota de programa e que tinha os esquemas pra mim. Que podia me apresentar na agência, que eu fazia as fotos e começava. Eu levei um susto. Eu falei pra ela que ia pensar e falava pra ela. Então... eu fui pra casa e fiquei pensando. Liguei pra ela pra ver como eram os esquemas da agência. Ela falou que não precisa mostrar o rosto. Eu fiquei mais animada, porque eu tinha medo de me expor na cara dura. A Carol falou que os cara era gente fina, que era gente mais requintada, com dinheiro e que se eu soubesse ia ganhar muita grana. Depois de perguntar isso e mais um monte de coisa pra ela, eu resolvi que ia tentar e ela marcou na agência pra mim.

Assim como Capitu e Gabriela, o discurso de Angel demonstra que ela enfrentava um momento instável financeiramente decorrente de sua mudança para

Belo Horizonte para cursar jornalismo. Embora ela trabalhasse, o salário recebido não era suficiente para as despesas. Nesse contexto, surge uma amiga que se revela prostituta e apresenta essa possibilidade de trabalho para Angel. Nesse trecho discursivo, ela utiliza-se de uma intertextualidade manifesta ao apresentar a fala da amiga: “*Olha Mi, eu tenho uma saída pra você, mas não sei se você vai topa. Eu acho que você tem perfil. É muito bonita, sensual...*”. Essa produção discursiva, além de comunicar a prostituição como possibilidade de trabalho, também indica que para trabalhar nesse ramo é necessário ter “perfil”, ou seja, atender a requisitos específicos do campo, como beleza, sensualidade, etc. Ademais, observa-se que a prostituição se apresenta como uma solução para a crise vivenciada demonstrada pelo uso do léxico “saída”. Essa intertextualidade manifesta se apresenta no discurso com um tom de convencimento de que aquela seria de fato a “solução financeira” e que Angel possuía os atributos desejados para a atividade. Angel relata que a amiga garantiu que o trabalho resolveria o “*problema com dinheiro*” e que tinha “os esquemas” pra ela. Novamente, a prostituição aparece no discurso como um esquema, ou seja, refere-se à prática discursiva e social que engloba todo o contexto de práticas que constroem o contexto da prostituição. E esse contexto precisa ser conhecido para que os agentes consigam adentrá-lo. No caso de Angel, a amiga a conduziu ao caminho que levava à prostituição e isso incluía: conversar na agência, fazer as fotos e iniciar o trabalho. É possível identificar uma interdiscursividade com o discurso da prostituição de luxo, quando Angel menciona que “*Ela (Carol) falou que não precisa mostrar o rosto. (...) A Carol falou que os cara era gente fina, que era gente mais requintada, com dinheiro e que se eu soubesse ia ganhar muita grana*”. Nesse trecho, evidenciam-se aspectos do contexto da prostituição de luxo que se refere ao perfil dos clientes e das possibilidades de ganho com a atividade.

Em seguida, tem-se o trecho discursivo de Karin:

Karin: Pois é, você lembra que eu te contei que eu traí meu esposo e ele descobriu e a gente separou? Então... eu traí ele com um cliente que ia lá na loja. Ele era bem mais velho que eu e todo mundo sabia que ele saía com uma menininha. O trelelê entre a gente começou com ele me dando presentes, mais presentes caros mesmo, joia, roupa de marca, dinheiro vivo também. Aí eu comecei a pensar no que eu poderia ganhar se eu virasse amante dele. Meu casamento tava uma merda. Aí um dia liguei pra ele e falei que ia sair com ele. E saí. E depois saí de novo e ele só me dando os presente. Foi assim, porque eu fui prostituta do mesmo jeito, tava interessada na grana do mesmo jeito. Ele me pagava praticamente, a gente só não falava assim. Quando eu separei ele montou uma casa pra mim e eu fui com meus filhos. Fiquei vivendo como amante dele por uns dois anos. Mas eu sabia que logo ele ia achar outra menininha e eu ia sobrar. Eu saí com outros caras também. Até com gerente da empresa do amante (risos) Aproveitei o tempo e fiz minhas plásticas, coloquei silicone, fiz uma poupança boa. Aí pesquisei boates de prostituição de luxo em São Paulo, em BH, no Rio. Aí achei a New Sagitarius, liguei e vim conhecer, fazer um teste. Fiquei aqui duas semanas e foi bom, gostei do clima da boate, dos clientes. Aí me mudei pra cá e conheci a Michele e vim morar com ela.

A forma como Karin tornou-se prostituta difere das demais, até mesmo porque inicialmente não se tratava propriamente de prostituir-se, embora ela perceba como sendo similares. Para esclarecer como se deu sua entrada na prostituição, Karin retoma o momento em que se divorciou do marido, tendo em vista que ele descobriu uma traição por parte dela. A traição aconteceu com um cliente da loja em que Karin trabalhava. No discurso é perceptível que não se tratou de uma traição que envolvia afinidade ou atração, mas presentes valiosos e quantias em dinheiro. Karin assim relata “*O trelelê entre a gente começou com ele me dando presentes, mais presentes caros mesmo, joia, roupa de marca, dinheiro vivo também*”. O discurso revela que Karin iludiu-se com os ganhos que poderia ter e decidiu por tornar-se sua amante. Para ela, esse momento configurou-se na entrada para a prostituição. Embora exista uma prática social que

descaracteriza amantes como prostitutas, pois não há a venda dos serviços sexuais propriamente dita, na experiência de Karin, ela se coloca como uma delas e justifica mencionando que havia o interesse pelo dinheiro assim como na prostituição “*Foi assim, porque eu fui prostituta do mesmo jeito, tava interessada na grana do mesmo jeito*”. Ela se sentia paga para ser amante. É curioso observar no discurso de Karin, que ela se preparou para atuar futuramente como uma profissional do sexo. Ao utilizar a expressão “*aproveitei o tempo*”, ela demonstra que durante o tempo que esteve como amante, fez intervenções cirúrgicas que facilitariam sua inserção no mercado da prostituição. Ela revela que sempre foi consciente de que o papel de amante um dia chegaria ao fim, juntamente com os presentes e mordomias que tinha ao lado do cliente. Por isso, ela decidiu procurar locais onde pudesse trabalhar como prostituta de luxo. Naquele momento, ela encontra a boate e inicia os trabalhos em Belo Horizonte.

Vivian: Desde doze anos eu participava de desfile na minha cidade. Aí todo mundo falava que eu tava na idade certa pra virar modelo. Mas na minha cidade não tinha nenhuma agência. Aí eu fiz um book e um cara que arrumava os desfiles mandou pra uma agência em São Paulo. Eu tinha dezesseis anos quando fui pra lá fazer uns trabalhos fotográficos. Aí terminei o Ensino Médio e entrei na faculdade de fisioterapia. Mas na moda as coisas são muito devagar. Eu tava ansiosa já e nada acontecia, tipo assim um trabalho que valesse a pena. Aí eu comecei a participar de eventos como recepcionista, como modelo de stand, enfim. E aí eu fiquei um tempão trabalhando com isso. E nesses eventos a gente é assediada o tempo todo e conhece muita gente do meio da prostituição. E aí você vê que as meninas realmente ganham muita grana. E as ofertas são muito tentadoras. É surreal! Aí um dia um amigo me falou que eu tinha que aproveitar enquanto eu tava nova que eu ia ganhar muito dinheiro. E eu resolvi procurar uma agência e fazer um book. Eu fiz o *book* e logo começou a aparecer muito trabalho. E eu fui vendo aquilo como trabalho mesmo. Aí a agência tinha um escritório em BH e eu vim passar uma temporada aqui. Gostei da cidade, dos clientes e acabei ficando.

A maneira como se dá a entrada de Vivian para a prostituição se aproxima da experiência de Bruna, pois ambas começaram trabalhando em eventos via agência e depois continuaram trabalhando na agência, porém como prostitutas. O discurso retrata o momento em que se muda para São Paulo na tentativa de alavancar sua carreira como modelo. No entanto, os trabalhos como modelo não prosperaram e ela decidiu trabalhar em agências que disponibilizam profissionais para trabalhar em eventos (feiras, congressos, dentre outros). Nos eventos, Vivian percebe que os assédios sexuais são comuns nesses espaços. O ato de ser assediada o tempo todo, indica constância dessa prática, uma naturalização, como algo comum nesse campo. Ao usar o léxico “a gente” refere-se às profissionais que atuam nos eventos: “*E nesses eventos a gente é assediada o tempo todo e conhece muita gente do meio da prostituição*”. Considera-se que ao mencionar “*muita gente do meio da prostituição*”, Vivian esteja se referindo às próprias profissionais, aos *bookers* e outros agentes incumbidos de aliciar garotas para a prostituição de luxo. Vivian começava a perceber que as profissionais que trabalhavam também como prostitutas tinham um padrão de vida superior e que ela também poderia ter. Isso parecia chamar sua atenção. Ela assim menciona: “*E aí você vê que as meninas realmente ganham muita grana. E as ofertas são muito tentadoras. É surreal!*” Ao falar sobre as ofertas que recebeu para se prostituir, Vivian usa o léxico “surreal”, mostrando que se tratava de algo para além de sua realidade e, especificamente ali, sugere algo irrecusável. Ela relata também que um amigo disse que ela deveria “*aproveitar enquanto tava nova*”. Ao usar o verbo “aproveitar”, o amigo demonstra que se trata de uma vantagem para Vivian o fato de ela ser ainda jovem. Isso a deixou empolgada e ela procurou a agência e se tornou prostituta.

A análise textual e discursiva sobre a entrada para a prostituição revela que, de primeira instância, a opção por tornar-se prostituta está intimamente relacionada ao conjunto de ideologias, concepções e contextos sociais vivenciados

por cada uma das entrevistadas. De acordo com Fairclough (1991), os atores sociais produzem representações (processo de construção social das práticas) de maneira distinta, dependendo da posição que eles ocupam dentro de suas práticas. Nessa perspectiva, é possível observar que algumas tornaram-se prostitutas em contextos de extrema dificuldade financeira, como por exemplo, Capitu e Gabriela, que, embora trabalhassem, não possuíam renda suficiente para sustentar a elas e os filhos. Angel também passava por uma crise financeira quando se mudou para BH, mas seu contexto se difere de Capitu e Gabriela, pois ela tinha a quem recorrer (os pais), mas optou por não fazê-lo. Bruna e Vivian, já pertenciam a espaços discursivos próximos à prostituição (agências) e enxergaram oportunidades de obter ganhos financeiros relativamente maiores como prostitutas. Karin é declaradamente motivada pelo dinheiro, tanto quando torna-se amante de um homem que passa a mantê-la financeiramente, quanto quando decide se profissionalizar e vai trabalhar em uma boate de luxo. No estudo empreendido, observa-se que a escolha por atuar na prostituição de luxo foi direcionada por um conjunto de fatores discursivos e ideológicos de caráter objetivo e subjetivo, correlacionados à história de vida e as experiências de cada entrevistada.

Comum a todas elas é o discurso do ganho financeiro proporcionado pela prostituição de luxo. É notório que as práticas discursivas são nutridas ideologicamente pelo viés capitalista que influencia em maior ou menor grau, a decisão por tornarem-se prostitutas. Fairclough (2016, p. 98) afirma que como prática ideológica, o discurso “constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder”. O acesso ao consumo proporcionado pelo capitalismo e a tudo aquilo que este proporciona passa a constituir o sentido da prática de se prostituir, assim como parece naturalizar algo que em outros contextos poderia não ser naturalizado.

Os estudos realizados por Costa, Silva e Nascimento (2009), Lopes, Rabelo e Pimenta (2007), Moreira e Monteiro (2009) e Silva (2013) apresentam como os principais motivos pelos quais mulheres entram para a prostituição, questões relacionadas a uma vida de dificuldades, miséria, insatisfação, desemprego. Os discursos empreendidos evidenciam que na prostituição de luxo por mais que a motivação seja financeira, o contexto das entrevistadas, com exceção de Capitu, não se apresenta como apontado nos estudos que versam sobre prostituição em outras categorias. Os resultados aproximam-se mais da visão de Barreto (2011) que afirma que as prostitutas podem se prostituir por vontade própria, porque gostam, porque se realizam por meio dessa profissão. Nessa perspectiva, Bittencourt (2008), Guimarães (2007), Leite (2009), e Santos (2011), mencionam que há um desejo social de querer moralizar as prostitutas, de querer torná-las vítimas, pobres sofredoras, fruto de uma sociedade machista e capitalista. Em geral, os trabalhos querem oficializar o discurso de que a mulher prostituta no fundo não quer se prostituir, que está nessa vida apenas por falta de opções. Não é o que se percebe por meio dos discursos das entrevistadas, pois elas tinham alternativas de trabalho, mas escolheram a prostituição.

Apresentar as trajetórias das entrevistadas, por meio do olhar que cada uma tem de sua própria história e dos diferentes elementos que a constituem, auxiliou na compreensão das escolhas que fizeram e dos caminhos que trilharam até adentrarem o mundo da prostituição. Os discursos empreendidos revelaram que as trajetórias foram sendo construídas em interação com diferentes atores e espaços sociais, que facilitaram ou dificultaram o caminho das entrevistadas. Para algumas, esse caminho foi demasiadamente árduo, como é o caso de Capitu. Para outras, nem tanto. A família apareceu como uma dimensão influente em diferentes momentos da trajetória e observou-se que mais do que isso, a família foi em grande parte definidora de muitos rumos que a trajetória tomou. A análise das trajetórias possibilitou compreender a interação e interdependência existente entre

as ideologias, os contextos sociais e as práticas compartilhadas que definiram a história dessas mulheres e suas escolhas pelo trabalho na prostituição de luxo.

Constatou-se que as entrevistadas tinham uma concepção inicial do que enfrentariam em termos de realidade de trabalho na prostituição (baseadas nas concepções histórico-ideológicas da profissão), entretanto, ao tornarem-se prostitutas e absorverem os discursos hegemônicos do campo, suas práticas discursivas e sociais se alteram e novos discursos passam a ser produzidos, ou seja, o discurso se constrói e reconstrói por meio das práticas. Dando continuidade, no próximo capítulo serão abordadas questões referentes ao trabalho na prostituição de luxo.

#### **4.4 O trabalho na prostituição de luxo: o que os discursos podem revelar?**

Nesta tese, considera-se o discurso das prostitutas entrevistadas sobre a sua prática de trabalho como uma forma de ação social, ou seja, como uma prática social, permeada de práticas discursivas que constituem a produção ideológica das relações de poder e dominação nesse campo de trabalho (FAIRCLOUGH; WODAK, 1997). Considera-se, ainda, que a realidade de trabalho das prostitutas de luxo está perpassada por processos hegemônicos e ideológicos, correlacionados ao contexto das influências e das mudanças discursivas que afetaram esse campo e a produção discursiva desses interlocutores está alinhada com esse contexto. Para melhor compreender essas questões, foi necessário adentrar nos aspectos subjetivos e intersubjetivos do trabalho na prostituição.

Tolfo e Piccinini (2007), ao abordar os sentidos do trabalho, afirmam se tratar de um constructo psicológico que surge a partir da interação de variáveis pessoais e sociais relacionadas ao trabalho. As autoras se referem aos sentidos

como algo multidisciplinar, tendo em vista sua complexidade e caracterização a partir de variáveis pessoais, sociais e organizacionais. Enriquez (2000) postula que o trabalho é uma das formas de produção de sentido e significado, e aponta que cada agente constrói baseado em sua experiência, um significado particular para o seu trabalho e um modo específico de caracterizá-lo, pois esse significado é carregado de signos, símbolos e concepções discursivas construídas de acordo com a experiência do trabalhador com a organização de seu trabalho.

Percebeu-se que o trabalho na prostituição pode ser compreendido por meio de três categorias de significados, a saber: (1) dinâmica de trabalho na prostituição; (2) concepções discursivas que reforçam as contradições vivenciadas no trabalho como prostituta; e (3) produção de subjetividades e significados na prostituição de luxo.

#### 4.4.1 Algumas peculiaridades do trabalho na prostituição de luxo

Com o intuito de apresentar aspectos relacionados à dinâmica de trabalho das entrevistadas, na Tabela 1, que se segue, apresentam-se algumas características do trabalho das participantes como prostitutas. No que se refere ao tempo de atuação nessa atividade, observa-se que Angel e Vivian são as mais experientes, estando há 13 e 12 anos na prostituição. Gabriela é a que está há menos tempo, 9 meses apenas. As demais, Capitu, Bruna e Karin estão, respectivamente, há 5, 8, e 3 anos atuando como prostitutas.

Tabela 1 - Peculiaridades do trabalho na prostituição de luxo.

	<b>Capitu</b>	<b>Bruna</b>	<b>Gabriela</b>	<b>Angel</b>	<b>Karin</b>	<b>Vivian</b>
<b>Tempo de atuação</b>	5 anos	8 anos	9 meses	13 anos	3 anos	12 anos
<b>Horário de trabalho</b>	21h às 5h	24 horas	8h às 18h	13h às 5h	24 horas	24 horas
<b>Cidades em que atuam</b>	BH	BH, SP, RJ e	BH	BH	BH	BH e SP

	Porto Alegre					
Local (is) em que trabalha	Boate	Hotéis, flats, apart hotéis, agência	Agência.	Boate e agência	Boate e agência	Flat e agência
Preço médio do programa	R\$ 500,00	R\$ 400,00	R\$ 350,00	R\$ 500,00	R\$ 400,00	R\$ 600,00
Número de programas/dia	2-4	4-6	2-4	3-5	4-6	3-5

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Nos discursos a seguir, as entrevistadas revelam de forma mais apropriada essas características:

Capitu: Então, eu entrei aqui há 10 anos atrás. Trabalhei aqui uns 3, 4 anos, depois saí, parei de trabalhar a noite. Consegui quase tudo o que eu precisava e resolvi tentar lá fora tocar com o que eu já tinha conseguido, tocar minha vida com o que eu já tinha alcançado. E infelizmente o país vive em crise, uma hora tá em cima outra hora embaixo. Deu errado, uns 3 anos pra cá deu errado. Cheguei a morar fora do país. Assim que eu voltei pra cá eu perdi tudo o que eu consegui lá fora, só de voltar pra cá todo o investimento que eu fiz em trabalhos lá fora pra tentar abrir meu negócio e etc. Deu errado. Tudo deu errado. E aí já tem uns meses que eu voltei pra cá.

Após tornar-se prostituta, Capitu atuou durante quatro anos e depois deixou a atividade por um tempo. Ela revela que conseguiu alcançar grande parte de seus objetivos e resolveu tentar outros trabalhos, inclusive saindo do país. No entanto, a tentativa não deu certo e ela acabou retornando ao Brasil. No trecho discursivo “*E infelizmente o país vive em crise, uma hora tá em cima outra hora embaixo*”, Capitu recorre a uma intertextualidade manifesta referente à pressuposição de que há uma crise no Brasil e que decorre dela o fato de sua experiência ao deixar a prostituição não ter dado certo.

Em relação ao horário em que as participantes trabalham, observou-se que existe certa diferenciação nesse aspecto. Algumas participantes atendem 24 horas por dia, ou seja, estão disponíveis em qualquer horário para os clientes, seja na boate ou via agência. Trata-se de Bruna, Karin e Vivian. Já as demais participantes atendem em horários específicos, que geralmente coincidem com o horário em que a boate está aberta ao público. Nesse grupo estão: Capitu, Gabriela e Angel.

O horário de trabalho se difere bastante entre as entrevistadas e observa-se que cada uma procura adequá-lo às suas necessidades e estilos de vida. Por exemplo, Capitu menciona que não trabalha todos os dias na boate, até mesmo porque ela atua em outras atividades (vendas e eventos). Ela demonstra que frequenta a boate quando surgem necessidades financeiras (*“Eu venho quando preciso mesmo”*). Capitu reforça sua precisão ao utilizar o léxico “mesmo” enfatizando assim que se trata de uma necessidade real. Outro ponto interessante no discurso é a referência que ela faz em relação às metas de produção. Ela menciona: *“Traço minha meta, às vezes semanal, às vezes quinzenal. Consigo, não venho mais, até precisar de novo”*. Capitu revela que estabelece metas de trabalho a serem cumpridas na boate, ou seja, realiza programas na boate até alcançar uma determinada quantia estabelecida. Após o alcance da meta, ela não frequenta mais, até que necessite novamente. Ao demonstrar tal lógica de trabalho, Capitu parece querer demonstrar que se prostitui apenas em casos de necessidade, colocando aqui o trabalho na prostituição como um complemento, um “bico”, como um trabalho que tende a ser minimizado, todavia, a sua frequência de atendimento demonstra seu engajamento no campo.

Capitu: Eu não, eu não tenho uma frequência muito grande, sabe... Trabalho de dia com outras coisas, e eu tento minimizar na verdade a minha frequência da noite o máximo possível. Eu venho quando preciso mesmo. Traço minha meta as vezes semanal, as vezes quinzenal. Consigo, não venho mais, até precisar de novo.

Gabriela informa no site da agência que atende 24 horas por dia, mas prefere atender no horário comercial. Eventualmente ela atende também aos finais de semana, quando percebe que “*a semana não foi muito boa*”. Nessas situações ela afirma que abre exceções e atende em horários e dias que não são de costume.

Gabriela: Como eu te disse, eu coloquei lá no site que é 24 horas, mas eu prefiro atender no horário comercial, de 8 às 18 horas. Final de semana, não. Depende do movimento. Se eu perceber que a semana não foi muito boa aí eu me adapto. Por isso que eu coloquei 24 horas, pra eu ter essa flexibilidade de poder...

Vivian: Atendo 24 horas por dia. Eu acho que preciso estar disponível quando meus clientes ligarem. Então tipo assim, você tem clientes que conseguem dar uma escapada de manhã, tem outros que é no horário do almoço. Tem uns que já saem do escritório à tarde e a maioria que prefere à noite depois do expediente.

As entrevistadas que se colocam disponíveis para atender 24 horas por dia, afirmam em seus discursos que desta forma ampliam suas possibilidades ao atender clientes com diferentes perfis. Na verdade a condição “24 horas” é uma estratégia discursiva para atrair mais clientes. Por exemplo, Vivian apresenta que o fato de ter clientes com perfis e necessidades diferentes faz com que ela esteja disponível no horário mais adequado a cada um deles. Os clientes dos serviços de prostituição buscam se resguardar para que não sejam vistos, pois se trata muitas vezes de homens compromissados ou mesmo que não querem transparecer que precisam pagar por serviços sexuais. Vivian menciona que, dessa forma “*tem clientes que conseguem dar uma escapada*”, ou seja, conseguem um horário para o programa sem serem descobertos. Assim, a adaptabilidade das prostitutas ao horário disponível do cliente mostra-se uma estratégia eficiente que orienta as práticas discursivas delas.

Na prostituição de luxo, nem sempre as profissionais trabalham em uma única cidade. Dentre as entrevistadas, Bruna e Vivian atendem em outras cidades

que não apenas Belo Horizonte. Bruna, além de Belo Horizonte, circula entre as capitais São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Vivian atua em Belo Horizonte e esporadicamente, São Paulo. As demais atendem apenas na capital mineira.

No que se refere aos locais onde trabalham como prostitutas, as entrevistadas mostraram-se bastante versáteis. Capitu e Gabriela trabalham em um local, apenas. Capitu, na boate e Gabriela, via agência. Angel e Karin trabalham na boate e também têm seu perfil disponibilizado no site de uma agência. Bruna também tem seu perfil no site da agência, mas também atende em hotéis, apart hotéis e flats. Vivian atende pela agência, no entanto não tem seu perfil disponibilizado em sites e é também autônoma, ou seja, possui alguns clientes fixos.

No que se refere às boates, Bruna demonstra não agradar desse espaço de trabalho, conforme se evidencia no trecho discursivo.

Bruna: Os lugares normalmente são mais em hotéis, né, flats, e apart hotéis. Porque eu trabalho assim, eu não gosto da noite, eu acho que a noite tem muito homem pra pouco trabalho. Entendeu? Tipo assim, você passa a maior parte do tempo tendo que fazer companhia, beber e aí no final das contas você se estragou e não teve o retorno que você queria. E é mais fácil você investir uma grana num lugar e num horário mais comercial, tipo do meio dia, das dez até as dez, do que você passar seis horas, cinco horas que seja, numa boate.

Bruna demonstra certa aversão às boates. Para justificar ela assim verbaliza: “*eu acho que a noite tem muito homem pra pouco trabalho*”, ou seja, nem todos os homens que frequentam as boates estão dispostos a consumir o programa e por isso ela considera não ser compensatório atuar nesse espaço de trabalho. Nessa perspectiva, Bruna prefere “*investir uma grana num lugar e num horário mais comercial*”, pois, dessa forma, tem-se o retorno esperado por meio do programa.

As agências mostram-se locais de trabalho interessantes para a maioria das entrevistadas. A dinâmica da agência é a seguinte: (i) procura-se a agência e investe determinado valor para fazer o *book* fotográfico; (ii) investe-se determinado valor para disponibilizar o perfil, juntamente com o *book*, em um site específico para acesso às garotas de programa; (iii) investe-se determinado valor mensal para manter o perfil no site. Essas agências também angariam clientes para suas profissionais. Por exemplo, o cliente entra em contato com a agência e ela disponibiliza a garota de programa dentro das especificações do cliente.

Gabriela menciona sobre os flats, que se mostram bons espaços de trabalho.

Gabriela: Eu tô com uma dificuldade pelo seguinte. Eu comecei agora pelo site, e eu tô perdendo muito cliente pela localização. Muitos clientes me ligam da zona sul, e eu tô na Pampulha. Mas eu estou pra alugar um flat pra mim lá na zona sul, pra eu tirar também, desvincular totalmente da minha casa. Vou sair pra trabalhar vou pra lá e acabou meu horário volto pra minha casa. E também porque eu acredito que vai subir isso aí (o número de clientes) muito, pela questão da localização. Porque como eu te disse, eu cobro o valor da hora mais o meu deslocamento, e a maioria dos clientes são de lá. Pra eu pegar um taxi pra lá fica caro. Meu preço já não é muito barato. Aí ainda mais isso, aí tá ficando inviável. Aí eu vou ter um privê, que é um flat.

Os *flats* são espaços estratégicos em que ocorre a prostituição de luxo. Bruna e Vivian atendem nesses locais. Trata-se de um apartamento compacto utilizado como local de encontro, onde acontece o programa. Mostra-se uma opção interessante, pois alguns clientes preferem não frequentar motéis ou hotéis, por serem locais públicos e visados para a prostituição. Nesta perspectiva, o *flat* mostra-se um local mais discreto. Por isso, os clientes pagam, incluso ao valor do programa, o valor para a utilização daquele espaço. Gabriela, demonstra que objetiva no futuro locar um *flat* e que isso melhoraria muito seu trabalho, pois aumentaria o número de clientes. Gabriela menciona que a maioria dos clientes são da zona sul (“*Muitos clientes me ligam da zona sul*”) e por isso torna-se

inviável financeiramente para eles pagarem sua locomoção até lá. Dessa forma, ela considera que ao atender em um flat na zona sul ela teria condições de atender um número maior de clientes.

Vivian avalia como positiva sua experiência no *flat*.

Vivian: Olha... a maioria dos meus clientes prefere vir ao flat do que ir pra motéis. Alguns eu atendo em hotéis. Geralmente quem está hospedado aqui a negócios, tem clientes que vem quase todo mês. Aí eu atendo no hotel que eles estão (...) O pessoal do hotel sabe, sim. Faz de conta que não sabe, né (risos). Eu acho que o flat é um lugar mais reservado né. Vale a pena ter o seu. Não fica tão caro. Em alguns dias de trabalho eu pago o aluguel e tenho uma senhora que vem de segunda a sexta limpar na parte da manhã. Os clientes pagam o valor satisfeitos.

Vivian atende a maioria de seus clientes em um *flat* que aluga na região da Pampulha, local em que ela concedeu a entrevista. O discurso de Vivian demonstra que, de fato, o *flat* é uma opção interessante na prostituição de luxo, por apresentar-se como um lugar discreto. Ela revela ser compensatório, pois, os clientes pagam para utilizar as dependências do flat durante o programa. Então, os próprios clientes arcam com essa despesa.

O preço cobrado pelo programa varia entre R\$350,00 e R\$600,00 entre as entrevistadas. Vivian é a que cobra o valor mais alto, sendo este de R\$600,00. Capitu e Angel cobram por seus serviços um valor de R\$400,00; Bruna e Karin cobram R\$400,00; e Gabriela, cobra R\$350,00. Em relação aos valores cobrados pelo programa, observa-se que há uma pequena variação entre os preços. Acredita-se que tal variação se dê em decorrência do tempo de atuação na atividade e da carteira de clientes fixo já consolidada, pois Vivian é a mais bem paga e está há 12 anos na atividade, contrária à Gabriela que é a que recebe menos e está há apenas 9 meses atuando como prostituta.

Outro ponto abordado com as entrevistadas referiu-se ao número de programas que elas geralmente fazem por dia.

Capitu: Isso depende do movimento da casa (boate). Acho que qualquer garota pode chegar a fazer, pelo menos... Pelo menos um programa na noite ela faz. Dependendo do movimento 2, 3, 4. Ahn... movimento como a Copa do Brasil, por exemplo, teve guria que chegou a fazer 10 programas na noite.

Vivian: Por exemplo, quando tem evento famoso na cidade, tipo feiras de negócio, a agência já me avisa (...) É assim, esses caras, tipo o dono dessas empresas famosas que a gente conhece, os executivos chefe, tem deputado também, outros políticos, quando eles vem, geralmente os secretários deles já resolvem isso pra eles. Tipo, negocia lá com a agência os dias e quem eles querem. Tem uns que tem empresa aqui em BH e precisa vim todo mês...

Elas relataram que depende em grande parte da época, por exemplo, quando a cidade recebe grandes eventos, como a Copa do Mundo, quando há feiras de negócios conhecidas nacionalmente. Outra variável influente é também o dia da semana. Elas afirmaram que quintas e sextas-feiras e sábado são os dias mais movimentados da semana. Karin e Bruna são as que fazem o maior número de programas, de 4 a 6 por dia, em média. Angel e Vivian afirmaram fazer de 3 a 5 e Capitu e Gabriela, de 2 a 4 programas por dia. No discurso de Capitu, ela cita a Copa do Mundo e afirma que “*teve guria que chegou a fazer 10 programas na noite*”, exemplificando que em épocas de grandes eventos, o movimento de clientes na boate aumenta consideravelmente e o número de programas também. Da mesma forma, Vivian declara que em ocasiões em que acontecem eventos como feiras de negócios, o movimento aumenta bastante. Ela explica em um trecho discursivo que as agências têm um papel importante nesse sentido, pois atuam como intermediárias entre os clientes e as profissionais (*Tipo, negocia lá com a agência os dias e quem eles querem*”).

Os discursos sobre algumas características específicas do trabalho na prostituição auxiliaram na compreensão da dinâmica dessa atividade demonstrando os diferentes espaços, as relações existentes e os atores que dele participam. Evidenciou-se que o discurso sobre a dinâmica de trabalho na

prostituição foi investido político e ideologicamente pela lógica capitalista e instrumental, que busca constantemente o lucro e a acumulação de capital, que se manifesta na forma de bens e dinheiro.

A análise sobre alguns aspectos que auxiliam na compreensão de tal dinâmica demonstra que há, por parte das entrevistadas, o interesse eminente de tornar a atividade cada vez mais lucrativa. Isso se reflete em diversos momentos, como evidenciado nos discursos, por meio do uso de léxicos que remetem à linguagem dos negócios em um contexto capitalista, tais como *investimento, meta, retorno, investir, grana, comercial, cobro, valor, caro e preço*. As escolhas textuais das entrevistadas demonstram que o trabalho é pensado em uma perspectiva estratégica em que o lucro é o objetivo principal das ações por elas empreendidas. A linguagem externalizada compõem-se de vários elementos discursivos do mundo dos negócios.

Observou-se a predominância de um interdiscurso mercadológico, perceptível por meio das relações textuais que as entrevistadas estabelecem com um discurso bastante comum no meio empresarial que afirma que o cliente deve ser o foco de qualquer negócio. Algumas falas assim demonstram: *“preciso estar disponível quando meus clientes ligarem”, “eu tô perdendo muito cliente pela localização”, “Os clientes pagam o valor satisfeitos”*.

Pensando a partir das práticas discursivas, observa-se que o mesmo discurso pode ser observado na minissérie “O Negócio” do canal HBO que narra a trajetória profissional de três prostitutas de luxo da sociedade paulista, instituindo um glamoroso discurso sobre esse campo de atuação. O enredo mostra como Karin, Luna e Magali se juntaram para mudar radicalmente suas vidas profissionais na cidade brasileira que concentra 60% de todos os milionários do país. A primeira temporada da minissérie ilustra como elas identificaram um potencial mercado para lucrar com a prostituição de luxo. Trata-se de mulheres com formação universitária, que aproveitaram de suas belezas e conhecimentos

para aprimorarem seu negócio com a aplicação de teorias do campo da administração, especialmente as correntes de marketing. Teóricos como Philip Kotler, Frederick Winslow Taylor e Theodore Levitt, inspiraram essas profissionais do sexo a construírem seu business plan. Assim, a trama se passa em um contexto de estagnação financeira e crise econômica do país e ilustra como que as três garotas de programa, se valendo das estratégias de marketing e de conhecimentos da gestão, se tornaram mulheres de negócios em fase de crise (SILVA; ARANTES, 2017).

A trama traz uma aproximação do mundo da prostituição de luxo com o mundo dos negócios. E essa aproximação apresenta novas concepções discursivas para esse modo de trabalho, como se pode observar nos trechos listados.

Não é porque é a profissão mais antiga do mundo que precisa ser a mais atrasada também, é só a gente saber se posicionar no lugar certo, na hora certa. A gente precisa seduzir o cliente antes dele pensar em sequer sair com uma garota de programa (Minissérie O Negócio – Ep 01).

Odeio concorrência com o mercado informal (Minissérie O Negócio – Ep 02).

O marketing está em todos os lugares, menos em um Luna, na nossa profissão. (...) marketing na prostituição, por que não? (Minissérie O Negócio – Ep 02).

Aqui no Brasil, nós ainda temos os melhores produtos (garotas) (Minissérie O Negócio – Ep 03).

Quando um homem está sozinho num hotel, ou ele lê a bíblia, ou contrata o serviço de uma profissional (Minissérie O Negócio – Ep 04).

Como se pode observar, a minissérie traz uma linguagem empresarial para o mundo da prostituição, e enfatiza isso quando as protagonistas (Karin e Luna) se unem em sociedade para abrirem seu próprio negócio: “A Oceano Azul” (título de um livro de estratégia empresarial), denominada de empresa de entretenimento e qualidade de vida. Percebe-se todo um conjunto de formações discursivas que atuam no sentido de apresentar a prostituição como um empreendimento de

sucesso, pautado em estratégias de business, como explicitado nos trechos “se posicionar no lugar certo, na hora certa”, “concorrência com o mercado informal”, “serviço de uma profissional”, “marketing na prostituição”, “melhores produtos”. Nessa analogia, a prostituição se apresenta como um grande empreendimento e as garotas como produtos de luxo.

Após compreender essas particularidades do trabalho na prostituição de luxo, passou-se a buscar, por meio dos discursos das entrevistadas, apreender a prática discursiva e as experiências subjetivas vivenciadas no trabalho das prostitutas de luxo.

#### **4.4.2 Faces da mesma moeda: contradições vivenciadas na experiência como prostituta de luxo**

O trabalho é algo que perpassa a atividade propriamente dita e ganha uma dimensão repleta de sentidos e significados na vida do trabalhador. Tal dimensão pode ser analisada por meio do binômio prazer-sofrimento, pois conforme preconiza Mendes (2007) o trabalho pode ser fonte de patologias, adoecimentos, como também de saúde. Em todas essas situações, o trabalhador atribui novas significações às relações dinâmicas entre organização do trabalho e processo de subjetivação.

Para Freud (1976), o prazer é o que move o sentido de realidade, pois o indivíduo, a todo tempo, intenciona fundamentalmente obter prazer. Entretanto, o sofrimento lhe é um aspecto inerente, pois tem sua gênese no interior de cada pessoa, essencialmente atrelado ao seu passado e à sua infância. Sob a lógica freudiana, a vida no trabalho consiste em uma busca incessante por prazer e uma rejeição e repulsa ao desprazer. Assim, o enfoque dessa discussão demonstra que as vivências de prazer e sofrimento estão relacionadas com as experiências positivas e negativas do homem com a organização do trabalho. Cumpre aludir

que o trabalho é por si uma atividade que evoca sentidos e significados, os quais se relacionam com as experiências de prazer-sofrimento inscritas no corpo e na mente do trabalhador, numa relação subjetiva e intersubjetiva. Sob a lente de Mendes e Tamayo (2001), a relação intersubjetiva corresponde ao processo de socialização do trabalhador às regras, normas, valores, discursos e orientações específicas da organização. Na perspectiva de Dejours (1987), as demonstrações de prazer e sofrimento no trabalho estão relacionadas com a forma com que cada indivíduo consciente ou inconscientemente percebe seu trabalho e reage a ele. Cada reação do indivíduo, em relação ao seu trabalho, dá-se de forma específica, tanto em situações de normalidade como em situações de dificuldade. Isso porque assume-se, aqui, que cada trabalhador carrega consigo sua história de vida pessoal, suas verdades, seus anseios, desejos e subjetividades

Nos discursos das entrevistadas, evidenciou-se a dualidade prazer-sofrimento em relação às experiências subjetivas vivenciadas no trabalho como prostitutas de luxo. No entanto, essas duas dimensões parecem estar imbricadas, tornando complexa a dissolução em aspectos positivos e negativos sobre o trabalho. Ainda assim, foi possível evidenciar nos discursos das entrevistadas a presença de elementos que demonstram ao mesmo tempo sensação de diversão, independência, autonomia e maturidade, ao mesmo tempo em que se vivenciam adversidades, sofrimentos e precariedades, provocados pelas especificidades de suas experiências laborais.

Os discursos elencados por Capitu, Angel e Karin evidenciam que a união existente entre as garotas que trabalham na boate se apresenta como algo prazeroso no trabalho. Freud (1974) argumenta que o trabalho representa uma possibilidade de criação de vínculos entre as pessoas. Nessa perspectiva, observa-se que há um clima de companheirismo e reciprocidade, em que elas se apoiam e se entendem pelo fato de conhecerem a realidade e as motivações umas das outras e não fazerem julgamentos sobre o trabalho que desempenham.

Capitu: Se tratando daqui, da minha experiência aqui, primeiro, em primeiro lugar, o ambiente. É agradável, as pessoas se sentem no mesmo barco, se unem. É, é muito agradável na verdade, só ameniza a tensão da situação.

Angel: Tem as amizades que a gente faz no meio. As meninas que trabalham com a gente. Eu percebo uma certa solidariedade nelas. A gente se ajuda, se apoia. É bom!

Karin: As pessoas que a gente conhece, as meninas da boate, da noite... É... tipo são pessoas que entendem a gente, que estão do seu lado sem julgamentos. O pessoal da boate, devo muita obrigação pros meninos, os seguranças, o nosso gerente. Não tô falando de dinheiro, né, tô falando de chegar, te dar um abraço, mostrar que tá ali. É bom isso.

Capitu, ao buscar demonstrar a sensação de proximidade entre as garotas, afirma que elas “*se sentem no mesmo barco*”, ou seja, conhecem a realidade umas das outras e por isso se solidarizam. Karin menciona que as amigas “*estão do seu lado sem julgamentos*”, pressupondo a existência de um julgamento vindo de outras pessoas que não pertencem ao espaço discursivo da prostituição. Capitu demonstra que a união entre as colegas da boate “*ameniza a tensão da situação*”, o que leva a crer que, embora se trate de um ambiente descontraído, há uma tensão constante perceptível pelas profissionais.

A seguir, elas falam propriamente sobre a boate:

Angel: Eu gosto da boate também, do clima da noite. As vezes tô chateada e chego, danço, bebo um pouco, extravaso... Rola um clima de paquera o tempo todo, de flertar com alguém, mesmo que você não tá afim de verdade, faz parte.

Karin: Trabalhar a noite é bom. Você conhece pessoas, conversa, toma umas... Eu gosto de música, de dançar, de me preparar pra noite. Eu gosto de tudo isso.

A boate mostrou-se um bom lugar para se trabalhar. Angel e Karin relatam que o ambiente é agradável, alegre e que elas se divertem lá. Trata-se de um local descontraído, com música, bebidas, onde as pessoas vão para se divertir e isso agrada às entrevistadas. Angel menciona que na boate há “*um clima de paquera o tempo todo*”, que é algo intrínseco à prostituição, que faz com que suas

profissionais busquem seduzir os possíveis clientes. O sucesso no trabalho depende desses jogos de sedução, que são utilizados, ainda que não se trate de algo real, como explicitado no trecho discursivo “*mesmo que você não tá afim de verdade*”. O estar “afim de verdade” demonstra a prática social da fantasia, da simulação como elementos de uma prática social desse campo de trabalho.

No entanto, o trabalho realizado na boate mostra-se gerador de cansaço nas entrevistadas.

Capitu: E, na verdade, o único ponto negativo, pra mim, que eu vejo aqui também... O único ponto negativo é o desgaste de não poder dormir à noite. É muito tenso, é muito tenso. Não tem sono durante o dia que recupere. É terrível, ainda mais pra mim que trabalho de dia. Às vezes eu durmo uma hora por dia, duas.

Karin: O ruim de trabalhar a noite é que a gente cansa muito. Tipo assim, tem dia que eu tô exausta, mas tenho que ir pra boate, né. Vai dando muito sono e você tem que parecer disposta, animada. Aí as vezes eu tomo um energético, uns remedinhos, né, pra ficar mais animadinha. Porque senão os cara fala “Aquele ali tá morta, como que vai dá conta de um sexo legal?”.

Vivian: Trabalhar a noite não é fácil. Meu organismo já se adaptou um pouco, mas quando tem muito serviço, eu fico esgotada. Tem dias que não quero levantar da cama. Porque as vezes eu atendo muito cliente até altas horas, acompanho em eventos e depois do evento ainda tem o programa... (...) Eu tento compensar dormindo de dia, mas nem todo dia dá. Vida social? Zero. Não tem como marcar nada com amigos, nada.

Em contraponto, o ambiente da boate aparece também como gerador de cansaço e desgaste nas profissionais. Capitu, Karin e Vivian revelam que o fato de a prostituição de luxo ser uma atividade que acontece na maioria das vezes à noite, torna desgastante essa atividade, gerando cansaço em demasia.

O discurso de Capitu em relação ao horário noturno é composto por elementos discursivos que demonstram o desgaste existente na atividade. Ela enfatiza afirmando que o trabalho noturno “*É muito tenso, é muito tenso*”. Ao

repetir a expressão, Capitu utiliza de uma estratégia discursiva de reforço do seu argumento para comunicar a tensão existente, que ela considera como sendo mais “terrível” ainda para ela, que tem outra ocupação diurna como vendedora. Karin corrobora o discurso de Capitu ao demonstrar que mesmo estando “exausta”, precisa executar seu trabalho. Ela deixa claro que o trabalho na prostituição tem certas exigências, que podem ser observadas nos trechos discursivos “*você tem que parecer disposta, animada*”. O termo “tem” indica obrigatoriedade, condição necessária para o programa acontecer. Nessa perspectiva, Karin utiliza uma intertextualidade manifesta, ao apresentar a fala de um cliente “*Aquela ali tá morta, como que vai dá conta de um sexo legal*”. O objeto discursivo “tá morta” é uma satirização da condição de cansaço, a qual a prostituta não pode se dar o luxo de sentir. Ao apropriar-se do discurso de um possível cliente, Karin apresenta sua percepção de que a prostituta que transparece cansaço é preterida no espaço da prostituição, ou seja, mostrar-se animada é uma forma de demonstrar a disponibilidade para um sexo de qualidade.

Silva (2011) afirmam que as consequências da realização do trabalho no período noturno na saúde do trabalhador, manifestam-se como alterações do equilíbrio biológico, dos hábitos alimentares e do sono, na perda de atenção, na acumulação de erros, no estado de ânimo e na vida familiar e social, como demonstrou o discurso de Vivian. As alterações ocorrem porque o trabalho realizado no período noturno provoca situações que exigem adaptação do trabalhador, uma vez que esse experimenta uma inversão do ciclo sono-vigília porque o trabalhador realiza a atividade no momento em que o organismo se prepara para o descanso. Para as prostitutas o horário noturno é aquele em que mais há procura pelos serviços sexuais, principalmente em boates que funcionam neste horário. Desta forma, elas precisam se adequar, ainda que isso afete sua saúde.

O trabalho na prostituição apresentou-se também como uma possibilidade de elevar a autoestima das profissionais, conforme demonstram os discursos de Bruna e Gabriela.

Bruna: Eu acho que essa é a parte boa, de ter que estar sempre bonita, a gente tem que tá sempre se cuidando, isso é bom porque você acaba cuidado de você mesma né, do teu corpo, do teu cabelo, da tua alma inclusive (risos). Essa é a parte boa.

Gabriela: Eu me sinto diferente depois que entrei pra esse trabalho. Eu agora me acho mais bonita. Eu fiquei mais vaidosa comigo. Agora eu cuido do meu cabelo, faço unha toda semana. Igual hoje eu tava no salão. Vou no salão várias vezes por semana fazer escova. Coloquei silicone, fiz lipo. Ainda quero fazer outras coisas. (...) Então... eu preciso né, porque eu tenho que ficar bonita pros clientes. Tem que valer a pena o preço.

Por meio do discurso de Bruna evidencia-se que o trabalho como prostituta tem certas exigências de suas profissionais, dentre elas o cuidado com o corpo e a aparência. Os discursos denotam efeitos de sentido do valor simbólico da estética e da beleza sentida, demonstrando aqui uma condição de prazer que esse modo de trabalho tende a promover nos agentes. O culto à beleza é uma ordem de discurso nesse campo e reflete ideologias e concepções positivas. No trecho discursivo “*ter que estar sempre bonita, a gente tem que tá sempre se cuidando*”, ao usar as expressões “ter que” e “tem que” Bruna deixa explícito que há certa obrigatoriedade em manter-se dentro dos padrões socialmente construídos que definem a beleza feminina. Ela demonstra perceber tais exigências como algo positivo, uma vez que ao cuidar dos aspectos voltados para a profissão, ela cuida de si mesma. Da mesma forma, o discurso de Gabriela traz elementos que corroboram com a percepção de Bruna. Ela afirma que trabalhar como prostituta tornou-a “*mais vaidosa*” e apresenta uma série de cuidados que passou a ter, tais como frequentar salão de beleza e realizar intervenções cirúrgicas estéticas. Assim como Bruna, ela enxerga isso como uma necessidade da profissão

e estratégia para tornar-se desejável para os clientes, expressa no trecho discursivo “*porque eu tenho que ficar bonita pros clientes*”. Nesta perspectiva, Gabriela se coloca como uma mercadoria que precisa obter desempenho compatível com as expectativas do cliente, o que se evidencia ao mencionar que “*Tem que valer a pena o preço*” cobrado pelo programa. A beleza vista a partir de aspectos físicos valoriza o trabalho na prostituição de luxo, se apresentando como uma das condições para “valer a pena” o preço pago pelos serviços.

Ambos os discursos voltam-se para exterioridades referentes ao padrão de beleza imposto às prostitutas, principalmente para aquelas que atuam na categoria de luxo. Neste tipo de prostituição, a beleza aparece como um forte atrativo para os clientes e por isso as profissionais precisam cuidar de sua aparência. Nesse intuito, elas buscam se apresentar de acordo com os padrões sociais de beleza que inclui estar sempre maquiada, com o cabelo escovado e bem vestidas. Também se voltam para os cuidados com o corpo: malham nas academias, fazem intervenções cirúrgicas (silicone nas nádegas e nos seios, lipoaspiração, abdominoplastia), colocam apliques de cabelos, enfim, abusam das possibilidades para torná-las mais atrativas aos clientes. Barreto (2014) menciona que a aparência é o cartão de visita dessas profissionais e, por isso, esses cuidados se fazem necessários nessa atividade tornam-se práticas hegemônicas no campo discursivo da prostituição de luxo.

As entrevistadas recorrem ao recurso da interdiscursividade percebida no momento em que consomem um discurso hegemônico que define o conceito de beleza feminina necessário à atividade. Heinzelman et al. (2012) ao realizar uma pesquisa sobre o padrão de beleza apresentado na revista *Vogue Brasil*, desvendaram a existência de um único perfil estético de mulher: todas as modelos são brancas, jovens e magras. O tipo de roupa escolhido nas fotos reforça esse perfil, pois são peças que não vestiriam bem uma mulher com corpo mais volumoso. Por fim, os textos e o tipo de linguagem usada pela revista buscam

“glamorizar” o que está sendo apresentado, criando um contexto ainda mais elitizado, que se aproxima da prostituição de luxo.

Nesta categoria, a renda adquirida é relativamente alta, se comparada com as demais (BARRETO, 2014). Nesta perspectiva, as entrevistadas foram unânimes ao apresentarem em seus discursos a estabilidade financeira como sendo um aspecto motivador do trabalho na prostituição de luxo.

Capitu: Outro ponto positivo é o dinheiro, querendo ou não, a não ser que... Se você não trabalhar como político você não ganha R\$ 500,00 em uma noite. Nenhum dia (risos).

Bruna: “Puts”, sou dona do meu nariz, tenho dinheiro na minha carteira sempre, se eu quiser comprar qualquer coisa eu consigo, assim, “ahh” eu quero comprar uma bolsa, um shampoo, um perfume, viajar, dar um presente pra minha filha, me presentear, ou parar de trabalhar, ficar sem trabalhar um tempo, conhecer pessoas.

Gabriela: A questão financeira, a estabilidade, é uma coisa que antes eu nunca deslumbrei, nunca consegui, e hoje eu vejo que posso chegar lá.

Angel: Eu acho que como positivo tem principalmente o dinheiro, né. Não tem como ser outra coisa. É um dinheiro bom! Rápido e frequente, tipo assim, se você trabalhar mesmo, levar a sério, você ganha muita grana.

Karin: A condição financeira que eu tenho hoje é o que me motiva mais. Não adianta, é isso, sim. Eu nunca ganhei esse dinheiro fazendo outra coisa e nem ia ganhar. Não estudei, não tenho profissão. (...) É com esse dinheiro que eu consigo manter uma vida boa, sem dificuldade, ajudar minha mãe e criar meus filhos.

Vivian: Eu sou prostituta por dinheiro. Se eu te falar que não, vou tá mentindo pra você. Você acha que se não fosse pra ganhar muito dinheiro eu tava trabalhando com isso? Não tava.

Os discursos evidenciam os altos ganhos advindos da atividade, o que confere às entrevistadas muitas possibilidades de consumir aquilo que desejam, além de ser a garantia de sobrevivência delas e de seus familiares, como menciona Karin (*“É com esse dinheiro que eu consigo manter uma vida boa, sem*

*dificuldade, ajudar minha mãe e criar meus filhos*”). Gabriela e Karin demonstram em seus discursos a percepção de que a prostituição é uma atividade em que conseguem adquirir uma renda substancialmente superior àquela que conseguiriam em outra atividade. Gabriela menciona que “*é uma coisa que antes eu nunca deslumbrei, nunca consegui*” e Karin, “*Eu nunca ganhei esse dinheiro fazendo outra coisa e nem ia ganhar*”. Ambas utilizam o advérbio “nunca” para expressar a consciência de que jamais tal renda seria possível de se alcançar. Neste contexto, Bruna também relata “*sou dona do meu nariz, tenho dinheiro na minha carteira sempre, se eu quiser comprar qualquer coisa eu consigo*”. Neste trecho discursivo observa-se que a prostituição de luxo proporciona uma renda diária que confere às suas profissionais independência para consumir o que têm necessidade e desejo. Os discursos externalizam sentidos da mulher que provê, que é “dona” de sua vida, sujeito de sua história, que não tem relação de dependência com o outro (masculino). Ao afirmar que consegue “*comprar qualquer coisa*”, Bruna utiliza-se do recurso do exagero para enfatizar as possibilidades de consumo que seu trabalho proporciona. Nesse trecho, evidencia-se também o interdiscurso do consumo, presente principalmente no momento em que ela lista uma série de coisas que tornam-se possíveis com a renda adquirida: “*comprar uma bolsa, um shampoo, um perfume, viajar, dar um presente pra minha filha, me presentear, ou parar de trabalhar, ficar sem trabalhar um tempo*”. Na percepção de Bruna, o consumo justifica a busca pelo capital. Já Angel caracteriza o dinheiro ganho na prostituição como sendo “*rápido e frequente*” e afirma que “*se você trabalhar mesmo, levar a sério, você ganha muita grana*”. Ao referir-se a questão de “*levar a sério*”, Angel pressupõe que a dedicação ao trabalho é uma condição para ganhos superiores. Neste trecho discursivo, evidencia-se um interdiscurso da servidão comum ao mundo do trabalho que prevê que trabalhadores dedicados alcançam melhores resultados. Por fim, tem-se o discurso de Vivian, que mostra-se direta ao relatar que o dinheiro é o principal motivo pelo qual trabalha como

prostituta. Ao discursar ela elabora o seguinte questionamento: “*Você acha que se não fosse pra ganhar muito dinheiro eu tava trabalhando com isso?*”. Em seguida, ela mesmo responde ao questionamento: “*Não tava*”. Desta forma, Vivian busca enfatizar, mais uma vez, a renda adquirida como a motivação para sua atuação como prostituta de luxo e que caso contrário, ela não exerceria tal atividade.

Através dos discursos empreendidos, foi possível evidenciar o conteúdo político e ideológico a eles subjacente, qual seja o discurso do capitalismo, que valoriza o dinheiro e o reveste de poder, tornando-o o meio para o consumo. Marx (2004a) afirma que o capitalismo, ao se apropriar do trabalho tende a reduzir seu sentido à mera busca de sobrevivência. Decorre disso o fato de as entrevistadas atribuírem à renda adquirida e ao direito de, agora, poder consumir produtos disponíveis aos quais não teriam acesso em outra atividade, o principal motivo para adentrarem e permanecerem na prostituição de luxo.

Outro elemento que surgiu nos discursos das entrevistadas refere-se ao relacionamento que estabelecem com os clientes. Observou-se que tal relacionamento pode ser avaliado como positivo e negativo pelas entrevistadas. A seguir, tem-se os discursos de Capitu, Gabriela e Angel que demonstram algumas dificuldades ao se relacionarem com eles.

Capitu: Não adianta, é lidar direto com o público mesmo, é saber abordar uma pessoa, saber como tirar dela aquilo que ela quer... Sabe... O trabalho principal é o sexo, mas eu penso que não é só isso, porque tem essa parte também do relacionamento... Mas isso é com o tempo, não tem treinamento pra isso. Cê chega aqui, cê tem que observar, tem que se atrever, né. Quem arrisca não petisca, é você observar, pôr o pé no chão e tentar. Tentar, tentar, tentar, e praticar, praticar, praticar, conversa, muita conversa. Paciência, até porque ninguém é igual a ninguém. Um dia que chega uma pessoa aqui, um cliente extremo cavalheiro... Daqui a pouco chega outro aqui extremamente bêbado e sem noção do que tá fazendo e falando (risos). E tem que saber lidar, fazer a pessoa se sentir segura do seu lado, sabe?

Gabriela: As vezes é bem desgastante, as vezes você não tá tão afim, as vezes a pessoa não faz o seu tipo. Eu tento levar, eu trato o cliente sempre com muita educação. Pode ser um velhinho de 90 anos ou um carinha de 19 anos. Então eu acho que muito por isso eu não tenho problemas. Então por mais que o cliente é arrogante, é não sei o que, por eu ser muito educada, não ser esnobe acho que já quebra o gelo ali. Mas querendo ou não isso aí é complicado.

Angel: Outra coisa ruim é alguns clientes que não são tão legais, principalmente menino novinho que só quer te zuar, que te trata mal, com falta de educação.

Os discursos das entrevistadas apontam diversos aspectos que demonstram como pode ser tenso e desgastante o relacionamento com os clientes, tendo em vista que os perfis diferem consideravelmente de um para outro. Capitu relata que, por mais que o serviço oferecido na prostituição seja o sexo propriamente dito, ele se estende para outras relações que se estabelecem entre profissional e cliente, conforme menciona no trecho discursivo “*O trabalho principal é o sexo, mas eu penso que não é só isso*”. Quando ela diz “eu penso”, ela está de fato consumindo o discurso de que esse trabalho envolve outros elementos para além da objetivação do sexo. Ela revela que a habilidade de lidar com os clientes é algo que se adquire com o tempo e “*não tem treinamento*”. No intuito de demonstrar que se trata de um processo de aprendizagem, Capitu recorre ao ditado popular “*Quem não arrisca, não petisca*”, ou seja, é no ato de arriscar, de “tentar” e de “praticar” que as prostitutas aprendem a se relacionar com os clientes. Ela demonstra que esse processo exige “*paciência*”, pois cada cliente é único e age de determinada forma. Capitu demonstra no seguinte trecho discursivo o quanto os comportamentos dos clientes se diferem: “*Um dia que chega uma pessoa aqui, um cliente extremo cavalheiro... Daqui a pouco chega outro aqui extremamente bêbado e sem noção do que tá fazendo e falando (risos)*”. Para caracterizar os clientes, Capitu utiliza as expressões “extremo cavalheiro”, condizente com aqueles que se mostram educados e gentis, e “*extremamente bêbado e sem noção*”, para aqueles que se mostram abusivos e rudes, o que

aparece também nos discursos de Angel e Gabriela. Independente dos perfis, parece haver a noção, por parte de Capitu, de que devem ser tratados de forma igualitária enquanto clientes, o que se evidencia através do trecho discursivo “*E tem que saber lidar, fazer a pessoa se sentir segura do seu lado*”. Principalmente ao utilizar a expressão “tem que”, subentende-se que é algo instituído na prática da prostituição, uma ordem discursiva e que cabe às prostitutas proporcionar aos clientes um ambiente em que possam se sentir seguros e confortáveis para o ato sexual, pois depende dessa segurança a avaliação que farão do programa.

Gabriela, ao discursar sobre as dificuldades enfrentadas com os clientes, aproxima-se do que foi apresentado por Capitu. Observa-se que ela atribui essas dificuldades ao fato de se deparar com homens fora do padrão por elas desejado, tanto nos aspectos físicos como comportamentais (grosseiros, violentos e preconceituosos). Gabriela demonstra em determinado trecho discursivo que “*as vezes é bem desgastante, as vezes você não está tão afim, as vezes a pessoa não faz o seu tipo. Pode ser um velhinho de 90 anos ou um carinha de 19 anos*”. Por meio desse trecho evidencia-se que a relação sexual é vista, por ela, como um trabalho a ser desenvolvido e não se volta- para a busca de prazer e de satisfação sexual. A estratégia por ela utilizada ao se relacionar com clientes com comportamentos indesejáveis, é agir de maneira educada, o que segundo ela “quebra o gelo” com o cliente. O “quebrar o gelo” envolve ainda fazer o programa acontecer.

O relacionamento com o cliente, no entanto, é permeado também por experiências positivas que se voltam principalmente para a amizade, o respeito e a proximidade entre eles e as profissionais. Os discursos de Angel, Karin e Vivian demonstram tais relações.

Angel: Me relaciono bem com a maioria dos clientes. Tem alguns que são clientes há mais de dez anos. Então a gente acaba ficando mais próximo, né. Tipo assim, eu tenho um

cliente que me conta a vida dele inteira, então eu fico sabendo tudo que acontece com a família, com os negócios, com tudo... Tem outros que falam pouco sobre a vida deles, então é mais profissional, né. Mas me dou bem com eles. É interessante, a gente cria uma relação de amizade com os clientes, principalmente os mais falantes.

Karin: É raro eu ter algum problema com cliente. Graças a Deus! Tem uns que são mais frequentes, né. E a gente acaba ficando amigo. Tipo eu acho bom quando atendo o celular e é um deles. Mas assim, o programa inclui o sexo, claro, mas tem muita conversa também, muitos casos, muitas risadas. É divertido. Tem um cliente que eu atendi, ele é mais novinho. Eu atendi quando eu comecei aqui. Então, ele casou. Aí eu pensei, esse cara não vai vir mais. Fiquei triste menina (risos), porque gosto de ficar com ele. Mas acredita que uns três meses depois do casamento ele voltou? Voltou com tudo (risos). Disse que não aguentou ficar sem eu. (...) Eu... eu fiquei feliz!

Vivian: A relação com cliente é diferente de tudo que eu já vivi. Eu me dou bem com meus clientes. Eu respeito eles e eles me respeitam. E a gente vai assim. Tem clientes que eu atendo desde que cheguei aqui em BH. Tem muitos que vem pra eventos igual eu te falei. Com nosso amigo (risos) é muito bom. Ele é uma pessoa muito boa, engraçado, divertido. Eu falo pra ele que somos amigos e que de vez enquanto ele me paga pra transar com ele (risos). (...) Eu sempre cobro, senão vira encontro né, namoro. Não dá. Tem que manter essa distância.

Nos discursos é evidente que os relacionamentos profissionais entre prostitutas e clientes podem evoluir para relacionamentos de amizade, como demonstra Angel ao mencionar que “*a gente acaba ficando mais próximo (...)* *a gente cria uma relação de amizade com os clientes*” e Karin, que corrobora ao afirmar “*a gente acaba ficando amigo*”. Ambas utilizam a expressão “a gente acaba” e dessa forma se colocam como pertencentes a um sujeito coletivo (a gente) que, implicitamente, poderia ser relacionado às prostitutas. Ao utilizarem o verbo “acaba” as entrevistadas sugerem que a relação profissional com os clientes é um processo que com o tempo, pode evoluir para amizade. Quando isso acontece, cria-se uma relação de proximidade, confiança e até intimidade, como

evidencia-se no trecho discursivo de Angel “*eu tenho um cliente que me conta a vida dele inteira*”. Da mesma forma Karin menciona que “*o programa inclui o sexo, claro, mas tem muita conversa também, muitos casos, muitas risadas*”, ou seja, um clima de descontração entre profissional e cliente. Esses elementos discursivos (amizade, conversa, proximidade) acabam demonstrando práticas discursivas não visíveis no trabalho da prostituição. A sociedade e suas estruturas ideológicas silenciam essas relações discursivas talvez como mecanismo de controle na manutenção de um discurso social pejorativo sobre esse modo de trabalho. Ainda nessa discussão, Karin revela que além do sexo, considerado atividade principal vinculada à prostituição, o programa é composto por outras atividades também consideradas importantes para seu sucesso, reforçando a perspectiva aqui já defendida. Vivian, por sua vez, também comenta sobre a relação de amizade que estabelece com alguns clientes. Na ocasião, ela se refere especificamente a um conhecido que ela e a pesquisadora têm em comum. Vivian demonstra que a amizade inclusive supera a relação profissional estabelecida com esse cliente, conforme se evidencia no trecho “*Eu falo pra ele que somos amigos e que de vez enquanto ele me paga pra transar com ele*”. Em seguida a pesquisadora questiona se o valor é sempre cobrado desse cliente e Vivian afirma que sim e complementa dizendo: “*Eu sempre cobro, senão vira encontro né, namoro. Não dá. Tem que manter essa distância*”. Interessante observar a percepção de Vivian sobre a situação, que mostra que ela consegue delimitar claramente os espaços de atuação, ou pelo menos é o que ela é obrigada a fazer para manter-se na profissão. Ainda que se considere amiga do cliente, a relação profissional prevalece e se manifesta através do valor que é sempre cobrado. Vivian justifica afirmando que, caso não cobre, a relação que é profissional passa a ser pessoal (encontro, namoro). Ela demonstra que não é esse seu objetivo e por isso prefere “manter essa distância” e essa distância envolve evitar laços mais estreitos.

Angel apresenta situações em que foi auxiliada financeiramente por clientes, demonstrando assim a relação de confiança existente entre eles.

Angel: A gente conhece muita gente boa. Vários clientes já me socorreram com dinheiro quando eu precisei. (...) Por exemplo, quando eu precisei de um valor alto pra dar entrada no meu AP um cliente me emprestou e depois eu paguei ele. Claro que já era meu cliente por muito tempo. Me conhecia muito. (...) Não sua boba, paguei com dinheiro mesmo. (risos).

Ela menciona que, ao necessitar de uma quantia alta em dinheiro para dar entrada em seu apartamento, um cliente fez a ela um empréstimo e depois ela o pagou. A pesquisadora, em um clima de descontração, questiona se foi pago com serviços sexuais e Angel, responde que não, que pagou em dinheiro.

No que se refere ao perfil dos clientes da prostituição de luxo, as entrevistadas apresentaram várias características comuns entre eles. Trata-se, em sua maioria, de clientes mais velhos com idade entre cinquenta e sessenta anos, casados, alguns residem em Belo Horizonte e outros vão para a capital em ocasiões de eventos e/ou negócios, pertencem às classes sociais mais altas que lhe conferem alto padrão de vida, como se evidencia nos discursos a seguir.

Capitu: Olha, eu, eu já observei. Eu observo muito isso. É que, perfil do cliente geralmente é o perfil mais próximo da garota de programa, porque sem afinidade não acontece. Então os perfis dos clientes que eu saio são os mais próximos do meu, sabe? São mais comunicativos, são mais ativos (risos), são perfis parecidos... E é assim em qualquer, em qualquer lugar né, na verdade. Falando abertamente, o padrão dessa boate (risos), aqui vem políticos, jogadores de futebol, jogadores de outros esportes, atores, cantores, empresários, é... Pessoal que vem aqui são esses, é, de uma elite alta da sociedade assim. Mas, de uma forma interessante, se não é uma figura muito pública tu não consegue definir. Até porque a gente evita perguntar: o que você faz da vida? “Ah eu sou engenheiro”. Que fique por isso. “Ah, eu sou jogador”. Que fique por isso, não precisa falar de qual time, de qual esporte. É, a gente evita.

Bruna: Olha eu já atendi muito de vinte anos até sessenta, já cheguei a atender menino de dezesseis anos, mas o perfil vai mudando de acordo com a sua energia. Antes eu tinha muito mais energia então imagina que você tem o pique todo, não importa se a pessoa tem dezoito ou tem vinte, trinta ou sessenta, você está ali disposta a atender todo mundo.

Gabriela: Olha, são homens normalmente de 40 anos pra cima, empresários, homens muito educados, executivos que vem a trabalho, pra conferências aqui, ou até que moram aqui também, mas assim, pessoas educadas, pessoas limpas, bem tranquilo.

Angel: Meus clientes é maioria mais velho, casados, alguns moram aqui em BH, outros vem muito aqui a negócio. Tem também alguns solteiros, que tem problema de timidez com mulher, que não desenvolve bem. Agora na boate aparece muito rapazinho novo, que é bem legalzinho, uns muito bonitinhos. O que eles tem em comum é dinheiro. Tem muito dinheiro. São de um padrão de vida superior. Eu tenho cliente de São Paulo, do Rio, do Nordeste, que vem periodicamente, que é milionário.

Karin: Os clientes? Deixa eu pensar... a maioria é de BH, tem uns poucos que vem de fora. São casados. São homens mais velhos, tipo assim, uns cinquenta, sessenta anos. Claro que tem mais novo também, né. Mais aparecem mais na boate. Turma de amigos. (...) Tem clientes muito ricos, principalmente os empresários, os políticos, os assessores. Mas tem os que são só ricos mesmo (risos).

Vivian: É difícil falar de um perfil só. Meus clientes são mais velhos. Tem alguns muito mais velhos que eu. São casados ou namoram. São poucos solteiros. São de classe alta ou média, porque pra pagar o programa tem que ser, né. São empresários que vem pra reuniões em BH todo mês, pra outros eventos e tem contato com a agência. Tem uns que me levam em viagens até internacionais. É um mundo de muito luxo, muito longe da nossa realidade. Tem curso superior, a maioria tem. Tem carreiras muito bem sucedidas. Acho que é isso.

Capitu afirma que o perfil dos seus clientes aproxima-se muito de características que lhe são comuns, ou seja, ela avalia seus clientes como sendo “*mais comunicativos, são mais ativos, são perfis parecidos*”. No que se refere ao perfil dos clientes da boate, ela menciona que se trata de homens de classes altas

e até celebridades nacionalmente conhecidas. No trecho discursivo a seguir evidenciam-se tais características: “*o padrão dessa boate, aqui vem políticos, jogadores de futebol, jogadores de outros esportes, atores, cantores, empresários, é... Pessoal que vem aqui são esses, é, de uma elite alta da sociedade assim*”. No entanto, ela relata que ,muitas vezes, elas nem se dão conta do quanto o cliente é uma “*figura muito pública*” e isso é algo que Capitu demonstra não interessar às profissionais, uma vez que o foco está na capacidade de consumo e não na representatividade social do cliente. Observa-se no trecho do discurso a seguir que há uma tendência a resguardar a identidade dos clientes, a não buscar se informar sobre isso. Capitu utiliza-se de uma intertextualidade manifesta ao narrar um possível diálogo entre ela e o cliente.

Capitu: Até porque a gente evita perguntar: o que você faz da vida? “Ah eu sou engenheiro”. Que fique por isso. “Ah, eu sou jogador”. Que fique por isso, não precisa falar de qual time, de qual esporte. É, a gente evita.

Dessa forma, ela procura demonstrar que não é do seu interesse conhecer o cliente, se informar sobre sua vida pessoal, o que se torna evidente quando ela exemplifica mencionando “Que fique por isso”, ou seja, basta, não é preciso entrar em detalhes sobre a vida do cliente, pois essa prática não compõe a dinâmica de trabalho nesse campo.

Bruna demonstra que, apesar de atender perfis diversos de clientes, ela atualmente tem menos “energia”, o que leva a crer que ela tenha passado a atender homens mais velhos. Ela menciona que “o perfil vai mudando de acordo com a sua energia” e, em seguida, relata “antes eu tinha muito mais energia”. A questão da energia sugere efeitos de sentido de desempenho quantitativo nos programas, ou seja, capacidade de diferentes performances em ritmos acelerados. Subentende-se, então, que clientes jovens demandam mais disposição das profissionais e, por isso, esse grupo não tem sido seu foco de atuação. Angel aponta algumas características do perfil dos seus clientes solteiros. Ela assim

menciona: *“Tem também alguns solteiros, que tem problema de timidez com mulher, que não desenvolve bem”*. Ao usar a expressão “problema de timidez com mulher”, ela demonstra se tratar de homens que são inseguros na sedução, no próprio ato sexual e, por isso, procuram por seus serviços. É como se com a prostituta, esses problemas fossem amenizados ou mesmo estivessem livres do julgamento feminino sobre seu desempenho sexual. Angel descreve também um perfil específico que, segundo ela, frequenta a boate “rapazinho novo, que é bem legalzinho, uns muito bonitinhos”. Ela demonstra ser esse um perfil que lhe agrada, o que pode ser percebido pela expressão “é bem legalzinho”. Nesse ponto, é importante analisar que o perfil desejado (rapazinho novo, muito bonitinho) pelas prostitutas é o oposto do que elas atendem com mais frequência (homens mais velhos, casados).

Angel aponta que o dinheiro é a característica definidora da maior parte dos clientes. Assim ela explicita: *“O que eles têm em comum é dinheiro”*. A condição social e financeira é apontada também por Karin e Vivian. Karin menciona *“Tem clientes muito ricos, principalmente os empresários, os políticos, os assessores. Mas tem os que são só ricos mesmo”*. Ao usar o advérbio “muito”, Karin diferencia os clientes entre os que têm dinheiro e os que têm dinheiro em abundância. Ao final, ela demonstra discursivamente que todos têm dinheiro, independentemente da quantidade. Vivian relata que a realidade dos seus clientes *“É um mundo de muito luxo, muito longe da nossa realidade”*, mostrando também que se trata de um padrão de vida muito superior ao vivenciado pela grande maioria da sociedade.

No que se refere aos clientes, observou-se que as entrevistadas atendem também mulheres, conforme se evidencia nos discursos abaixo:

Capitu: Não, não atendo só homens, vem muitos casais aqui também. Casais vem na boate. Atendo o público masculino, e atendo casais também, e atendo mulheres também. É raro,

mas acontece, os casais virem, pegarem o contato, depois as mulheres ligarem...

Angel: Atendo mulheres também e casais. O povo tá gostando disso agora, menina. Atendo muitos casais. E tenho duas clientes mulheres que sempre me ligam, que são casadas, mas fazem programa comigo. (risos) Não. Não sou não (bissexual). Sou hétero mesmo, adoro homem. (risos) Então, o tesão não é o mesmo, mas eu faço o que tenho que fazer. E faço bem. Risos...

Vivian: Eu atendo mulheres, sim. Casais também. As vezes elas vem acompanhada dos maridos. Tem dois casais que atendo quase toda semana. Tem casais de lésbicas também. Já atendi. Não é sempre mas tem. A maioria é casada com homens, mas tem essa tara em mulheres. Não sei explicar. (...) Prefiro homens, mas dependendo do cliente, mulher é até melhor.

Os discursos demonstram que as clientes mulheres nem sempre procuram pelos programas sozinhas, sendo que em muitas ocasiões casais também são atendidos. Capitu menciona que casais frequentam a boate, solicitam o contato das profissionais e depois as esposas ligam marcando o programa. Ao se referirem a casais, trata-se de casais hétero e homossexuais. Angel e Vivian relatam que é comum mulheres casadas com homens procurarem os serviços, ainda que sejam heterossexuais. Ao ser questionada, Angel afirma que não é bissexual. Ela menciona no trecho discursivo “*Então, o tesão não é o mesmo, mas eu faço o que tenho que fazer*”, que mesmo não se sentindo atraída sexualmente por mulheres, ela realiza o trabalho da mesma forma. Nesse sentido, observa-se que, ao realizarem seu trabalho como prostituta, as entrevistadas representam de fato um papel que, muitas vezes, destoa-se completamente de suas realidades.

Outro aspecto bastante evidente em diversos momentos nos discursos das entrevistadas refere-se às situações de preconceito e discriminação vivenciadas na experiência como prostitutas de luxo, que decorrem da percepção que a sociedade tem dessas profissionais e do trabalho que desempenham. Nesta perspectiva, é possível observar que a prostituta pode ser considerada o que Rago (1991)

denominou fantasma, pois habita mais a imaginação do que as relações cotidianas de grande parte da população, ou seja, pouco se conhece sobre a realidade dessas mulheres. Como se tem pouco acesso a essas pessoas, vão sendo construídos e perpetuados discursos que corroboram a estigmatização das prostitutas ao pensá-las frequentemente entre os polos da vitimização e do desvio comportamental. Assim, conforme relata Alles (2016), é comum opiniões que defendem que as prostitutas precisam ser salvas, ou que as criminalizam ou culpabilizam por sua “condição profissional”. Ao serem representadas como desviantes que não seguem os padrões vigentes, essas mulheres também são pensadas como perigosas. Cria-se, então, mais um estereótipo que dificulta um olhar positivo sobre o fenômeno e sobre os indivíduos que nele se envolvem (GIL, 1996).

Dessa forma, as prostitutas são vítimas de preconceito e discriminação em diversas situações de seu cotidiano. E isso não escapa à nenhuma categoria, tendo em vista que tanto as prostitutas de baixo, quanto de alto meretrício não são poupadas de julgamentos por parte das pessoas, principalmente no que se refere à imoralidade que recai sobre essas profissionais. Os trechos discursivos a seguir demonstram um pouco das situações vivenciadas.

Bruna: Por exemplo: eu estava no outro hotel, apart hotel. Eu aluguei com a menina da imobiliária, o quarto e tal. Eu cheguei lá tipo numa terça. Numa sexta ela já mandou um email pra mim se retirar do hotel. Aí eu não tinha entendido assim na hora eu não li o email. Aí tipo no sábado a moça tocou na porta para fazer a vistoria, uma moça contratada pela imobiliária. Aí eu abri a porta e falei mais como assim, não entendi, fazer vistoria? Vou ficar quinze dias aqui, e só tem três dias que eu estou aqui. “Não porque foi reclamado que tá tendo muito barulho” (...) Aí eu falei: “Como é que é?” Fazia três dias que eu estava lá. Do meu lado não tinha vizinha você está no lugar você percebe se tem gente ou não porque se eu fico o dia inteiro no flat, você vai saber se tem pessoa abrindo a porta do lado ou não. Quer dizer, até então não tinha ninguém do meu lado, mas os porteiros são tão curiosos e são tão como é que eu posso dizer, despreparados, que ao invés de cuidar da própria vida vai da nó na vida do outro. Quer dizer, a moça da imobiliária pediu que eu meu retirasse e eu

percebi ali um preconceito assim da parte dela, uma forma de ela querer mostrar superioridade, parecer que é melhor do que você, porque eu senti na postura que ela teve comigo.

Bruna relata uma situação em que percebeu que foi discriminada por ser prostituta. Segundo ela, a imobiliária praticamente a despejou do apartamento ao receber a denúncia por parte dos porteiros do prédio de que ela estaria recebendo clientes no local. Bruna revela que recebeu um e-mail avisando sobre sua saída e logo uma moça foi fazer a vistoria do apartamento. Ela menciona que percebeu o preconceito por parte dessa funcionária da imobiliária. Assim ela relata: “*eu percebi ali um preconceito assim da parte dela, uma forma de ela querer mostrar superioridade*”. A superioridade aqui se remete à ideia de conduta positiva. Segundo Bruna, a reclamação feita não fazia sentido algum, tendo em vista que não havia outros moradores nos apartamentos vizinhos. Ela atribui a culpa por esse episódio aos porteiros que “*ao invés de cuidar da própria vida vai da nó na vida do outro*”. A situação vivenciada por Bruna é muito comum, tendo em vista que as pessoas preferem se distanciar ao máximo de tudo que envolve a prostituição. Às vezes, por questões morais, outras vezes por questões legais. Por isso, os locais onde ocorre a prostituição são, geralmente, afastados ou encobertos por outros estabelecimentos.

Angel também retrata algumas situações discursivas em que é tratada de forma preconceituosa.

Angel: Várias vezes. De clientes, diversas vezes. Tem alguns que é uma coisa antes do ato e depois, mal olha na sua cara. Tem uns que te liga só pra esgotar a vontade mesmo. Te trata igual uma boneca inflável e pronto... risos... Por exemplo, nos hotéis, quando a gente chega e tem recepcionista nova, você vê na cara delas o espanto e a rejeição. Elas mal conversam com a gente. Tem uns seguranças também... Segurança de algum político, de algum empresário... sabe, que anda com eles. Então, geralmente eles acompanham a gente até o taxi e fica querendo te agarrar, tirar casquinha, te passa a mão. É tenso. Aí você corta eles e eles te xingam horrores, chama de vagabunda.

Angel demonstra que percebe o preconceito em relação a ela vindo de clientes e de outras pessoas que sabem que ela é prostituta. No discurso evidencia-se que os clientes têm comportamentos diferentes em relação a ela, por exemplo, antes e depois do ato sexual (“*é uma coisa antes do ato e depois, mal olha na sua cara*”). Essa atitude parece demonstrar que antes do programa, talvez envolvido com o desejo pelo serviço, o cliente não se atente para a situação na sua totalidade. No entanto, após a concretização, parece recair sobre eles certo arrependimento que leva a ignorar a profissional, culpabilizando-a por um “processo” que pertence exclusivamente a ele. Após o ato há uma mudança na prática discursiva. Outros demonstram buscar somente o serviço sexual e nada mais. Angel assim exemplifica: “*Te trata igual uma boneca inflável*”. No que se refere aos comportamentos preconceituosos advindos de clientes, percebe-se que eles desconsideram a pessoa que existe na profissional, o ser humano que também participa da ação. O objeto discursivo “boneca inflável” provoca efeitos de sentido que despersonificam a prostituta, talvez por acreditarem que naquele momento ela passe de pessoa para mercadoria a ser usada. Ademais, Angel relata o tratamento percebido por parte das recepcionistas de hotéis que a ignoram e o desrespeito de seguranças que trabalham para os clientes. Ela menciona que ao rejeitar as investidas desses seguranças, comumente eles “*xingam horrores, chama de vagabunda*”. Na percepção desses homens, Angel faz sexo com qualquer pessoa que quiser. Eles não entendem que se trata do serviço que ela oferece, pois pra eles não é um serviço como outro qualquer.

No discurso de Vivian, pode-se observar também alguns aspectos que se voltam para as situações de preconceito recorrentes no cotidiano de prostitutas.

Vivian: O preconceito existe sempre. Não tem jeito. Eu percebo isso da seguinte forma. As mulheres discriminam a prostituta porque acha que ela vai dar de cima do namorado dela, do marido, enfim. Rola aquela disputa, tipo assim. E não vai. Eu não dou de cima de ninguém. Eu sei respeitar as pessoas, o casamento. Não fico me oferecendo por aí. Estou

disponível, mas não vou dar de cima de ninguém. Os homens, eles falam coisas, eles agem de forma... como eu vou dizer... desrespeitosa mesmo como a gente, porque eles pensam que a gente vai transar com eles, que a gente pode ser tratada assim. Eu não vou transar com todo cara que eu conhecer. Pelo amor de Deus (...) Mas o preconceito tá aí. Tipo quando eu vou numa loja, as vezes percebo comentários, na academia, nem vou mais na academia, também o pessoal fica cochichando pelas costas. Por que não adianta, as pessoas sabem. Quando eu vou visitar a mamãe, eu vejo as pessoas falarem. Eu percebo o jeito que elas me olham.

Vivian demonstra perceber que homens e mulheres têm reações diferentes em relação a prostitutas. Ela menciona que as mulheres reagem de forma discriminatória por acreditarem que as prostitutas representam algum tipo de ameaça ao relacionamento delas. Já os homens, pensam que a prostituta é sempre uma mulher com quem ele pode tentar alguma coisa. Nesse sentido, Vivian esclarece que a preocupação das mulheres não se fundamenta, pois as prostitutas não estão disponíveis para quem quiser, estão disponíveis para quem quiser pagar pelos serviços oferecidos. No seguinte trecho discursivo, ela assim explicita: *“Estou disponível, mas não vou dar de cima de ninguém”*. Vivian menciona que percebe comportamentos preconceituosos em seu cotidiano, por exemplo, quando vai em uma loja ou na academia e as pessoas cochicham coisas a seu respeito. O mesmo acontece quando ela vai para a casa de sua mãe no interior. Ela finaliza mencionando *“Porque não adianta, as pessoas sabem”*. Ao usar a expressão “não adianta”, Vivian refere-se ao fato de tentar esconder das pessoas que é prostituta, mas essa tentativa ser em vão, porque de uma forma ou de outra, as pessoas tomam conhecimento sobre o trabalho por ela executado.

Independente da modalidade de prostituição a que se esteja referindo, nota-se que a discriminação e o preconceito em relação a essas profissionais está presente. Ainda que esse mercado tenha crescido consideravelmente no Brasil nos últimos anos, nota-se que tal crescimento não tem colaborado para diminuir a condenação moral direcionada às prostitutas. Conforme evidenciaram-se nos

discursos sobre o preconceito vivenciado na prostituição, as prostitutas de luxo, ainda que pertençam a uma categoria privilegiada no contexto da prostituição, são discriminadas socialmente. Situação semelhante pode ser observada na minissérie “O Negócio”, que busca retratar o cotidiano de prostitutas de luxo. Por mais que a prostituição de luxo ofereça algumas oportunidades melhores em termos financeiros para suas trabalhadoras, a minissérie demonstra que o preconceito social ainda perdura em relação às profissionais. Em determinado momento da minissérie é realizado um “*focus group*” com clientes dos serviços da prostituição. Algumas falas são carregadas de discriminação, conforme se observa.

"Eu saio sempre com garota de programa, mas eu me considero fiel. Ah, sair com puta não é trair, né, gente" (Cliente, Episódio 6).

"Melhor coisa é comer puta! Cara, você pode brochar a qualquer hora que elas não falam nada. Elas podem achar seu pau pequeno que elas falam que é o maior que elas já viram. E outra, oh, puta sempre goza, não tem jeito, elas gritam e te fazem sentir o Super Homem" (Cliente, Episódio 6).

Os discursos acima demonstram que a percepção masculina em relação às prostitutas volta-se para aspectos que as desmerecem enquanto ser humano e mulher, a começar pela maneira com que se referem a elas (putas). No momento em que o cliente afirma que “sair com puta não é trair”, evidencia-se a noção discursiva de que a relação é tão desprovida de sentimento que não se trata de uma traição. É algo meramente carnal que não afeta o emocional masculino. No segundo trecho discursivo em que o cliente menciona que quando se está com uma prostituta, o homem pode brochar, encontram-se elementos discursivos que apontam para o descaso com a relação e o momento, ou seja, com a prostituta, o homem pode ter um baixo desempenho sexual sem enfrentar o constrangimento que enfrentaria com a esposa. Nesse trecho, evidencia-se também que os clientes são conscientes do papel representado pela prostituta que destoa da realidade hegemônica, onde baixos desempenhos são frequentemente criticados.

A rejeição à prostituição e, conseqüentemente, às profissionais que atuam nessa atividade decorre de um discurso moral hegemônico que no decorrer do tempo negou às mulheres o direito a trabalhar oferecendo seu corpo como mercadoria disponível para consumo. Em termos discursivos, evidenciam-se interdiscursos e intertextualidades que demonstram que os discursos que se opõem à prostituição continuam circulando e sendo consumidos e distribuídos, o que garante a perpetuação de uma ideologia que nega às mulheres o direito de usar seu corpo como quiserem e se opõe a aceitar que a prostituição é um trabalho como outro qualquer permeado de símbolos e significados que dão sentido à prática das prostitutas.

Analisar a linguagem discursiva contextualizada no universo da prostituição possibilitou compreender algumas contradições inerentes a essa prática, além de proporcionar conhecer mais a fundo um espaço discursivo ainda pouco desvendado. Acredita-se que desvendá-lo, contribua para melhor compreendê-lo. Os discursos empreendidos esclarecem que vários elementos compõem o que se entende como sendo o universo da prostituição. As análises demonstram que tais elementos se apresentam de maneira contraditória ao se refletir sobre seu papel e utilidade naquele contexto.

Um desses elementos presentes no discurso é a boate, que se apresenta como sendo um local descontraído onde amizades são cultivadas e vínculos de confiança são assumidos. A boate, ao mesmo tempo em que traz a diversão, a boa convivência com as colegas de profissão, traz o trabalho noturno, o cansaço, os “bêbados”. O dinheiro, que aparece nos discursos como sendo o principal motivo de estar na profissão, embora seja ganhado em abundância, não leva ao reconhecimento social desejado. Os clientes, com quem é possível estabelecer uma relação de amizade, em outros momentos mostram-se cruéis e abusivos na relação que se apresenta conflituosa. A prostituição, considerada aqui como uma

experiência de luxo, também não deixa de ser discriminatória e, tampouco, poupa suas profissionais dos julgamentos morais a elas imputados socialmente.

Em termos de análise textual, os estilos de linguagem adotados pelas prostitutas demonstram os efeitos constitutivos do discurso e suas funções identitárias e relacionais (ORLANDI, 2001), operando sobre as escolhas profissionais dessas mulheres. Em termos de prática discursiva e social, percebeu-se que elas se identificaram com os discursos desse modo de trabalho e, ao se relacionarem com essa prática, passaram a consumir e reproduzir as ordens discursivas e as ideologias construídas nesse campo, o que justifica e valida a opção por permanecerem na prostituição.

#### **4.4.3 Ser prostituta de luxo: compreendendo os significados e implicações inerentes à prática da prostituição no contexto de luxo**

No presente tópico, busca-se, por meio dos discursos empreendidos, compreender os significados atribuídos à prática da prostituição, bem como analisar os impactos, na relação das entrevistadas com o trabalho de prostituta. Nesse intuito, tornou-se importante retomar algumas questões que sócio-historicamente influenciaram a prostituição e dificultaram a legitimação dessa prática como trabalho em diversos contextos históricos, incluindo o atual. Ao se refletir sobre os caminhos e descaminhos da prostituição, é impossível não relacioná-la a três questões fundamentais, que serão aqui discutidas: (i) as relações de gênero e poder que configuram a consolidação do patriarcado; (ii) a sexualidade, concebida de maneira distinta para homens e mulheres no decorrer da história; e (iii) a prostituição vista como atividade mercantilista que serve aos interesses do capital.

No que concerne às questões de gênero, conforme já discutido, ao longo da história as relações foram marcadas por contextos de exploração e de

dominação entre homens e mulheres, destacando a supremacia dos representantes do primeiro sexo sobre o segundo (ARANGUREN, 1991; NOVO, 2003; SAFFIOTI, 2004). Essa relação se deve, em grande medida, aos postulados da sociedade patriarcal, que desde sua implantação, privilegiou interesses masculinos em detrimento dos femininos, constituindo, assim, um sistema de rejeição às mulheres, como classe e sujeito social. Essa rejeição inclui a sexualidade, ao ponto que se observa que às mulheres foi negado o direito ao corpo e à possibilidade de vivenciar sua sexualidade. Rago (2008) explicita que em muitos períodos históricos elas mulheres eram excluídas do prazer sexual e sujeitas a preconceitos e tabus acerca da sexualidade, o que as separava em prostitutas ou santas.

Foucault (1988), Rubin (1989) e Weeks (1995, 2002) veem a sexualidade como sendo relacionada a diferentes contextos históricos e culturais e também como campo de batalha e disputa, sendo investida por relações de poder. Dessa forma, compreende-se que a sexualidade é algo que perpassa a história da civilização humana. Stearns (2007) afirma que a sexualidade foi parte fundamental da vida em sociedade em todos os períodos históricos vivenciados pela humanidade. Da mesma forma, a prostituição também é um fenômeno observado no decorrer da história, constituído como um traço universal da vida humana em sociedade (PATEMAN, 1993) tanto que é comum o uso do clichê “a mais antiga profissão”.

Em uma análise sócio- histórica, é possível observar que rituais sexuais foram praticados em outros momentos, no entanto, os julgamentos morais se perpetuaram à medida que o patriarcado se consolidou como um sistema social. Daí começou a diferenciação moral entre as esposas, consideradas seres morais e as prostitutas, imorais (ROBERTS, 1998). As prostitutas tornaram-se então pecadoras e os rituais sexuais não foram mais aceitos. A autora menciona que, nessa época, já existiam relatos de tentativas de separar as mulheres entre aquelas que eram boas (mulheres para casar, dóceis e obedientes) e as más (autônomas,

prostitutas), sendo que a prostituta seria uma esposa intratável e desagradável, uma vez que estava acostumada a aceitar outros homens.

Na esfera conceitual, a prostituição se apresenta como uma prática por meio da qual se oferece sexo em troca de dinheiro, sendo a prostituta aquela que vive a partir da prostituição. Costa, Silva e Nascimento (2009) referem-se à prostituição como a prática de comercializar serviços de natureza sexual como prazer, fantasias, sexo, carícias, etc. No entanto, ao refletir sobre a prostituição, Farinha e Bruns (2006) entendem que, além da relação sexual entre a profissional do sexo e o cliente, ocorre também uma relação intersubjetiva; afinal, ambos constroem um sentido para o relacionamento, que pode ser tanto de simpatia quanto de aversão. Nos discursos que se seguem, Capitu e Gabriela mencionam que a prostituta se assemelha a uma psicóloga ao ouvir, conversar e se relacionar de maneira interpessoal com os clientes.

Capitu: Tem muita gente que diz... que garotas de programa, não são garotas de programa, dizem que são psicólogas do sexo. E é um pouco por aí... (risos). São psicólogas não formadas né (risos)... Mas, mas a gente lida diretamente com pessoas, pra mim é maravilhoso, eu nasci pra isso. Até porque quem vem aqui, nem sempre são pessoas só querendo diversão. A maioria quer vir, quer diversão, mas acima disso quer alguma coisinha a mais que está faltando lá fora. Ou está faltando na relação ou está faltando na não relação (risos). Sabe?

Gabriela: Eu acho que eu sou mais uma psicóloga (risos). Igual eu tô te falando. Pra mim eu não levo só pro lado sexual. Claro que o sexo faz parte disso tudo, mas eu tento ser uma companhia, tento ser agradável, ver a pessoa se abrindo pra mim, eu tento ouvir, tento ter um momento agradável. A pessoa podendo ser ele mesmo, sério, é bom. Eu tento levar pra esse lado.

Capitu inicia demonstrando a presença de um interdiscurso “*Tem muita gente que diz...*”, pois observa-se que ela consome nesse momento um discurso que veicula na sociedade e na mídia que mostra a prostituta como ouvinte e confidente de seus clientes. O filme *Bruna Surfistinha* (2011), a novela *O Outro*

Lado do Paraíso (2017), além de diversas reportagens jornalísticas revelam a relação de proximidade entre as profissionais e seus clientes. Capitu menciona que o papel de psicóloga se dá pelo fato de que, nem sempre, “*quem vem aqui (boate), nem sempre são pessoas só querendo diversão*”, ou seja, os clientes buscam também atenção. E recebem, conforme se evidencia no discurso de Gabriela: “*tento ser uma companhia, tento ser agradável, ver a pessoa se abrindo pra mim, eu tento ouvir, tento ter um momento agradável*”. Capitu avalia que tal comportamento se dá, pelo fato de os clientes não conseguirem estabelecer essa relação de proximidade com suas parceiras (esposas ou namoradas). Tal análise de dá no trecho discursivo “*alguma coisinha a mais que está faltando lá fora*”, em que aparece novamente um interdiscurso popularmente consumido e distribuído que prediz “homens buscam “lá fora” o que não encontram em casa”, ou seja, os clientes buscam nas prostitutas comportamentos que não encontram em suas mulheres. Isso se explicita ainda mais quando Capitu segue dizendo que “*está faltando na relação ou está faltando na não relação*”. Nesse trecho ela pode se referir a clientes comprometidos que não recebem atenção da esposa/namorada e de clientes que não possuem uma relação ou ainda, clientes comprometidos, mas que não conseguem se relacionar com a esposa/namorada (não relação). Gabriela menciona que busca proporcionar um momento em que o cliente pode “*ser ele mesmo*”. Nessa perspectiva, a prostituição apresenta-se como possibilidade de liberdade para os clientes, espaço onde se refugiam distante de julgamentos e cobranças.

Observa-se nos discursos apresentados que, vista por esse lado, a prostituição parece se distanciar de sua atividade inicial que é puramente a oferta de sexo, uma vez que se trata também de um momento em que a relação escapa à lógica do dinheiro ganho pelo prazer oferecido e aproxima-se de uma possibilidade afetiva. É como se, naquele momento, a relação de troca existente

cedesse lugar a uma fantasia, onde a prostituta está no papel de companheira, que conversa, ouve e dá espaço para que o homem seja quem ele deseja ser.

Em relação a esse clima fantasioso, Bruna demonstra que para ela a prostituição é de fato uma fantasia:

Bruna: É uma fantasia , não eu acho que isso é uma grande fantasia. Eu acho, eu costumo dizer que nós vivemos, nós somos atores, né? Atores na nossa própria vida assim né, e como a gente usa um segundo nome né. Então o que acontece, você acaba com... acaba sendo uma fantasia na cabeça de outras pessoas. Entendeu? Porque você é um objeto de sexo. (...) Isso é uma fantasia, trabalhar com sexo é uma grande fantasia. Porque a realidade é bem diferente assim do que passa na mente dos homens de quem procura ou de quem estuda ou de quem pesquisa. É diferente, não é tão ruim quanto se expões assim. Engraçado porque tem cliente que vem aqui, é bonito, jovem e tal. Eles falam: “Nossa, você pegou um cliente bom agora - que seria ele - porque eu imagino que você deve pegar tanta tranqueira”. Todos falam isso e engraçado isso todos falam isso. Ele é um cara bom, aí vem outro que vem aqui e não sabe que o outro tava aqui, que ele era um cara limpo educado cheiroso assim bom de você tá junto.

Bruna menciona que a prostituta está em um papel de atriz (“*Atores na nossa própria vida*”) onde tem a possibilidade de encenar com seu cliente. Para as prostitutas, isso é reforçado pelo “nome de guerra”, que dá a elas a possibilidade de possuir uma segunda identidade que lhes confere uma outra realidade. Dessa forma, elas podem ser, durante o horário de trabalho, prostituta e, fora dele, mulheres com papéis dos mais diversos (mães, filhas, esposas, namoradas). No discurso de Bruna, evidencia-se que a fantasia estende também aos clientes que podem criar realidades paralelas, onde a prostituta deixa de ser a profissional paga para proporcionar-lhes prazer, e passa a ser uma mulher que, naquele momento, eles podem ter ao lado. Bruna reitera que a prostituição é uma fantasia para todos aqueles que estão externos à prática. Ela inclui, clientes, estudiosos, pesquisadores e afirma que na realidade a prostituição é algo bem diferente do que parece ser. Chega a ser cômico, o trecho discursivo em que ela recorre a uma

intertextualidade manifesta na tentativa de apresentar a fala de um cliente bonito e jovem (“Nossa, você pegou um cliente bom agora (que seria ele) porque eu imagino que você deve pegar tanta tranqueira”). Ao utilizar esse recurso, Bruna busca exemplificar um comportamento que é muito comum de as pessoas externas à prostituição terem em relação às prostitutas, que é de achar que elas sempre atendem homens fora do padrão de beleza atual (tranqueira). Ela segue no discurso mencionando que o cliente que se acha “bom” mal sabe que antes dele ela estava com outro cliente “limpo, educado, cheiroso”, que não necessariamente se aproxima do que venha a ser “tranqueira”.

Já Vivian demonstra que a prostituição pode ser concebida como um trabalho, assim como os demais.

Vivian: Eu encaro a prostituição como meu trabalho e levo isso muito a sério. Trabalho todos os dias, procuro oferecer um trabalho de qualidade, zelo muito por meus clientes, principalmente os fixos. Sou muito discreta e dou segurança pra eles. Então, assim... eu vejo assim... existem clientes que precisam do serviço e eu tenho o serviço pra oferecer. Acabou o tempo do programa, acabou o trabalho. Agora, a prostituição é muito além do programa, de ir pra cama, enfim... Eu escuto muito meus clientes, dou atenção. Tem dias que o sexo é o mais banal que acontece. (...) Sim, tem alguns (clientes) que se envolvem mais, mas no meu caso, eu deixo muito claro que é só o meu trabalho e que daqui uma hora vai chegar o próximo.

No trecho discursivo, ela busca apresentar elementos que demonstram a seriedade com que desempenha seu trabalho (trabalhar diariamente, oferecer um trabalho de qualidade, zelar pelos clientes, ser discreta, proporcionar segurança). Os elementos se apresentam por meio de um interdiscurso comumente utilizado no espaço do trabalho que busca definir o trabalhador dedicado e as ações por ele empreendidas. Vivian prossegue trazendo outro interdiscurso presente no mundo dos negócios, ao apresentar os aspectos do que é caracterizado como “lei da oferta e da demanda” que busca estabilizar a procura e a oferta de um determinado bem

ou serviço. Oferta é a quantidade do produto disponível em mercado, enquanto procura é o interesse existente em relação ao mesmo. Ao afirmar que “*existem clientes que precisam do serviço e eu tenho o serviço pra oferecer*”, Vivian se coloca como a ofertante e o cliente como aquele que demanda o serviço, tal como acontece no mercado com qualquer mercadoria. Assim como Capitu e Gabriela, Vivian também menciona a relação de atenção e proximidade que busca desenvolver com seus clientes. Ela reafirma que o sexo em muitas ocasiões é a parte mais “banal” do programa. A pesquisadora, então, questiona se essa relação próxima não desperta expectativas nos clientes, ao que ela responde que sim, mas que busca apresentar a realidade aos clientes demonstrando se tratar de um trabalho e nada mais.

Como mencionado no discurso de Bruna, as prostitutas nem sempre podem revelar sua identidade para pessoas mais próximas (família e amigos), por temerem não serem compreendidas. Nessa perspectiva elas utilizam o “nome de guerra”, ou seja, um nome fictício criado exclusivamente para fins de prostituição. Assim sendo, questionou-se às entrevistadas se elas revelavam e para quem revelavam que eram prostitutas. Observou-se que nenhuma delas declara abertamente, para o círculo de convívio social mais próximo, sobre o trabalho que desenvolvem, conforme demonstram os trechos discursivos abaixo.

Capitu: Não digo. É que eu conheço muita gente, fora daqui. Eu tenho um convívio social bem grande, com muita gente. Mas somente duas ou três pessoas de confiança minha sabem que eu faço isso.

Gabriela: Não. Não por vergonha, mas pela minha filha. Por exemplo, minha família foi um quesito que eu me preocupei em ir pro site. Foi uma coisa que me segurou muito antes, alguma pessoa me ligar por causa do site eu chegar lá e é algum parente. Eu sou muito distante da minha família. Só revelei pra dois amigos que tenho. Um deles foi até o que me falou sobre a casa de massagem.

Angel: Falar, contar, eu só contei para minha irmã mais velha e pra uma amiga que eu tenho de infância lá em Paracatu. São as pessoas que eu mais confio. (...) Porque a maioria não aceita isso como normal. Já vem com moralidade, enfim. Acha a gente perigosa, safada, e tal... Eu prefiro não abrir essa parte da minha vida. Minha irmã chorou muito porque eu sempre ajudei ela demais, desde quando eu comecei. Ela precisa. Então acho que ela ficou se sentindo culpada. Mas a gente se ama e ela nunca demonstrou não me apoiar nisso. Ela as vezes me pergunta quando eu vou sair e tal. Minha amiga, também foi tranquila. Ela já desconfiava e aí foi só eu falar mesmo.

Capitu revelou sobre seu trabalho para apenas três pessoas, Gabriela revelou para dois amigos, Angel, para sua irmã e uma amiga, Bruna revelou para uma amiga, Karin, para ninguém de sua família e grupo de amigos e Vivian revelou para duas amigas de infância. Capitu parece analisar a questão da confiança pelas pessoas que decide contar sobre seu trabalho. Nesse sentido, ela afirma que apenas *“pessoas de confiança minha sabem que eu faço isso”*. Ao usar o léxico *“faço isso”* e, portanto, omitir discursivamente a atividade feita, Capitu denota um sentimento de perceber-se fazendo algo errado e decorre daí a ideia de que outras pessoas também julgarão da mesma forma. Gabriela, por sua vez, menciona que omite das pessoas para resguardar sua filha. Ela relata que ao decidir apresentar seu perfil no site da agência, ela se preocupou com a questão da visibilidade. Demonstra até hoje se preocupar em chegar ao local e verificar que se trata de alguém que ela conhece. Por fim, Angel demonstra que o ato de esconder se faz necessário *“porque a maioria não aceita isso como normal”*. No que se refere a essa dita *“normalidade”*, Goffman (2008) menciona que o indivíduo estigmatizado é evitado por possuir uma característica percebida e indesejada pelo grupo. Esse indivíduo poderia ser aceito na relação social, mas determinado traço indesejado percebido impede que o grupo se atente para os demais traços que ele possui. Dessa forma, o indivíduo tem suas possibilidades de interação social minadas em decorrência desse estigma, ou seja, uma característica diferente do que havia sido previsto. O trecho discursivo apresentado demonstra

claramente o interdiscurso da moralidade presente na sociedade patriarcal que condena mulheres e as coloca como figuras “anormais”. A anormalidade está no fato de a prostituta, considerada então como a “mulher má” (JULIANO, 2010) não aderir a padrões sexuais que o patriarcado limitou para as mulheres no decorrer da história.

As entrevistadas discorreram também sobre a reação das pessoas quando elas relatam que são prostitutas. Observou-se que a reação é sempre acompanhada de sentimentos como consternação, acolhimento e curiosidade. No discurso de Capitu, é possível notar que quando ela revelou sobre sua atividade para pessoas muito íntimas, a primeira reação foi de achar que poderiam ter feito alguma coisa para que ela não se tornasse prostituta, o que ela demonstra por meio de uma intertextualidade manifesta (“*Ai, poderia ter me falado, eu te ajudava pra você não precisar fazer isso*”). Em seguida, Capitu relata que demonstraram apoio, que disseram não julgá-la por isso e que compreendem os motivos que levaram a entrada para essa atividade.

Capitu: Olha, como eu só falei pra pessoas muito íntimas mesmo, muito próximas, a reação, a princípio a reação é de... A primeira reação é de impotência. A pessoa pensa: “*Ai, poderia ter me falado, eu te ajudava pra você não precisar fazer isso*”. Segunda, a segunda reação quase que imediata junto com essa é ah... é aquela, poxa... De, de me dizer, de me deixar claro que não me julga por isso.

O discurso de Bruna demonstra que quando se apresenta como prostituta as pessoas reagem com preconceito. Ela relata que principalmente os homens se mostram bastante preconceituosos e que os comportamentos masculinos se diferem quando o homem é cliente e quando não é. Segundo ela, quando o homem está na posição de cliente, ele tende a ser simpático, mas quando está na noite, com amigos, ele tem atitudes muito preconceituosas.

Gabriela demonstra a mesma percepção, de que as pessoas de sua família e amigos teriam uma reação negativa caso ela relatasse que é uma prostituta. Ela

menciona que teme inclusive que alguns possam usar dessa informação para extorqui-la com ameaças. Esse é o motivo pelo qual ela decidiu se afastar ao máximo de sua família, pois assim expõe menos sua verdadeira atividade. No trecho relatado ela diz “*Eu não deixo as pessoas da minha família entrar no meu dia a dia, eu tentei me afastar um pouco justamente por isso*”. Inicialmente, ela afirma que relatou apenas para uma amiga e que esta reagiu positivamente.

Considerou-se importante relatar os principais desafios vivenciados pelas entrevistadas na experiência como prostituta de luxo. Curioso foi perceber que os desafios são muito próximos aos desafios de qualquer trabalhador no atual contexto de trabalho.

Bruna: Desafio, é, eu acho que é acordar todos os dias e olhar pro telefone e falar hoje mesmo eu não querendo eu preciso porque eu tenho uma meta, eu tenho um valor estipulado pra tal dia e eu não quero mas eu vou ter que fazer. É você tá ali naqueles dias que vem pra mulher, que toda mulher tem seu ciclo menstrual e você ali tendo que trabalhar. Eu acho que isso é um desafio, muito mais do que você ir pra cama com alguém é você exercitar sua mente antes de ir, porque quando já está na cama com uma pessoa, você tá na cama então ali você está interagindo com uma pessoa mais até você chegar até ali, quer dizer, você tem que passar por um processo é como se você tivesse que se reinventar todos os dias.

Vivian: Desafios? Tem alguns, sim. No trabalho em si, eu acho que é saber lidar com as pessoas, porque a gente atende pessoas muito diferentes, igual eu já te falei. Então acaba que com cada um você tem que ter um jeito de lidar. Outra coisa... é viver isso tudo e ainda ficar com o psicológico normal. Eu faço terapia há anos. Agora, tem um desafio que eu penso muito ultimamente. É eu tenho pensado. Que é a hora de parar, né. É parar de trabalhar como prostituta. Eu não sei como vai ser isso pra mim. (...) Agora, não, mas no futuro né. Talvez um futuro próximo.

Gabriela: É lidar com pessoas que não são tão abertas. Porque por mais simpática que você é, por mais tranquila e educada, tem pessoas que são fechadas, que é difícil você chegar neles assim. Eu acho isso o mais difícil, porque ai você fica sem saber como agir, e como levar pra esse lado que eu gosto de

levar. De conversar, de tentar... Não me sentir um objeto. Depende de mim, depende da minha postura. Só que tem pessoas que é difícil você conseguir isso. Graças a Deus é a minoria, mas existe isso sim.

Bruna menciona que os desafios estão relacionados com o fato de nem sempre estar disposta para trabalhar e ainda assim, sentir-se obrigada a fazê-lo. Essa obrigatoriedade volta-se para a renda adquirida por meio do trabalho, que se apresenta no trecho discursivo “*eu tenho uma meta, eu tenho um valor estipulado pra tal dia*”. Ela menciona também a dificuldade vivenciada principalmente no período menstrual, em que a mulher sente-se geralmente desanimada. Para a prostituta o desânimo é algo que pode prejudicar o desempenho do trabalho, pois a prostituta precisa mostrar-se ativa, disposta e preparada para o ato sexual. O trecho discursivo “*Eu acho que isso é um desafio, muito mais do que você ir pra cama com alguém é você exercitar sua mente antes de ir*”, revela claramente que o ato sexual propriamente dito não é a maior dificuldade enfrentada pelas prostitutas, mas a preparação que o antecede. Vivian corrobora com a percepção de Bruna e demonstra isso ao afirmar que o desafio “*é viver isso tudo e ainda ficar com o psicológico normal*”. Ela demonstra que a prática da prostituição (“isso tudo”) afeta o estado mental de suas profissionais ou pelo menos que ela se sente afetada. Outro desafio apontado no discurso de Vivian refere-se ao momento de encerrar sua carreira como prostituta de luxo. Considera-se que ela esteja cogitando a possibilidade de isso se efetivar, o que se explicita o uso das expressões textuais “penso muito ultimamente” e “futuro próximo”.

O ato de lidar com os clientes é apontado nos discursos de Vivian e Gabriela como sendo também um desafio a ser enfrentado na prostituição. Elas demonstraram que o fato de os clientes terem perfis muito diferenciados dificulta a criação de um padrão de comportamento que agrade a todos. Dessa forma, Gabriela demonstra que mesmo tentando padronizar sua forma de lidar (ser simpática, tranquila e educada), alguns clientes mais “fechados” parecem não

agradar de tal tratamento. Ela menciona que a escolha por não se “sentir um objeto” depende dela e de sua postura frente aos clientes. Resumidamente, o desafio de Gabriela na prostituição é não se sentir um objeto. Ao usar essa expressão, Gabriela traz o interdiscurso que concebe a prostituta como sendo um objeto, uma mercadoria disponível para consumo no hegemônico sistema capitalista de produção, que tudo comercializa, diante da possibilidade do lucro.

Karin: É cansativo, sabe. Tem épocas que é muito cansativo. Quando tem convenções de empresas e vem muito cara de fora. É difícil gerenciar os horários, atender os clientes fixos. Ainda tem a boate a noite. É bem complicado também quando aparece uns caras que você não foi com a cara e eles continuam ligando pra sair de novo. É chato quando tem uns caras que ficam invocados, fazendo mil propostas pra gente ser exclusiva deles...

Karin, assim como Bruna e Vivian, queixa-se do cansaço que causa ser prostituta de luxo e apresenta isso como seu desafio a ser vencido. Ela menciona as épocas de maior movimento (eventos, feiras, convenções) em que o número de programas aumenta relativamente. Arelado a isso estão os clientes fixos e a boate à noite. Ademais, Karin comenta o comportamento de alguns clientes que insistem para que elas se tornem exclusivas deles. Essa é uma situação comumente observada na prostituição, os clientes proporem às profissionais que elas deixem de atender outros clientes e fiquem disponíveis apenas para eles.

Em outro momento da entrevista, Angel relata uma situação em que recebeu uma proposta para tornar-se exclusiva de um cliente.

Angel: Nunca considerei isso. As propostas foram boas, mas eu não quero ficar dependente de ninguém, não. Teve uma vez que um empresário que sempre vem aqui pra BH pra reuniões com o governo, um cara mais velho de uns setenta anos... (...) Aí ele me falou que me pagava o que eu ganho e pagava um apartamento em São Paulo pra eu morar pra mim ser exclusiva dele. E falei que não. (...) É porque você vira tipo propriedade dos caras, sabe. Já que eles te bancam total, você vira meio que refém deles. Eu não quero isso pra minha vida.

Ela se negou e afirmou que nunca considerou isso como uma possibilidade em sua vida. A oferta do cliente mostrou-se muito atrativa em termos financeiros (“*me pagava o que eu ganho e pagava um apartamento em São Paulo pra eu morar*”), mas ao aceitá-la Angel estava consciente de que perderia sua liberdade e independência. Ela relata que ao se tornar exclusiva, a prostituta “vira tipo propriedade” do cliente, ou seja, ele passa a acreditar que o fato de mantê-la financeiramente, lhe dá o direito de decidir sobre sua vida. Nesse sentido, Angel utiliza o léxico “meio que refém” para demonstrar a condição de dominação que recai sobre uma prostituta exclusiva.

Mais uma vez, é possível perceber que o sistema patriarcal está envolto ideologicamente na prática da prostituição. O desejo de controlar e dominar as mulheres, não é um desejo apenas de clientes que fazem propostas de exclusividade às prostitutas. No decorrer da história, os homens sempre tentaram manter o domínio sobre as mulheres (DEL PRIORE, 2006; PERROT, 2007) e ainda hoje, em algumas situações, são eles os dominadores. Pateman (1993), ao discutir a questão dos contratos, menciona que o casamento é um tipo de contrato que não deixa de contribuir para a perpetuação do domínio dos homens sobre as mulheres, amparado pelo aparato discursivo social que no decorrer do tempo atribuiu aos homens essa condição. Ao buscar o controle, o domínio, o posto de exclusividade, os clientes reproduzem um discurso que foi socialmente construído. Trata-se de um “contrato” de propriedade, em que à prostituta cabe o papel de objeto e não de sujeito (parte contratual). O patriarcado atrelado ao capitalismo, que estabelece um preço para todas as coisas (“*me pagava o que eu ganho e pagava um apartamento*”), constitui a base para que muitas mulheres (não apenas as prostitutas), ainda hoje, se coloquem na posição de propriedade exclusiva de homens dispostos a pagar pelo consumo dessa mercadoria de luxo. Contatou-se que a enunciação de Angel reflete o discurso hegemônico das

relações discursivas de poder e dominação entre homens e mulheres, o que denota a prática social do patriarcado e suas ordens discursivas.

Finalizando a discussão aqui empreendida, as entrevistadas foram solicitadas a apresentarem suas expectativas em relação ao futuro. Foi comum em alguns discursos, a intenção de deixar de ser prostituta, como pode-se observar.

Capitu: Penso, e eu penso que minha aposentadoria não vai ser aqui no Brasil (risos). Aliás, meu maior sonho não é passar nem muito tempo mais aqui no Brasil, eu sinceramente não acredito aqui mais. (...) Extremamente, me preparo todos os dias, todos os dias. Não vou nem dizer que é meu maior sonho, é meu único sonho, pegar meu filho, sair daqui, dar uma vida tranquila pra ele. E não é de luxo como eu falei, é de tranquilidade, ir pra algum lugar onde eu possa sair na rua e eu não sentir um pingão de medo de ele levar uma bala perdida. Onde ele pode trabalhar, e no mínimo ser remunerado pra viver e não pra sobreviver. Onde ele pode estudar, ter um estudo de qualidade. Se ele adoecer ele vai ter uma, sabe, um hospital com qualidade, enfim. É o básico.

Capitu traz um discurso carregado de negatividades em relação ao Brasil, como já evidenciado em outros momentos dessa análise. Ela demonstra acreditar que futuramente se mudará para o exterior, ocasião em que deixará o trabalho como prostituta de luxo. Segundo ela aponta, trata-se de algo que acontecerá em breve. Em um trecho discursivo Capitu justifica sua ida ao mencionar “*eu sinceramente não acredito aqui mais*”. Suas escolhas textuais demonstram que ela não enxerga possibilidades de um bom futuro no país. Ela relata se preparar para esse momento todos os dias. Isso se apresenta para Capitu como sendo seu “único sonho”, que é levar seu filho para o exterior, local onde ela acredita que ele terá melhores oportunidades, além de ter acesso à educação, saúde e empregos de qualidade. Ela demonstra acreditar que nada disso seria possível, caso ela permanecesse no Brasil. Capitu demonstrou em vários trechos discursivos uma visão negativa do Brasil e não foi possível identificar claramente os motivos que levam a isso. No entanto, considera-se que sua história tenha forte influência nisso, tendo em vista o fato de ter estado em situação de rua junto com seus irmãos

e, portanto, ter vivenciado dificuldades extremas que fizeram com que desacreditasse do Brasil.

Bruna: Ah, o meu futuro é lindo, pelo menos é o que eu vejo. Hoje, eu vejo o meu futuro lindo, de realizações, de conquistas, de crescimento pessoal, crescimento espiritual. (...) Eu acho que quanto melhor você for, mais bonita a vida você vê, e menos problemas aparecem, ou se aparece você consegue passar por eles assim. E eu vejo a vida linda, eu vejo meu futuro lindo, eu me vejo realizando coisas que não fazem parte do meu trabalho hoje, mas que eu uso de ferramenta a experiências que eu tive com o meu trabalho pra exercer qualquer outra função, porque é relacionamento com pessoas o tempo todo.

O discurso de Bruna demonstra que ela tem expectativas positivas em relação ao futuro, o que se evidencia por meio dos trechos “o meu futuro é lindo”, “de realizações, de conquistas, de crescimento pessoal, crescimento espiritual”. Observa-se no discurso que esse “futuro lindo” não inclui a permanência na prostituição, o que se evidencia no trecho discursivo “*eu me vejo realizando coisas que não fazem parte do meu trabalho hoje*”. Dessa forma, observa-se que Bruna pretende deixar a prostituição. Ela finaliza ponderando sobre a experiência e o aprendizado adquirido com a atividade, que auxiliarão em qualquer outro trabalho que ela vir a realizar que envolva o relacionamento com pessoas.

Gabriela: Atingir meus objetivos que é juntar dinheiro pra comprar um apartamento pra mim e montar um negócio pra mim. É isso que eu espero.

Angel: Eu pretendo trabalhar mais uns anos, juntar mais grana, mas depois eu tenho que parar né. Puta velha não tá com nada. Quem vai querer pagar um dinheirão pra programa com coroa? Risos... Nem os coroas vão querer. Risos... Eu sou muito consciente disso.

No discurso de Gabriela e Angel, aparecem elementos discursivos que apontam para perspectivas comuns em relação ao futuro. Ambas planejam poupar recursos financeiros que garantirão certa estabilidade, conforme evidencia-se nos léxicos: “juntar dinheiro”, “juntar mais grana”. Gabriela pretende comprar um

apartamento e montar um negócio. Angel parece buscar uma condição favorável para quando deixar a prostituição. Ela mostra-se consciente de que em determinado momento será necessário abandonar a atividade. Ela refere-se à questão do envelhecimento que, para as prostitutas, apresenta-se como um problema, tendo em vista que aos poucos deixam de ser desejadas, o que diminui consideravelmente o volume de clientes e o valor pago pelos serviços. Angel demonstra saber que a idade será no futuro um empecilho e reage com humor ao dizer que *“Putá velha não tá com nada. Quem vai querer pagar um dinheirão pra programa com coroa?”*.

Vivian: Bem, eu sou bem consciente nesse sentido. Eu não vou poder ficar trabalhando aqui no flat e tudo, quando eu ficar bem mais velha. Isso é óbvio. Então eu me preparo, igual te falei, tenho minhas empresas, estou pra abrir uma casa de show com uma amiga lá na minha cidade e tal. Então é isso, eu não sei te falar com certeza quando vai ser, mas eu vou sair daqui. Por isso eu tenho muitos investimentos, eu sou muito controlada, pra não falar “pão dura” (risos). Eu tenho tudo pensado. (...) A beleza acaba né. Isso é fato. Por mais que eu me cuide, eu sei que um dia vai piorando. É a vida. E a gente cansa também, eu não tenho o mesmo pique que eu tinha há uns cinco, seis anos atrás.

Vivian corrobora com a reflexão de Angel sobre a necessidade de abandonar no futuro o trabalho como prostituta. Por esse motivo, ela demonstra estar se preparando financeiramente para esse momento (*“tenho minhas empresas, estou pra abrir uma casa de show”, “tenho muitos investimentos”, “eu sou muito controlada”*). Vivian sugere que um dos empecilhos para prosseguir na prostituição no futuro é a questão da aparência física (*“a beleza acaba”*) e o cansaço que aumenta gradativamente à medida que se envelhece (*“não tenho o mesmo pique que eu tinha”*). Para a prostituição de luxo, esses são dois atributos considerados importantes na avaliação de um serviço pelos clientes, o que demonstra que prostitutas idosas não têm muitas condições de competir nesse mercado. Aparece nesse momento no discurso de Vivian, o interdiscurso

mercadológico, que tende a avaliar os produtos mediante seus atributos e desempenho e a partir daí excluir aqueles que se mostram obsoletos e, portanto, pouco comercializados.

Karin: Do futuro? Hum... Eu preciso trabalhar por um bom tempo ainda. A gente ganha muito dinheiro, mas gasta também. Então ainda não consegui muitas coisas que eu quero ter, sabe. Mas eu sempre fico pensando no que eu posso fazer. Algumas coisas eu sei, preciso estudar meus filhos, agora estou quase comprando um apartamento pra eles. Mas assim, eu não penso em largar meu trabalho não. Porque tem gente que fala que vai deixar de ser prostituta e tal... e nunca deixa de ser. É difícil largar isso aqui. Pra mim é.

As expectativas de Karin não diferem das demais entrevistadas. Assim como suas colegas, ela demonstra se preocupar com a questão de poupar recursos financeiros, que se manifesta no desejo de adquirir bens (“comprando um apartamento”) e garantir um futuro para os filhos (“estudar meus filhos”). Nesse sentido, subentende-se que ela não tem conseguido poupar como gostaria, o que se evidencia no trecho discursivo “a gente ganha muito dinheiro, mas gasta também”. Em seguida, ela enuncia “ainda não consegui muitas coisas que eu quero ter”, demonstrando, por meio do léxico “ainda”, que pretende permanecer na prostituição por um bom tempo, pois é isso que lhe dá acesso ao consumo de bens que deseja possuir.

Karin revela que, embora exista a pretensão por parte das prostitutas de deixar a atividade, isso raramente se efetiva na realidade. Nessa perspectiva, ela utiliza uma intertextualidade manifesta, ao trazer a voz (“tem gente que fala”) de outras prostitutas que almejam sair da prostituição, mas não o fazem. Um estudo realizado por Gouveia et al. (2010) mostra que as razões mais mencionadas por prostitutas para justificar a permanência na atividade referem-se às privações econômica e social, ou seja, a impossibilidade de conseguir renda equivalente àquela proporcionada por meio do trabalho na prostituição, conforme mencionado no enunciado de Karin.

Observou-se que, com os imperativos das ideologias patriarcal e capitalista os significados e implicações do trabalho na prostituição de luxo se misturam e se confundem no discurso das prostitutas, o que dificulta delimitar as subjetividades apreendidas na experiência como prostitutas. Constataram-se algumas implicações advindas do ato de prostituir-se que se voltam principalmente para os seguintes aspectos: família (não revelação da profissão, preconceito, consternação), trabalho (experiência fantasiosa, gerador de cansaço e exaustão, perspectiva mercadológica, deixar a profissão), individualidade (não se sentir um objeto).

Em síntese, este tópico permitiu evidenciar que na prostituição de luxo estão engendradas questões que se voltam para as relações de gênero e poder e também para a concepção da sexualidade como sendo uma experiência distinta entre homens e mulheres, o que se manifesta por meio do sistema patriarcal construído e reconstruído discursivamente no decorrer da história da humanidade (DEL PRIORE, 2007; PATEMAN, 1993; PERROT, 2007). Ademais, observou-se também que os discursos são carregados de elementos que se aproximam dos ditames do sistema capitalista, que se apropriam dos corpos dessas mulheres tal como mercadorias disponíveis para consumo e, a partir daí, faz-se valer um conjunto de regras instituídas no mercado que buscam essencialmente o lucro.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente tese, objetivou-se compreender as concepções discursiva que norteiam o universo da prostituição de luxo em Belo Horizonte, e também analisar como essas concepções influenciam a produção e legitimação de um discurso hegemônico, para a naturalização de determinadas ideologias. Especificamente, buscou-se: (i) contextualizar a prostituição como trabalho, apresentando as ordens discursivas construídas em seu entorno no decorrer do tempo; (ii) caracterizar a prostituição de luxo no Brasil; (iii) resgatar a trajetória pessoal e profissional das prostitutas de luxo, procurando compreender o contexto em que se deu sua inserção e permanência nessa atividade laboral; (iv) apreender as formações discursivas e as experiências subjetivas vivenciadas no trabalho das prostitutas de luxo e sua relação com discursos e ideologias hegemônicos na sociedade. A problemática central girou em torno dos seguintes questionamentos: Como se dá o trabalho de prostitutas de luxo atuantes em Belo Horizonte? Qual é a linguagem discursiva contextualizada no universo da prostituição de luxo em Belo Horizonte? Como essa linguagem discursiva influencia a produção e legitimação de um discurso hegemônico que naturaliza determinadas ideologias?

Para responder aos questionamentos elencados e atender aos objetivos propostos, optou-se por trabalhar com a Análise Crítica do Discurso (ACD), buscando afastar-se de orientações positivistas, ao abordar a compreensão do trabalho de prostitutas de luxo na contemporaneidade. Nesse sentido, esta tese demonstrou que a ACD é uma opção teórico-metodológica interessante para os estudos de orientação crítica, porque ela, por meio da crítica e sendo considerada uma ciência social, identifica os problemas que os indivíduos enfrentam em decorrência de formas particulares de vida social e destina-se, igualmente, a desenvolver recursos de que as pessoas podem se valer a fim de abordar e superar esses problemas (FAIRCLOUGH, 2003). A ACD, ao correlacionar texto, prática

discursiva e prática social, favoreceu a apreensão das ordens de discurso, das ideologias e hegemonias que perpassam a dinâmica de trabalho e condicionam as concepções simbólico-discursivas, os significados, as experiências e o discurso da prostituição de luxo presente nas narrativas das prostitutas entrevistadas.

Discutir a prostituição exige que se busque compreender sua história e as influências contextuais e discursivas que moldaram o fenômeno tal qual se apresenta na contemporaneidade. Dessa forma, buscou-se compreender esse contexto, bem como as formações discursivas que operam forças sobre esse modo de trabalho. Por isso, aprofundou-se nas questões referentes ao gênero, focando especificamente na constituição discursiva da mulher como indivíduo social. Nesse contexto, o patriarcado apresenta-se como o sistema que rege as relações discursivas entre homens e mulheres e destes na sociedade. Entende-se por patriarcado um sistema histórico de dominação do masculino sobre o feminino, cujas relações de exploração e opressão se materializam no cotidiano da vida em sociedade e permeiam, em alguma medida, todos os indivíduos e todas as instituições sociais. O patriarcado tem como uma de suas bases estruturantes a divisão de gênero, que determina dois modelos possíveis de corpo e comportamento esperados dos indivíduos: o masculino e o feminino. Tais modelos exigem uma coerência constante do sexo, determinado socialmente ao nascer, com o gênero, determinado socialmente nas relações cotidianas que o indivíduo estabelece com o seu corpo, com os demais indivíduos e com a sociedade (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2013).

Ao determinar o comportamento que se deve esperar das mulheres na sociedade, o patriarcado define como estas devem se comportar em termos de práticas discursivas e sociais no que tange à sexualidade. Nessa perspectiva, ideologicamente nega-se às mulheres o direito de exercer sua sexualidade ou de exercê-la de maneira contida e limitada, enquanto aos homens não há limite algum. Dessa forma, a mulher não podia desejar, senão ser desejada; ela era

pensada desde o desejo do outro: o homem (ROITH, 1989), denotando-se um discurso social hegemônico. Foucault (1988) menciona que havia uma crença de que mecanismos de poder agiram, principalmente no século XVIII, de forma a silenciar a sexualidade e restringi-la ao âmbito da família conjugal, podendo ter apenas a função de reprodução. O restante é negado, expulso, reduzido ao silêncio, objetivando seu desaparecimento. As demais formas de sexualidade eram consideradas imorais, devendo sofrer sanções, e a repressão era vista como a forma de ligação entre poder, saber e sexualidade. Dentre essas demais formas de sexualidade, inclui-se a prostituição que, embora presente nos mais diversos contextos sociais, não escapa aos julgamentos ideológicos e hegemônicos e preconceitos da sociedade patriarcal. Dados os pressupostos do patriarcado, a prostituição jamais seria concebida como um comportamento, e menos ainda um trabalho, permitido para mulheres, pois se trata da venda e comercialização do corpo para fins sexuais. No entanto, ao servir aos interesses do capitalismo, a prostituição se institui como uma prática presente na sociedade, que mesmo ocupando espaços periféricos e com pouca visibilidade, tem se consolidado cada vez mais como um mercado rentável em alto crescimento.

Constatou-se que as participantes possuem características bastante comuns e que se mostram condizentes com o perfil frequentemente encontrado nas profissionais que atuam na prostituição de luxo: são mulheres jovens, com idade entre 24 e 33 anos; solteiras; possuem nível médio de escolaridade; uma renda que varia entre R\$ 6.000,00 e R\$ 23.000,00; e uma aparência física moldada nos padrões de beleza hegemônicos. Barreto (2014) ressalta que a aparência é o cartão de visita de uma prostituta de luxo e quanto mais bonitas, bem vestidas e, principalmente, menos aparentarem serem profissionais do sexo, melhor será sua clientela, visto que um dos fatores que as caracterizam como acompanhantes de luxo é justamente não corresponderem ao estereótipo discursivo de prostitutas. As impressões de campo mostraram justamente isso, tendo em vista que as

entrevistadas não demonstram visualmente serem prostitutas em nenhum momento, em termos de linguagem corporal e física. Dessa forma, foi possível evidenciar certo enquadramento estético e comportamental que caracteriza a prostituição de luxo. As entrevistadas são conscientes disso e o reproduzem à medida que buscam se enquadrar nas características que moldam esse espaço discursivo.

Constatou-se que o trabalho para essas mulheres está, de alguma forma, relacionado à trajetória e às práticas discursivas pela qual passaram. A realidade a que pertenciam juntamente com as escolhas que fizeram no decorrer do tempo, as levaram para essa atividade. As vivências contribuíram para que elas, dentre outras possibilidades, optasse por esse modo de trabalho. Não se trata propriamente de uma justificativa para a entrada para a prostituição, mas de condições econômicas, sociais e psicológicas que colaboraram para que essas mulheres fizessem suas escolhas para a atuação no campo da prostituição de luxo. Neste estudo, buscou-se conhecer a trajetória das entrevistadas por meio dos seguintes aspectos: relacionamento com os pais, infância, adolescência, relacionamentos amorosos (namoro, casamento, união estável), relacionamento com os filhos. No que se refere aos pais, algumas tiveram bons relacionamentos, outras não se recordam de bons momentos vividos com os pais no que concerne ao cuidado e dedicação. As entrevistadas demonstraram ter vivenciado uma infância normal, sem grandes traumas que pudessem influenciar o futuro. Já a adolescência se apresentou como um período de acontecimentos e decisões que demonstram ter afetado a trajetória das entrevistadas. Principalmente Capitu, que se viu vivendo junto com os irmãos em situação de rua, tendo em vista que seus familiares os expulsaram de casa após o falecimento dos seus pais. Como já era de se esperar, os relacionamentos amorosos mostraram-se algo complexo para as entrevistadas, tendo em vista a dificuldade dos parceiros em aceitar o trabalho realizado por elas. As entrevistadas que são mães, Capitu, Bruna, Gabriela e Karin, demonstraram

ser cuidadosas e dedicadas aos filhos, relacionando em diversos momentos o fato de se prostituírem como forma de proporcionar melhores condições de vida aos filhos, além de outros condicionantes discursivos. Para Bruna e Karin, que ficam distantes dos filhos por morarem em cidades diferentes, percebem essa ausência como dolorosa e sofrida. Por meio desses aspectos referentes às trajetórias, foi possível evidenciar que as entrevistadas, algumas em maior proporção que outras, enfrentaram dificuldades e vivenciaram experiências que de alguma forma influenciaram suas escolhas. No entanto, as trajetórias, com exceção de Capitu, mostram que as entrevistadas não se enquadraram em nenhum grupo vulnerável socialmente, como comumente se evidencia em outras categorias de prostituição no baixo meretrício.

Fez-se importante para essa investigação, conhecer o contexto em que se deu a entrada dessas mulheres para a prostituição, bem como as motivações que levaram à concretização desse ato. Percebeu-se que a opção por tornar-se prostituta se deve às influências familiares, educativas, formativas, sociais e discursivas, correlacionados à história de vida e às experiências de cada entrevistada. No que se refere ao contexto, observa-se que este se apresenta caracterizado por dificuldades financeiras que afligiam, em maior ou menor grau, as entrevistadas. Nesse sentido, observa-se que a entrada é motivada inicialmente pelo viés econômico-financeiro, que se apresenta por meio de uma renda consideravelmente superior que se torna acessível na prostituição de luxo. Dessa forma, percebe-se que a entrada para a prostituição, bem como a permanência na atividade, se dá influenciada discursiva e ideologicamente pelas possibilidades de consumo disponíveis em um mercado regido pelo sistema capitalista. As entrevistadas movem-se pela lógica do capital e consomem, distribuem e reproduzem um discurso que naturaliza a prática da prostituição, dada a motivação financeira proporcionada pela atividade.

Após compreender o contexto discursivo em que se deu a inserção e permanência das entrevistadas na atividade da prostituição, passou-se a focar aspectos do trabalho de maneira específica. Nesse sentido, os resultados dessa investigação reforçam a perspectiva de que o trabalho na prostituição de luxo, assim como outros modos de trabalho, é central, mas, ao mesmo tempo, desestruturante para suas profissionais, apresentando distintas dimensões que se misturam e se confundem na prática cotidiana desta profissão. Ficou notório o quanto a prostituição identifica e caracteriza as prostitutas em suas individualidades e coletividades, produzindo efeitos de sentidos positivos que se voltam ao prazer, bem como desencadeia sofrimentos que decorrem principalmente de questões morais que incidem sobre essa forma de trabalho construídas e disseminadas no decorrer da história.

No que concerne à dinâmica de trabalho na prostituição, evidenciou-se que esta é pensada por uma lógica mercadológica, presente nas práticas discursiva e social das entrevistadas. Observou-se que o trabalho das prostitutas de luxo é organizado e planejado tendo como foco principal o aumento da lucratividade alcançado por meio dos serviços sexuais prestados. Desde a definição do horário, perpassando pelos locais de trabalho, os preços dos programas, a dinâmica do atendimento aos clientes, tudo é pensado em uma perspectiva estratégica discursivas, em que a prostituta assume o papel de “produto” para consumo. A decisão por atender em horários ininterruptos (24 horas), como é o caso de Bruna, Angel e Vivian, tem como objetivo ampliar o portfólio de clientes e oferecer mais opções de horário que atendam às suas especificidades. No que se refere aos locais de trabalho, esses variam entre a boate, alguns hotéis e flats. Os flats mostram-se locais estratégicos para as prostitutas, pois além de oferecer um local discreto e aconchegante aos clientes, elas cobram pela utilização do espaço físico para a prestação do serviço. O preço dos programas variou entre R\$350,00 e R\$600,00 e pode-se relacioná-lo ao tempo de atuação na atividade, as entrevistadas que

trabalham há mais tempo como prostituta, e questões estéticas, as mais bonitas e produzidas, cobram um valor mais alto pelo programa em função de valores e significados simbólicos envoltos na prática discursiva desse modo de trabalho. Em relação ao volume de programas realizados, observou-se que estão relacionados com eventos (esportivos, feiras, congressos) que atraem o público da prostituição de luxo para Belo Horizonte (empresários, políticos, e algumas celebridades). As prostitutas de luxo, diferentemente do que se observa em outras categorias, demonstram discursivamente conceber o trabalho de maneira mais profissional, ou seja, atentando-se para possibilidades de torná-lo mais eficiente e rentável possível, o que pode ser exemplificado pelas metas de programas diários estabelecidas por elas, como forma de controlar a renda mensal. Faz-se presente o interdiscurso mercadológico que parece orientar a prática discursiva das entrevistadas. Ao analisar os aspectos ressaltados, evidenciou-se um discurso investido político e ideologicamente pela lógica capitalista e instrumental, que busca o lucro e a acumulação de capital por meio do trabalho. Atrelado a isso estão as organizações que também lucram com o trabalho dessas mulheres, as boates, as agências, os hotéis, pois por mais autônomo que o trabalho na prostituição, as profissionais dependem dessas organizações para otimizar seu trabalho. Elas pagam para manter o *book* acessível no site, pagam para as agências que encaminham clientes e atraem clientes para a boate, que pagam para entrar e consumir bebidas.

As formações discursivas e as experiências subjetivas vivenciadas no trabalho das prostitutas de luxo também foram analisadas, buscando compreender melhor a prática da prostituição. Nesse sentido, apareceram diversos elementos constituintes dessa prática que se manifestaram por meio dos discursos das entrevistadas denotando experiências absorvidas como positivas e outras, como negativas. No que se refere à dimensão positiva dessas experiências pode-se citar: as amizades cultivadas no entorno da prostituição, principalmente com as colegas

de trabalho; o ambiente agradável e descontraído da boate, que proporciona diversão e entretenimento; a elevação da autoestima, tendo em vista a necessidade de manterem-se esteticamente bem cuidadas; a relação com os clientes, que em algumas ocasiões mostra-se amistosa e evolui para amizade; e por fim, a estabilidade financeira proporcionada por altos ganhos advindos da atividade. No que se refere aos elementos que denotam negatividade, observou-se: o cansaço e o desgaste gerado pelo trabalho noturno nas boates; a relação com os clientes, pois nem sempre se apresenta como amistosa, uma vez que se mostram indiferentes e tendem a objetificá-las; e por fim, tem-se um elemento que é intrínseco à prostituição, que são as situações de preconceito e discriminação vivenciadas pelas profissionais em decorrência do discurso moral que incide sobre esse trabalho.

Ao se analisar as formações discursivas no contexto da prostituição, percebeu-se que elas são investidas político e ideologicamente pelo patriarcado e pelo capitalismo, à medida que reforçam relações de poder e ideologias legitimadas por meio desses dois sistemas sociais nos discursos das prostitutas. Os discursos das entrevistadas demonstraram que a estabilidade financeira é um aspecto percebido como positivo, mas que para alcançá-la, muitas vezes, as prostitutas se submetem a situações que geram sofrimento, tais como o excesso de trabalho no período noturno, que prejudica a saúde e qualidade de vida dessas profissionais, a adesão a um padrão de beleza instituído socialmente que tem como objetivo apresentar-se como uma mercadoria que satisfaz o ideário masculino e a relação de subserviência que estabelecem com alguns clientes, que justificam ações preconceituosas pelo fato de despenderem altas quantias para usufruir do momento. Envoltas à essas situações, estão questões relacionadas a pressupostos socialmente construídos pela ideologia patriarcal, que condena o trabalho de prostitutas e perpetua ações de preconceito e discriminação contra essas mulheres.

Dessa forma, foi possível compreender que, assim como nas demais profissões, a prática da prostituição inclui diferentes percepções sobre as experiências vivenciadas. Nesse sentido, foi possível evidenciar uma série de contradições presentes na experiência na prostituição de luxo. Por exemplo, a boate, ao mesmo tempo em que traz a diversão, a boa convivência com as colegas de profissão, traz o trabalho noturno, o cansaço, os “bêbados”. Ao mesmo tempo em que elas buscam se colocar como um produto desejável para consumo, buscam também não se “sentir um objeto”. O fato de ser uma “personagem” fantasiosa, ao mesmo tempo em que permite a construção de novas relações com os clientes, envolve uma separação entre trabalho e realidade pessoal, provocando sofrimentos para as entrevistadas. Em relação ao dinheiro, ao mesmo tempo em que esse marca o vínculo com a profissão, defende-se que o serviço prestado vai além dele, havendo outras trocas e relações com os clientes.

Ademais, esses resultados permitiram considerar que a apropriação discursiva aos ditames mercadológicos observados na prática da prostituição de luxo, mostra que a ideologia capitalista se legitimou neste campo de atuação. Para Fairclough (2016), a ideologia é o modo pelo qual os atores sociais concebem o sentido de suas práticas. Nessa perspectiva, constatou-se que a ideologia capitalista enalteceu as práticas de mercado, profissionalizou o campo, ampliou os espaços de atuação (agência, boate, hotéis, flats, *sugar daddys*, *cyber* prostituição) conjecturando práticas sociais e discursivas nesse sentido. De tal modo que, na prostituição de luxo, diferente de outras categorias, as profissionais planejam seu trabalho de forma organizada e estratégica, coerente com as práticas de gestão. No entanto, é cogente ressaltar que a prostituição de luxo, embora apresente melhores condições de trabalho às suas profissionais, não deixa de ser julgada e condenada moralmente pela sociedade, que, investida pela ideologia patriarcal recusa-se a aceitá-la como profissão.

Subjacente a esse entendimento, está a defesa de que há uma mudança discursiva que altera a prática social das prostitutas de luxo e se traduz em sentidos que voltam-se à ideologia capitalista dominante, que ao profissionalizar esse modo de trabalho, tende a aumentar as possibilidades de ganhos no mercado da prostituição, ainda que os preceitos hegemônicos da ideologia patriarcal perpetuem situações de preconceito e discriminação no contexto dessas profissionais.

Considera-se que esta pesquisa contribuiu academicamente ao tratar do tema da prostituição de luxo no âmbito da Administração, o que não é comum. Os estudos sobre gestão versam, na maioria das vezes, sobre aspectos que voltam-se a tradição anglo-saxônica e euro-centrada presente nos estudos em administração. No entanto, outras organizações precisam ser também melhor compreendidas, principalmente no que se refere ao trabalho e a maneira como é desempenhado. Desta forma, pesquisar sobre prostituição mostra-se pertinente por possibilitar conhecer um pouco mais sobre a realidade de uma forma de trabalho presente em diversos momentos históricos, mas que permanece periférica e não reconhecida como legítima no mercado. Ao estudar a prostituição, rompe-se com uma série de concepções hegemônicas presentes no campo da administração, que tendem a pensar os sujeitos das pesquisas como sendo indivíduos organizacionais que, a partir de seus discursos e experiências, podem contribuir para melhorias neste campo.

Por mais que se queira aperfeiçoar um trabalho, sempre existem limitações. As limitações deste estudo referem-se, primeiramente, ao fato de incluir como sujeitos de pesquisa apenas as profissionais, enquanto poderia ter sido valoroso trazer a percepção de outros indivíduos relacionados a essa prática, tais como os agentes, o gerente e demais funcionários da boate, os clientes. Acredita-se que seja enriquecedor conhecer também o discurso deles sobre a prostituição de luxo. Outra limitação refere-se à complexidade dos sentidos

contidos nos enunciados que não puderam ser absorvidos. Trabalhar com a ACD inclui se atentar para cada detalhe discursivo presente nos enunciados. Considera-se que isso não foi possível em alguns momentos, dado o escopo de análise desta tese. O estudo deixa ainda algumas perguntas importantes que poderão se tornar objeto de investigação em pesquisas futuras, como, por exemplo: Quais são as formações discursivas que emergem da experiência de consumo vivenciadas por clientes dos serviços de prostituição? Qual é a produção discursiva sobre a prostituição de luxo presente em reportagens televisivas? Quais sentidos podem ser apreendidos por meio do discurso de *sugar babbies* sobre o trabalho que desempenham?

Adentrar o mundo da prostituição de luxo foi, mais uma vez, um desafio que se tornou gratificante. Por mais que se trate de uma continuidade em termos de temática e sujeitos de pesquisa, foi uma experiência completamente diferente e tão significativa como a primeira. Conhecer a trajetória e compreender o trabalho dessas mulheres, faz com que se perceba que os indivíduos ressignificam suas práticas a todo o momento e é nesse processo que se evoluem, os indivíduos e as práticas.



## REFERÊNCIAS

ABEL, G. M. Different stage, different performance: the protective strategy of role play on emotional health in sex work. **Social Science and Medicine**, Oxford, v. 72, n. 7, p. 1177-1184, Apr. 2011.

AGUSTÍN, L. Prostitution law and the death of whores. **Laura Agustin**, Italy, 2013. Disponível em: <<http://www.lauraagustin.com/prostitution-law-and-the-death-of-whores-in-jacobin-magazine>>. Acesso em: 25 set. 2016.

AINLAY, S. C.; BECKER, G.; COLMAN, L. M. A. **Stigma reconsidered**. In \_\_\_\_\_. (Ed.). *The dilemma of difference*. New York: Plenum, 1986. p. 1-13.

ALBERTON, D. M.; PICCININI, V. C. O sentido do trabalho em agências de publicidade. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE POS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 33., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ENANPAD, 2009. 1CD ROM.

ALLES, N. L. Prostituição, clandestinidade e estigma: reflexões sobre a visibilidade comunicacional de mulheres prostitutas. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 25., 2016, Goiás. **Anais...** Goiás: Universidade Federal de Goiás, 2016. p. 1-18.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. 127 p.

ANTUNES, R. **A dialética do trabalho**: escritos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2004. 232 p.

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003. 258 p.

ARANGUREN, M. N. Mirada nueva: problemas viejos. In: LUNA, L. G. **Mujeres y sociedad**: nuevos enfoques teóricos y metodológicos. Barcelona: Promociones e Publicaciones Universitarias, 1991.

ARANTES, I. C. da S. **Concepções simbólico-discursivas do trabalho docente universitário na contemporaneidade**. 2015. 321 p. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2015.

ARAUJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: DEL PRIORE, M.; BASSANEZI, C.; BASSANEZI, C. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 45-77. 2012.

ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 456 p.

ARVEY, R. D.; RENZ, G. L.; WATSON, T. W. Emotionality and job performance: implication for personnel selection. In: FERRIS, G. R. (Ed.). **Research in personnel and human resources management**. Greenwich: JAI, 1998. p. 103-147.

ASSIS, D. T. F.; MACEDO, K. B. Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues. **Revista Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 117-124, jan./abr. 2008.

ASTRADA, C. **Trabalho e Alienação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968. 103 p.  
BAHKTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. 196 p.

BARRETO, D. R. D. **Luta por invisibilidade ou reconhecimento? Um estudo sobre a história de vida de acompanhantes de luxo**. 2014. 134 p. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

BARRETO, V. H. S. “Às vezes eu me sinto uma puta da zona!” – A atividade da prostituição vista por garotos de programa. In: CONLAB - CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 11., 2011, Salvador. **Anais...** Salvador: CONLAB, 2011.

BARTHES, R. **Elements of semiology**. New York: Hill and Wang, 1967. 111 p.  
BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 39-63.

BEAUVOIR, S. **Le deuxième sexe**. Paris: Gallémard, 1949. 528 p.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980. 309 p.

BECKER, G.; ARNOLD, R. Stigma as a social and culture constructo. In: AINLAY, S. C.; BECKER, G.; COLMAN, L. M. A. (Ed.). **The dilemma of difference**. New York: Plenum, 1986. cap. 3, p. 39-76.

BITTENCOURT, G. H. F. **Da pornografia: os diários de Bruna, Marise e Gabriela: as prostitutas letradas**. 2008. 134 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

BRAGA, J. M. F. Prostituição e moral: evangelização libertadora versus pecado social. In: ÂNGELO, A. et al. **A prostituição em debate**. São Paulo: Paulinas, 1982. cap. 7, p. 59-76.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Profissionais do sexo: documento referencial para ações de prevenção das DST e da AIDS**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. 86 p.

BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann Educational Books, 1979. 432 p.

CAMARGO, A. S. **Globalização e hegemonia nas relações internacionais: o caso da Via Campesina por uma perspectiva gramsciana**. 2013. 117 p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CAMPANTE, F. R.; CRESPO, A. R. V.; LEITE, P. G. P. G. Desigualdade salarial entre raças no mercado de trabalho urbano brasileiro: aspectos regionais. **Revista Brasileira de Engenharia**, Rio de Janeiro v. 58, n. 2, p. 185-210, abr./jun. 2004.

CAPPELLE, M. C. A. **O trabalho feminino no policiamento operacional: subjetividade, relações de poder e gênero na oitava região da Polícia Militar de Minas Gerais**. 2006. 378 p. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CAPPELLIN, P. Silenciosas e combativas: as contribuições das mulheres na estrutura sindical no Nordeste, 1976/1986. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Org.). **Rebeldia e submissão: estudos sobre condição feminina**. São Paulo: Vértice, 1989. p. 255-312.

CARMO, P. S. do. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Moderna, 1992. 88 p.

CARTA encíclica do sumo pontífice João Paulo II sobre o trabalho humano: *Laborem Exercens*: 90º aniversário da *Rerum Novarum*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CASTARÈDE, J. **O luxo**: os segredos dos produtos mais desejados do mundo. São Paulo: Barcarolla, 2005. 160 p.

CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2008. v. 2, 344 p.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano** 1: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998. v. 1.

CHAGAS, T. Deputado Jean Wyllys prepara projeto de lei para legalizar a prostituição no Brasil. **Gospel**, São Paulo, mar. 2012. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/jean-wyllys-projeto-legalizar-prostituicao-brasil-31783.html>>. Acesso em: 3 abr. 2012.

CHATEAUVERT, M. **Sex workers unite**: a history of the movement from Stonewall to Slutwalk. Boston: Beacon Press, 2014. 272 p.

CHAUÍ, M. A filosofia como vocação para liberdade. **Revista Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 7-15, set./dez. 2003.

CHAUÍ, M. **O que é Ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. 47 p.

CHO, S. Y.; DREHER, A.; NEUMAYER, E. Does legalized prostitution increase human trafficking? **World Development**, Oxford, v. 41, p. 67–82, Jan. 2013.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity**: rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999. 224 p.

COBBINA, J. E.; OSELIN, S. S. It's Not Only for the Money: an analysis of adolescent versus adult entry into street prostitution. **Sociological Inquiry**, Austin, v. 81, n. 3, p. 310–332, 2011.

CODO, W. et al. **O trabalho enlouquece?**: um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis: Vozes, 2004. 238 p.

CODO, W. Um diagnóstico do trabalho: em busca do prazer. In: TAMAYO, A.; ANDRADE, J. B.; CODO, W. (Org.). **Trabalho, organização e cultura**. São Paulo: Capital, 1997. p. 21-40.

COSTA, A. S. M.; VERGARA, S. C. Estruturalista, pós-estruturalista ou pós-moderno? Apropriações do pensamento de Michel Foucault por pesquisadores da área de Administração no Brasil. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 6, n. 13, p. 69-89, jan./abr. 2012.

COSTA, D. B.; SILVA, E. F.; NASCIMENTO, J. U. O trabalho das profissionais do sexo em Campina Grande: a batalha da vida. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL, 14., 2009, Maceió. **Anais...** Maceió: ABRAPSO, 2009. p. 1-9.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions**. Thousand Oaks: Sage, 1997. 448 p.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. P. **Desinning and conducting mixed methods research**. London: Sage, 2007. 275 p.

D'ANGELO, A. **Valores e significados do consumo de produtos de luxo**. 2004. 208 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

DAVIDA. **Beijo da rua**, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[www.beijodarua.com.br](http://www.beijodarua.com.br)>. Acesso em: 13 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Dia Internacional da Prostituta: manifestações em ruas, boates e internet agitam o 2 de junho. **Beijo da Rua**, Rio de Janeiro, jun. 2005.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.davida.org.br/>>. Acesso em: 7 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Rio recebe prostitutas de todo o país para Encontro Nacional: regulamentação da profissão é tema do evento promovido pela ONG Davida. **Beijo da Rua**, Rio de Janeiro, mar. 2008.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Oboré, 1987. 168 p.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 327 p.

\_\_\_\_\_. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014. 256 p.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p.

DERRIDA, J. The villanova roundtable: a conversation with Jacques Derrida. In: CAPUTO, J. D. (Ed.). **Deconstruction in a nutshell: a conversation with Jacques Derrida.** New York: Fordham University Press, 2001. p. 3–28.

DIOGO, M. F.; MAHEIRIE, K. Alguns sentidos atribuídos ao trabalho doméstico por serventes de limpeza. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 257-272, dez. 2008.

DODSWORTH, J. Pathways through sex work: childhood experiences and adult identities. **British Journal of Social Work**, Oxford, v. 42, n. 3, p. 519–536, Apr. 2012.

DOSSE, F. **A história do estruturalismo: o campo do signo.** Santa Catarina: EDUSC, 2007. v. 1, 513 p.

DOURADO, D. P. et al. Sobre o sentido do trabalho fora do enclave de mercado. **Cadernos EBAPE. BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 350-367, jun. 2009.

EAGLETON, T. **Literary theory: an introduction.** Minneapolis: University of Minnesota, 1983. 244 p.

ENGEL, M. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890).** São Paulo: Brasiliense, 1989. 149 p.

ENRIQUEZ, E. O indivíduo preso na armadilha da estrutura estratégica. In: MOTTA, F. P.; FREITAS, M. E. (Ed.). **Vida psíquica e organização.** 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

FAIRCLOUGH, N. A análise crítica do discurso e a mercantilização do discurso público: as universidades. In: MAGALHÃES, C. (Org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. cap. 2, p. 31-82.

\_\_\_\_\_. **Analysing discourse: textual analysis for social research.** London: Routledge, 1991. 288 p.

- \_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2003. 316 p.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2008. 320 p.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: Ed. UnB, 2016. 340 p.
- \_\_\_\_\_. Discurso, mudança e hegemonia. In: PEDRO, E. R. (Org.). **Análise crítica de discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 77-104.
- \_\_\_\_\_. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995. 214 p.
- FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. Critical Discourse Analysis. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). **Discourse as social interaction**. Londres: Sage, 1997. p. 258-284.
- FARINHA, G. M.; BRUNS, M. A. T. **Adolescentes profissionais do sexo**. Campinas: Átomo, 2006. 120 p.
- FERREIRA FILHO, B. R. Zona de batalha: os sentidos da prostituição. **Profiscentia**, Cuiabá, n. 4, p. 15-36, 2009.
- FERREIRA, L. S. Trabalho, estigmas e trapaças: a profissão do mecânico automotivo. **Cronos**, Natal, v. 15, n. 2, p. 155-171 jul./dez. 2014.
- \_\_\_\_\_. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001. p. 141-188.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 161 p.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001. 295 p.
- FONDATION SCELLES. Disponível em: <<http://www.fondation-scelles.org/en/>>. Acesso em: 15 mar. 2012.
- FRANÇA, G. V.de. Prostituição: um enfoque político-social. **Femina**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 145-148, fev. 1994.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental [1911]. In: \_\_\_\_\_. **Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. 96 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994. 206 p.

GIL, C. G. **Sistemas de género y migración internacional: la emigración dominicana en la comunidad de Madrid**. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid, 1996. 144 p.

GIRARDELLO, L. Sugar Daddies e Sugar Babies: uma análise sobre o capital social na plataforma online Meu patrocínio. In: CONGRESSO INTERNACIONAL, COMUNICAÇÃO E CONSUMO, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: COMUNICON, 2016. p. 1-15.

GODELIER, M. Trabalho. In: \_\_\_\_\_. **Modo de produção, desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Lisboa: Casa da Moeda, 1986. v. 7, p. 11-62.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

\_\_\_\_\_. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 158 p.

GORRY, J.; ROEN, K.; REILLY, J. Selling your self? The psychological impact of street sex work and factors affecting support seeking. **Health and Social Care in the Community**, Oxford, v. 18, n. 5, p. 492–499, Sept. 2010.

GOUVEIA, R. S. V. et al. Se são prostitutas, por que são felizes? Correlatos materiais da satisfação com a vida. **Revista Bioética**, Brasília, v. 18, n. 3, p. 603-621, 2010.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 496 p.

GRISCI, C. L. I.; BESSI, V. G. Modos de trabalhar e de ser na reestruturação bancária. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 12, p. 160-200, jul./dez. 2004.

GRUPPI, L. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978. 143 p.

GUIMARAES, R. M. **Prostituição: patologia, trabalho, prazer?** O discurso de mulheres prostitutas. 2007. 287 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.

HALL, J. R. Epistemology and sociohistorical inquiry. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, v. 16, p. 329-351, 1990.

HARPER, D. Online etymology dictionary. **Douglas Harper**, [S.l.], 2013. Disponível em: de <<http://etymonline.com/search=schala>>. Acesso em: 7 set. 2013.

HEINZELMAN, F. L. et al. Corpos em revista: a construção de padrões de beleza na Vogue Brasil. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 470-488, dez. 2012.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

IRIGARAY, H. A.; CUNHA, G. X.; HARTEN, B. A. Missão organizacional: o que a análise crítica revela? **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 920-933, out./dez. 2016.

JULIANO, D. **Excluidas y marginales: una aproximación antropológica**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2010. 228 p.

\_\_\_\_\_. **La prostitución: el espejo oscuro**. Barcelona: Icaria Editorial, 2002. 159 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica: técnicas de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 252 p.

LANCMAN, S.; GHIRARDI, M. I. G. Pensando novas práticas em terapia ocupacional, saúde e trabalho. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 44-85, maio/ago. 2002.

LEITE, G. **Filha, mãe, avó e puta**: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 196 p.

LENZ, F. Política, festa e angústia: Conferência Internacional de Aids teve de tudo, com vigorosa participação de profissionais do sexo. **Beijo da Rua**, Rio de Janeiro, 2004.

LINK, B. G.; PHELAN, J. C. Conceptualizing stigma. **Annual Review of Sociology**, New York, n. 27, p. 363-385, Aug. 2001.

LONG, S. L.; MOLLEN, D.; SMITH, N. G. College women's attitudes toward sex workers. **Sex Roles**, Pittsburgh, v. 66, n. 1/2, p. 117-127, Jan. 2011.

LOPES, A. C. Teorias pós-críticas, política e currículo. **Educação, Sociedade & Culturas**, São Paulo, n. 39, p. 7-23, 2013.

LOPES, C. S.; RABELO, I. V. M.; PIMENTA, R. P. B. A Bela Adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 69-76, jan./abr. 2007.

LUKÁCS, G. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2007. 255 p.

MAFFEZZOLLI, E. C. F.; BOEHS, C. G. E. Uma reflexão sobre o estudo de caso como método de pesquisa. **Revista FAE**, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 95-110, jan./jun. 2008.

MAIA, M. B.; CHACHAM, A. S.; LOPES, A. F. C. Profissionais do sexo e saúde. **Jornal da Rede Feminista de Saúde**, Porto Alegre, n. 25, p. 13-17, 2002.

MAINARDES, J.; FERREIRA, M. S. F.; TELLO, C. Análise de políticas: fundamentos e principais debates teórico-metodológicos. In: BALL, S. J.; MAINARDES, J. (Org.). **Políticas educacionais: questões e dilemas**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 143-172.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Cortez, 2008. 298 p.

- MARODIN, M. As relações entre o homem e a mulher na atualidade. In: STREY, M. N. **Mulher, estudos de gênero**. São Leopoldo: UNISINOS, 1997. p. 9-18.
- MARTINS, S. P. **A terceirização e o direito do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001. 168 p.
- MARX, K. **O capital**. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a. v. 1.
- \_\_\_\_\_. Trabalho produtivo e trabalho improdutivo. In: ANTUNES, R. (Org.). **A dialética do trabalho: escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão Popular, 2004b. p. 155-172.
- MEANING OF WORKING - MOW. **Apresenta atividades, eventos, pesquisas, publicações e petições do MOW Center**. Oxford: MOW, 1997. Disponível em: <<http://allserv.rug.ac.be/~rclaes/MOW/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996. 78 p.
- MELLOR, R.; LOVELL, A. The lived experience of UK street-based sex workers and the health consequences: an exploratory study. **Health Promotion International**, Eynsham, v. 27, n. 3, p. 311-322, Sept. 2011.
- MELO, Z. M. Estigmas: espaço para exclusão social. **Revista Symposium**, Recife, v. 4, n. 1, p. 18-22, 2000.
- MENDES, A. M. B. **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método, pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. 368 p.
- MENDES, A. M.; TAMAYO, A. Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho. **Psico-USF**, Itatiba, v. 6, n. 1, p. 39-46, jan./jun. 2001.
- MORAES, A. F. **Mulheres da vila: prostituição, identidade social e movimento associativo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. 283 p.
- MOREIRA, I. C. C. C.; MONTEIRO, C. F. S. Vivência da entrevista fenomenológica com prostitutas: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 62, n. 5, p. 789-792, set./out. 2009.
- MORIN, E. Le sens du travail pour des gestionnaires francophones. **Revue Psychologie du Travail e des Organisations**, Paris, v. 3, n. 1, p. 26-45, 1997.

\_\_\_\_\_. Os sentidos do trabalho. In: WOOD, T. **Gestão empresarial: o fator humano**. São Paulo: Atlas, 2002. p. 13-34.

\_\_\_\_\_. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p.8-19, jul./set. 2001.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, nesp., p. 47-56, 2007.

MORTON, A. D. **Unravelling Gramsci: hegemon and passive revolution in the global political economy**. Londres: Pluto, 2007. 272 p.

MURIBECA, M. M. M. Das origens da sexualidade feminina ao feminino nas origens da psicosexualidade humana. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 33, p. 101-108, 2010.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NEVES, L. de A. Ensaio metodológico: memória e história: potencialidades da história oral. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA, 1.; ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA ORAL, 3., Teresina, 2001. **Palestra...** Teresina: Ed. UFPI, 2001.

NEVES, M.; BITTAR, P. CCJ rejeita projeto que legaliza a prostituição. **Câmara Notícias**, Brasília, jul. 2007. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/internet/homeagencia/materias.html?pk=113297>>. Acesso em: 13 abr. 2012.

NEWMAN, S. **Power and politics in poststructuralist thought: new theories of the political**. New York: Routledge, 2005. 177 p.

NOVO, M. **La mujer como sujeto: utopia o realidad?** **Revista Polis**, Santiago, v. 2, n. 6, p. 1-15, 2003.

NUNES, S. A. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. 255 p.

NUSSBAUM, M. Pela razão ou preconceito: ganhar dinheiro com o uso do corpo. In: THEMIS. **Direitos sexuais**. Porto Alegre: Themis, 2002. p. 13-55.

OLIVEIRA, M. E. R. G.; RODRIGUES, L. O. Descolonizando o feminismo: desafios para construção do feminismo latino-americano. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: [s.n.], 2013. p. 1-8.

OLIVEIRA, M. Q. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte**: o trabalho da vida nada fácil. 2008. 179 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001. 100 p.

OSBORNE, R. **Las prostitutas**: una voz propia (crónica de un encuentro). Barcelona: Icaria, 1991. 123 p.

PATEMAN, C. **O contrato sexual**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PATEMAN, M. Post-structuralism. **The Year's Work in Critical and Cultural Theory**, Dallas, v. 11, n. 1, p. 276-89, 2003.

PAULA, A. P. P. **Teoria crítica nas organizações**. São Paulo: Thompson, 2008. 136 p.

PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**, Santa Catarina, n. 28, p. 1-7, 1987.

PAULO NETTO, J.; BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 272 p.

PEIXOTO, M. A. Para entender a alienação: Marx, Fromm e Marcuse. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 10, n. 110, p. 32-41, jul. 2010.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007. 190 p.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 94 p.

PHETERSON, G. **El prisma de la prostitución**. Madri: Talasa Ediciones, 1996. 190 p.

PINTO, A. V. **Ciência e existência**: problemas filosóficos da pesquisa científica. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 537 p.

PRZYBYSZ, J.; SILVA, J. M. Espacialidades e interseccionalidades na vivência de mulheres prostitutas mães na cidade de Ponta Grossa-PR. **Geosp – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 570-585, ago. 2017.

RAGO, M. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 1991. 322 p.

\_\_\_\_\_. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). São Paulo: Paz e Terra, 2008. 364 p.

RAMOS, F. P. **Teoria contemporânea do cinema**: pós-estruturalismo e filosofia analítica. São Paulo: SENAC, 2005. v. 1, 433 p.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. **Análise de discurso crítica**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 196 p.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2011. 194 p.

REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Tomson Learning, 2005. 222 p.

RIBEIRO, M. A. **Território, sexo e prazer**: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2011. 210 p.

ROBERTS, N. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Record, 1998. 430 p.

RODRIGUES, M. T. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Revista Kátalysis**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 68-76, jan./jun. 2009.

ROITH, E. **O enigma de Freud**: influências judaicas em sua teoria sobre a sexualidade feminina. Rio de Janeiro: Imago, 1989. 212 p.

ROSA, G. Prostituição globalizada. **Amaivos**, São Paulo, jun. 2008. Disponível em: <[http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod\\_noticia=10610&cd\\_canal=42](http://amaivos.uol.com.br/amaivos09/noticia/noticia.asp?cod_noticia=10610&cd_canal=42)>. Acesso em: 2 abr. 2012.

ROSSIAUD, J. **A prostituição na idade média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 224 p.

RUBIN, G. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: VANCE, C. (Org.). **Pleasure and danger: exploring female sexuality**. London: Pandora, 1989. p. 267–319.

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero e patriarcado: violência contra mulheres. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (Org.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANCHEZ, L. R. O. Estruturalismo e pós-estruturalismo: diálogos entre cinema e arquitetura. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-14, set./nov. 2012.

SANTOS, V. G. **Prostitutas mães e a educação de seus filhos: corpo, cena e discurso no Centro de Fortaleza – CE**. 2011. 65 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SAUNDERS, C. **Social stigma of occupations: the lower grade worker in service organisations**. England: Gower, 1981. 233 p.

SCHREINER, L. et al. Prevalência de sintomas depressivos em uma amostra de prostitutas de Porto Alegre. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 13-20, jan./abr. 2004.

SCHWARTZ, Y. Os ingredientes da competência: um exercício necessário para uma questão insolúvel. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 65, p. 101-140, dez. 1998.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife: SOS Corpo, 1989.

SEMERARO, G. A concepção de sociedade civil. In: \_\_\_\_\_. **Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a democracia**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 69-100.

SILVA, A. P.; BLANCHETTE, T. G. Amor um real por minuto. In: DIÁLOGO LATINO-AMERICANO SOBRE SEXUALIDADE E GEOPOLÍTICA, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.sxpolitics.org/pt/wpcontent/uploads/2009/10/sexualidade-e-economia-thaddeus-blanchette-e-ana-paula-da-silva.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

SILVA, K. A. T. **A luz “vermelha” no fim do túnel: sentidos subjetivos do trabalho na prostituição.** 2013. 162 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2013.

\_\_\_\_\_. “O lixo pode ser mais que lixo”: o sentido do trabalho para catadores de materiais recicláveis. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 35., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ENANPAD, 2011.

SILVA, K. A. T.; ARANTES, I. C. S. Prostituição de luxo: compreendendo as concepções discursivas sobre o trabalho de prostitutas de luxo na minissérie “O Negócio” sob a lente da Hermenêutica crítica e da Análise Crítica do Discurso. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 20., 2017, São Paulo. **Anais...** São Paulo: SEMEAD, 2017.

SIQUEIRA, R.; CARDOSO, H. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **Imagonautas**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 92-113, 2011.

SOIHET, R. História, mulheres, gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, N. **Gênero e ciências humanas: desafio à ciência desde a perspectiva das mulheres.** Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 94-114.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço, poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. et al (Org.). **Geografia: conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 77-116.

STEARNS, P. N. **História das relações de gênero.** São Paulo: Contexto, 2007. 250 p.

STEIL, A. V. Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 62-69, jul./set. 1997.

TEIXEIRA, J. C. **As artes e práticas cotidianas de viver, cuidar, resistir e fazer das empregadas domésticas.** 2015. 414 p. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Sobreviver ao trabalho.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. 182 p.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995. 427 p.

TILIO, R. Revisitando a análise crítica do discurso: um instrumental teórico-metodológico. **Revista do Curso de Letras da UNIABEU**, Nilópolis, v. 1, n. 2, p. 86-102, maio/ago. 2010.

TOLFO, S. da R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variações e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, nesp., p. 38-46, 2007.

TOURAINÉ, A. **O mundo das mulheres**. Petrópolis: Vozes, 2007. 207 p.

TRINDADE, W. R.; FERREIRA, M. A. Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 417-426, jul./set. 2008.

VAN DIJK, T. A. Discourse as interaction in society. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). **Discourse as social interaction**. London: Sage, 1997. p. 1-37.

VÁRZEA, M. O feminismo no Brasil. In: PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

VIANNA, A.; LACERDA, P. **Direitos e políticas sexuais no Brasil**: o panorama atual. Rio de Janeiro: Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, 2004. 248 p.

VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. **Crenças e ensino de línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas: Pontes, 2006. p. 219-230.

WEEKS, J. **Invented moralities**: sexual values in an age of uncertainty. Cambridge: Polity Press, 1995. 209 p.

\_\_\_\_\_. **Sexuality**. Nova Iorque: Routledge, 2002.

ZANATTA, J. A.; COSTA, M. L. Algumas reflexões sobre a pesquisa qualitativa nas ciências sociais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 344-59, ago. 2012.

ZEFERINO, R. Feminilidade e castração: seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade feminina. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 128-151, jan./mar. 2002.

ZINANI, C. J. A. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul: EDUCS, 2006. 199 p.

**APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO ÀS  
PROSTITUTAS DE LUXO ATUANTES EM BELO HORIZONTE-MG**

Entrevista n°: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Horário: Início: \_\_\_\_\_ Término: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

**1) Perfil**

- a) Nome (pode ser real, de batalha ou outro):
- b) Idade:
- c) Estado civil:
- d) Filhos (quantos e idade):
- e) Naturalidade e cidade em que reside:
- f) Com quem mora:
- g) Escolaridade:
- h) Ocupação (principal e secundárias):
- i) Renda mensal aproximada:

**2) Trajetória**

Conte-me sobre sua vida:

- a) País;
- b) Infância;
- c) Adolescência;
- d) Relacionamentos amorosos;
- e) Casamento;
- f) Filhos;
- g) Como você conheceu a prostituição?
- h) Em que momento você decidiu ser garota de programa?
- i) O que mais a influenciou a entrar para essa atividade?
- j) O que a motivou a continuar nessa atividade?

**3) Trabalho**

**3.1 Especificidades**

- a) Há quanto tempo trabalha como garota de programa?
- b) Principal local em que trabalha:
- c) Horário de trabalho:
- d) Preço médio do programa:
- e) Número de programas por dia:

### 3.2 Aspectos voltados ao trabalho

- a) Aspectos positivos e negativos do seu trabalho:
- b) Já trabalhou como garota de programa em outros lugares? Quais? Principais diferenças?
- f) Em quais situações e para quais pessoas você declara que é garota de programa?
- g) Qual é a reação mais comum quando faz isso?
- h) Para você, o que é prostituição?
- i) O que significa seu trabalho pra você?
- j) Quais são os maiores desafios encontrados por você ao desempenhar seu trabalho?
- k) Qual imagem, você acha que as pessoas têm do seu trabalho?
- l) Você sofre ou já sofreu preconceito por ser garota de programa? Em que situações você percebeu isso?
- m) Qual é o perfil dos seus clientes?
- n) Como você se relaciona com seus clientes?
- o) Você seleciona seus clientes? Quais critérios você utiliza ao selecioná-los?
- p) Você possui clientes fixos? Quantos? Seu relacionamento com eles é diferente?
- q) Você já sofreu algum tipo de violência por ser garota de programa?
- r) Você está satisfeita com o que faz?
- s) Quais diferenças você percebe entre a prostituição de luxo e os demais tipos de prostituição?
- t) A prostituição de luxo é muito glamourizada na atualidade. Você percebe esse glamour no seu cotidiano?
- u) O que mais lhe dá prazer em seu trabalho?
- v) O que mais lhe causa sofrimento em seu trabalho?
- w) Quais são suas perspectivas em relação ao seu trabalho?
- x) A legalização da prostituição é algo importante pra você?
- y) O que mudaria em seu trabalho com a legalização?
- z) O que você espera do futuro?

## APÊNDICE B - ESCLARECIMENTOS SOBRE A PESQUISA

Você está sendo convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa. Pode decidir se quer participar ou não. Leia cuidadosamente o que se segue e pergunte à responsável pelo estudo, Késia Aparecida Teixeira Silva, qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecida sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa, você não será penalizada de forma alguma. Se tiver dúvidas você pode entrar em contato com Késia Aparecida Teixeira Silva pelo telefone ou *email* informados abaixo.

**Universidade Federal de Lavras**

**Título do projeto: (Des)Construindo discursos sobre a prostituição de luxo**

**Orientadora: Dra. Mônica Carvalho Alves Cappelle**

**Pesquisadora: Késia Aparecida Teixeira Silva**

**Telefone: (37) 99186-4870/(37) 3351-4577**

**E-mail: kesia.atsilva@yahoo.com.br**

O estudo tem como objetivo principal compreender as concepções discursivas do trabalho de prostitutas de luxo em Belo Horizonte – MG e a influência dessa produção na legitimação de um discurso hegemônico para a naturalização de determinadas ideologias no campo.

Caso decida fazer parte desta pesquisa, você deverá responder a algumas perguntas, de acordo com o roteiro elaborado pela pesquisadora. Se sentir constrangimento ao responder alguma das perguntas pode negar-se a fazê-lo ou pode resolver terminar a entrevista. O tempo da entrevista é variável e pode ser necessário que seja feita em mais de um dia, para reduzir os desconfortos dos

entrevistados. A entrevista será gravada e transcrita e o material será usado para auxiliar na elaboração de uma tese de doutorado. A participação nesta pesquisa não produzirá benefícios diretos ao participante.

O texto produzido a partir das informações coletadas será publicado e ficará disponível para consultas. Parte da entrevista poderá ser usada para posterior publicação na tese de doutorado da pesquisadora e em artigos científicos, mas você não terá seu nome revelado.

A qualquer momento da pesquisa você poderá procurar a pesquisadora responsável para esclarecer possíveis dúvidas através dos contatos oferecidos acima.

---

Késia Aparecida Teixeira Silva

**APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E  
ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar como sujeito da pesquisa “(Des)Construindo discursos sobre a prostituição de luxo”. Fui suficientemente informada a respeito dos objetivos da pesquisa, que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo e discuti com Késia Aparecida Teixeira Silva sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo. Declaro ainda que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Local e data: \_\_\_\_\_.

Assinatura da entrevistada: \_\_\_\_\_.